



MACHADIANA ELETRÔNICA

v. 6, n. 11, jan.-jun. 2023



ISSN 2594-5084

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

A John Gledson.....9

EDITORIAL

Pensamento crítico de Machado de Assis.....13

José Américo Miranda

Gilson Santos

TEXTOS APURADOS

O passado, o presente e o futuro da literatura.....17
Machado de Assis

A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.....23
Machado de Assis

O jornal e o livro.....27
Machado de Assis

Aquarelas I. Os fanqueiros literários.....35
Machado de Assis

Aquarelas II. O parasita.....39
Machado de Assis

Aquarelas II. O parasita (continuação).....43
Machado de Assis

Aquarelas III. O empregado público aposentado.....47
Machado de Assis

Aquarelas IV. O folhetinista.....51
Machado de Assis

A reforma pelo jornal.....55
Machado de Assis

Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade.....59
Machado de Assis

[Notas de leitura (segunda parte)].....69
Machado de Assis

Ideal do crítico.....77
Machado de Assis

TEXTOS COM APARATO EDITORIAL

O passado, o presente e o futuro da literatura.....83
Machado de Assis

A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.....	93
<i>Machado de Assis</i>	
O jornal e o livro.....	97
<i>Machado de Assis</i>	
Aquarelas I. Os fanqueiros literários.....	109
<i>Machado de Assis</i>	
Aquarelas II. O parasita.....	115
<i>Machado de Assis</i>	
Aquarelas II. O parasita (continuação).....	121
<i>Machado de Assis</i>	
Aquarelas III. O empregado público aposentado.....	129
<i>Machado de Assis</i>	
Aquarelas IV. O folhetinista.....	135
<i>Machado de Assis</i>	
A reforma pelo jornal.....	141
<i>Machado de Assis</i>	
Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade.....	145
<i>Machado de Assis</i>	
[Notas de leitura (segunda parte)].....	175
<i>Machado de Assis</i>	
Ideal do crítico.....	201
<i>Machado de Assis</i>	
ENTREVISTAS	
Entrevista dos editores da <i>Machadiana Eletrônica</i> com o Prof. <i>Roberto Acízelo de Souza</i>	211
ÍNDICES	
Índices atualizados até o v. 6, n. 11.....	219
<i>José Américo Miranda</i>	
ABREVIATURAS	
Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.....	239
<i>José Américo Miranda</i>	
ERRATAS	
Erratas.....	245
<i>José Américo Miranda</i>	

DEDICATÓRIA

A JOHN GLEDSON

é dedicado este número da *Machadiana Eletrônica*.

EDITORIAL

PENSAMENTO CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS

Os textos aqui reunidos nos mostram um Machado de Assis crítico, pensador da literatura em geral, e da literatura brasileira em particular. Seu escrito máximo a este respeito, todos o sabem, é a “Notícia da atual literatura brasileira”, mais conhecido pelo subtítulo “Instinto de nacionalidade” – ensaio que escreveu para publicação nos Estados Unidos da América, na revista *O Novo Mundo*, dirigida, em Nova York, por José Carlos Rodrigues.

As ideias discutidas pelo autor no ensaio sobre a nacionalidade da literatura brasileira vinham, em grande parte, de seu próprio passado – por isso trouxemos para este número da *Machadiana* um pequeno conjunto de textos da juventude, em que, de um modo ou de outro, ele ensaiava posições teóricas sobre o tema. Alguns desses escritos nos revelam um autor ainda hesitante entre o jornalismo e a literatura, entre a carreira de publicista, em sentido estrito, e a de escritor, em sentido poético, artístico, literário. A esse respeito, leiam-se: “A lanterna de Diógenes” (e a quarta das “Aquarelas”, que trata do folhetinista), “O jornal e o livro” e “A reforma pelo jornal”.

No ensaio que funciona como centro de gravidade deste conjunto – “Notícia da atual literatura brasileira” –, o autor retoma, reelabora, rearranja ideias que expressara nos textos mais antigos, do período inicial da formação de seu pensamento crítico. Um exemplo: lendo esses artigos, alcançamos uma compreensão do processo que resultou no reposicionamento do escritor quanto ao índio, natural da América, como matéria literária; para isso, leiam-se o que escreveu em “O passado, o presente e o futuro da literatura”, publicado no início de 1858, aos 19 anos de idade incompletos, e, em seguida, o “Instinto de nacionalidade”.

Esse movimento de retomada de ideias, formas e temas do início de sua carreira de escritor ocorre, também, em crônicas, contos, peças teatrais, etc. A figura do parasita

– outro exemplo –, que aparece em inúmeras obras machadianas, é tema de uma das quatro “Aquarelas”, publicadas em 1859. Foram trazidas, todas elas, para este número da *Machadiana*.

Se este número apresenta “O instinto de nacionalidade” como ponto de chegada ou de síntese do pensamento crítico esboçado no passado do autor, o próprio ensaio aponta também para o futuro: há nele indícios claros (anúncios) do caminho que o autor viria a percorrer no campo literário – com seus contos e romances de análise (psicológica).

Um outro conjunto de ideias, que guiou a crítica de Machado de Assis, encontra-se em “Ideal do crítico”, reflexão importante por conter os princípios pelos quais o escritor se pautou em produções nesse campo de sua atividade. Essa pequena obra foi publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, no segundo semestre de 1865. Trata-se de texto cuja fonte primária é de mais difícil acesso do que as das demais produções do autor publicadas neste número da *Machadiana*, porque os números do *Diário* desse semestre não se encontram digitalizados na coleção da Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional.

Além desses textos publicados por Machado de Assis, editamos também a segunda parte das “Notas de leitura” – anotações que ele fazia (para uso pessoal) ao ler os clássicos da língua portuguesa. Mário de Alencar, que teve acesso a manuscritos do escritor após sua morte, havia divulgado essas anotações em dois números da *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1910 e 1911. As anotações transcritas em 1910 (na *Revista*) foram publicadas por nós no v. 4, n. 7, jan.-jun. 2021, da *Machadiana Eletrônica*. As restantes, publicadas no segundo número da *Revista*, em 1911, aparecem editadas, anotadas e comentadas, neste número.

Por fim, na seção “Entrevistas”, comparece o Prof. Roberto Acízelo de Souza, que se dispôs gentilmente a um diálogo conosco sobre este número da *Machadiana*, dedicado à crítica literária do escritor.

José Américo Miranda
Gilson Santos

Editores

Belo Horizonte, 16 de janeiro 2023.

TEXTOS APURADOS

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA

I

A literatura e a política, estas duas faces bem distintas da sociedade civilizada, cingiram como uma dupla púrpura de glória e de martírio os vultos luminosos da nossa história de ontem. A política elevando as cabeças eminentes da literatura, e a poesia santificando com suas inspirações atrevidas as vítimas das agitações revolucionárias, é a manifestação eloquente de uma raça heroica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro. O ostracismo e o cadafalso não os intimidavam, a eles, verdadeiros apóstolos do pensamento e da liberdade; a eles, novos Cristos da regeneração de um povo, cuja missão era a união do desinteresse, do patriotismo e das virtudes humanitárias.

Era uma empresa difícil a que eles tinham então em vista. A sociedade contemporânea era bem mesquinha para bradar – avante! – àqueles missionários da inteligência e sustentá-los nas suas mais santas aspirações. Parece que o terror de uma época colonial inoculava nas fibras íntimas do povo o desânimo e a indiferença.

A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local às suas liras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional. Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América.

Todos os mais eram assim: as aberrações eram raras. Era evidente que a influência poderosa da literatura portuguesa sobre a nossa, só podia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual.

Para contrabalançar, porém, esse facto cujos resultados podiam ser funestos, como uma valiosa exceção apareceu o *Uruguai* de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu. Não era nacional porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a

poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?

Basílio da Gama era entretanto um verdadeiro talento inspirado pelas ardências vaporosas do céu tropical. A sua poesia suave, natural, tocante por vezes, elevada, mas elevada sem ser bombástica, agrada e impressiona o espírito. Foi pena que em vez de escrever um poema de tão acanhadas proporções, não empregasse o seu talento em um trabalho de mais larga esfera. Os grandes poemas são tão raros entre nós!

As odes de José Bonifácio são magníficas. As belezas da forma, a concisão e a força da frase, a elevação do estilo, tudo aí encanta e arrebatava. Algumas delas são superiores às de *Filinto*. José Bonifácio foi a reunião dos dois grandes princípios, pelos quais sacrificava-se aquela geração: a literatura e a política. Seria mais poeta se fosse menos político; mas não seria talvez tão conhecido das classes inferiores. Perguntem ao trabalhador que cava a terra com a enxada, quem era José Bonifácio: ele vos falará dele com o entusiasmo de um coração patriota. A *ode* não chega ao tugúrio do lavrador. A razão é clara: faltam-lhe os conhecimentos, a educação necessária para compreendê-la.

Os Andradas foram a trindade simbólica da inteligência, do patriotismo, e da liberdade. A natureza não produz muitos homens como aqueles. Interessados vivamente pela regeneração da pátria, plantaram dinastia bragantina no trono imperial, convictos de que o herói do Ipiranga convinha mais que ninguém a um povo altamente liberal e assim legaram à geração atual as douradas tradições de uma geração fecunda de prodígios, e animada por uma santa inspiração.

Sousa Caldas, S. Carlos e outros muitos, foram também astros luminosos daquele firmamento literário. A poesia, a forma mais conveniente e perfeitamente acomodada às expansões espontâneas de um país novo, cuja natureza só conhece uma estação, a primavera, teve naqueles homens, verdadeiros missionários que honraram a pátria e provam as nossas riquezas intelectuais ao crítico mais investigador e exigente.

II

Uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar.

A aurora de 7 de Setembro de 1822, foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o – *Eureka* – soltado pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil, cuja felicidade e bem-estar procuravam.

O país emancipou-se. A Europa contemplou de longe esta regeneração política, esta transição súbita da servidão para a liberdade, operada pela vontade de um príncipe e de meia dúzia de homens eminentemente patriotas. Foi uma honrosa conquista que

nos deve encher de glória e de orgulho; e é mais que tudo uma eloquente resposta às interrogações pedantescas de meia dúzia de cépticos da época: *o que somos nós?*

Havia, digamos de passagem, no procedimento do fundador do império um sacrifício heroico, admirável, e pasmoso. Dous tronos se erguiam diante dele: um, cheio de tradições e de glórias; o outro, apenas saído das mãos do povo, não tinha passado, e fortificava-se só com uma esperança no futuro! Escolher o primeiro, era um duplo dever, como patriota e como príncipe. Aquela cabeça inteligente devia dar o seu quinhão de glória ao trono de D. Manuel e de D. João II. Pois bem! ele escolheu o segundo, com o qual nada ganhava, e ao qual ia dar muito. Há poucos sacrifícios como este.

Mas após o *Fiat* político, devia vir o *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.

Além disso, as erupções revolucionárias agitavam as entranhas do país; o facho das dissensões civis ardia em corações inflamados pelas paixões políticas. O povo tinha-se fraccionado e ia derramando pelas próprias veias a força e a vida. Cumpria fazer cessar essas lutas fratricidas para dar lugar às lutas da inteligência, onde a emulação é o primeiro elemento e cujo resultado imediato são os louros, fecundos da glória e os aplausos entusiásticos de uma posteridade agradecida.

A sociedade atual não é decerto compassiva, não acolhe o talento como deve fazê-lo. Compreendam-nos! nós não somos inimigo encarnizado do progresso material. Chateaubriand o disse: “Quando se aperfeiçoar o vapor, quando unido ao telégrafo tiver feito desaparecer as distâncias, não hão de ser só as mercadorias que hão de viajar de um lado a outro do globo, com a rapidez do relâmpago; hão de ser também as ideias.” Este pensamento daquele restaurador do cristianismo – é justamente o nosso: – nem é o desenvolvimento material que acusamos e atacamos. O que nós queremos, o que querem todas as vocações, todos os talentos da atualidade literária, é que a sociedade não se lance exclusivamente na realização desse progresso material, magnífico pretexto de especulação, para certos espíritos positivos que se alentam no fluxo e refluxo das operações monetárias. O predomínio exclusivo dessa realeza parva, legitimidade fundada numa letra de câmbio, é fatal, bem fatal às inteligências; o talento pede e tem também direito aos olhares piedosos da sociedade moderna: negar-lhos é matar-lhe todas as aspirações, é nulificar-lhe todos os esforços aplicados na realização das ideias

mais generosas, dos princípios mais salutares, e dos germens mais fecundos do progresso e da civilização.

III

É, sem dúvida, por este doloroso indiferentismo que a geração atual tem de encontrar numerosas dificuldades na sua peregrinação; contrariedades que, sem abater de todo as tendências literárias, todavia podem fatigá-las reduzindo-as a um marasmo apático, sintoma doloroso de uma decadência prematura.

No estado atual das cousas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende.

Esta verdade, excepto no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária. Ora, será possível que assim tenhamos uma literatura convenientemente desenvolvida? respondemos pela negativa.

Tratemos das três formas literárias essenciais: – o romance, o drama e a poesia.

Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros, se têm dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da convivência perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades nacionais.

Podíamos aqui assinalar os nomes desses poucos que se têm entregado a um estudo tão importante, mas isso não entra na ordem deste trabalho, pequeno exame genérico das nossas letras. Em um trabalho de mais largas dimensões que vamos empreender analisaremos minuciosamente esses vultos de muita importância decerto para a nossa recente literatura.

Passando ao drama, ao teatro, é palpável que a esse respeito somos o povo mais parvo e pobretão entre as nações cultas. Dizer que temos teatro, é negar um facto; dizer que não o temos, é publicar uma vergonha. E todavia assim é. Não somos severos: os factos falam bem alto. O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da França, a capital da civilização moderna, não! Basta que nos modelemos por aquela renascente literatura que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*?

É evidente que é isto a cabeça de Medusa, que enche de terror as tendências indecisas, e mesmo as resolutas. Mais de uma tentativa terá decerto abortado em face desta verdade pungente, deste facto doloroso.

Mas a quem atribuí-lo? Ao povo? O triunfo que obtiveram as comédias do *Pena*, e do Snr. *Macedo*, prova o contrário. O povo não é avaro em aplaudir e animar as vocações; saber agradá-lo, é o essencial.

É fora de dúvida, pois, que a não existir no povo a causa desse mal, não pode existir senão nas direções e empresas. Digam o que quiserem, as direções influem neste caso. As tentativas dramáticas naufragam diante deste *czariato* de bastidores, imoral e vergonhoso, pois que tende a obstruir os progressos da arte. A tradução é o elemento dominante, nesse caos que devia ser a arca santa onde a arte pelos lábios dos seus oráculos falasse às turbas entusiasmadas e delirantes. Transplantar uma composição dramática francesa para a nossa língua, é tarefa de que se incumbe qualquer bípede que entende de letra redonda. O que provém daí? O que se está vendo. A arte tornou-se uma indústria; e à parte meia dúzia de tentativas bem-sucedidas sem dúvida, o nosso teatro é uma fábula, uma utopia.

Haverá remédio para a situação? Cremos que sim. Uma reforma dramática não é difícil neste caso. Há um meio fácil e engenhoso: recorra-se às operações políticas. A questão é de pura diplomacia; e um *golpe de estado* literário não é mais difícil que uma parcela de orçamento. Em termos claros, um tratado sobre direitos de representação reservados, com o apêndice de um imposto sobre traduções dramáticas, vem muito a pelo, e convém perfeitamente às necessidades da situação.

Removido este obstáculo, o teatro nacional será uma realidade? Respondemos afirmativamente. A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época!

A escola moderna presta-se precisamente ao gosto da atualidade. *As Mulheres de Mármore – O mundo equívoco – A Dama das Camélias* – agradaram, apesar de traduções. As tentativas do Snr. Alencar tiveram um lisonjeiro sucesso. Que mais querem? A transformação literária e social foi exatamente compreendida pelo povo; e as antigas ideias, os cultos inveterados, vão caindo à proporção que a reforma se realiza. Qual é o homem de gosto que atura no século XIX uma *punhalada* insulsa *tragicamente* administrada, ou os trocadilhos sensaborões da antiga farsa?

Não divaguemos mais; a questão está toda neste ponto. Removidos os obstáculos que impedem a criação do teatro nacional, as vocações dramáticas devem estudar a escola moderna. Se uma parte do povo está ainda aferrada às antigas ideias, cumpre ao talento educá-la, chamá-la à esfera das ideias novas, das reformas, dos princípios dominantes. É assim que o teatro nascerá e viverá: é assim que se há de construir um edifício de proporções tão colossais e de um futuro tão grandioso.

MACHADO DE ASSIS

[*A Marmota*, n. 941, p. 1-2, 9 abr. 1858 – partes I e II;
e n. 945, p. 1-2, 23 abr. 1858 – parte III]

Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda

A LANTERNA DE DIÓGENES

(FOLHETINS NOTURNOS: UM LIVRO POR PUBLICAR)

POR ?

I

Fisiologia do folhetinista

O folhetinista é uma planta moderna, originária da França, aclimatada hoje em todos os países civilizados: brotando ao contacto de todas as atmosferas. Trouxe-nos o bom vento do progresso essa produção curiosa do século XIX, como o vento do outono traz uma folha escapada das florestas. Estudá-la é decerto uma tarefa difícil e espinhosa. Escrever, porém, a fisiologia do folhetinista, é uma coisa tão nova, que eu decerto, animo-me a desempenhar tão terrível encargo, sem recear muito pelo resultado: a fecundidade do assunto disfarça os “senões” da pena.

O folhetim nasceu do jornal; o folhetinista do jornalista. Partindo desta consanguinidade explica-se facilmente o estilo misto de grave e frívolo, sério e risonho, severo e amável da entidade em questão: é o pai que reflexiona no espírito ardente do filho.

Inquilino inseparável do jornalista, o folhetinista orna nas lojas, as verdades caídas do andar de cima. Não conta: discute, analisa, descarna, com a grandeza de um filósofo alemão, e o espírito fútil de um *roué* do século XVII; é enfim, um mundo pensante encarnado na cabeça de uma borboleta.

O que acabo de dizer, não é, como parece, fora de propósito. O moral reflete-se no físico. O folhetinista-corpo, é o mesmo que o folhetinista-espírito. São as duas faces de Jano, duas faces idênticas.

O folhetinista veste-se à moda; traz luneta fixa no olho, e calça luvas pretas; veste-se em casa do Blachon, penteia-se na do Desmarais, e toma sorvetes no José Tomás. Como se vê de todas as entidades literárias, é o folhetinista o mais feliz, pelo

menos o mais descuidoso da vida. Sem medo de errar, pode-se dizer que o folhetim é a aristocracia da literatura; mas a aristocracia *coquette*, a aristocracia da luva, do divã e do psiché. Porém a elegância, dirá o leitor, não é a feição distintiva do folhetinista; não terá ele uma fisionomia especial?

Decerto, caro leitor, se uma casaca do Blachon, um chapéu à Pinaud, e uma luneta matematicamente ajustada ao olho, não vos podem dá-lo a conhecer, há uma coisa além de tudo que vos patenteará a verdade.

Essa *coisa* é que é o *busílis* do meu estudo.

Que será? perguntará o leitor.

Nem eu mesmo sei. Uma *coisa* inexplicável; um raio de luz, uma expressão fisionômica, um fenômeno metafísico. Não se vê, sente-se. Não descobrirei o folhetinista à primeira vista; é preciso que ele fale, gesticule, sente-se, levante-se, ria-se; porque ele em qualquer destas funções é o folhetim em pessoa; grave e risonho, severo e frívolo. A “coisa” inexplicável, que o distingue transparece então em toda a sua fisionomia. É o espírito que se patenteia nas linhas do busto, como a luz que vaza através de uma lâmpada transparente.

O folhetinista frequenta as livrarias, os saraus e as reuniões literárias. Por toda a parte é o mesmo. Querido, benquistado, adorado todos o cercam de atenções e de cuidados; é o bezerro de ouro do mundo social, como do mundo político e literário. A razão é clara. É que ele é o eterno pesadelo dos poetas, dos artistas, de toda a classe de gente. Todos querem chegar ao conhecimento do público por meio das detonações hebdomadárias deste órgão da imprensa – o folhetim.

A posição, pois, do folhetinista neste caso, é das mais vantajosas. No embalar delicioso dessa *Cápua* é que naufragam muito belas inteligências; inebriadas pelo perfume que as cerca, desvairadas pela luz em que nadam. Daqui nasce a exceção da regra; isto é, a vaidade, o orgulho, a maledicência. Ora, a exceção neste caso é o ridículo.

Debaixo deste ponto de vista, o folhetinista é uma fisionomia à parte. Os traços distintivos são aqui mais pronunciados, esta nova face do espírito manifesta-se no sombrio do olhar, e frequentemente na contração desdenhosa dos lábios. A cara é uma sátira viva e palpitante. Cada fibra é uma apóstrofe a fazer vacilar o mais intrépido.

O talento modesto e tímido recua diante dessa cabeça de Medusa erguida como um espantalho no caminho das letras. O folhetinista, neste caso, é um laboratório de fel e de maledicência com que salpica as frentes puras, arredando de si, por este modo todas as simpatias reais, todas as consciências devotadas... Este desamparar do que é bom e verdadeiro é a pedra de toque desta variedade do tipo.

O folhetinista é o colibri da literatura. Como ele dourado, como ele inquieto e travesso. Rola e mete-se por toda a parte; mas o seu lugar favorito é o baile. Aí vê-lo-eis

espanejar-se e saltar como uma andorinha em tempo de verão. Coisa singular! onde tudo é falso, e mentiroso, é que o folhetinista encontra a sua atmosfera!

Mas o doloroso no meio de tudo isto, é que o folhetinista só pode aspirar a um sufrágio contemporâneo; o horizonte da glória para ele está circunscrito no espaço da sua vida e termina na orla da sepultura. Este facto de uma realidade implacável está contido na ordem das coisas. A reputação além do túmulo não nasce dos imprevistos do jornalismo, nem da indolência inebriante de uma vida oriental; a reflexão e as provações produzem-na e mantêm-na.

O folhetinista varia segundo o país em que vive. Mas só em França existe a raça genuína. Entre nós é quase um mito. Esta planta exótica, transplantada para aqui, perdeu muito da sua originalidade. Uma feição local, uma cor particular quase ninguém tem podido obter. Alguns à força de imitar, ou antes, copiar, os colegas de além-mar caíram na caricatura, e na caricatura mais irrisória do mundo.

Pois é pena! Podiam bem ocupar uma posição no mundo literário sem ferir tão cruelmente, e tão de face o senso comum.

? [MACHADO DE ASSIS]

[*Correio da Tarde*, p. 2, 22 out. 1858]

Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos

O JORNAL E O LIVRO

I

AO SR. DR. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA.

O espírito humano, como o heliotrópio, olha sempre de face um sol que o atrai, e para o qual ele caminha sem cessar: – é a perfectibilidade.

A evidência deste princípio, ou antes deste facto, foi claramente demonstrada num livro de ouro, que tornou-se o Evangelho de uma religião. Serei eu, derradeiro dos levitas da nova arca, que me abalance a falar sobre tão debatido e profundo assunto?

Seria loucura tentá-lo. De resto, eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos; mas não frios de entusiasmo, nascidos de uma discussão. Mas então tratava-se do progresso na sua expressão genérica. Desta vez limito-me a traçar algumas ideias sobre uma especialidade, um sintoma do adiantamento moral da humanidade.

Sou dos menos inteligentes adeptos da nova crença, mas tenho consciência que dos de mais profunda convicção. Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações, são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é o fogo, a confiança, o futuro, o progresso. A nós, *guebros* modernos do fogo intelectual, na expressão de Lamartine, não importa este ou aquele brado de descrença e desânimo: as sedições só se realizam contra os princípios, nunca contra as verdades.

Não há contradizê-lo. Por qualquer face que se olhe o espírito humano descobre-se a reflexão viva de um sol ignoto. Tem-se reconhecido que há homens para quem a evidência das teorias é uma quimera; felizmente temos a evidência dos factos, diante da qual os S. Tomés do século têm de curvar a cabeça.

É a época das regenerações. A revolução francesa, o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de *Jocelyn*, foi o passo da humanidade para entrar neste século. O pórtico era gigantesco, e era necessário um passo de gigante para entrá-lo. Ora, esta explosão do pensamento humano concentrado na rainha da Europa não é

um sintoma de progresso? O que era a revolução francesa senão a ideia que se fazia república, o espírito humano que tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo? Se o pensamento se fazia liberal é que tomava a sua verdadeira face. A humanidade, antes de tudo, é republicana.

Tudo se regenera: tudo toma uma nova face. O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração. A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático como ele. Foi a nova cratera do vulcão.

Tratemos do jornal, esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este Arquimedes de todos os séculos, encontrou.

O jornal matará o livro? o livro absorverá o jornal?

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a ideia da geração aniquilada.

Este meio, mais ou menos aperfeiçoado, não preenchia as exigências do pensamento humano. Era uma fórmula estreita, muda, limitada. Não havia outro. Mas as tendências progressivas da humanidade não se acomodavam com os exemplares primitivos dos seus livros de pedra. De perfeição em perfeição nasceu a arte. A arquitetura vinha transformar em preceito, em ordem, o que eram então partos grotescos da fantasia dos povos. O Egito na aurora da arquitetura deu-lhe a solidez e a simplicidade nas formas severas da coluna e da pirâmide. Parece que este povo ilustre queria fazer eterna a ideia no monumento, como o homem na múmia.

O meio, pois, de propagar e perpetuar a ideia era uma arte. Não farei a história dessa arte, que, passando pelo crisol das civilizações antigas, enriquecida pelo gênio da Grécia e de Roma, chegou ao seu apogeu na idade média e cristalizou a ideia humana na catedral. A catedral é mais que uma fórmula arquitetônica, é a síntese do espírito e das tendências daquela época. A influência da igreja sobre os povos lia-se nessas epopeias de pedra; a arte por sua vez acompanhava o tempo e produzia com seus arrojados de água as obras-primas do santuário.

A catedral é a chave de ouro que fecha a vida de séculos da arquitetura antiga; foi a sua última expressão, o seu derradeiro crepúsculo, mas uma expressão eloquente, mas um crepúsculo palpitante de luz.

Era, porém, preciso um gigante para fazer morrer outro gigante. Que novo parto do engenho humano veio nulificar uma arte que reinara por séculos? Evidentemente era mister uma revolução para apagar a realeza de um sistema; mas essa revolução devia ser

a expressão de um outro sistema de incontestável legitimidade. Era chegada a imprensa, era chegado o livro.

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.

O que era o livro? Era a fórmula da nova ideia, do novo sistema. O edifício, manifestando uma ideia, não passava de uma cousa local, estreita. O vivo procurava-o para ler a ideia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente.

A revolução foi completa. O universo sentiu um imenso abalo pelo impulso de uma dupla causa: uma ideia que caía e outra que se levantava. Com a onipotência das grandes invenções, a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela. Era um crepúsculo que unia a aurora e o ocaso de dous grandes sóis. Mas a aurora é a mocidade, a seiva, a esperança; devia ofuscar o sol que descambava. É o que temia aquele arcediogo da catedral parisiense, tão bem delineado pelo poeta das *Contemplações*.

Com efeito! a imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção. A humanidade galgava assim o Himalaia dos séculos, e via na ideia que alvorecia uma arca poderosa e mais capaz de conter o pensamento humano.

A imprensa devorou, pois, a arquitetura. Era o leão devorando o sol, como na epopeia do nosso Homero.

Não procurarei historiar o desenvolvimento desta arte-rei, desenvolvimento asselado em cada época por um progresso. Sabe-se a que ponto está aperfeiçoada, e não se pode calcular a que ponto chegará ainda.

Mas restabeçamos a questão. A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma cousa; não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal.

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

Quem poderá marcar todas as consequências desta revolução?

Completa-se a emancipação da inteligência e começa a dos povos. O direito da força, o direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas vai cair. Os reis já não têm púrpura, envolvem-se nas constituições. As constituições são os tratados de paz celebrados entre a potência popular e a potência monárquica.

Não é uma aurora de felicidade que se entreabre no horizonte? A ideia de Deus encarnada há séculos na humanidade apareceu enfim à luz. Os que receavam um aborto podem erguer a frente desassombrada: concluiu-se o pacto maravilhoso.

Ao século XIX cabe sem dúvida a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopeia da vida íntima dos povos, sempre nova, sempre palpitante de ideias. É uma produção toda sua. Depois das ideias que emiti em ligeiros traços é tempo de desenvolver a questão proposta: – O livro absorverá o jornal? o jornal devorará o livro?

II

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses polos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento da imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo.

O jornal, *literatura quotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os factos e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fracção da ideia humana.

O livro não está decerto nestas condições: – há aí alguma cousa de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo.

Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra? Não repugno admiti-lo.

Já disse que a humanidade, em busca de uma forma mais conforme aos seus instintos, descobriu o jornal.

O jornal, invenção moderna, mas não da época que passa, deve contudo ao nosso século o seu desenvolvimento; daí a sua influência. Não cabe aqui discutir ou demonstrar a razão por que há mais tempo não atingira ele a esse grau de desenvolvimento; seria um estudo da época, uma análise de palácios e de claustros.

As tendências progressivas do espírito humano não deixam supor que ele passasse de uma forma superior a uma forma inferior.

Demonstrada a superioridade do jornal pela teoria e pelo facto, isto é, pelas aspirações de perfectibilidade da ideia humana e pela legitimidade da própria essência do jornal, parece clara a possibilidade de aniquilamento do livro em face do jornal. Mas estará bem definida a superioridade do jornal?

Disse acima que o jornal era a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo social, do mundo literário e do mundo econômico. Do mundo literário parece-me ter demonstrado as vantagens que não existem no livro. Do mundo social já o disse. Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência. Ora, isto não é evidentemente um progresso?

Quanto ao mundo econômico, não é menos fácil de demonstrar. Este século é, como dizem, o século do dinheiro e da indústria. Tendências mais ou menos ideais clamam em belos hexâmetros contra as aspirações de uma parte da sociedade e parecem prescrever os princípios da economia social. Eu mesmo manifestei algumas ideias muito metafísicas e vaporosas em um artigo publicado há tempos.

Mas, pondo de parte a arte plástica dessas produções contra o século, acha-se no fundo pouco razoáveis. A indústria e o comércio não são simples fórmulas de uma classe; são os elos que prendem as nações, isto é, que unem a humanidade para o cumprimento de sua missão. São a fonte da riqueza dos povos, e predispõem mais ou menos sua importância política no equilíbrio político da humanidade.

O comércio estabelece a troca do gênero pelo dinheiro. Ora, o dinheiro é um resultado da civilização, uma aristocracia, não bastarda, mas legitimada pelo trabalho ou pelo suor vazado nas lucubrações industriais. O sistema primitivo da indústria colocava o homem na alternativa de adquirir uma fazenda para operar a compra de outra, ou o entregava às intempéries do tempo se ele pretendia especular com as suas produções agrícolas. O novo sistema estabelece um valor, estabelece a moeda, e para adquiri-la o homem só tem necessidade de seu braço.

O crédito assenta a sua base sobre esta engenhosa produção do espírito humano. Ora, indústria manufactora ou indústria-crédito, o século conta a indústria como uma

das suas grandes potências: tirai-a aos Estados Unidos e vereis desmoronar-se o colosso do norte.

O que é o crédito? A ideia econômica consubstanciada numa fórmula altamente industrial. E o que é a ideia econômica senão uma face, uma transformação da ideia humana? É parte da humanidade; aniquilai-a, – ela deixa de ser um todo.

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária, que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da ideia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, *grande monetização da ideia*, como diz um escritor moderno.

Ora, parece claro que, se este grande molde do pensamento corresponde à ideia econômica como à ideia social e literária, – é a forma que convém mais que nenhuma outra ao espírito humano.

É ou não claro o que acabo de apresentar? Parece-me que sim. O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: “Trabalha! vive pela ideia, e cumpres a lei da criação!” Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto?

Não! graças a Deus! Esse mau uso caiu com o dogma junto do absolutismo. O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta; só o talento ficaria servo?

Não faltará quem lance o nome de utopista. O que acabo, porém, de dizer me parece racional. Mas não confundam a minha ideia. Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo. Destruída a arquitetura, quem evita que à fundação dos monumentos modernos presida este ou aquele axioma d’arte, e que esta ou aquela ordem trace e levante a coluna, o capitel ou o zimbório? Mas o que é real é que a arquitetura não é hoje uma arte influente, e que do clarão com que inundava os tempos e os povos caiu num crepúsculo perpétuo.

Não é um capricho de imaginação, não é uma aberração do espírito, que faz levantar este grito de regeneração humana. São as circunstâncias, são as tendências dos povos, são os horizontes rasgados neste céu de séculos, que implantam pela inspiração esta verdade no espírito. É a profecia dos factos.

Quem enxergasse na minha ideia uma idolatria pelo jornal teria concebido uma convicção parva. Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia é o povo, é a humanidade. Desaparecendo as

fronteiras sociais, a humanidade realiza o derradeiro passo, para entrar o pórtico da felicidade, essa terra de promessa.

Tanto melhor! este desenvolvimento da imprensa-jornal é um sintoma, é uma aurora dessa época de ouro. O talento sobe à tribuna comum; a indústria eleva-se à altura de instituição; e o titão popular, sacudindo por toda a parte os princípios inveterados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos. É a luz de uma aurora fecunda que se derrama pelo horizonte. Preparar a humanidade para saudar o sol que vai nascer, – eis a obra das civilizações modernas.

MACHADO DE ASSIS

[*Correio Mercantil*, ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859 – parte I; e n. 12, p. 2, 12 jan. 1859 – parte II]

Editores: Cynthia Beatrice da Costa, Gilson Santos e José Américo Miranda

AQUARELAS

I

OS FANQUEIROS LITERÁRIOS

Não é isto uma sátira em prosa. Esboço ligeiro apanhado nas projeções subtis dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco de prosador novato – fanqueiro literário.

A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda a ondulações das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufactora do talento – apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vazar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.

A fancaria literária poderá perder pela elegância suspeita da roupa feita – mas nunca pela exiguidade dos gêneros. Tomando a tabuleta por base do silogismo comercial é infalível chegar logo à preposição menor, que é a prateleira guapamente atacada a fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas.

É um lindo comércio. Desde José Daniel o apóstolo da classe – esse modo de vida tem alargado a sua esfera – e, por mal de pecados, não promete ficar aqui.

O fanqueiro literário é um tipo curioso.

Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente à autópsia. Adelo ambulante da inteligência, ia *farto como um ovo*, de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias. Não se cultivava impunemente aquela amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Farsália hebdomadária das bolsas mal-avisadas.

A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco airozas, levava o atrevimento ao ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa para uma certa ilha; a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. É positiva a aplicação.

Os fanqueiros modernos não vão à feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A

vereda é outra; explora-se as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes chovem em louvor deste natalício ou daqueles desposórios. Nos desposórios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitólio.

Desposório, natalício ou batizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração às musas fanqueiras. É um eterno *genesis* a referver por todas aquelas almas (*almas!*) recedentes de zuarte.

Entretanto esta calamidade literária não é tão dura para uma parte da sociedade. Há quem se julgue motivo de cuidados no Pindo – assim com pretensões a semideus da antiguidade; e um soneto ou uma alocução retheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça – sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam – sem tom nem som.

Mas entretanto – fatalidade! – por muito consistentes que sejam essas ilusões caem sempre diante das consequências pecuniárias; o fanqueiro literário justifica plenamente o verso do poeta; *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*. O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar.

Querendo imitar os espíritos sérios lembra-se ele de colecionar os seus disparates e ei-lo que vai de carrinho e almanaque na mão – em busca de notabilidades sociais. Ninguém se nega a um homem que lhe sobe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos lábios. Chovem-lhe assim as assinaturas. O livrinho se prontifica e sai a lume. A teoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução, os nomes das vítimas subscritoras vêm sempre em ar de escárnio no pelourinho de uma lista-epílogo. É sobre queda couce.

Mas tudo isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo livrarias!

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente – nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água.

Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu pudor moral. Mas cá as espera o fanqueiro; nada! o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onnipotente.

É de desesperar de todas as ilusões!

Em Paris onde esta classe é numerosa há uma especialidade que ataca o teatro. Reúnem-se meia dúzia em um café e aí vão eles de colaboração alinhavar o seu *vaudeville* quotidiano. A esses milagres de faculdade produtiva se devem tantas banalidades que por lá rolam no meio de tanto e tão fino espírito.

Aqui o fanqueiro não tem por ora lugar certo. Divaga como a abelha de flor em flor em busca de seu *mel* e quase sempre, mal ou bem, vai tirando suculento resultado.

Conhece-se o fanqueiro literário entre muitas cabeças pela extrema cortesia. É um *tic*. Não há homem de cabeça mais móbil, e espinha dorsal mais flexível; – cumprimentar para ele é um preceito eterno; e ei-lo que o faz à direita e à esquerda; e cousa natural! sempre lhe cai um freguês nessas cortesias.

O fanqueiro literário tem em si o termômetro das suas alterações financeiras; é a elegância das roupas. Ele vive e trabalha para comer bem e ostentar. Bolsa fluorescente, ei-lo *dandy* apavoneado – mas sem vaidade; lá protesta o chapéu contra uma asserção que se lhe possa fazer nesse sentido.

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra antediluviana. Por mim que não faço mais que reproduzir em aquarelas as formas grotescas e *sui generis* do tipo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação.

Uma última palavra.

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Este moer contínuo do espírito que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência.

Procurem os caracteres sérios abafar esse *estado no estado* que compromete a sua posição e o seu futuro.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]
[*O Espelho*, n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859]
Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,
João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva

AQUARELAS

II

O PARASITA

Sabem de uma certa erva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

É uma longa e curiosa família a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas – uma relação sinóptica das diferentes variedades do tipo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Há, como disse, diferentes espécies de parasitas.

O mais vulgar e mais conhecido é o da mesa, mas há-os também em literatura, em política, e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*. Da Índia, essa avó das nações, como diz um escritor moderno, são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento dessa casta curiosa no velho país. Em Roma, onde lemos como num livro, já Horácio, comia as sopas de Mecenas, e banquetearia alegremente no *triclinium*. É verdade que lhe pagava em longa poesia, mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em pó, e este é a grande estrofe de todos os tempos.

Mas, tréguas à história.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte em que há ambiente de porco assado.

Também é aí onde ele desenvolve melhor todas as suas faculdades; – onde se sente *à son aise*, como diria qualquer babel encadernado em paletó de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastrônomo; mesmo quando não goze essa qualidade por vocação do berço, é um resultado da prática, pela razão de que o *uso do cachimbo faz a boca torta*.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. Olfato delicado adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar susceptível – sabe absorver com todas as regras da arte – e não educa o seu estômago como qualquer aldeão.

E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horizontes de suas aspirações?

É curioso vê-lo na mesa, mas não menos curioso é vê-lo nas horas que precedem às sessões gastronômicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*, o que aqui quer dizer intenção formada com todas as circunstâncias agravantes de premeditação, e superioridade de armas. Mas suponhamos que vai a uma casa por costume.

Ei-lo que entra, riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago. O dono da casa a quem já fatiga aquela visita diária saúda-o constrangido e com um riso amarelo. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquela ordem. Senta-se e começa a relatar notícias do dia, entremeadas de algumas de própria lavra, e curiosas – a atrair a afeição vacilante do hóspede. Daqui um criado que vem dar o sinal de combate. É o alvo a que visava o alarve, e ei-lo que vai imediatamente pagar-se de uma tarefa de almanaque, tão custosamente exercida.

Se porém ele entra *per accidens* – não é menos curiosa a cena. Começa por um pretexto que deve lisonjear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se há aí um autor dramático o pretexto é dar um parabém sobre a última peça representada dias antes. Sobre este molde tudo o mais.

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substitutivo: *saber da saúde do amigo*.

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um Jeremias interno. Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma cena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos apetitosa, onde a reação se opera largamente.

Há, porém, pequenas desgraças, acidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra ele em uma casa onde espera almoçar folgado; – faz as primeiras saudações e vai corar a pílula ao seu caro hóspede. Um certo ranger de dentes; porém, começa a agitá-lo, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estômagos da casa.

– Então como vai? Sinto que chegasse agora, se mais cedo viesse almoçava comigo.

O parasita fica de cara à banda, mas não há remédio; é necessário sair com decência e não dar a entender – o fim que o levou ali.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro da pólvora inimiga para os soldados, um incentivo na ação. É uma índole miserável a desse corpo leviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade como ela é. A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas!

O parasita da mesa, uniformiza o exterior com a importância do hóspede; um cargo elevado pede uma luva de pelica, e um botim de polimento. À mesa não há ninguém mais atencioso; – e como um conviva alegre, aduba os guisados com punhados de sal mais ou menos saboroso.

É uma retribuição razoável – dar de comer ao espírito de quem lhe dá comer ao corpo.

Aqui não há desaire, há uma troca recíproca que prova que o parasita tem susceptibilidades em alto grau.

Estes traços, mais ou menos exatos, mais ou menos distintos, dão aqui uma pequena ideia do parasita da mesa; mas esta variedade do tipo é absorvida por outras de uma importância mais alta. Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; – aqui são os epicuristas à custa alheia, os outros são as nulidades intelectuais que se agarram à primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos – e acusam a aceleração do pincel; passemos às outras variedades do tipo onde achamos formas mais amplas e proeminências mais distintas.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]

[*O Espelho*, n. 3, p. 1-2, 18 set. 1859]

Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,

João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva

AQUARELAS

II

O PARASITA

(continuação)

O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário. A única diferença está nos fins, de que se afastam léguas; aquele é porventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniário – que parece inspirar o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a sem-cerimônia; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – diante da paciência pública – que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da literatura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquela personagem que todos têm visto em um drama nosso.

De feito, este parasita é um Vieirinha, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocá-las. Só não sobe ao monte sagrado, porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais sérias. Ali, ficam eles nas fraldas, soltando uma orquestra de gemidos, até que o velho cavalo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofrivelmente acerba.

Um couce é sempre uma resposta às suas súplicas... Represália no caso.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verificá-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual, um chuveiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai!

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais largo, e mais fácil a contê-los.

Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio.

Aqui é que não há escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha!

Ele pode parodiar o dito histórico: *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele. Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública. A polícia para onde começa o intelectual e o senso comum; não são crimes no código as ofensas a esses dois elementos de sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita literário invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decência moral nos lábios, mas sem a decência intelectual.

Tem pois o jornal, próprio ou não próprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia dúzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos têm direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsá-lo, é que é heroico e digno de pasmo. – O que há por ali, santo Deus! Se é um volume de versos – temos nada menos que uma coleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um tamoio. Se é prosa – temos um apontado de frases descabeladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. É muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quisesse ferir individualidades, tocar em susceptibilidades, desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na literatura; mas o meu fim é o indivíduo, e não um indivíduo.

O parasita literário vai ainda aos teatros. Esta invenção de recitar nos teatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a Odisseia, abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a polícia, não indaga do mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma cousa que fira a moral. Se não, pode invadir a paciência pública.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita literário. As salas dos nossos teatros têm repercutido imensas vezes com esses arranhamentos de lira. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a plateia deve receber aquele aguaceiro intelectual.

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita literário o vampiro da paciência humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? adeptos, simpatias, aplausos!

Há quem lhes faça crer que alguma coisa lhes ruma pela cabeça como a André Chénier; eles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitam como princípio evidente, essa solução do impossível, que a parvoíce lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os traços fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem a certo ar pedantesco, tomam um timbre dogmático nas palavras; e ao contrário do fanqueiro que tem a espinha dorsal mole e flexível – ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comédia. Mas ainda assim vem a afectação; o parasita é o primeiro que está cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma coisa para a sociedade, honrar a massa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

É que tem o evangelho diante dos olhos...

Bem-aventurados os pobres de espírito.

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na igreja, na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte.

Na igreja sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incautos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e a âmbula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstições, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A história é uma larga tela dessas torpezas cometidas à sombra do culto.

O parasita da igreja toda a idade média o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois, levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.

É um desmoroamento social. O parasita teve uma famosa ideia em embrenhar-se pela igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoraliza a igreja, polui a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das famílias, sem haver sacudido o pó das torpezas que lhe nodoa as sandálias. Dominou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss, não queimou só o grande apóstolo, devorou também o vestíbulo desse edifício de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cúpula.

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo.

Exíguo de luz intelectual, – toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maiorias. Não pensa mal! quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.

Deixá-los subir às mesas supremas do festim público. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se aí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Paris ou em Viena. Lá representam tristemente a pátria que os viu nascer, na massa colectiva da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como corifeu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas espécies cardeais. Seria, entretanto, uma longa história que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarelas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quase.

Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de séculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moralizo.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]

[*O Espelho*, n. 6, p. 1-3, 9 out. 1859]

Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,

João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva

AQUARELAS

III

O EMPREGADO PÚBLICO APOSENTADO

Os egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desaparecia na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existiu só lá esse facto. O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana, indefinível; o que chamamos empregado público aposentado.

Espelho à *rebours*, só reflete o passado, e por ele chora como uma criança. É a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! abolir o método! desmoronar a ordem!

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno lábaro do que é moderno, o empregado público aposentado é um dos tipos mais curiosos da sociedade. Representa o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos.

É o tipo que hoje trago à minha tela. São variáveis o carácter e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais finos, os mais vivos.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é conceber o sol sem luz, o oceano sem água. Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparáveis. E têm razão! O que vale uma caixa de rapé não o compreende qualquer profano. É o adubo oportuno de uma conversa árida e suada sobre qualquer reforma do governo. É o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma cousa. É a boceta de Pandora. É tudo, quase tudo.

E não parece. Aquele utensílio tão mesquinho, em um outro qualquer está circunscrito na estreita esfera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o depósito de um vício, torna-se o instrumento de certos factos políticos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestígio do empregado público aposentado não para só na boceta, estende-se por todos os acessórios daquele curioso indivíduo. Na gravata, na presilha, na bengala, há certo ar, uma nuança especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou

natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado público esses dotes, como um presente de núpcias.

Ora apesar deste metódico das formas, não estão limitadas aí as vistas do aposentado. Há naquele cérebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a política? A política lá o espera; lá o espera o governo; lá o espera o teatro, as modas, os jornais, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as cousas do país. Não é um vício, é uma virtude cívica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatório das doutrinas retrógradas do empregado público aposentado. Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viúvo da secretaria, arqueólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não compreende que haja nada além das raiais de uma existência oficial.

Todos os progressos do país estão ainda debaixo da língua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro! é uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os meios clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro!

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das cousas – podem contar com um contra do empregado público aposentado. Este meio mesmo de retratar à pena, como faço atualmente, revoltaria o espírito tradicional da grande múmia do passado. Uma inovação de mau gosto, dirá ele. É verdade; não representa apenas a superfície da epiderme, vai às camadas mais íntimas da matéria organizada.

O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que é ele capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador sério e atencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a atenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das cousas políticas.

Ao sair dali o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguaceiro de palavras e invectivas contra a marcha dos negócios mais interessantes do país.

De ordinário o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriais e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas.

É sempre assim.

No sarau o empregado público aposentado é pouco cortês para com as damas; vai procurar emoções nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programa, lá vai tachando de imoral aquele divertimento que tanto dinheiro absorve; fica-lhe a consciência.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado? Ele vai por toda a parte onde se é lícito rir e discutir, sem ofensa pública.

O leitor conhece decerto a individualidade de que lhe falo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especiais que a denunciam entre mil cabeças. Que lhe acha? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro. Deixem-no mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em política, discutir os governos; não faz mal.

Em uma comédia do nosso teatro, há uma reprodução deste tipo, o Sr. Custódio do *Verso e reverso*. Mirem-se ali, e verão que apesar do estreito círculo em que se move, faz pálidos e mirrados estes ligeiros e maldistintos lineamentos.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]

[*O Espelho*, n. 7, p. 1-2, 16 out. 1859]

Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda

AQUARELAS
IV
O FOLHETINISTA

Uma das plantas europeias que dificilmente se tem aclimatado entre nós, é o folhetinista.

Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade.

Entretanto eu disse – *dificilmente* – o que supõe algum caso de aclimação séria. O que não estiver contido nesta exceção, vê já o leitor que nasceu enfezado e mesquinho de formas.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno. De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais. Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista. Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.

Efeito estranho é este assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; é capital próprio.

O folhetinista, na sociedade ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e as *bas-bleus* para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm interesse em estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação hebdomadária.

Entretanto apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? o dia de escrever!

Não parece? pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir a sua obra.

Não é nada, é o cálculo e o dever que vêm pedir da abstração e da liberdade – um folhetim! Ora quando há matéria e o espírito está disposto, a coisa passa-se bem. Mas quando à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*, então é um suplício...

Um suplício sim. Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, mal sabem às vezes o que custa escrevê-las.

Para alguns não procede este argumento; porque para alguns há provimento de matéria, certos livros a explorar, certos colegas a empobrecer...

Esta espécie é uma aberração do verdadeiro folhetinista; exceções desmoralizadoras que nodoam as reputações legítimas.

Escritas porém as suas tiras de convenção, a primeira hora depois é consagrada ao prazer de desferrar-se de uma maçada que passou. Naquela noite é fácil encontrá-lo no primeiro teatro ou baile aparecido.

A túnica de Nessus caiu-lhe dos ombros por sete dias.

Como quase todas as cousas deste mundo, o folhetinista degenera também. Algumas das entidades que possuem essa capa, esquecem-se de que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas, e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem-cabidas.

Constituído assim – *cardeal-diabo* da cúria literária, é inútil dizer que o bom senso e a razão friamente o condenam e votam ao ostracismo moral, ausência de aplausos e de apoio.

Não é este o único abuso que se dá. É costume de outros levantarem o folhetim como a chave de todos os corações, como a foice de todas as reputações indeléveis.

E conseguem...

Na apreciação do folhetinista pelo lado local, temo talvez cair em desagrado negando a afirmativa. Confesso apenas exceções. Em geral o folhetinista aqui é todo

parisiense; torce-se a um estilo estranho, e esquece-se nas suas divagações sobre o *boulevard* e *Café Tortoni*, de que estão sobre *mac-adam* lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneram no físico como no moral.

Força é dizê-lo; a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]

[*O Espelho*, n. 9, p. 1-2, 30 out. 1859]

Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,
João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva

A REFORMA PELO JORNAL

Houve uma cousa que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las, quando um século despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava.

Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leito de brasões. O jornal que tende à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências, de aspirações.

É fácil prever um resultado favorável ao pensamento democrático. A imprensa que incarnava a ideia no livro, expendi eu em outra parte, sentia-se ainda assim presa por um obstáculo qualquer; sentia-se cerrada naquela esfera larga mas ainda não infinita; abriu pois uma represa que a impedia, e lançou-se uma noite aquele oceano ao novo leito aberto: o pergaminho será a atlântida submergida.

Por que não?

Todas as cousas estão em gérmen na palavra, diz um poeta oriental. Não é assim? o verbo é a origem de todas as reformas.

Os hebreus, narrando a lenda do Gênesis, dão à criação da luz a precedência da palavra de Deus. É palpitante o símbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os caos, e, cousa admirável! sempre nasceu dele alguma luz.

A história é a crônica da palavra. Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss, no púlpito cristão, Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado, levantado em todas as *confusões* da humanidade. A história, não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma cousa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora a discussão que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, e o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal, reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima, recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de factos. Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.

Malévola faculdade – a palavra!

Será ou não o escolho das aristocracias modernas, este novo molde do pensamento e do verbo?

Eu o creio de coração. Graças a Deus, se há alguma cousa a esperar é das inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.

As aristocracias dissolvem-se, diz um eloquente irmão d'armas. E é verdade. A ação democrática parece reagir sobre as castas que se levantam no primeiro plano social. Os próprios brasões já se humanizam mais, e alguns jogam na praça sem notarem que começam a confundir-se com as casacas do agiota.

Causa riso.

Tremem pois, tremem com este invento que parece querer abranger os séculos – e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares.

E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base atual do primeiro trono da Europa.

Mas como! cortar as asas da águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as probidades cívicas.

Procedem estas ideias entre nós? Parece que sim. É verdade que o jornal aqui não está ainda na altura de sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo.

Cortesania fina, em abono da verdade!

Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino colectivo da humanidade. Há um polo atraente e fases a atravessar. – Cumpre vencer o caminho a todo o custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.

M-as. [MACHADO DE ASSIS]
[*O Espelho*, n. 8, p. 1-2, 23 out. 1859]
Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda,

NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA

—
INSTINTO DE NACIONALIDADE

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e MAGALHÃES são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de JOSÉ BASÍLIO DA GAMA e SANTA RITA DURÃO. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.

Sente-se aquele instinto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada ainda, restrita em extremo, pouco solícita, e ainda menos apaixonada nestas questões de poesia e literatura. Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor-próprio. Nem toda ela terá meditado os poemas de URUGUAI e CARAMURU com aquela atenção que tais obras estão pedindo; mas os nomes de BASÍLIO DA GAMA e DURÃO são citados e amados, como precursores da poesia brasileira. A razão é que eles buscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova, e deram os primeiros traços de nossa fisionomia literária, enquanto que outros, GONZAGA por exemplo, respirando aliás os ares da pátria, não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhes perdoa o cajado e a pastora, e nisto há mais erro que acerto.

Dado que as condições deste escrito o permitissem, não tomaria eu sobre mim a defesa do mau gosto dos poetas arcádicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas literaturas portuguesa e brasileira. Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniais, iscados daquele mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independência literária, quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e mais que tudo, quando entre a metrópole e a colônia criara a história a homogeneidade das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de BASÍLIO DA GAMA e DURÃO quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura brasileira, literatura que não existia ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade literária; esta investigação, (ponto de divergência entre literatos) além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o facto atual; ora, o facto é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente.

A aparição de GONÇALVES DIAS chamou a atenção das musas brasileiras para a história e os costumes indianos. Os *Timbiras*, *I-Juca-Pirama*, *Tabira* e outros poemas do egrégio poeta acenderam as imaginações; a vida das tribos, vencidas há muito pela civilização, foi estudada nas memórias que nos deixaram os cronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes todos alguma cousa, qual um idílio, qual um canto épico.

Houve depois uma espécie de reação. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semibárbaros anteriores à nossa civilização, o que era verdade, – e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existência da raça extinta, tão diferente da raça triunfante, – o que parece um erro.

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária. Mas se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. Os que, como o Sr. VARNHAGEN, negam tudo aos primeiros povos deste país, esses podem logicamente excluí-los da poesia contemporânea. Parece-me, entretanto, que, depois das memórias que a este respeito escreveram os Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS, não é lícito arredar o elemento indiano da nossa aplicação intelectual. Erro seria constituí-lo um exclusivo patrimônio da literatura brasileira; erro igual fora certamente a sua absoluta exclusão. As tribos indígenas, cujos usos e costumes JOÃO FRANCISCO LISBOA cotejava com o livro de TÁCITO e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos, desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fora sua; mas a raça minadora que as frequentou, colheu informações preciosas e no-las transmitiu como verdadeiros elementos poéticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior

valia, devera ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando na literatura os que a fatalidade da história divorciou.

Esta é hoje a opinião triunfante. Ou já nos costumes puramente indianos, tais quais os vemos nos *Timbiras*, de GONÇALVES DIAS, ou já na luta do elemento bárbaro com o civilizado, tem a imaginação literária do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular efeito, dos quais citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. DE ALENCAR, uma das primeiras obras desse fecundo e brilhante escritor.

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo. Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor, naturalmente desafiam a poetas e prosadores. O romance sobretudo apoderou-se de todos esses elementos de invenção, a que devemos, entre outros, os livros dos Srs. BERNARDO GUIMARÃES, que brilhante e ingenuamente nos pinta os costumes da região em que nasceu, J. DE ALENCAR, MACEDO, SÍLVIO DINARTE (Escragnolle Taunay), FRANKLIN TÁVORA, e alguns mais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea; é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. GONÇALVES DIAS, por exemplo, com poesias próprias seria admitido no panteon nacional; se exceptuarmos os *Timbiras*, os outros poemas americanos, e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excluo daí as belas *Sextilhas de Frei Antão*, que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa, não só pelo assunto que o poeta extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com os seus dramas, nenhum dos quais têm por teatro o Brasil. Iria longe se tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria se fosse necessário recorrer aos estranhos. Mas, pois que isto vai ser impresso em terra americana e inglesa, perguntarei simplesmente se o autor do *Song of Hiawatha*, não é o mesmo autor da *Golden Legend*, que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admirável é; e perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julieta e Romeu* tem alguma cousa com a história inglesa nem com o território britânico, e se entretanto, SHAKESPEARE não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não

estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecem. O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Um notável crítico da França, analisando há tempos um escritor escocês, MASSON, com muito acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão sem falar sempre do tojo, assim MASSON era bom escocês, sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nele um *scotticismo* interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveram exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva e caminhe aos altos destinos que a esperam.

O ROMANCE

De todas as formas várias as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance e a poesia lírica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte, creio eu. São fáceis de perceber as causas desta preferência da opinião, e por isso não me demoro em apontá-las. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política, e outros assim, que em alheios países achem fácil acolhimento e boa extração; raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas. O romance pode-se dizer que domina quase exclusivamente. Não há nisto motivo de admiração nem de censura, tratando-se de um país que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda nutrida de sólidos estudos. Isto não é desmerecer o romance, obra d'arte como qualquer outra, e exige da parte do escritor qualidades de boa nota.

Aqui o romance, como tive ocasião de dizer, busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição nacional; os da capital do país, e em parte os de algumas cidades, muito mais chegados à influência europeia, trazem já uma feição mista e ademães diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada alguns há de mérito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de análise, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita página instrutiva. Do romance puramente de análise raríssimo exemplar temos, ou porque a

nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária.

O romance brasileiro recomenda-se especialmente pelos toques do sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estilo mui adequada ao espírito do nosso povo. Há em verdade ocasiões em que essas qualidades parecem sair da sua medida natural, mas em regra conservam-se estremes de censura, vindo a sair muita coisa interessante, muita realmente bela. O espetáculo da natureza, quando o assunto o pede, ocupa notável lugar no romance, e dá páginas animadas e pitorescas, e não as cito por me não divertir do objeto exclusivo deste escrito, que é indicar as excelências e os defeitos do conjunto, sem me demorar em pormenores. Há boas páginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descrição, excelente, sem dúvida, mas (como dizem os mestres) de mediano efeito, se não avultam no escritor outras qualidades essenciais.

Pelo que respeita à análise de paixões e caracteres são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer a crítica; alguns há porém de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo dos mais superiores. Naturalmente exige da parte do escritor dotes não vulgares de observação, que, ainda em literaturas mais adiantadas, não andam a roda nem são a partilha do maior número.

As tendências morais do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos eles serão de princípio a fim irrepreensíveis; alguma coisa haverão que uma crítica austera poderia apontar e corrigir. Mas o tom geral é bom. Os livros de certa escola francesa, ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a literatura brasileira, nem sinto nela tendências para adotar as suas doutrinas, o que é já notável mérito. As obras de que falo foram aqui bem-vindas e festejadas, como hóspedes, mas não se aliaram à família nem tomaram o governo da casa. Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do período romântico; os escritores que se vão buscar para fazer comparações com os nossos, – porque há aqui muito amor a essas comparações, – são ainda aqueles com que o nosso espírito se educou, os VICTOR HUGOS, os GAU TIERS, os MUSSETS, os GOZLANS, os NERVALS.

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos o está de tendências políticas, e geralmente de todas as questões sociais, – o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para atestar o facto. Esta casta de obras conserva-se aqui no puro domínio da imaginação, desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas. Seus principais elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a luta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo dos sentimentos e dos caracteres, com esses elementos, que são fecundíssimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notável.

No gênero dos contos, à maneira de HENRI MURGER, ou à de TRUEBA, ou à de CHS. DICKENS, que tão diversos são entre si, têm havido tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr. LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR, igualmente folhetinista elegante e jovial. É gênero difícil, a despeito da sua aparente facilidade, e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.

Em resumo, o romance, forma extremamente apreciada e já cultivada com alguma extensão é um dos títulos da presente geração literária. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma crítica minuciosa e severa, e se a houvéssemos em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam, e as boas qualidades adquiririam maior realce. Há geralmente viva imaginação, instinto do belo, ingênua admiração da natureza, amor às cousas pátrias, e além de tudo isto agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu frutos excelentes, e os há de dar em muito maior escala.

A POESIA

A ação da crítica seria sobretudo eficaz em relação à poesia. Dos poetas que apareceram no decênio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos anos, como ÁLVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU, cujos nomes excitam na nossa mocidade legítimo e sincero entusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. Os que sobreviveram calaram as líras, e se uns voltaram as suas atenções para outro gênero literário, como BERNARDO GUIMARÃES, outros vivem dos louros colhidos, se é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de VARELA, poeta que já pertence ao decênio de 1860 a 1870. Neste último prazo outras vocações apareceram e numerosas, e basta citar um CRESPO, um SERRA, um TRAJANO, um GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA, um CASTRO ALVES, um LUÍS GUIMARÃES, um ROSENDO MONIZ, um CARLOS FERREIRA, um LÚCIO DE MENDONÇA, e tantos mais, para mostrar que a poesia contemporânea pode dar muita cousa; e se algum destes como CASTRO ALVES, pertence à eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo às vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acho da atual poesia atendo-me só aos poetas de recentíssima data, melhor direi a uma escola agora dominante, cujos defeitos me parecem graves, cujos dotes – valiosos, e que poderá dar muito de si, no caso de adotar a necessária emenda.

Não faltam à nossa atual poesia fogo nem estro. Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na cor local; como acima disse, todas as formas a revelam com mais ou menos brilhante resultado,

bastando-me citar neste caso, a outras duas recentes obras, as *Miniaturas* de GONÇALVES CRESPO e os *Quadros* de J. SERRA, versos estremados dos defeitos que vou assinalar. Acrescentarei que também não falta à poesia atual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ela então? Em que peca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correção e gosto; peca na intrepidez às vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento. A imaginação, que a há deveras, não raro desvaira e se perde, chegando à obscuridade e à hipérbole, quando apenas brincava a novidade e a grandeza. Isto na alta poesia lírica, – na ode, diria eu, se ainda subsistisse a antiga poética; na poesia íntima e elegíaca encontram-se os mesmos defeitos, e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporânea grave doença que é força combater.

Bem sei que as cenas majestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do sul, os grandes rios, a mata virgem com todas as suas magnificências de vegetação, – não há dúvida que são painéis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com oportunidade, e expressos com simplicidade. Ambas essas condições faltam à poesia contemporânea, e não é que escasseiem modelos, que aí estão, para só citar três nomes, os versos de BERNARDO GUIMARÃES, VARELA e ÁLVARES DE AZEVEDO. Um único exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabais para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande ideia. Nos *Timbiras*, há uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, porque se afasta dos outros guerreiros e vive só. A fala do ancião começa com estes primorosos versos:

“São torpes os anuns, que em bandos folgam,
São maus os caititus que em varas pascem:
Somente o sabiá geme sozinho,
E sozinho o condor aos céus remonta.”

Nada mais oportuno nem mais singelo do que isto. A escola a que aludo não exprimiria a ideia com tão simples meios, e faria mal, porque o sublime é simples. Fora para desejar que ela versasse e meditasse longamente estes e outros modelos que a literatura brasileira lhe oferece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mas esta tem suas regras, o estro leis, e se há casos em que eles rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam SHAKESPEARE, DANTE, GOETHE, CAMÕES.

Indiquei os traços gerais. Há alguns defeitos peculiares a alguns livros, como por exemplo, a antítese, creio que por imitação de VICTOR HUGO. Nem por isso acho menos condenável o abuso de uma figura que, se nas mãos do grande poeta produz grandes efeitos, não pode constituir objeto de imitação, nem sobretudo elemento de escola.

Há também uma parte da poesia, que, justamente preocupada com a cor local, cai muitas vezes numa funesta ilusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação, lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis. Com as boas qualidades que cada um pode reconhecer na recente escola de que falo, basta a ação do tempo, e se entretanto aparecesse uma grande vocação poética, que se fizesse reformadora, é fora de dúvida que os bons elementos entrariam em melhor caminho, e à poesia nacional restariam as tradições do período romântico.

O TEATRO

Esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência. Não há atualmente teatro brasileiro; nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa. As cenas teatrais deste país viveram sempre de traduções, o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto público tocou o último grau da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lhas receberia, se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o canção, a mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores?

E todavia a continuar o teatro, teriam as vocações novas alguns exemplos, não remotos, que muito as haviam de animar. Não falo das comédias do PENA, talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeiçoar-se e empreender obras de maior vulto; nem também das tragédias de MAGALHÃES e dos dramas de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e AGRÁRIO. Mais recentemente, nestes últimos doze ou quatorze anos, houve tal ou qual movimento. Apareceram então os dramas e comédias do Sr. J. DE ALENCAR, que ocupou o primeiro lugar na nossa escola realista, e cujas obras *Demônio Familiar* e *Mãe* são de notável merecimento. Logo em seguida apareceram várias outras composições dignas do aplauso que tiveram, tais como os dramas dos SRS. PINHEIRO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAIUVA e algum mais; mas nada disso foi adiante. Os autores cedo se enfastiaram da cena, que a pouco e pouco foi decaindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Província ainda não foi de todo invadida pelos espetáculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comédia, – mas não aparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este ponto.

A LÍNGUA

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalado em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa. Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo, porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

Mas se isto é um facto incontestável, e se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.

Feitas as exceções devidas não se leem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções poderia eu citar até alguns escritores, cuja opinião é diversa da minha neste ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos. Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como AZURARA ou FERNÃO MENDES seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas que, à força de velhas, se fazem novas, – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.

Outra cousa de que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito e depressa; tira-se disso glória, e não posso negar que é caminho de aplausos. Há intenção de igualar as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fossem neste caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta do mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espírito são precisos alguns mais.

Aqui termino esta notícia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento, graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carência às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade.

local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira, que há dado bastante e tem certíssimo futuro.

MACHADO DE ASSIS

[*O Novo Mundo*, New York, v. III, n. 30, p. 107-108,
24 mar. 1873]

Editores: Gilson Santos, Ivan Marcos Ribeiro e José Américo
Miranda.

NOTAS DE LEITURA
(segunda parte)

ALENCAR.

- *A trechos – Gaúcho*, v. II, p. 55.
- Nome com e sem artigo (*Id., id.*, p. 44 *passim*).

BERNARDES.

- Na gran serra da Estrela, que não tive (Écl. XV.)
- Qual é meu coração, tal é meu rosto (*Id.*)
- Assim me aconteceu assim comigo (*Id.*)
- Vejo que vais e vens, cansas, porfias,
E que sempre de cá levas mão cheia,
E com elas de lá tornas vazias (Écl. XVI.)

ANTÔNIO JOSÉ.

- Semicúpio: ... e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente que descende de Adão. (*Guerras do Alecrim e Manjerona*, p. I, cen. 2ª)

CAMÕES.

-Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
(O Desespero, Canç.)
- *É bem – É bem*: que falar é esse.
(Filodemo, ato 2º, V)
- Vá-se embora ou fique embora
Qual for mais sua vontade
(*Id.* 3º, II)

- Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me destes
(Anfitrião, ato 2º)
-

Também Camões deixou alguns trocados, ao menos este na comédia Filodemo
ato 2º, cena VI:

Isolina

Como Deus está nos céus,
Que, se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

Duriano

Mas *fê-lo o demo*, que Deus
Não faz mal tanto em extremo.

FERNÃO PINTO.

- ... e ele tão coado que não trazia cor de homem vivo (*Peregr.*, 218)
– ... menos povoada que toda a outra por onde passamos. (2 – 182)

FILINTO ELÍSIO.

– Nada me espraia tanto o baço, como os diálogos com os meus censores –
(Márcio Coriolano, nota.)

- *Lote (lot)*

Lote humano

É a fraqueza

(Oberon, VIII, 162)

- *Poleá* – Fogem dos poleás ao toque impuro
– *É bem* – É bem! Dize o negócio a que vieste
(Mártires, XXI, 241)
– Nas mãos lhe embebe a palma um dos levitas
(*Id.* – XIV)

GARRETT.

- E estes excomungados protestantes
(Olhem que bruta gente!)
Sempre casmurros, sempre enregelados
(*Lírica* – pág. 276)

GIL VICENTE.

- NEGOCIADO –
Melhor é ser preguiçoso
Que homem negociado
(II, 182)

GODINHO (P. MANUEL).

- ... e mais de 40 peças entre canhões, sagres, cameletes e colubrinas (*Relação*, cap. IV, p. 17)
- Casa otomana (*Id.* – 44)
- O mar estava leite (*id.* – 61)
- Parecera ao piloto que havia de embocar de frecha o estreito (*id.* – 62)
- ... chamando-lhe de falsário, fementido, cruel e perjuro (*id.* – 65)

HEITOR PINTO.

- *Ao ar aberto* – Uma águia enquanto os filhos são pequeninos e não estão inda vestidos de todas suas plumas, não os deixa sair do ninho e voar ao ar aberto.
(*Imagens*, I, 688)
- *Jarretar* – Trazem os filhos de vaidade por estilo mostrar a honra de que se jactam, e encobrir os labéus e faltas, com que sua origem lhe jarreta a presunção
(*Id.*, II, 719)
- *Cume* – Este é uma grande perfeição e cume da humildade. (*Id.*, I, 54.)
- ... Tenham numa veia uma gota de nobre linhagem, e sangrem-se setenta vezes, todo o sangue que lhe sair, há de ser da veia da enxada, e do arado e do martelo e da sovela; mas uma gota do sangue da honra não lhe há de tocar a lanceta. (*Id.*, II, 719.)
- A inveja desprega as velas ao desejo. (*Id.*, I, 50.)

– Filho, se os pecadores te ameaçarem os ouvidos e te engrossarem com o leite de seus falsos louvores, não lhe creias. (*Id.*, I, 489.)

– *Entabular* – ... Porém saídos do saco do mundo, no dia do juízo, quando cada um for entabulado no jogo da outra vida, e cada peça for posta em seu lugar... (*Id.*, II, 166.)

– *Mata... que não se caminha* – Há entre eles um golfão de ódio, que não se navega, e uma mata brava de inimizades, que não se caminha. (*Id.*, II, 376.)

– *Imperar a* – Os negociadores ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitário livre de ambição trabalha por imperar a si mesmo. (*Id.*, I, 351.)

– *Gastar o aço* – Quanto os mais ocupados virdes em gastar o aço em cousas do mundo, tanto mais botos os achareis nas cousas do espírito. (*Id.*, II, 247.)

– *Temeroso* (por *tímido*) – ... e por outra, humilde, temeroso e devoto. (*Id.*, II, 246.)

GARÇÃO.

– *Gotear* – Com a verde cabeça goteando
(Ode – X.)

GÓIS (DAMIÃO DE).

– *Reporte*, por *rapport* – Na *Crônica XXXVII*.

22 de Agosto de 1870.

Achei no Damião de Góis uma cousa que não vem no “Dicionário de Moraes”: é a palavra *reportes* com a significação do francês *rapport*. Vem na 4ª parte da “Crônica”, capítulo XXXVII, e diz assim:

“E por alguns reportes que lhe dele fizeram, etc.”

Moraes dá o verbo *reportar* com a significação, entre outras, de *referir*, mas conquanto o *reporte* pareça derivar-se de reportar, não está escrito na crônica com a simples significação de *narração*, *exposição*, *informação*, mas com a de *mexericos*, que é uma das genuínas acepções do *rapport* francês (v. Becherelle: – *Rapports*: récit qu'on fait, par indiscretion ou par méchanceté). Para melhor entender isto, é preciso ler toda a página da crônica; trata-se justamente de mexericos.

O Morais também dá outra palavra: *reporto*, mas a significação desta, como ele diz, é incerta, e em todo caso diferente de *reporte* do Damião de Góis.

Mando-te isto não porque ache muito engraçado o tal *reporte*, mas porque talvez te possa servir em alguma cousa.

E se te não servir isso, acaso te servirá esta palavra de Filinto Elísio (Nota à fábula XL do 2º livro): “A coruja é *ela* a fêmea do mocho?” – *Machado de Assis*.

LUÍS DE SOUSA (FR.).

- ... muito *crespo* de *torres e baluartes*. (V. do Arc., I, 362.)
- Causa de nenhum tomo. (*Id.*)
- Estavam as cousas do concílio tanto em flor. (*Id.*)
- Consentiam em uma vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas do seu próprio sangue. (*Id.*, II, p. 11.)
- Letra pouco aparada no metro, mas no conceito bem significadora. (*Id.*)
- Afinaram-lhe o valor e a paciência. (*Id.*, II, – 4.)
- ... luzisse a despesa. (*Id.*, I, 398)
- *Aquele... é que* – Aquele é verdadeiro obediente que sempre está pronto. (*Id.*)
- *Tudo foi um*. (*Id.*)

LEÃO (DUARTE NUNES DE).

– Somente devemos acentuar a dição em que pode haver diferença de significação, etc.

(*Ortograf. Notas*, vol. 3º do *Parnaso Lusitano*.)

LISBOA.

– Para fazerem valer estas estranhas doutrinas, os nossos publicistas e estadistas conservadores falsificam a história, desnaturam os caracteres, e enredam tudo em abomináveis sofismas; e já os tenho visto desdobrar complacentemente aos olhos da multidão as cenas mais atrozes da revolução francesa, e o retrato das personagens mais odiosas que nelas figuraram, como um argumento sem réplica, sem lhes lembrar que por

uma crítica igual Nero, Calígula, Henrique VIII, Felipe II, Luís XV e tantos outros seriam a condenação irremissível das monarquias. (I – 432)

– Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da Companhia de Jesus no Brasil. Quase tudo quanto se oferece à vista do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda a parte senão dedicação, sacrifício e trabalho abençoado com frutos copiosos. (II – 398)

RODRIGUES LOBO.

– Pois se qualquer destes, que digo, além de debruar tudo de versos de Ovídio, e de sentenças de Plauto e Terêncio, etc. (*Corte na Aldeia*, XVI.)

– ... trocados galantes. (*Id.*, I.)

– ... o que eu comparo a uma cousa escrita de boa ou ruim letra; que a boa aformoseia, e dá ser, cor, e graça ao que lerdos; e a ruim desconcerta, empeça e afeia as razões, sendo todas umas. (*Id.*, VIII.)

– Assim é que até óculos que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. (*Id.*, II.)

– Tirou o ouro a valia a todas elas, e fez em si estanque de todos os comércios do mundo. (*Id.*, VII.)

– E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte. (*Id.*, Diál. I.)

– O ouro... se levantou contra o céu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes. (*Id.*, VII.)

[ANTÔNIO FERREIRA]

– *De* – Eu desta glória só fico contente.

SÁ DE MIRANDA.

– *Se* – Eis a barca aparece
Em que se hão de ir: Deixam-lhe lume aceso.
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se,
Veja se em todo caso o tão defeso
E tão gabado esposo então descanse;
 Outra vez as mãos dão-se;
 Soltam o vento à vela...

– E tu cuidavas que era eu como estes poetas que andam falando consigo, e cacarejam mais em verso que uma galinha o seu ovo.

– Andar em puridades.

[JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS]

– Ir pelo fio da gente.

(*Eufr.*, I – I – 19.)

D. FRANCISCO MANUEL.

– *Fazer fazer* – E tais cousas lhe fazia fazer. (*Guia de Casados*, 95.)

– *Loureiras* – Mulheres há leves, gloriosas, prezadas do seu parecer, loureiras lhe chamavam os nossos maiores. (*Id.*)

ARRAIS.

– *Canalha* – Antigamente antes que esta canalha viesse ao Reino. (*Diál.*, IV – XXVI – 305.)

– ... tomou-lhe as fascas e insígnias pretórias.

(*Id.*, *id.* – XIII – 267.)

BARROS (JOÃO DE).

– *De* – Contentando-se de toda a vianda. (D. João III – 178.)

– ... se deviam de olhar. (*Id.* – 192.)

– Os homens devem de comer para viverem. (*Id.* – 175.)

– Mas ele não se contenta de louvor geral. (*Id.* – 172.)

– Quanto é mais temperado V. A. tanto de nós é mais venerado. (*Id.* – 172.)

– Quanto mais de louvar é quem de seu natural, e sem nenhum mestre (*Id.* – 120.)

– *Lhe* – e antes que mais procedesse, acabado o rumor, Caramança *lhe* atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia. (*Déc.*, I – III – 667.)

– *Fundir* – Però todo este pensamento *lhe* fundia todo (*Id.*, III – 1 – VII.)

– Com os mouros mercadores estantes na terra. (*Id.*, 1-7-8.)

- primeiro que os oficiais de El-Rei apregoassem o arruído. (*Id.*)
- como tinham ordenado os romanos àqueles que jubilaram na guerra. (*Id.*, III, II – I.)

VIEIRA.

- ... e em toda a Lombardia são ditos e havidos por fidalgos. (*Arte de furtar* – Cap. 4º, 39.)
- Valha o que valer. (XXVII – 197.)
- *E bem* – E bem David não éreis vós o que dizíeis a Deus que vos desse entendimento? (Serm. D. Maria de Ataíde.)
 - E bem, senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira? (Sermão contra Holanda – I – II.)
- Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade: eternidade: eternidade.

[MACHADO DE ASSIS]
[*Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano II,
p. 91-97, jan. 1911]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda

IDEAL DO CRÍTICO

Exercer a crítica, afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma coisa mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes.

São óbvias as consequências de uma tal situação. As musas, privadas de um farol seguro, correm o risco de naufragar nos mares sempre desconhecidos da publicidade. O erro produzirá o erro; amortecidos os nobres estímulos, abatidas as legítimas ambições, só um tribunal será acatado, e esse, se é o mais numeroso, é também o menos decisivo. O poeta oscilará entre as sentenças malconcebidas do crítico, e os arestos caprichosos da opinião; nenhuma luz, nenhum conselho, nada lhe mostrará o caminho que deve seguir, – e a morte próxima será o prêmio definitivo das suas fadigas e das suas lutas.

Chegamos já a estas tristes consequências? Não quero proferir um juízo, que seria temerário, mas qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar esta situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada, – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim que teremos uma grande literatura.

É claro que a essa crítica, destinada a produzir tamanha reforma, deve-se exigir as condições e as virtudes que faltam à crítica dominante; – e para melhor definir o meu pensamento, eis o que eu exigiria no crítico do futuro.

O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária; creio até que uma das condições para desempenhar tão curioso papel, é despreocupar-se de todas as

questões que entendem com o domínio da imaginação. Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas, – cujas frases já o tipógrafo as tem feitas, – o julgamento de uma obra, cumpra-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciam para aquela produção. Deste modo as conclusões do crítico servem tanto à obra concluída, como à obra em embrião. Crítica é análise, – a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender a ser fecunda.

Para realizar tão multiplicadas obrigações, compreendo eu que não basta uma leitura superficial dos autores, nem a simples reprodução das impressões de um momento; pode-se, é verdade, fascinar o público, mediante uma fraseologia que se emprega sempre para louvar ou deprimir; mas no ânimo daqueles para quem uma frase nada vale, desde que não traz uma ideia, – esse meio é impotente, e essa crítica negativa.

Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica. A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízos da sua consciência. Ela deve ser sincera, sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção, deve formar-se tão pura e tão alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas. Pouco lhe deve importar as simpatias ou antipatias dos outros; um sorriso complacente, se pode ser recebido e retribuído com outro, não deve determinar, como a espada de Breno, o peso da balança; acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade, e em caso de dúvida, antes calá-la, que negá-la.

Com tais princípios, eu compreendo que é difícil viver; mas a crítica não é uma profissão de rosas, e se o é, é-o somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade.

Das duas condições indicadas acima decorrem naturalmente outras, tão necessárias como elas, ao exercício da crítica. A coerência é uma dessas condições, e só pode praticá-la o crítico verdadeiramente consciencioso. Com efeito, se o crítico, na manifestação dos seus juízos, deixa-se impressionar por circunstâncias estranhas às questões literárias, há de cair frequentemente na contradição, e os seus juízos de hoje serão a condenação das suas apreciações de ontem. Sem uma coerência perfeita, as suas sentenças perdem todo o vislumbre de autoridade, e abatendo-se à condição de ventoinha, movida ao sopro de todos os interesses e de todos os caprichos, o crítico fica sendo unicamente o oráculo dos seus inconscientes adutores.

O crítico deve ser independente, – independente em tudo e de tudo, – independente da vaidade dos autores e da vaidade própria. Não deve curar de inviolabilidades literárias, nem de cegas adorações; mas também deve ser independente das sugestões do orgulho, e das imposições do amor-próprio. A profissão do crítico deve ser uma luta constante contra todas essas dependências pessoais, que desautoram os seus juízos, sem deixar de perverter a opinião. Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial, – armada contra a insuficiência dos seus amigos, solícita pelo mérito dos seus adversários, – e neste ponto, a melhor lição que eu poderia apresentar aos olhos do crítico, seria aquela expressão de Cícero, quando César mandava levantar as estátuas de Pompeu: – “É levantando as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas.”

A tolerância é ainda uma virtude do crítico. A intolerância é cega, e a cegueira é um elemento do erro; o conselho e a moderação podem corrigir e encaminhar as inteligências; mas a intolerância nada produz que tenha as condições de fecundo e duradouro.

É preciso que o crítico seja tolerante, mesmo no terreno das diferenças de escola: se as preferências do crítico são pela escola romântica, cumpre não condenar, só por isso, as obras-primas que a tradição clássica nos legou, nem as obras meditadas que a musa moderna inspira; do mesmo modo devem os clássicos fazer justiça às boas obras dos românticos e dos realistas, tão inteira justiça, como estes devem fazer às boas obras daqueles. Pode haver um homem de bem no corpo de um maometano, pode haver uma verdade na obra de um realista. A minha admiração pelo *Cid* não me faz obscurecer as belezas de *Ruy Blas*. A crítica que, para não ter o trabalho de meditar e aprofundar, se limitasse a uma proscrição em massa, seria a crítica da destruição e do aniquilamento.

Será necessário dizer que uma das condições da crítica deve ser a urbanidade? Uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir. Para muita gente será esse o meio de provar independência; mas os olhos experimentados farão muito pouco caso de uma independência que precisa sair da sala para mostrar que existe.

Moderação e urbanidade na expressão, eis o melhor meio de convencer; não há outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do crítico, e o crítico deve ser delicado por excelência. Como a sua obrigação é dizer a verdade, e dizê-la ao que há de mais susceptível neste mundo, que é a vaidade dos poetas, cumpre-lhe, a ele sobretudo, não esquecer nunca esse dever. De outro modo, o crítico passará o limite da discussão literária, para cair no terreno das questões pessoais; mudará o campo das ideias, em campo de palavras, de doestos, de recriminações, – se acaso uma boa dose de sangue frio, da parte do adversário, não tornar impassível esse espetáculo indecente.

Tais são as condições, as virtudes e os deveres dos que se destinam à análise literária; se a tudo isto juntarmos uma última virtude, a virtude da perseverança, teremos completado o ideal do crítico.

Saber a matéria em que fala, procurar o espírito de um livro, descarná-lo, aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma, indagar constantemente as leis do belo, tudo isso com a mão na consciência e a convicção nos lábios, adotar uma regra definida, a fim de não cair na contradição, ser franco sem aspereza, independente sem injustiça, tarefa nobre é essa que mais de um talento podia desempenhar, se se quisesse aplicar exclusivamente a ela. No meu entender é mesmo uma obrigação de todo aquele que se sentir com força de tentar a grande obra da análise conscienciosa, solícita e verdadeira.

Os resultados seriam imediatos e fecundos. As obras que passassem do cérebro do poeta para a consciência do crítico, em vez de serem tratadas conforme o seu bom ou mau humor, seriam sujeitas a uma análise severa, mas útil; o conselho substituiria a intolerância, a fórmula urbana entraria no lugar da expressão rústica, – a imparcialidade daria leis, no lugar do capricho, da indiferença e da superficialidade.

Isto pelo que respeita aos poetas. Quanto à crítica dominante, como não se poderia sustentar por si, – ou procuraria entrar na estrada dos deveres difíceis, mas nobres, – ou ficaria reduzida a conquistar de si própria, os aplausos que lhe negassem as inteligências esclarecidas.

Se esta reforma, que eu sonho, sem esperanças de uma realização próxima, viesse mudar a situação atual das cousas, que talentos novos! que novos escritos! que estímulos! que ambições! A arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreates; as leis poéticas, – tão confundidas hoje, e tão caprichosas, – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, – e a literatura, alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, – veria nascer para ela um dia de florescimento e prosperidade. Tudo isso depende da crítica. Que ela apareça, convencida e resoluta, – e a sua obra será a melhor obra dos nossos dias.

MACHADO DE ASSIS

[*Diário do Rio de Janeiro*, ano XLV, n. 243, p. 1, 8 out. 1865]

Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira

**TEXTOS COM APARATO
EDITORIAL**

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA*

I¹

A literatura e a política, estas² duas faces bem distintas da sociedade civilizada, cingiram como uma dupla púrpura de glória e de martírio os vultos luminosos da nossa história de ontem. A política elevando as cabeças eminentes da literatura, e a poesia santificando com suas inspirações atrevidas as vítimas das agitações revolucionárias, é³ a manifestação eloquente de uma raça heroica que lutava contra a indiferença da época, sob o peso das medidas despóticas de um governo absoluto e bárbaro. O ostracismo e o cadafalso não os intimidavam, a eles, verdadeiros apóstolos do pensamento e da liberdade; a eles, novos Cristos da regeneração de um povo, cuja missão era a união do desinteresse, do patriotismo e das virtudes humanitárias.

Era uma empresa difícil a que eles tinham então em vista. A sociedade contemporânea era bem mesquinha para bradar – avante! – àqueles missionários da inteligência e sustentá-los nas suas mais santas aspirações. Parece que o terror de uma época colonial inoculava nas fibras íntimas do povo o desânimo e a indiferença.

A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local às suas líras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional.⁴ Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: MAR (n. 941, p. 1-2, 9 abr. 1858 – partes I e II; e n. 945, p. 1-2, 23 abr. 1858 – parte III), OCA2008 (v. 4, p. 1002-1006) e MASA (p. 61-68). Texto-base: MAR. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ Em MAR, esta primeira parte do texto não traz numeração; as outras duas trazem.

² estas] essas – em OCA2008.

³ é] são – MASA. Em MASA, nessa passagem, há a seguinte nota: “‘É’, no original.” Entendemos tratar-se de silepse: o autor fez a concordância do verbo com a totalidade da ideia – o que é relevante para a expressão da união entre literatura e política.

⁴ Ver GARRETT, 1826, t. I, p. XLVI.

Todos os mais eram assim: as aberrações eram raras. Era evidente que a influência poderosa da literatura portuguesa sobre a nossa,⁵ só podia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual.

Para contrabalançar, porém, esse facto⁶ cujos resultados podiam ser funestos, como uma valiosa exceção apareceu o *Uruguai*⁷ de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu. Não era nacional⁸ porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do *boré* e do *tupã*, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?

Basílio da Gama era entretanto um verdadeiro talento⁹ inspirado pelas ardências vaporosas do céu tropical. A sua poesia suave, natural, tocante por vezes, elevada, mas elevada sem ser bombástica, agrada e impressiona o espírito. Foi pena que¹⁰ em vez de escrever um poema de tão acanhadas proporções, não empregasse o seu talento em um trabalho de mais larga esfera. Os grandes poemas são tão raros entre nós!

As odes de José Bonifácio são magníficas. As belezas da forma, a concisão e a força da frase, a elevação do estilo, tudo aí encanta e arrebatava. Algumas delas são superiores às de *Filinto*.¹¹ José Bonifácio foi a reunião dos dous¹² grandes princípios, pelos quais sacrificava-se aquela geração: a literatura e a política. Seria mais poeta se fosse menos político; mas não seria talvez tão conhecido das classes inferiores. Perguntau ao trabalhador que cava a terra com a enxada, quem era José Bonifácio:¹³ ele vos falará dele com o entusiasmo de um coração patriota. A *ode* não chega ao tugúrio

⁵ nossa,] nossa – em OCA2008.

⁶ facto] fato – em OCA2008 e em MASA.

⁷ *Uruguai*] *Uraguai* – em MASA. Durante algum tempo o poema de Basílio da Gama foi referido na imprensa com o título de “O Uruguai”: a *Marmota Fluminense* e *A Marmota*, periódicos de Paula Brito, anunciavam o volume publicado em 1855 (com o título *O Uruguai*) pela editora Dous de Dezembro, de propriedade do mesmo Paula Brito, como “O Uruguai”. Houve até edições com o título trocado para *O Uruguai*, como as de 1895 (precedida por um estudo crítico de Francisco Pacheco), a de 1900 (com anotações de J. Artur Montenegro), e a de 1920? (nas *Obras poéticas* de Basílio da Gama, organizadas inicialmente por Joaquim Norberto de Sousa Silva, com a organização concluída e a publicação por José Verissimo). A edição da tradução inglesa do poema, por Richard Burton (1821-1890), publicada em 1983, com o fac-símile da primeira edição (1769), traz o título *The Uruguay* (Cf. TEIXEIRA, 1996, p. 123-168). O uso era mesmo bastante generalizado, conforme se vê nos seguintes exemplos: na biografia de Basílio da Gama publicada no primeiro volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, em 1839; no índice (mas não na página em que aparecem trechos do poema) do *Parnaso brasileiro* (t. I, 1843), de João Manuel Pereira da Silva; na *História da literatura brasileira* (v. I, 1888), de Silvio Romero; no *Dicionário bibliográfico brasileiro* (v. IV, 1898), de Sacramento Blake.

⁸ nacional] nacional, – em OCA2008.

⁹ talento] talento, – em OCA2008.

¹⁰ que] que, – em OCA2008.

¹¹ *Filinto*.] Filinto. – em OCA2008 e em MASA. Filinto Elísio: pseudônimo árcade de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819).

¹² dous] dois – em OCA2008 e em MASA.

¹³ Bonifácio:] Bonifácio; – em OCA2008.

do lavrador. A razão é clara: faltam-lhe os conhecimentos, a educação necessária para compreendê-la.

Os Andradas foram a trindade simbólica da inteligência, do patriotismo, e da liberdade.¹⁴ A natureza não produz muitos homens como aqueles. Interessados vivamente pela regeneração da pátria, plantaram dinastia¹⁵ bragantina no trono imperial, convictos de que o herói do Ipiranga convinha mais que ninguém a um povo altamente liberal e assim legaram à geração atual as douradas tradições de uma geração fecunda de prodígios, e animada por uma santa inspiração.

Sousa Caldas, S. Carlos¹⁶ e outros muitos,¹⁷ foram também astros luminosos daquele firmamento literário. A poesia, a forma mais conveniente e perfeitamente acomodada às expansões espontâneas de um país novo, cuja natureza só conhece uma estação, a primavera, teve naqueles homens, verdadeiros missionários que honraram a pátria e provam as nossas¹⁸ riquezas intelectuais ao crítico mais investigador e exigente.

II

Uma revolução literária e política fazia-se necessária. O país não podia continuar a viver debaixo daquela dupla escravidão que o podia aniquilar.

A aurora de 7 de Setembro de 1822,¹⁹ foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o – *Eureka* – soltado²⁰ pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil, cuja felicidade e bem-estar procuravam.

O país emancipou-se. A Europa contemplou de longe esta regeneração política, esta transição súbita da servidão para a liberdade, operada pela vontade de um príncipe e de meia dúzia de homens eminentemente patriotas. Foi uma honrosa conquista que nos deve encher de glória e de orgulho; e é mais que tudo uma eloquente resposta às interrogações pedantescas de meia dúzia de cépticos²¹ da época: *o que somos nós?*

Havia, digamos de passagem, no procedimento do fundador do império²² um sacrifício heroico, admirável, e pasmoso. Dous²³ tronos se erguiam diante dele: um, cheio de tradições e de glórias; o outro, apenas saído das mãos do povo, não tinha passado, e fortificava-se só com uma esperança no futuro! Escolher o primeiro,²⁴ era um

¹⁴ Eram três os Andradas (irmãos): José Bonifácio de Andrada e Silva, o patriarca (1763-1838); Antônio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva (1773-1845); e Martim Francisco Ribeiro de Andrada e Silva (1775-1844).

¹⁵ dinastia] a dinastia – em OCA2008 e em MASA.

¹⁶ S. Carlos] S Carlos – em MAR.

¹⁷ muitos,] muitos – em OCA2008 e em MASA.

¹⁸ as nossas] os nossas – em MAR.

¹⁹ Setembro de 1822,] setembro de 1822 – em OCA2008 e em MASA.

²⁰ foi o – *Eureka* – soltado] foi o *Eureka* soltado – em OCA2008; foi o – *Eureka* – solto – em MASA.

²¹ cépticos] céuticos – em OCA2008 e em MASA.

²² império] Império – em OCA2008.

²³ Dous] Dois – em OCA2008 e em MASA.

²⁴ primeiro,] primeiro – em MASA.

duplo dever, como patriota e como príncipe. Aquela cabeça inteligente devia dar o seu quinhão de glória ao trono de D. Manuel e de D. João II.²⁵ Pois bem! ele escolheu o segundo, com o qual nada ganhava, e ao qual ia dar muito. Há poucos sacrifícios como este.²⁶

Mas após o *Fiat*²⁷ político, devia vir o²⁸ *Fiat* literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é²⁹ mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.

Além disso, as erupções revolucionárias agitavam as entranhas do país; o facho das dissensões civis ardia em corações inflamados pelas paixões políticas. O povo tinha-se fraccionado³⁰ e ia derramando pelas próprias veias a força e a vida. Cumpria fazer cessar essas lutas fratricidas para dar lugar às lutas da inteligência, onde a emulação é o primeiro elemento e cujo resultado imediato são os louros,³¹ fecundos da glória e os aplausos entusiásticos de uma posteridade agradecida.

A sociedade atual não é decerto compassiva, não acolhe o talento como deve fazê-lo. Compreendam-nos! nós não somos inimigo encarniado do progresso material. Chateaubriand o disse: “Quando se aperfeiçoar o vapor, quando³² unido ao telégrafo tiver feito desaparecer as distâncias, não hão de ser só as mercadorias que hão de viajar de um lado a outro do globo, com a rapidez do relâmpago; hão de ser também as ideias.”³³ Este pensamento daquele restaurador do cristianismo – é justamente o nosso: – nem é³⁴ o desenvolvimento material que acusamos e atacamos. O que nós queremos, o que querem todas as vocações, todos os talentos da atualidade literária, é que a sociedade não se lance exclusivamente na realização desse progresso material, magnífico pretexto de especulação, para certos espíritos positivos que se alentam no fluxo e refluxo das operações monetárias. O predomínio exclusivo dessa realeza parva, legitimidade fundada numa letra de câmbio, é fatal, bem fatal às inteligências; o talento

²⁵ D. Manuel e D. João II.] dom Manuel e dom João II. – em OCA2008.

²⁶ este.] esse. – em OCA2008.

²⁷ *Fiat*] *fiat* – em OCA2008 (nesta e na ocorrência seguinte, logo adiante).

²⁸ o] a – em MAR.

²⁹ é] É – em OCA2008.

³⁰ fraccionado] fracionado – em OCA2008 e em MASA.

³¹ louros,] louros – em MASA.

³² quando] quado – em MAR.

³³ ideias.”] ideias”. – em OCA2008 e em MASA. “Le développement matériel de la société, accroitra le développement des esprits. Lorsque la vapeur sera perfectionnée, lorsque, unie au télégraphe et aux chemins de fer, elle aura fait disparaître les distances, ce ne seront pas seulement les marchandises qui voyageront d’un bout du globe à l’autre avec la rapidité de l’éclair, mais encore les idées.” (CHATEAUBRIAND, 1836, t. I, p. 385)

³⁴ cristianismo – é justamente o nosso: – nem é] cristianismo – é justamente o nosso – nem é (com os travessões, sem os dois-pontos) – em OCA2008.

pede e tem também direito aos olhares piedosos da sociedade moderna: negar-lhos³⁵ é matar-lhe todas as aspirações, é nulificar-lhe todos os esforços aplicados na realização das ideias mais generosas, dos princípios mais salutares, e dos gérmenes mais fecundos do progresso e da civilização.

III

É, sem dúvida, por este³⁶ doloroso indiferentismo que a geração atual tem de encontrar numerosas dificuldades na sua peregrinação; contrariedades que, sem abater de todo as tendências literárias, todavia podem fatigá-las reduzindo-as a um marasmo apático, sintoma doloroso de uma decadência prematura.

No estado atual das cousas,³⁷ a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência³⁸ independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende.

Esta verdade, excepto³⁹ no jornalismo, verifica-se em qualquer outra forma literária. Ora, será possível que assim tenhamos uma literatura convenientemente desenvolvida? respondemos⁴⁰ pela negativa.

Tratemos das três formas literárias essenciais: – o romance, o drama e a poesia.⁴¹

Ninguém que for imparcial afirmará a existência das duas primeiras entre nós; pelo menos, a existência animada, a existência que vive, a existência que se desenvolve fecunda e progressiva. Raros, bem raros, se têm⁴² dado ao estudo de uma forma tão importante como o romance; apesar mesmo da convivência⁴³ perniciosa com os romances franceses, que discute, aplaude e endeusa a nossa mocidade, tão pouco escrupulosa de ferir as susceptibilidades⁴⁴ nacionais.

Podíamos aqui assinalar os nomes desses poucos que se têm⁴⁵ entregado a um estudo tão importante, mas isso não entra na ordem deste trabalho, pequeno exame genérico das nossas letras. Em um trabalho de mais largas dimensões que vamos

³⁵ negar-lhos] negar-lhes – em MASA.

³⁶ este] esse – em OCA2008.

³⁷ cousas,] coisas, – em OCA2008 e em MASA.

³⁸ aspirar a uma existência] aspirar existência – em OCA2008.

³⁹ excepto] exceto – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁰ respondemos] Respondemos – em MASA.

⁴¹ essenciais: – o romance, o drama e a poesia.] essenciais: o romance, o drama e a poesia – em OCA2008. Embora o autor prometa tratar das “três formas literárias”, nos parágrafos seguintes tratou apenas do romance e do drama. Parece que, no início do parágrafo seguinte, ele se desobriga de abordar a questão da poesia.

⁴² têm] tem – em MAR. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

⁴³ convivência] conveniência – em MAR. Poderia ser, também, “conivência”.

⁴⁴ susceptibilidades] suscetibilidades – em MASA.

⁴⁵ poucos que se têm] poncos que se tem – em MAR. Ver nota 42.

empreender analisaremos minuciosamente esses vultos de muita importância decerto para a nossa recente literatura.⁴⁶

Passando ao drama, ao teatro, é palpável que a esse respeito somos o povo mais parvo e pobretão entre as nações cultas. Dizer que temos teatro, é negar um facto;⁴⁷ dizer que não o temos, é publicar uma vergonha. E todavia assim é. Não somos severos: os factos⁴⁸ falam bem alto. O nosso teatro é um mito, uma quimera. E nem se diga que queremos que em tão verdes anos nos ergamos à altura da França, a capital da civilização moderna, não! Basta que nos modelemos por aquela renascente literatura que floresce em Portugal, inda ontem estremecendo ao impulso das erupções revolucionárias.⁴⁹

Para que estas traduções enervando a nossa cena dramática? Para que esta inundação de peças francesas, sem o mérito da localidade e cheias de equívocos, sensaborões às vezes, e galicismos, a fazer recuar o mais denodado *francelho*?⁵⁰

É evidente que é isto a cabeça de Medusa, que enche de terror as tendências indecisas, e mesmo as resolutas. Mais de uma tentativa terá decerto abortado em face desta verdade pungente, deste facto⁵¹ doloroso.

Mas a quem atribuí-lo? Ao povo? O triunfo que obtiveram as comédias do *Pena*, e do Sr. *Macedo*,⁵² prova o contrário.⁵³ O povo não é avaro em aplaudir e animar as vocações; saber agradá-lo,⁵⁴ é o essencial.

É fora de dúvida, pois, que a não existir no povo a causa desse mal, não pode existir senão nas direções e empresas. Digam o que quiserem, as direções influem neste caso. As tentativas dramáticas naufragam diante deste *czariato* de bastidores, imoral e vergonhoso, pois que tende a obstruir os progressos da arte. A tradução é o elemento dominante, nesse caos que devia ser a arca santa onde a arte pelos lábios dos seus

⁴⁶ Embora tenha prometido um “trabalho de mais largas dimensões” sobre o romance, o autor não o escreveu; analisou, sim, nos anos seguintes, diversos romances de diversos autores em seus artigos de crítica literária e em crônicas.

⁴⁷ facto;] fato; – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁸ factos] fatos – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁹ Alusão à história conturbada de Portugal, na primeira metade do século XIX, e a Almeida Garrett, que, em 1836, foi encarregado de fundar e organizar um teatro nacional português. É desse autor a primeira peça teatral romântica portuguesa, *Um auto de Gil Vicente* (1838). É também dele a obra-prima do teatro romântico português, *Frei Luís de Sousa*, publicada em 1844. (Cf. ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1985, p. 78-86)

⁵⁰ Machado de Assis, ele próprio, não só traduziu peças francesas, mas publicou, em *A Marmota*, em 1860, “Hoje avental, amanhã luva”, imitação de *Chasse au lion*, de Gustave Vattier e Émile de Najac. Machado não revelou seu modelo; Jean-Michel Massa foi quem descobriu o original. (Cf. PINTO, 2020, p. 35-37; e MASSA, 1965, p. 502)

⁵¹ deste facto] desse fato – em OCA2008; deste fato – em MASA.

⁵² do *Pena*, e do Sr. *Macedo*,] do *Pena*, e do sr. *Macedo*, – em OCA2008; do *Pena*, e do Sr. *Macedo*, – em MASA.

⁵³ Quando este texto foi escrito e publicado, Luís Carlos Martins Pena (Rio de Janeiro, 1815 – Lisboa, 1848) já havia morrido; de Joaquim Manuel de Macedo (Itaboraí, RJ, 1820 – Rio de Janeiro, 1882) havia sido levada ao palco a peça *O cego*, em 1849. (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 406-411 e p. 314-318)

⁵⁴ agradá-lo,] agradá-lo – em OCA2008.

oráculos falasse às turbas entusiasmadas e delirantes. Transplantar uma composição dramática francesa para a nossa língua,⁵⁵ é tarefa de que se incumbe qualquer bípede que entende de letra redonda. O que provém daí? O que se está vendo. A arte tornou-se uma indústria; e à parte⁵⁶ meia dúzia de tentativas bem-sucedidas sem dúvida, o nosso teatro é uma fábula, uma utopia.

Haverá remédio para a situação? Cremos que sim. Uma reforma dramática não é difícil neste caso. Há um meio fácil e engenhoso: recorra-se às operações políticas. A questão é de pura diplomacia; e um *golpe de estado* literário não é mais difícil que uma parcela de orçamento. Em termos claros, um tratado sobre direitos de representação reservados, com o apêndice de um imposto sobre traduções dramáticas, vem muito a pelo,⁵⁷ e convém perfeitamente às necessidades da situação.

Removido este⁵⁸ obstáculo, o teatro nacional será uma realidade? Respondemos afirmativamente. A sociedade, Deus louvado! é uma mina a explorar, é um mundo caprichoso, onde o talento pode descobrir, copiar, analisar, uma aluvião de tipos e caracteres de todas as categorias. Estudem-na: eis o que aconselhamos às vocações da época!

A escola moderna presta-se precisamente ao gosto da atualidade. *As Mulheres de Mármore – O mundo equívoco – A Dama das Camélias* – agradaram,⁵⁹ apesar de traduções. As tentativas do Snr. Alencar⁶⁰ tiveram um lisonjeiro sucesso. Que mais querem? A transformação literária e social foi exatamente compreendida pelo povo; e as antigas ideias, os cultos inveterados, vão caindo à proporção que a reforma se realiza. Qual é o homem de gosto que atura no século XIX uma *punhalada* insulsa *tragicamente*⁶¹ administrada, ou os trocadilhos sensaborões da antiga farsa?

Não divaguemos mais; a questão está toda neste⁶² ponto. Removidos os obstáculos que impedem a criação do teatro nacional, as vocações dramáticas devem

⁵⁵ língua,] língua – em OCA2008 e em MASA.

⁵⁶ à parte] a parte – em MAR.

⁵⁷ a pelo,] apelo, – em MAR.

⁵⁸ este] esse – em OCA2008.

⁵⁹ *As Mulheres de Mármore – O mundo equívoco – A Dama das Camélias* – agradaram,] *As mulheres de mármore, O mundo equívoco, A dama das camélias* agradaram, – em OCA2008; *As mulheres de mármore – O mundo equívoco – A dama das camélias* – agradaram, – em MASA. Sobre essas peças, as organizadoras de MASA informam em nota: “*As mulheres de mármore* (*Les filles de marbre*, 1853), de Théodore Barrière (Paris, 1823-idem, 1877) e Lambert Thiboust (1826-1867); *O mundo equívoco* (*Le demi-monde*, 1852) e *A dama das camélias* (*La dame aux camélias*, 1855), de Alexandre Dumas Filho (Paris, 1824-Marly-le-Roi, 1895), estrearam no Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1855, 7 de fevereiro e 23 de março de 1856, respectivamente.” (AZEVEDO; DUSILEK; CALLIPO, 2013, p. 68)

⁶⁰ Snr. Alencar] sr. Alencar – em OCA2008; Sr. Alencar – em MASA. Até abril de 1858 (mês de publicação deste texto machadiano), já haviam sido levadas à cena as seguintes peças de José de Alencar (Mecejana, CE, 1829 – Rio de Janeiro, 1877): *O demônio familiar*; *Rio de Janeiro, verso e reverso*; e *O crédito* (todas de 1857). (Cf. SOUSA, 1960, t. II, p. 21-24)

⁶¹ *punhalada* insulsa *tragicamente*] *punhalada* insulsa *tragicamente* – em OCA2008.

⁶² neste] nesse – em OCA2008.

estudar a escola moderna. Se uma parte do povo está⁶³ ainda aferrada às antigas ideias, cumpre ao talento educá-la, chamá-la à esfera das ideias novas, das reformas, dos princípios dominantes. É assim que o teatro nascerá e viverá:⁶⁴ é assim que se há de construir um edifício de proporções tão colossais e de um futuro⁶⁵ tão grandioso.

MACHADO DE ASSIS⁶⁶

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

MAR – *A Marmota*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 941. p. 1-2, 9 abr. 1858.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706914/per706914_1858_00941.pdf>.

ASSIS, Machado de. O passado, o presente e o futuro da literatura. *A Marmota*, Rio de Janeiro, n. 945. p. 1-2, 23 abr. 1858.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/706914/per706914_1858_00945.pdf>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Org.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BIOGRAFIA dos brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes. José Basílio da Gama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. I, n. 1, p. 117-119, 1º trimestre de 1839.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. IV.

⁶³ está] esté – em MAR.

⁶⁴ viverá:] viverá; – em OCA2008 e em MASA.

⁶⁵ de um futuro] de futuro – em MASA.

⁶⁶ Em MAR, este texto foi publicado em dois números. No primeiro deles, o nome do autor vem indicado assim: MACHADO DE ASSIS. No segundo número, a indicação vem assim: MACHADO D’ASSIS. Adotamos a primeira forma.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CHATEAUBRIAND, M. de. *Essai sur la littérature anglaise et considérations sur le génie des hommes, des temps et des révolutions*. Tome I. Bruxelles: Louis Hauman, 1836.

GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: *Parnaso lusitano*. Paris: J. P. Aillaud, 1826. p. VII-LXVII.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. Dispersos de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1965.

PINTO, Nilton de Paiva. *O teatro de Machado de Assis 1860-1870: uma alternativa na dramaturgia brasileira*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2020. [Tese de doutorado] Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/46556>>.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1843. t. I.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2t.

TEIXEIRA, Ivan. Bibliografia ilustrada de *O Uruguay*. In: *Obras poéticas de Basílio da Gama*. Ensaio e edição crítica por Ivan Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 123-168.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

A LANTERNA DE DIÓGENES*

(FOLHETINS NOTURNOS: UM LIVRO POR PUBLICAR)

POR ?

I¹

Fisiologia do folhetinista

O folhetinista é uma planta moderna, originária da França, aclimatada hoje em todos os países civilizados: brotando ao contacto de todas as atmosferas. Trouxe-nos o bom vento do progresso essa produção curiosa do século XIX, como o vento do outono traz uma folha escapada das florestas. Estudá-la é decerto uma tarefa difícil e espinhosa. Escrever, porém, a fisiologia do folhetinista, é uma coisa tão nova, que eu decerto, animo-me a desempenhar tão terrível encargo, sem recear muito pelo resultado: a fecundidade do assunto disfarça os “senões” da pena.

O folhetim nasceu do jornal; o folhetinista do jornalista. Partindo desta consanguinidade explica-se facilmente o estilo misto de grave e frívolo, sério e risonho, severo e amável da entidade em questão: é o pai que reflexiona no espírito ardente do filho.

Inquilino inseparável do jornalista, o folhetinista orna nas lojas, as verdades caídas do andar de cima. Não conta: discute, analisa,² descarna, com a grandeza de um filósofo alemão, e o espírito fútil de um *roué*³ do século XVII; é enfim, um mundo pensante encarnado na cabeça de uma borboleta.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta ao *Correio da Tarde* (CT), p. 2, 22 out. 1858. Este texto foi identificado como obra machadiana recentemente por Fernando Borsato, que descobriu também este pseudônimo do escritor; Machado de Assis o assinou com um ponto de interrogação (?). (Cf. BORSATO, 2019; BORSATO, 2021) Editores: José Américo Miranda e Gilson Santos.

¹ O número I indica a intenção de continuidade (provavelmente interrompida).

² analisa,] analise, – em CT.

³ *roué*: supliciado na roda.

O que acabo de dizer, não é, como parece, fora de propósito. O moral reflete-se no físico. O folhetinista-corpo, é o mesmo que o folhetinista-espírito. São as duas faces de Jano, duas faces idênticas.

O folhetinista veste-se à moda; traz luneta fixa no olho, e calça luvas pretas; veste-se em casa do Blachon, penteia-se na do Desmarais, e toma sorvetes no José Tomás.⁴ Como se vê de todas as entidades literárias, é o folhetinista o mais feliz, pelo menos o mais descuidoso da vida. Sem medo de errar, pode-se dizer que o folhetim é a aristocracia da literatura; mas a aristocracia *coquette*, a aristocracia da luva, do divã e do psiché. Porém a elegância, dirá o leitor, não é a feição distintiva do folhetinista; não terá ele uma fisionomia especial?

Decerto, caro leitor, se uma casaca do Blachon, um chapéu à⁵ Pinaud,⁶ e uma luneta matematicamente ajustada ao olho, não vos podem dá-lo a conhecer, há uma coisa além de tudo que vos patenteará a verdade.

Essa *coisa* é que é o *busílis* do meu estudo.

Que será? perguntará o leitor.

Nem eu mesmo sei. Uma *coisa* inexplicável; um raio de luz, uma expressão fisionômica, um fenômeno metafísico. Não se vê, sente-se. Não descobrirei o folhetinista à primeira vista; é preciso que ele fale, gesticule, sente-se, levante-se, ria-se; porque ele em qualquer destas funções é o folhetim em pessoa; grave e risonho, severo e frívolo. A “coisa” inexplicável, que o distingue transparece então em toda a sua fisionomia. É o espírito que se patenteia nas linhas do busto, como a luz que vaza através de uma lâmpada transparente.

O folhetinista frequenta as livrarias, os saraus e as reuniões literárias. Por toda a parte é o mesmo. Querido, benquisto, adorado todos o cercam de atenções e de cuidados; é o bezerro de ouro do mundo social, como do mundo político e literário. A razão é clara. É que ele é o eterno pesadelo dos poetas, dos artistas, de toda a classe de gente. Todos querem chegar ao conhecimento do público por meio das detonações hebdomadárias deste órgão da imprensa – o folhetim.

A posição, pois, do folhetinista neste caso, é das mais vantajosas. No embalar delicioso dessa *Cápua* é que naufragam muito belas inteligências; inebriadas pelo

⁴ Blachon: alfaiate famoso no Rio de Janeiro, que atendia na rua do Ouvidor; Desmarais: cabeleireiros (Alexandre e Francisco) também famosos, com endereço na mesma rua; José Tomás: proprietário de uma loja de doces e sorvetes, muito frequentada na época. (Cf. BORSATO, 2019, p. 69, notas n. 12, n. 13 e n. 14 – respectivamente)

⁵ à] a – em CT.

⁶ Referência aos chapéus vendidos em Paris na “maison Pinaud”, de propriedade de “Pinaud et Amour”. (Cf. p. 481-482 neste *link*: <<https://bit.ly/3mqpR5h>>)

perfume que as cerca, desvairadas pela luz em que nadam.⁷ Daqui nasce a exceção da regra; isto é, a vaidade, o orgulho, a maledicência. Ora, a exceção neste caso é o ridículo.

Debaixo deste ponto de vista, o folhetinista é uma fisionomia à parte. Os traços distintivos são aqui mais pronunciados, esta nova face do espírito manifesta-se no sombrio do olhar, e frequentemente na contração desdenhosa dos lábios. A cara é uma sátira viva e palpitante. Cada fibra é uma apóstrofe a fazer vacilar o mais intrépido.

O talento modesto e tímido recua diante dessa cabeça de Medusa erguida como um espantalho no caminho das letras. O folhetinista, neste caso, é um laboratório de fel e de maledicência com que salpica as frentes puras, arredando de si, por este modo todas as simpatias reais, todas as consciências devotadas... Este desamparar do que é bom e verdadeiro é a pedra de toque desta variedade do tipo.

O folhetinista é o colibri da literatura. Como ele dourado, como ele inquieto e travesso. Rola e mete-se por toda a parte; mas o seu lugar favorito é o baile. Aí vê-lo-eis espanjar-se e saltar como uma andorinha em tempo de verão. Coisa singular! onde tudo é falso, e mentiroso, é que o folhetinista encontra a sua atmosfera!

Mas o doloroso no meio de tudo isto, é que o folhetinista só pode aspirar a um sufrágio contemporâneo; o horizonte da glória para ele está circunscrito no espaço da sua vida e termina na orla da sepultura. Este facto de uma realidade implacável está contido na ordem das coisas. A reputação além do túmulo não nasce dos improvisos do jornalismo, nem da indolência inebriante de uma vida oriental; a reflexão e as provações produzem-na e mantêm-na.

O folhetinista varia segundo o país em que vive. Mas só em França existe a raça genuína. Entre nós é quase um mito. Esta planta exótica, transplantada para aqui, perdeu muito da sua originalidade. Uma feição local, uma cor particular quase ninguém tem podido obter. Alguns à força de imitar, ou antes, copiar, os colegas de além-mar caíram na caricatura, e na caricatura mais irrisória do mundo.

Pois é pena! Podiam bem ocupar uma posição no mundo literário sem ferir tão cruelmente, e tão de face o senso comum.

?⁸

⁷ Alusão à frase com que foi acusado Aníbal (247 – Bitínia, 183 a.C.) “de se ter deixado adormecer nas delícias de Cápua”, a mais sedutora das cidades da Itália, que ele conquistara. Esta frase emprega-se para os perigos dos prazeres e da voluptuosidade. (Cf. LELLO universal em 4 volumes, s. d., v. 1, p. 460)

⁸ O pseudônimo “?”, com o qual Machado de Assis assinou este texto, foi identificado por Fernando Borsato. Ver nota inicial desta edição, assinalada por um asterisco.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CT – *Correio da Tarde*.

Referências

ASSIS, Machado de [?]. Lanterna de Diógenes. (Folhetins noturnos: um livro por publicar). I. Fisiologia do folhetinista. *Correio da Tarde*, ano IV, n. 237, p. 2, Rio de Janeiro, 22 out. 1858. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090000&pagfis=3760>>.

BORSATO, Fernando. Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dez. 2019.

BORSATO, Fernando. *As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. [Dissertação de Mestrado]

LELLO universal em 4 volumes. Novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro organizado e publicado pela Livraria Lello sob a direção de João Grave e Coelho Neto. Porto: Lello & Irmão, s.d.

Endereços eletrônicos

Pinaud et Amour – ver <<https://bit.ly/3mqpR5h>>.

O JORNAL E O LIVRO*

I¹

AO SR. DR. MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA.

O espírito humano, como o heliotrópio, olha sempre de face um sol que o atrai, e para o qual ele caminha sem cessar: – é a perfectibilidade.²

A evidência deste³ princípio, ou antes deste facto,⁴ foi claramente demonstrada num livro de ouro,⁵ que tornou-se o Evangelho de uma religião. Serei eu, derradeiro dos levitas da nova arca, que me abalance a falar sobre tão debatido e profundo assunto?

Seria loucura tentá-lo. De resto, eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos;⁶ mas não frios de entusiasmo, nascidos de uma discussão. Mas então tratava-se do progresso na sua expressão genérica. Desta vez limito-me a traçar algumas ideias sobre uma especialidade, um sintoma do adiantamento moral da humanidade.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: CM (ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859 – parte I; e n. 12, p. 2, 12 jan. 1859 – parte II), PPGS (p. 85-102), MASA (p. 69-77) e OCA2008 (v. 3, p. 1007-1012). Texto-base: CM. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Cynthia Beatrice da Costa, Gilson Santos e José Américo Miranda. Em CM, no rodapé, vem a seguinte nota do autor (assinada pelo número I junto ao título, entre parênteses): “A ideia deste trabalho pertence ao meu amigo o Sr. Reinaldo Carlos.” Sobre esse amigo, eis o verbete de Ubiratan Machado (2021, p. 360): “**Montoro, Reinaldo Carlos** Poeta, romancista, ensaísta, nasceu no Porto, Portugal, em 1831. Crítico de alguma influência nas décadas de 1850 e 1860, amigo de Machado, foi quem lhe sugeriu escrever “O jornal e o livro”, um dos artigos mais importantes de sua mocidade. Em 1858, ao lado de Machado e mais três escritores, foi um dos tradutores de *Brasil pitoresco*, de Ribeyrolles. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1889.”

¹ Em CM, em OCA2008 e em MASA, esta primeira parte do texto não traz numeração; a segunda traz o número II (abaixo destes dizeres “AO SR. DR. M. A. DE ALMEIDA”).

² cessar: – é a perfectibilidade.] cessar: é a perfectibilidade. – em OCA2008; cessar – é a perfectibilidade. – em MASA.

³ deste] desse – em OCA2008.

⁴ deste facto,] deste fato, – em PPGS e em MASA; desse fato, – em OCA2008.

⁵ Em CM, em PPGS e em MASA, em rodapé, vem a seguinte nota do autor: “*Le monde marche* do Sr. Pelletan.” Pierre Clément Eugène Pelletan (1813-1884) era escritor, jornalista e político.

⁶ singelos;] singelos, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA. Em PPGS, ao final do texto (p. 102), há uma NOTA em que Galante de Sousa assim se refere a esta passagem: “As palavras do autor ‘eu manifestei a minha profissão de fé nuns versos singelos’ etc. referem-se à poesia *O PROGRESSO – Hino da Mocidade*, dedicada a E. Pelletan, e publicada no ‘Correio Mercantil’, Rio, 30-11-1858.” Em MASA, nota semelhante a essa foi posta no rodapé.

Sou dos menos inteligentes adeptos da nova crença, mas tenho consciência que dos de mais profunda convicção. Sou filho deste século, em cujas veias ferve o licor da esperança. Minhas tendências, minhas aspirações,⁷ são as aspirações e as tendências da mocidade; e a mocidade é o fogo, a confiança, o futuro, o progresso. A nós, *guebros* modernos do fogo intelectual, na expressão de Lamartine,⁸ não importa este ou aquele brado de descrença e desânimo: as sedições só se realizam contra os princípios, nunca contra as verdades.⁹

Não há contradizê-lo.¹⁰ Por qualquer face que se olhe o espírito humano descobre-se a reflexão viva de um sol ignoto. Tem-se reconhecido que há homens para quem a evidência das teorias é uma quimera; felizmente temos a evidência dos factos,¹¹ diante da qual os S. Tomás¹² do século têm de curvar a cabeça.¹³

É a época das regenerações. A revolução francesa,¹⁴ o estrondo maior dos tempos europeus, na bela expressão do poeta de *Jocelyn*,¹⁵ foi o passo da humanidade para entrar neste século. O pórtico era gigantesco, e era necessário um passo de gigante para entrá-lo. Ora, esta explosão do pensamento humano concentrado na rainha da Europa¹⁶ não é um sintoma de progresso? O que era a revolução francesa senão a ideia que se fazia república,¹⁷ o espírito humano que tomava a toga democrática pelas mãos do povo mais democrático do mundo? Se o pensamento se fazia liberal é que tomava a sua verdadeira face. A humanidade, antes de tudo, é republicana.

Tudo se regenera: tudo toma uma nova face. O jornal é um sintoma, um exemplo desta regeneração. A humanidade, como o vulcão, rebenta uma nova cratera quando mais fogo lhe ferve no centro. A literatura tinha acaso nos moldes conhecidos em que preenchesse¹⁸ o fim do pensamento humano? Não; nenhum era vasto como o jornal, nenhum liberal, nenhum democrático¹⁹ como ele. Foi a nova cratera do vulcão.

⁷ aspirações,] aspirações – em OCA2008.

⁸ Alphonse de Lamartine (1790-1869) empregou exatamente esta expressão – “ces *Guèbres* modernes du feu intellectuel” – na parte II do “VII^e entretien” do *Cours familier de littérature: un entretien par mois* (1856, tome seconde.)

⁹ verdades.] variedades. – em OCA2008 e em MASA.

¹⁰ Não há contradizê-lo.] Não há como contradizê-lo. – em OCA2008.

¹¹ factos,] fatos, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

¹² S. Tomás] s. Tomás – em OCA2008.

¹³ Referência à cena bíblica que deu origem à expressão “ver para crer”: Jo 20,24-29.

¹⁴ revolução francesa.] Revolução Francesa, – em OCA2008 (aqui e na ocorrência subsequente, logo adiante neste mesmo parágrafo).

¹⁵ *Jocelyn*,] *Jocelin*, – em CM. *Jocelyn*: poema de Lamartine, publicado em 1836.

¹⁶ Entenda-se: na França.

¹⁷ república,] República, – em OCA2008.

¹⁸ preenchesse] preenchesse – em MASA.

¹⁹ democrático] democrático, – em OCA2008.

Tratemos do jornal, esta alavanca que Arquimedes pedia para abalar o mundo, e que o espírito humano, este²⁰ Arquimedes de todos os séculos, encontrou.

O jornal matará o livro? o livro²¹ absorverá o jornal?

A humanidade desde os primeiros tempos tem caminhado em busca de um meio de propagar e perpetuar a ideia. Uma pedra convenientemente levantada era o símbolo representativo de um pensamento. A geração que nascia vinha ali contemplar a ideia da geração aniquilada.

Este²² meio, mais ou menos aperfeiçoado, não preenchia as exigências do pensamento humano. Era uma fórmula estreita, muda, limitada. Não havia outro. Mas as tendências progressivas da humanidade não se acomodavam com os exemplares primitivos dos seus livros de pedra. De perfeição em perfeição nasceu a arte. A arquitetura vinha transformar em preceito, em ordem, o que eram então partos grotescos da fantasia dos povos. O Egito na aurora da arquitetura deu-lhe a solidez e a simplicidade nas formas severas da coluna e da pirâmide. Parece que este²³ povo ilustre queria fazer eterna a ideia no monumento, como o homem na múmia.

O meio, pois, de propagar e perpetuar a ideia era uma arte. Não farei a história dessa arte, que, passando pelo crisol das civilizações antigas, enriquecida pelo gênio da Grécia e de Roma, chegou ao seu apogeu na idade média²⁴ e cristalizou a ideia humana na catedral. A catedral é mais que uma fórmula arquitetônica, é a síntese do espírito e das tendências daquela época. A influência da igreja sobre os povos lia-se nessas epopeias de pedra; a arte por sua vez acompanhava o tempo e produzia com seus arrojos de água as obras-primas do santuário.

A catedral é a chave de ouro que fecha a vida de séculos da arquitetura antiga; foi a sua última expressão, o seu derradeiro crepúsculo, mas uma expressão eloquente, mas um crepúsculo palpitante de luz.

Era, porém, preciso um gigante para fazer morrer outro gigante. Que novo parto do engenho humano veio nulificar uma arte que reinara por séculos? Evidentemente era mister uma revolução para apagar a realeza de um sistema; mas essa revolução devia ser a expressão de um outro sistema de incontestável legitimidade. Era chegada a imprensa, era chegado o livro.

O que era a imprensa? Era o fogo do céu que um novo Prometeu roubara, e que vinha animar a estátua de longos anos. Era a faísca elétrica da inteligência que vinha

²⁰ este] esse – em OCA2008.

²¹ o livro] O livro – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

²² Este] Esse – em OCA2008.

²³ este] esse – em OCA2008.

²⁴ idade média] Idade Média – em OCA2008.

unir a raça aniquilada à geração vivente por um meio melhor, indestrutível, móbil, mais eloquente, mais vivo, mais próprio a penetrar arraiais de imortalidade.

O que era o livro? Era a fórmula da nova ideia, do novo sistema. O edifício, manifestando uma ideia, não passava de uma cousa²⁵ local, estreita. O vivo procurava-o para ler a ideia do morto; o livro, pelo contrário, vem trazer à raça existente o pensamento da raça aniquilada. O progresso aqui é evidente.

A revolução foi completa. O universo sentiu um imenso abalo pelo impulso de uma dupla causa: uma ideia que caía e outra que se levantava. Com a onipotência²⁶ das grandes invenções, a imprensa atraía todas as vistas e todas as inteligências convergiam para ela. Era um crepúsculo que unia a aurora e o ocaso de dous²⁷ grandes sóis. Mas a aurora é a mocidade, a seiva, a esperança; devia ofuscar o sol que descambava. É o que temia aquele arcediogo da catedral parisiense, tão bem delineado pelo poeta das *Contemplações*.²⁸

Com efeito! a imprensa era mais que uma descoberta maravilhosa, era uma redenção. A humanidade galgava assim o Himalaia dos séculos, e via na ideia que alvorecia uma arca poderosa e mais capaz de conter o pensamento humano.

A imprensa devorou, pois, a arquitetura. Era o leão devorando o sol, como na epopeia do nosso Homero.²⁹

²⁵ cousa] coisa – em OCA2008 e em MASA.

²⁶ onipotência] onipotência – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

²⁷ dous] dois – em OCA2008 e em MASA.

²⁸ *Les contemplations* é obra poética de Victor Hugo (1802-1885), publicada em 1856. O arcediogo a que se refere Machado de Assis é o personagem Claude Frollo, do romance *Notre-Dame de Paris*, publicado em 1831. Ele adotou e educou o disforme Quasímodo, personagem célebre do romance, alcunhado “o corcunda de Notre-Dame”. O “temor do arcediogo”, mencionado no texto, vem na seguinte passagem do romance: “L’archidiacre considera quelque temps en silence le gigantesque édifice, puis étendant avec un soupir sa main droite vers le livre imprimé qui était ouvert sur sa table et sa main gauche vers Notre-Dame, et promenant un triste regard du livre à l’église: / – Hélas! dit-il, ceci tuera cela.” (HUGO, 1858, v. I, p. 205) Tradução brasileira de Hilário Correia: “O arcediogo considerou algum tempo em silêncio o gigantesco edifício; depois, estendendo com um suspiro a mão direita para o livro impresso que estava aberto em cima da mesa e a mão esquerda para Nossa Senhora, e passeando um triste olhar do livro para a igreja: – Infelizmente – disse – isto há de matar aquilo.” (HUGO, 1957, t. I, p. 340) No capítulo seguinte do romance, pede o narrador licença para investigar o sentido dessas palavras (“ceci tuera cela”): e todo o capítulo é uma discussão da relação entre a arquitetura gótica (cujo ciclo histórico se encerrara) e a imprensa (o livro, cujo ciclo histórico começava). O tema desse capítulo do romance é que alimenta a reflexão machadiana sobre a relação entre o livro e a arquitetura.

²⁹ Em CM, no rodapé, vem a seguinte nota do autor: “*Colombo*, poema em que trabalha o Sr. Porto-Alegre.” PPGS e MASA transcrevem, no rodapé, essa nota do autor. No “Prólogo” do *Colombo*, há os seguintes versos: “Mais vermelho que o sol da terra surge / Um rompente leão! lança-se ao astro, / E o devora de um trago!” (PORTO-ALEGRE, 1866, t. I, p. 9). Embora o poema tenha sido publicado integralmente pela primeira vez em 1866, partes dele haviam sido divulgadas em periódicos. A parte do “Prólogo” que contém os versos aqui transcritos foi publicada na revista *Guanabara*, em 1850, p. 3-13, sob a rubrica “Fragmento de um poema”, com o título “O triunfo”. (PORTO-ALEGRE, 1850, t. I, p. 3-13) Machado de Assis, quando escreveu sobre o poema, em 1866 (Semana literária. *Diário do Rio de Janeiro*, p. 1-2, 5 jun. 1866), ainda não conhecia o poema completo.

Não procurarei historiar o desenvolvimento desta arte-rei,³⁰ desenvolvimento asselado em cada época por um progresso. Sabe-se a que ponto está aperfeiçoada, e não se pode calcular a que ponto chegará ainda.

Mas restabelecemos a questão. A humanidade perdia a arquitetura, mas ganhava a imprensa; perdia o edifício, mas ganhava o livro. O livro era um progresso; preenchia as condições do pensamento humano? Decerto; mas faltava ainda alguma cousa;³¹ não era ainda a tribuna comum, aberta à família universal, aparecendo sempre com o sol e sendo como ele o centro de um sistema planetário. A forma que correspondia a estas necessidades, a mesa popular para a distribuição do pão eucarístico da publicidade, é propriedade do espírito moderno: é o jornal.

O jornal é a verdadeira forma da república do pensamento. É a locomotiva intelectual em viagem para mundos desconhecidos, é a literatura comum, universal, altamente democrática, reproduzida todos os dias, levando em si a frescura das ideias e o fogo das convicções.

O jornal apareceu, trazendo em si o gérmen de uma revolução. Essa revolução não é só literária, é também social, é econômica, porque é um movimento da humanidade abalando todas as suas eminências, a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo literário, do mundo econômico e do mundo social.

Quem poderá marcar todas as consequências desta revolução?

Completa-se a emancipação da inteligência e começa a dos povos. O direito da força, o direito da autoridade bastarda consubstanciada nas individualidades dinásticas vai cair. Os reis já não têm púrpura, envolvem-se nas constituições. As constituições são os tratados de paz celebrados entre a potência popular e a potência monárquica.

Não é uma aurora de felicidade que se entreabre no horizonte? A ideia de Deus encarnada há séculos na humanidade apareceu enfim à luz. Os que receavam um aborto podem erguer a fronte desassombrada: concluiu-se o pacto³² maravilhoso.

³⁰ arte-rei: evidente galicismo, pelo gênero trocado das palavras (arte, em português, é palavra do gênero feminino; em francês, do masculino). Victor Hugo empregou essa expressão na “Note ajoutée” à edição de 1832 do romance *Notre-Dame de Paris*. Escreveu ele: “L’auteur exprime et développe dans un de ces chapitres, sur la décadence actuelle de l’architecture et sur la mort, selon lui aujourd’hui presque inévitable, de cet *art-roi*, une opinion malheureusement bien enracinée chez lui et bien réfléchie. Mais il sent le besoin de dire ici qu’il désire vivement que l’avenir lui donne tort un jour.” (HUGO, 1858, v. I, p. 5; grifo nosso) Tradução brasileira de Hilário Correia: “O autor expõe e desenvolve num desses capítulos uma opinião infelizmente muito refletida e muito arraigada na sua mente, sobre a decadência atual da arquitetura e sobre a morte, hoje quase inevitável, desta arte-rei. Sente porém a necessidade de dizer aqui que estimará muito vir a ser um dia desmentido.” (HUGO, 1957, t. I, p.37)

³¹ cousa;] coisa; – em OCA2008 e em MASA.

³² pacto: talvez seja “parto”. A ideia de “parto” já havia aparecido neste texto, e aqui se oporia a “aborto”; porém, no parágrafo anterior, fala o autor em “constituições” como “tratado de paz” entre a “potência monárquica” e a “potência popular” – o que confere sentido à palavra “pacto”.

Ao século XIX cabe sem dúvida a glória de ter aperfeiçoado e desenvolvido esta grandiosa epopeia da vida íntima dos povos, sempre nova, sempre palpitante³³ de ideias. É uma produção toda sua. Depois das ideias que emiti em ligeiros traços é tempo de desenvolver a questão proposta: – O livro³⁴ absorverá o jornal? o jornal³⁵ devorará o livro?³⁶

II

A lei eterna, a faculdade radical do espírito humano, é o movimento. Quanto maior for esse movimento mais ele preenche o seu fim, mais se aproxima desses polos dourados que ele busca há séculos. O livro é um sintoma de movimento? Decerto. Mas estará esse movimento no grau do movimento da imprensa-jornal? Repugno afirmá-lo.

O jornal, *literatura quotidiana*, no dito de um publicista contemporâneo, é a reprodução³⁷ diária do espírito do povo, o espelho comum de todos os factos³⁸ e de todos os talentos, onde se reflete, não a ideia de um homem, mas a ideia popular, esta fracção³⁹ da ideia humana.

O livro não está decerto nestas condições: – há aí alguma coisa⁴⁰ de limitado e de estreito se o colocarmos em face do jornal. Depois, o espírito humano tem necessidade de discussão, porque a discussão é – movimento. Ora, o livro não se presta a essa necessidade, como o jornal. A discussão pela imprensa-jornal⁴¹ anima-se e toma fogo pela presteza e reprodução diária desta locomoção intelectual. A discussão pelo livro esfria pela morosidade, e esfriando decai, porque a discussão vive pelo fogo. O panfleto não vale um artigo de fundo.

Isto posto, o jornal é mais que um livro, isto é, está mais nas condições do espírito humano. Nulifica-o como o livro nulificará a página de pedra?⁴² Não repugno admiti-lo.

Já disse que a humanidade, em busca de uma forma mais conforme aos seus instintos, descobriu o jornal.

³³ sempre nova, sempre palpitante] sempre palpitante – em OCA2008 e em MASA.

³⁴ proposta: – O livro] proposta: O livro – em OCA2008.

³⁵ o jornal] O jornal – em OCA2008 e em MASA.

³⁶ Em CM, ao final da primeira parte, há esta indicação: “MACHADO de ASSIS. (*Continua.*)”.

³⁷ a reprodução] reprodução – em OCA 2008 e em MASA. Não localizamos o “publicista contemporâneo” a quem Machado de Assis se refere.

³⁸ factos] fatos – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

³⁹ fracção] fração – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁰ condições: – há aí alguma coisa] condições; – há aí alguma coisa – em PPGS; condições; há aí alguma coisa – em OCA2008; condições; – há aí alguma coisa – em MASA.

⁴¹ imprensa-jornal] imprensa – jornal – em CM.

⁴² “[...] le genre humain a deux livres, deux registres, deux testaments, la maçonnerie et l'imprimerie, la Bible de pierre et la Bible de papier.” (HUGO, 1858, t. I, p. 222) Tradução brasileira de Hilário Correia: “[...] o gênero humano tem dois livros, dois registros, dois testamentos, a arquitetura e a imprensa, a Bíblia de pedra e a Bíblia de papel.” (HUGO, 1957, t. I, p. 366)

O jornal, invenção moderna, mas não da época que passa, deve contudo ao nosso século o seu desenvolvimento; daí a sua influência. Não cabe aqui discutir ou demonstrar a razão por que há mais tempo não atingira ele a esse grau de desenvolvimento; seria um estudo da época, uma análise de palácios e de claustros.

As tendências progressivas do espírito humano não deixam supor que ele passasse⁴³ de uma forma superior a uma forma inferior.

Demonstrada a superioridade do jornal pela teoria e pelo facto,⁴⁴ isto é, pelas aspirações de perfectibilidade da ideia humana e pela legitimidade da própria essência do jornal, parece clara a possibilidade de aniquilamento do livro em face do jornal. Mas estará bem definida a superioridade do jornal?

Disse acima que o jornal era a reação do espírito humano sobre as fórmulas existentes do mundo social, do mundo literário e do mundo econômico. Do mundo literário parece-me ter demonstrado as vantagens que não existem no livro. Do mundo social já o disse. Uma forma de literatura que se apresenta aos talentos como uma tribuna universal é o nivelamento das classes sociais, é a democracia prática pela inteligência. Ora, isto não é evidentemente um progresso?

Quanto ao mundo econômico, não é menos fácil de demonstrar. Este século é, como dizem, o século do dinheiro e da indústria. Tendências mais ou menos ideais clamam em belos hexâmetros contra as aspirações de uma parte da sociedade e parecem prescrever os princípios da economia social. Eu mesmo manifestei algumas ideias muito metafísicas e vaporosas em um artigo publicado há tempos.⁴⁵

Mas, pondo de parte a arte plástica dessas produções contra o século, acha-se no fundo pouco razoáveis. A indústria e o comércio não são simples fórmulas de uma classe; são os elos que prendem as nações, isto é, que unem a humanidade para o cumprimento de sua missão. São a fonte da riqueza dos povos, e predispõem mais ou menos sua importância política no equilíbrio político da humanidade.

⁴³ passasse] pensasse – em CM e em MASA.

⁴⁴ facto,] fato, – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁵ em um artigo publicado há tempos.] em artigo publicado há tempos. – em MASA. J. Galante de Sousa, em PPGS, ao final do texto, pôs uma “NOTA”, parte da qual se refere a esta passagem: “Na segunda parte deste escrito afirma o autor haver manifestado ‘algumas ideias muito metafísicas e vaporosas em um artigo publicado há tempos’. Trata-se de *O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA LITERATURA*, trabalho publicado em ‘A Marmota’, Rio, 9 e 23 de abril de 1858.” Machado de Assis refere-se a este tema, também, num segundo texto: trata-se da pequena série de artigos que publicou na *Marmota Fluminense* (n. 731, 10 jun. 1856; n. 753, 31 jul. 1856; e n. 768, 4 set. 1856), sob o título geral de “Ideias vagas” – especialmente no segundo, intitulado “A comédia moderna”. Um terceiro texto em que Machado poderia ter expresso essas ideias estaria ainda “perdido” nos periódicos da época? Recentemente, Fernando Borsato descobriu um texto até então não atribuído a Machado de Assis, mas mencionado por ele em “O folhetinista” (publicado em *O Espelho*, em 30 de outubro de 1859). O texto descoberto por Borsato pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*; intitula-se “A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.”

O comércio estabelece a troca do gênero pelo dinheiro. Ora, o dinheiro é um resultado da civilização, uma aristocracia, não bastarda, mas legitimada pelo trabalho ou pelo suor vazado nas lucubrações industriais. O sistema primitivo da indústria colocava o homem na alternativa de adquirir uma fazenda para operar a compra de outra, ou o entregava às intempéries do tempo se ele pretendia especular com as suas produções agrícolas. O novo sistema estabelece um valor, estabelece a moeda, e para adquiri-la o homem só tem necessidade de seu braço.

O crédito assenta a sua base sobre esta engenhosa produção do espírito humano. Ora, indústria manufactora⁴⁶ ou indústria-crédito,⁴⁷ o século conta a indústria como uma das suas grandes potências: tirai-a aos Estados Unidos e vereis desmoronar-se o colosso do norte.⁴⁸

O que é o crédito? A ideia econômica consubstanciada numa fórmula altamente industrial. E o que é a ideia econômica senão uma face, uma transformação da ideia humana? É parte da humanidade; aniquilai-a, – ela deixa de ser um todo.⁴⁹

O jornal, operando uma lenta revolução no globo, desenvolve esta indústria monetária, que é a confiança, a riqueza e os melhoramentos. O crédito tem também a sua parte no jornalismo, onde se discutem todas as questões, todos os problemas da época, debaixo da ação da ideia sempre nova, sempre palpitante. O desenvolvimento do crédito quer o desenvolvimento do jornalismo, porque o jornalismo não é senão um grande banco intelectual, *grande monetização*⁵⁰ da ideia, como diz um escritor moderno.⁵¹

Ora, parece claro que, se este grande molde do pensamento corresponde à ideia econômica como à ideia social e literária, – é a forma⁵² que convém mais que nenhuma outra ao espírito humano.

É ou não claro o que acabo de apresentar? Parece-me que sim. O jornal, abalando o globo, fazendo uma revolução na ordem social, tem ainda a vantagem de dar uma posição ao homem de letras; porque ele diz ao talento: “Trabalha! vive pela ideia,⁵³ e cumpres a lei da criação!” Seria melhor a existência parasita dos tempos passados, em que a consciência sangrava quando o talento comprava uma refeição por um soneto?

⁴⁶ manufactora] manufatora – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁷ indústria-crédito.] indústria crédito – em CM.

⁴⁸ norte.] Norte. – em OCA2008.

⁴⁹ aniquilai-a, – ela deixa de ser um todo.] aniquilai-a, ela deixa de ser um todo. – em OCA2008; aniquilai-a –, ela deixa de ser um todo. – em MASA

⁵⁰ monetização] monetarização – em MASA.

⁵¹ Não identificamos o “escritor moderno” a que Machado de Assis se refere.

⁵² literária, – é a forma] literária, é a forma – em OCA2008.

⁵³ ideia.] ideia – em OCA2008.

Não! graças a Deus!⁵⁴ Esse mau uso caiu com o dogma junto do absolutismo. O jornal é a liberdade, é o povo, é a consciência, é a esperança, é o trabalho, é a civilização. Tudo se liberta; só o talento ficaria servo?

Não faltará quem lance o nome de utopista. O que acabo, porém, de dizer me parece racional. Mas não confundam a minha ideia. Admitido o aniquilamento do livro pelo jornal, esse aniquilamento não pode ser total. Seria loucura admiti-lo. Destruída a arquitetura, quem evita que à fundação dos monumentos modernos presida este ou aquele axioma d'arte, e que esta ou aquela ordem trace e levante a coluna, o capitel ou o zimbório?⁵⁵ Mas o que é real é que a arquitetura não é hoje uma arte influente, e que do clarão com que inundava os tempos e os povos caiu num crepúsculo perpétuo.⁵⁶

Não⁵⁷ é um capricho de imaginação, não é uma aberração do espírito, que faz levantar este⁵⁸ grito de regeneração humana. São as circunstâncias, são as tendências dos povos, são os horizontes rasgados neste céu de séculos, que implantam pela inspiração esta verdade no espírito. É a profecia dos factos.⁵⁹

Quem enxergasse na minha ideia uma idolatria pelo jornal teria concebido uma convicção parva. Se argumento assim, se procuro demonstrar a possibilidade do aniquilamento do livro diante do jornal, é porque o jornal é uma expressão, é um sintoma de democracia; e a democracia⁶⁰ é o povo, é a humanidade. Desaparecendo as fronteiras sociais, a humanidade realiza o derradeiro passo, para entrar o pórtico da felicidade, essa terra de promessa.

Tanto melhor! este⁶¹ desenvolvimento da imprensa-jornal é um sintoma, é uma aurora dessa época de ouro. O talento sobe à tribuna comum; a indústria eleva-se à altura de instituição; e o titão⁶² popular, sacudindo por toda a parte os princípios inveterados das fórmulas governativas, talha com a espada da razão o manto dos dogmas novos. É a luz de uma aurora fecunda que se derrama pelo horizonte. Preparar a humanidade para saudar o sol que vai nascer, – eis a obra⁶³ das civilizações modernas.

MACHADO DE ASSIS

⁵⁴ graças a Deus!] Graças a Deus! – em OCA2008.

⁵⁵ o zimbório?] zimbório? – em OCA2008.

⁵⁶ “Ce n’est pas à dire que l’architecture n’aura pas encore çà et là un beau monument, un chef-d’œuvre isolé.” (HUGO, 1858, t. I, p. 221) Tradução brasileira de Hilário Correia: “Isto não quer dizer que a arquitetura não deva ter, aqui e ali, um belo monumento, uma obra-prima isolada.” (HUGO, 1957, t. I, p. 365)

⁵⁷ Não] Mas – em MASA.

⁵⁸ este] esse – em OCA2008.

⁵⁹ factos.] fatos. – em PPGS, em OCA2008 e em MASA.

⁶⁰ e a democracia] a democracia – em MASA.

⁶¹ este] esse – em OCA2008.

⁶² A palavra “titão” não consta no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (versão on-line); porém, consta no AULETE digital e em dicionários mais antigos.

⁶³ vai nascer, – eis a obra] vai nascer – eis a obra (com o travessão, sem a vírgula) – em OCA2008.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CM – *Correio Mercantil*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.

PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.

Referências

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 10, p. 1, 10 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=15667>>.

ASSIS, Machado de. O jornal e o livro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, ano XVI, n. 12, p. 2, 12 jan. 1859. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=217280&pasta=ano%20185&pesq=&pagfis=15676>>.

ASSIS, Machado de. Semana literária, *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano XLVI, n. 133, p. 1-2, 5 jun. 1866.

ASSIS, Machado de. *Poesia e prosa*. Organização e notas de J. Galante de Sousa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AULETE digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/titão>>.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. (Org.) *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

HUGO, Victor. *Notre-Dame de Paris*. Nouvelle édition. Paris: L. Hachette, 1858. 2v.

HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris*. Tradução de Hilário Correia. São Paulo: Editora das Américas, 1957. 2t.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAMARTINE, Alphonse de. *Cours familier de littérature: un entretien par mois*. Paris: Chez l'auteur, 1856. Tome seconde.

Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k164389t?rk=42918;4#>>.

LOBO, Hélio. *Manuel de Araújo Porto-Alegre: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro: A B C, 1938.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. Fragmento de um poema. O triunfo. *Guanabara*, Rio de Janeiro, t. I, p. 3-13, 1850.

PORTO-ALEGRE, Manuel de Araújo. *Colombo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1866. t. I.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

AQUARELAS*

I

OS FANQUEIROS LITERÁRIOS

Não é isto uma sátira em prosa. Esboço ligeiro¹ apanhado nas projeções subtis² dos caracteres, dou aqui apenas uma reprodução do tipo a que chamo em meu falar seco³ de prosador novato – fanqueiro literário.

A fancaria literária é a pior de todas as fancarias. É a obra grossa, por vezes mofada, que se acomoda a ondulações das espáduas do paciente freguês. Há de tudo nessa loja manufatora⁴ do talento – apesar da raridade da tela fina; e as vaidades sociais mais exigentes podem vazar-se, segundo as suas aspirações, em uma ode ou discurso parvamente retumbantes.

A fancaria literária poderá perder pela elegância suspeita da roupa feita – mas nunca⁵ pela exiguidade dos gêneros. Tomando a tabuleta por base do silogismo comercial é infalível chegar logo à preposição menor,⁶ que é a prateleira guapamente atacada a fazer cobiça às modéstias mais insuspeitas.

É um lindo comércio. Desde José Daniel⁷ o apóstolo da classe – esse modo de vida tem alargado a sua esfera – e, por mal de pecados,⁸ não promete ficar aqui.

O fanqueiro literário é um tipo curioso.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859), GUAR (ano I, n. 36, p. 4-5, 3 dez. 1871), ESP2009 (p. 35-39), MASA (p. 77-80). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Em ESP2009, acima do título há esta data: “11 de setembro de 1859”. J. Galante de Sousa não registra a publicação em GUAR. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva.

¹ ligeiro] literário – em ESP2009.

² subtis] sutis – em ESP2009 e em MASA.

³ seco] saco – em GUAR.

⁴ manufatora] manufatora – em ESP2009 e em MASA.

⁵ nunca] nnca – em GUAR.

⁶ preposição menor,] proposição menor, – em MASA. A palavra “preposição” pertence, também, à esfera comercial – razão pela qual, apesar de seguida do adjetivo “menor”, num aparente trocadilho com a nomenclatura da lógica formal, julgamos prudente conservá-la.

⁷ José Daniel] José Daniel, – em ESP2009. José Daniel Rodrigues da Cosa (Leiria, 1755-Lisboa, 1832): poeta árcade, utilizou na Nova Arcádia o pseudônimo de Josino Leiriense. Notabilizou-se como autor de peças de teatro satíricas e de panfletos jornalísticos em forma de folhetos de cordel, os “periódicos”. (Cf. MACHADO, 1996, p. 150)

⁸ mal de pecados,] mal de pecados – em GUAR; mal dos pecados, – em MASA.

Falei em José Daniel. Conheceis esse vulto histórico? Era uma excelente organização que se prestava perfeitamente à autópsia. Adelo ambulante da inteligência, ia *farto como um ovo*,⁹ de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias. Não se cultivava impunemente aquela amizade; o folheto esperava sempre os incautos, como a Farsália¹⁰ hebdomadária das bolsas mal-avisadas.

A audácia ia mais longe. Não contente de suas especulações pouco¹¹ airoosas, levava o atrevimento ao ponto de satirizar os próprios fregueses – como em uma obra em que embarcava, diz ele, os tolos de Lisboa para uma certa ilha;¹² a ilha era, nem mais nem menos, a algibeira do *poeta*. É positiva a aplicação.

Os fanqueiros modernos não vão à feira; é um pudor. Mas que de compensações! Não se prepara hoje o folheto de aplicação moral contra os costumes. A vereda é outra;¹³ explora-se¹⁴ as folhinhas e os pregões matrimoniais e as odes chovem em louvor deste natalício ou daqueles desposórios. Nos desposórios é então um perigo; os noivos tropeçam no intempestivo de uma rocha Tarpeia antes mesmo de entrar no Capitólio.¹⁵

Desposório, natalício ou batizado, todos esses marcos da vida são pretextos de inspiração às musas fanqueiras. É um eterno *genesis*¹⁶ a referver por todas aquelas almas (*almas!*) recendentes de zuarte.

⁹ *farto como um ovo*: “cheio de si”, “vaidoso”. Antenor Nascentes (1966, p. 207) registra a expressão “*cheio como um ovo*”, que significa “muito cheio”, “não cabendo mais nada”.

¹⁰ Farsália: poema épico, desprovido de deuses e heróis, escrito por Marco Aneu Lucano (Córdoba, 39-Roma, 65), cujo assunto é a guerra fratricida entre Júlio César e Pompeu, narrada em perspectiva desencantada e sombria.

¹¹ pouco] poucos – em GUAR.

¹² Referência à obra *Barco da carreira dos tolos*, de José Daniel Rodrigues da Costa, publicada em Lisboa em 1803. A obra compunha-se de 12 folhetos mensais (de janeiro a dezembro), de 32 páginas cada um, dedicados às viagens de transporte dos tolos para uma ilha, “para que em pleno repouso pudessem gozar livremente da sua Tolice, sem estorvo dos que imaginam ter nascido para censurar, e emendar o gênero humano.” (1803, folheto I – janeiro, p. 10) Eram tantos os tolos, que foram divididos nas seguintes 12 categorias (cada uma transportada num mês): modistas, namorados, malcasados, malcriados, velhacos encobertos, bêbedos, soberbos, presumidos, queixosos da fortuna, crédulos, os que em tudo se metem e os tolos em geral.

¹³ outra;] outra: – em GUAR.

¹⁴ explora-se] exploram-se em ESP2009 e em MASA (ambas essas edições anotaram a variante de ESP). Sobre esta questão (o “se” apassivador), ver Domingos Paschoal Cegalla (2009, p. 354-356), Manuel Said Ali (1957, p. 89-104), Maria Helena de Moura Neves (2003, p. 690).

¹⁵ “Capitólio (lat. *capitolium*), templo dedicado a Júpiter, e cidadela no monte Capitolino, uma das sete colinas de Roma, onde os triunfadores eram coroados. Daí as locuções: “Subir ao Capitólio”, “Ser elevado ao Capitólio”, triunfar, obter um sucesso retumbante. Perto do templo estava a rocha Tarpeia, donde eram precipitados os traidores. Daí provém a locução “Do Capitólio à rocha Tarpeia não vai mais do que um passo”, quando se quer dizer que muitas vezes o opróbrio segue de perto o triunfo.” (GRAVE; COELHO NETO, s.d., v. I, p. 458)

¹⁶ *genesis*] *gênesis* – em ESP2009 e em MASA (nesta e na ocorrência seguinte). Optamos pela grafia sem acento – forma latina da palavra (que vem em itálico).

Entretanto¹⁷ esta calamidade literária não é tão dura para uma parte da sociedade. Há quem se julgue motivo de cuidados no Pindo¹⁸ – assim com pretensões a semideus da antiguidade; e¹⁹ um soneto ou uma alocução recheadinha de divagações acerca do *genesis* de uma raça – sempre eriça os colarinhos a certas vaidades que por aí pululam – sem tom nem som.

Mas entretanto – fatalidade! – por muito consistentes que sejam essas ilusões caem sempre diante das consequências pecuniárias; o fanqueiro literário justifica plenamente o verso do poeta; *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*.²⁰ O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar.

Querendo imitar os espíritos sérios lembra-se ele de colecionar os seus disparates²¹ e ei-lo que vai de carrinho e almanaque²² na mão – em busca de notabilidades sociais. Ninguém se nega a um homem que lhe sobe as escadas convenientemente vestido, e discurso na ponta dos lábios. Chovem-lhe assim as assinaturas. O livrinho se prontifica e sai a lume.²³ A teoria do embarcamento dos tolos é então posta em execução, os nomes das vítimas subscritoras vêm²⁴ sempre em ar de escárnio no pelourinho de uma lista-epílogo. É sobre queda couce.²⁵

Mas tudo²⁶ isso é causado pela falta sensível de uma inquisição literária! Que espetáculo não seria ver evaporar-se em uma fogueira inquisitorial tanto ópio encadernado que por aí anda enchendo livrarias!²⁷

Acontece com o talento o mesmo que acontece com as estrelas. O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente – nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água.

Até aqui as massas tinham o talento como uma faculdade caprichosa, operando ao impulso da inspiração, santa sobretudo em todo o seu pudor moral.²⁸ Mas cá as

¹⁷ Entretanto] Entretanto, – em ESP2009.

¹⁸ Pindo: monte situado ao norte da Grécia, consagrado a Apolo e às musas.

¹⁹ e] é – em ESP2009.

²⁰ *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*.] *não arma do louvor, arma do dinheiro*. – em ESP2009 (a variante do jornal foi registrada em nota); *não arma ao louvor, arma ao dinheiro*. – em MASA. Não localizamos a fonte da expressão.

²¹ disparates] disparates, – em ESP2009.

²² almanaque] almanaques – em ESP2009.

²³ a lume.] à lume. – em ESP e em GUAR.

²⁴ vêm] vem – em ESP e em GUAR. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XLV), dá “vem” como forma plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “vir”.

²⁵ É sobre queda couce.] É, sobre queda, coice. – em ESP2009 e em MASA.

²⁶ tudo] tueo – em GUAR.

²⁷ livrarias!] as livrarias! – em ESP2009.

²⁸ A partir deste ponto, em ESP2009, começa novo parágrafo.

espera o fanqueiro;²⁹ nada! o talento é uma simples máquina em que não falta o menor parafuso, e que se move ao impulso de uma válvula onipotente.³⁰

É de desesperar de todas as ilusões!

Em Paris onde esta classe é numerosa há uma especialidade que ataca o teatro. Reúnem-se meia dúzia em um café e aí vão eles de colaboração alinhar o seu *vaudeville* quotidiano. A esses milagres de faculdade produtiva se devem tantas banalidades que por lá rolam no meio de tanto e tão fino espírito.

Aqui o fanqueiro não tem por ora lugar certo. Divaga como a abelha³¹ de flor em flor em busca de seu *mel* e quase sempre, mal ou bem, vai tirando suculento resultado.³²

Conhece-se o fanqueiro literário entre muitas cabeças pela extrema cortesia. É³³ um *tic*.³⁴ Não há homem de cabeça mais móbil, e espinha dorsal mais flexível; – cumprimentar para ele é um preceito eterno; e ei-lo que o faz à direita e à esquerda; e cousa³⁵ natural! sempre lhe cai um freguês nessas cortesias.

O fanqueiro literário tem em si o termômetro das suas alterações financeiras; é a elegância das roupas. Ele vive e trabalha para comer bem e ostentar.³⁶ Bolsa florescente, ei-lo *dandy*³⁷ apavoneado – mas sem vaidade; lá protesta o chapéu contra uma asserção que se lhe possa fazer nesse sentido.

A Buffon escapou esse animal interessante; nem Cuvier lhe encontrou osso ou fibra perdidos em terra antediluviana.³⁸ Por mim³⁹ que não faço mais que reproduzir em aquarelas as formas grotescas e *sui generis* do tipo, deixo ao leitor curioso essa enfadonha investigação.

Uma última palavra.

O fanqueiro literário é uma individualidade social e marca uma das aberrações dos tempos modernos. Este⁴⁰ moer contínuo do espírito que faz da inteligência uma fábrica de Manchester, repugna à natureza da própria intelectualidade. Fazer do talento uma máquina, e uma máquina de obra grossa movida pelas probabilidades financeiras do resultado, é perder a dignidade do talento, e o pudor da consciência.

²⁹ fanqueiro;] fanqueiro: – em MASA.

³⁰ onipotente.] onipotente. – em ESP2009 e em MASA.

³¹ a abelha] uma abelha – em MASA.

³² resultado.] resultado, – em ESP.

³³ É] E – em GUAR.

³⁴ *tic*.] tique. – em ESP2009. Preservamos o estrangeirismo (francês).

³⁵ cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA.

³⁶ ostentar.] ostentar, – em GUAR.

³⁷ *dandy*] dândi – em ESP2009. Preservamos o estrangeirismo (inglês).

³⁸ Georges-Louis Leclerc (Montbard, 1707 – Paris, 1788), conde de Buffon: naturalista francês, autor da *História natural*; Georges Cuvier (Montbéliard, 1769 – Paris, 1832): naturalista francês, criador da anatomia comparada e da paleontologia.

³⁹ Por mim] Por mim, – em ESP2009.

⁴⁰ Este] Esse – em GUAR e em ESP2009.

Procurem os caracteres sérios abafar esse *estado no estado* que compromete a sua posição e o seu futuro.⁴¹

*M-as.*⁴²

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

GUAR – *O Guarany*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

Referências

ALI, M. Said. O pronome “se”. In: *Dificuldades da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957. p. 89-104.

ASSIS, Machado de. Aquarelas I. Os fanqueiros literários. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 1-2, 11 set. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00002.pdf>.

ASSIS, Machado de. Aquarelas I. Os fanqueiros literários. *O Guarany*, Rio de Janeiro, ano I, v. 36, p. 3-4, 3 dez. 1871. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=748390&pasta=ano%20187&pe sq=&pagfis=284>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

⁴¹ e o seu futuro.] e seu o futuro. – em ESP.

⁴² Machado de Assis empregou esse pseudônimo em matérias publicadas em *O Espelho*, mas grafadas de modo ligeiramente diferente: “*M-as.*”, “*M.-as.*” e “*M-as*” (há dúvida sobre a existência do ponto-final na leitura do jornal). Uniformizamos a grafia desse pseudônimo assim: “*M-as.*”

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 3. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

COSTA, José Daniel Rodrigues da. *Barco da carreira dos tolos*. Obra crítica, moral, e divertida. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1803. [Doze folhetos, um para cada mês – de janeiro a dezembro –, cada um com paginação própria.]

GRAVE, João; COELHO NETO. *Lello universal em 4 volumes: novo dicionário enciclopédico luso-brasileiro*. Porto: Lello & Irmão, s.d.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Álvaro Manuel. Org. e Dir. *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2 ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

AQUARELAS*

II O PARASITA

Sabem de uma certa erva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.

É uma longa e curiosa família a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas – uma relação¹ sinóptica² das diferentes variedades do tipo. Antes sobre a torre, agarro apenas na passagem as mais salientes e não vou mergulhar-me no fundo e em todos os recantos do oceano social.

Há, como disse, diferentes espécies de parasitas.

O mais vulgar e mais conhecido é o da mesa,³ mas há-os também em literatura, em política, e na igreja. É praga antiga, e raça cuja origem se prende à noite dos tempos, como diria qualquer historiador *en herbe*.⁴ Da Índia, essa avó das nações, como diz um escritor moderno,⁵ são poucas as noções a respeito; e não posso marcar aqui com precisão o desenvolvimento⁶ dessa casta curiosa no velho país. Em Roma, onde lemos como num livro, já Horácio, comia as sopas de Mecenas, e banqueteara alegremente no

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 3, p. 1-2, 18 set. 1859), GUAR (ano I, n. 37, p. 3-4, 13 dez. 1871) e ESP2009 (p. 41-44). Na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional, a coleção de *O Guarany* (GUAR) só está disponível até o n. 37 – razão pela qual este é o último texto das “Aquarelas” nesse periódico que utilizamos em nossas edições. J. Galante de Sousa não registra essas publicações – “Os fanqueiros literários” e “O parasita” – nesse periódico. Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas, Beatriz Lúcia da Silva.

¹ aquarelas – uma relação] aquarelas uma relação – em ESP2009.

² sinóptica] sinótica – em ESP2009.

³ e mais conhecido é o da mesa,] e mais conhecida é a da mesa, – GUAR; e o mais conhecido é o da mesa; – em ESP2009.

⁴ *en herbe*: aprendiz.

⁵ Não identificamos o autor mencionado por Machado de Assis.

⁶ desenvolvimento] desenvolvi- (final de linha) – em GUAR.

triclinium.⁷ É verdade que lhe pagava em longa poesia, mas, nesse tempo, como ainda hoje, a poesia não era ouro em pó, e este é a grande estrofe de todos os tempos.

Mas, tréguas à história.

Tenho aqui como alvo esboçar em traços ligeiros as formas mais proeminentes da individualidade; entremos pois no estudo – sem mais preâmbulo.

Devo começar pelo parasita da mesa, o mais vulgar? Há talvez pouco a dizer – mas esse pouco mesmo revela altamente os traços arrojados desta fisionomia social.

Debalde se procuraria conhecer as regiões mais adaptadas à economia vital deste animal perigoso. Inútil. Ele vive por toda parte⁸ em que há ambiente de porco assado.

Também é aí onde ele desenvolve melhor todas as suas faculdades; – onde se sente à *son aise*,⁹ como diria qualquer babel encadernado¹⁰ em paletó de inverno.

Perfeito parasita deve ser perfeito gastrônomo; mesmo quando não goze essa qualidade por vocação do berço, é um resultado da prática, pela razão de que o *uso do cachimbo faz a boca torta*.

Assim, o parasita jubilado, o bom parasita, está muito acima dos outros animais. Olfato delicado adivinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar susceptível¹¹ – sabe absorver com todas as regras da arte¹² – e não educa o seu estômago como qualquer aldeão.

E como não ser assim, se ele não tem outro cuidado nesta vida? e se os limites da mesa redonda são os horizontes de¹³ suas aspirações?

É curioso vê-lo na mesa, mas não menos curioso é vê-lo nas horas que precedem às sessões gastronômicas. Entra em uma casa ou por costume ou *per accidens*,¹⁴ o que aqui quer dizer intenção formada com todas as circunstâncias agravantes de premeditação, e superioridade de armas. Mas suponhamos que vai a uma casa por costume.

Ei-lo que entra, riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago. O dono da casa a quem já fatiga aquela visita diária saúda-o constrangido e com um riso amarelo. Mas isso não é decepção; tão pouco não desarma um bravo daquela ordem. Senta-se e começa a relatar notícias do dia, entremeadas de algumas de própria lavra,¹⁵ e curiosas –

⁷ *Triclinium*: leitos dispostos em roda da mesa – costume romano. (Cf. SARAIVA, 2006, p. 1223)

⁸ toda parte] toda a parte – em GUAR.

⁹ à *son aise*,] a *son aise*, – em ESP2009. Expressão francesa: “à vontade”.

¹⁰ babel encadernado] babel encadernada – ESP2009 (com registro da variante de ESP – “encadernado” – no rodapé). O substantivo “babel” está empregado figuradamente no sentido de “indivíduo que fala diversas línguas”.

¹¹ susceptível] suscetível – em ESP2009.

¹² da arte] de arte – em ESP2009.

¹³ de] das – em ESP2009.

¹⁴ *per accidens*: por acaso (expressão latina).

¹⁵ lavra,] lavra – em GUAR.

a atrair a afeição vacilante do hóspede.¹⁶ Daqui um criado que vem dar o sinal de combate.¹⁷ É o alvo a que visava¹⁸ o alarve, e ei-lo que vai imediatamente pagar-se de uma tarefa de almanaque, tão custosamente exercida.

Se porém ele entra *per accidens* – não é menos curiosa a cena. Começa por um pretexto que deve lisonjear as pessoas da casa conforme os seus fracos. Assim, se há aí um autor dramático¹⁹ o pretexto é dar um parabém sobre a última peça representada dias²⁰ antes. Sobre este molde tudo o mais.

Se às vezes não há um pretexto sério, não trepida ainda o parasita; há sempre um de lado, como substitutivo: *saber da saúde do amigo*.

Mas, entra ele; dado o pretexto, senta-se e começa a desenrolar toda a retórica que pode inspirar um estômago vazio, um Jeremias interno.²¹ Segue-se depois, pouco mais ou menos, a mesma cena. No fim está sempre como orla de horizonte uma mesa mais ou menos apetitosa, onde a reação se opera largamente.

Há, porém, pequenas desgraças, acidentes inesperados na vida do parasita da mesa.

Entra ele em uma casa onde espera almoçar folgado;²² – faz as primeiras saudações e vai corar a pílula ao seu caro hóspede. Um certo ranger de dentes; porém,²³ começa a agitá-lo, um ranger particular que indica um estado mais calmo aos estômagos da casa.

– Então como vai? Sinto que chegasse agora, se mais cedo viesse almoçava comigo.

O parasita fica de cara à banda,²⁴ mas não há remédio; é necessário sair com decência e não dar a entender – o fim que o levou ali.

Estas eventualidades, estas pequenas misérias, longe de serem decepções, são como o cheiro da pólvora inimiga para os soldados, um incentivo na ação. É uma índole miserável a desse corpo leviano em que só há animalidade e estômago; mas, entretanto é necessário aceitar essas criaturas tais como são – para aceitarmos a sociedade como ela é.²⁵ A sociedade não é um grupo de que uma parte devora a outra? Eterno antagonismo das condições humanas!

¹⁶ hóspede: dono da casa, hospedeiro. Antônio Houaiss (2001, p. 1553) registra esse sentido como obsoleto.

¹⁷ de combate] do combate – em GUAR.

¹⁸ visava] visa – em GUAR.

¹⁹ dramático] dramático, – em GUAR.

²⁰ dias] dia – em GUAR.

²¹ Jeremias: profeta bíblico. A referência parece associar-se à ideia de lamentação – As “Lamentações”, na Bíblia, vêm logo em seguida às obras do profeta. Massaud Moisés comenta que o nome do profeta “deu origem a palavras como jeremiar e jeremias”. (MOISÉS, 1967, p. 17, nota de rodapé)

²² folgado;] folgado: – em GUAR.

²³ dentes; porém,] dentes, porém – em GUAR; dentes, porém, – em ESP2009.

²⁴ Ficar de cara à banda: ficar envergonhado. (NASCENTES, 1966, p. 60)

²⁵ a sociedade como ela é.] a sociedade tal como ela é. – em ESP2009.

O parasita da mesa, uniformiza o exterior com a importância do hóspede; um cargo elevado pede uma luva de pelica, e um botim de polimento. À mesa não há ninguém mais atencioso; – e como um conviva alegre, aduba os guisados com punhados de sal mais ou menos saboroso.

É uma retribuição razoável – dar de comer ao espírito de quem lhe dá comer ao corpo.

Aqui não há desaire, há uma troca recíproca que prova que o parasita tem susceptibilidades²⁶ em alto grau.

Estes traços, mais ou menos exatos, mais ou menos distintos, dão aqui uma pequena ideia do parasita da mesa; mas esta variedade do tipo é absorvida por outras de uma importância mais alta.²⁷ Aqui é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência; – aqui são os epicuristas à custa alheia,²⁸ os outros são as nulidades intelectuais que se agarram à²⁹ primeira tela de propriedades suculentas que lhe vai ao encontro.

São imperceptíveis talvez estes lineamentos – e acusam a aceleração do pincel; passemos às outras variedades do tipo onde achamos formas mais amplas e proeminências mais distintas.

M-as.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

GUAR – *O Guarany*.

Referências

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 1-2, 18 set. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00003.pdf>.

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita. *O Guarany*, Rio de Janeiro, ano I, n. 37, p. 3-4, 13 dez. 1871. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=748390&pagfis=291>>.

²⁶ susceptibilidades] suscetibilidades – em ESP2009.

²⁷ alta.] alta, – em GUAR.

²⁸ alheia.] alheia. – em GUAR.

²⁹ à] a – em ESP e em GUAR.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.
Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Belo Horizonte: Garnier, 2006.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

AQUARELAS*

II

O PARASITA

(continuação)

O parasita literário tem os mesmos traços psicológicos do outro parasita, mas não deixa de ter uma afinidade latente com o fanqueiro literário. A única diferença está nos fins, de que se afastam léguas; aquele é porventura mais casto, e não tem mira no resultado pecuniário – que parece inspirar o fanqueiro. Justiça seja feita.

A imprensa é a mesa do parasita literário; senta-se a ela com toda a sem-cerimônia; come e distribui pratos com o sangue frio mais alemão deste mundo – diante da paciência pública – que vacila sobre os seus eixos. Um amigo meu define perfeitamente este curioso animal; chama-o *Vieirinha da literatura*. Vieirinha, lembro ao leitor, é aquela personagem que todos têm¹ visto em um drama nosso.²

De feito, este parasita é um Vieirinha, sem tirar nem pôr; cortesão das letras cerca-as de cuidados, sem alcançar o menor favor das musas.

Segue-as por toda a parte, mas sem poder tocá-las. Só não sobe ao monte sagrado,³ porque é uma excursão difícil, e só dada a pés mais de ferro, e a vontades mais sérias. Ali, ficam eles nas fraldas, soltando uma orquestra de gemidos, até que o velho cavalo os vem despedir com uma amabilidade de pata sofrivelmente acerba.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 6, p. 1-3, 9 out. 1859) e ESP2009 (p. 45-50). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Víctor Freitas, Beatriz Lúcia da Silva.

¹ têm] tem – em ESP. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Moraes Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

² Vieirinha: personagem de *As asas de um anjo*, de José de Alencar, peça que foi representada no teatro Ginásio Dramático, com estreia em 30 de maio de 1858. (FARIA, 1987, p. 85) É um inescrupuloso, comete vilezas, vive à custa de mulheres. (ALENCAR, v. II, p. 200)

³ “Trata-se do Monte Parnaso, no sul da Grécia, dedicado a Apolo e às Musas, deusas inspiradoras das Artes.” (MOISÉS, 1967, p. 19, nota de rodapé) Como logo adiante Machado de Assis menciona “o velho cavalo” e sua “pata” (alusão ao Pégaso, cavalo mitológico alado, que, com uma patada fez nascer a fonte Hipocrene no monte Hélicon, cujas águas inspiravam os poetas), pode ser que o “monte sagrado” mencionado seja o Hélicon.

Um couce⁴ é sempre uma resposta às suas súplicas... Represália no caso.

Eterna lei das compensações!

Entre nós o parasita literário é uma individualidade que se encontra a cada canto. É fácil verificá-lo. Pegai em um jornal; o que vedes de mais saliente? uma fila de parasitas que deitam sobre aquela mesa intelectual, um chuvaireiro de prosa ou verso, sem dizer – água vai!⁵

Verificai-o!

O jornal aqui não é propriedade, nem da redação nem do público, mas do parasita. Tem também o livro, mas o jornal é mais largo, e mais fácil a contê-los.⁶

Às vezes o parasita associa-se e cria um jornal próprio.

Aqui é que não há escapar-lhe.

Um jornal todo entregue ao parasita, isto é, um campo vasto todo entregue ao disparate! É o rei Sancho na sua ilha!⁷

Ele pode parodiar o dito histórico: *l'état c'est moi!* porque as quatro ou seis páginas, na verdade, são dele, todas dele.⁸ Ele pode gritar ali, ninguém lho impedirá, ninguém; uma vez que não ofenda a moral pública. A polícia para onde começa o intelectual e o senso comum;⁹ não são crimes no código as ofensas a esses dois elementos de sociedade constituída.

Ora, sustentado assim pelos poderes, o parasita literário invade, como o Huno moderno, a Roma da intelectualidade, com a decência moral nos lábios, mas sem a decência intelectual.

Tem pois o jornal, próprio ou não próprio, onde pode sacudir-se a gosto, garantido pelas leis. Se desdenha o jornal tem ainda o livro.

O livro!

Tem ainda o livro, sim. Meia dúzia de folhas de papel dobradas, encadernadas, e numeradas é um livro; todos têm direito a esta operação simples, e o parasita por conseguinte.

Abrir esse livro e compulsá-lo, é que é heroico e digno de pasmo. – O que há por ali,¹⁰ santo Deus! Se é um volume de versos – temos nada menos que uma coleção de *pensamentos* e de notas arranhadas laboriosamente em harpas selvagens como um

⁴ couce] coice – em ESP2009.

⁵ “*sem dizer: água vai!*: sem avisar.” (NASCENTES, 1966, p. 13)

⁶ a contê-los.] de contê-los. – em ESP2009.

⁷ João Roberto Faria, em ESP2009, localiza a passagem referida por Machado de Assis no trecho em que “um duque e uma duquesa, por brincadeira, entregam o governo da ilha Baratária a Sancho Pança”. (2009, p. 50, nota 2). Ele toma posse da sua ilha no capítulo XLV da segunda parte do *D. Quixote de la Mancha*.

⁸ “*L'état c'est moi!*” – frase atribuída a Luís XIV (1638-1715), rei de França, nos tempos do absolutismo. Quanto aos periódicos, no século XIX, geralmente, eles tinham 4 ou 6 páginas.

⁹ senso comum;] senso comum: – em ESP2009.

¹⁰ ali,] aí, – em ESP2009.

tamoio. Se é prosa – temos um apontado¹¹ de frases descabeladas que se prendem entre si, segundo a opinião do autor. É muitas vezes um drama, um romance misterioso, de que o leitor não entende pitada. Se eu quisesse ferir individualidades, tocar em susceptibilidades,¹² desenrolaria aqui um sudário dessas invasões na literatura; mas o meu fim é o indivíduo, e não um indivíduo.¹³

O parasita literário vai ainda aos teatros. Esta invenção de recitar nos teatros, tirada da antiguidade grega, que levantava um bardo em um festim, como nos mostra a Odisseia,¹⁴ abriu um precedente, e deu azo ao abuso. A autoridade que é ainda a polícia, não indaga do mérito da obra, e quer apenas saber se há alguma cousa¹⁵ que fira a moral. Se não, pode invadir a paciência pública.

Todos os leitores estão de posse deste traço do parasita literário. As salas dos nossos teatros têm repercutido imensas vezes com esses arranhamentos de lira. Basta bater palmas de um camarote e ter alguns exemplares para distribuição; a plateia deve receber aquele aguaceiro intelectual.¹⁶

O parasita está debaixo do código.

Ora, o que admira no meio de tudo isto, é que sendo o parasita literário o vampiro da paciência humana, e o primeiro inimigo nacional, acha leitores, o que digo? adeptos, simpatias, aplausos!

Há quem lhes faça crer que alguma cousa lhes ruma pela cabeça como a André Chénier;¹⁷ eles, a quem já não faltava vontade de crer, aceitam como princípio evidente, essa solução do impossível, que a parvoíce lhe dá de boa vontade.

Que gente!

Os traços fisiológicos do parasita são especiais e característicos. Não podendo imitar os grandes homens pelo talento, copiam¹⁸ na postura e nas maneiras o que acham pelas gravuras e fotografias. Assumem a certo ar pedantesco,¹⁹ tomam um timbre

¹¹ apontado] amontoado – em ESP2009.

¹² susceptibilidades,] suscetibilidades, – em ESP2009.

¹³ indivíduo.] indivíduo – em ESP.

¹⁴ Odisseia,] *Odisseia*, – em ESP2009. Referência ao canto VIII da *Odisseia*, em que o aedo Demódoco recita um episódio da Guerra de Troia no meio da sala do banquete oferecido a Ulisses pelos feácios. (HOMERO, 2011, p. 237-239, versos 44-95)

¹⁵ cousa] coisa – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

¹⁶ Era comum no século XIX, entre jovens poetas, o hábito de recitar. Ubiratan Machado (2001, p. 104) afirma: “Para os recitativos, qualquer lugar e hora eram propícios.”

¹⁷ João Roberto Faria (2009, p. 50, nota 4) vê possível associação entre esta passagem e as últimas palavras do poeta, que foi guilhotinado durante a Revolução Francesa: “Apontando para a cabeça, que ia ser cortada, teria dito: ‘Pourtant, j’avais quelque chose là’. Em português: ‘No entanto, eu tinha algo nela’.” Machado de Assis traduziu-lhe um poema escrito na prisão – “A jovem cativa” –, que incluiu em *Crisálidas* (1864).

¹⁸ Note-se que o autor passa ao plural, fazendo a concordância com “os parasitas” – que não constam (no plural) no período anterior. Dirige, assim, o pensamento do leitor para a multiplicidade de casos da espécie – “o parasita”. Ao final do parágrafo, ele retoma a ideia geral, a espécie.

¹⁹ Assumem a certo ar pedantesco,] Assumem um certo ar pedantesco, – em ESP2009 (com registro da variante do texto-fonte no rodapé).

dogmático nas palavras; e ao contrário do fanqueiro que tem a espinha dorsal mole e flexível – ele não se curva nem se torce; a vaidade é o seu espartilho.

Mas por compensação, há a modéstia nas palavras ou certo abatimento, que faz lembrar esse *ninguém elogiado* da comédia.²⁰ Mas ainda assim vem a afectação;²¹ o parasita é o primeiro que está cômico de que é alguma coisa, apesar da sinceridade com que procura pôr-se abaixo de zero.

Pobre gente!

Podiam ser homens de bem, fazerem alguma coisa para a sociedade, honrar²² a massa nacional, contendo-se na sua esfera própria; mas nada, saem uma noite da sua nulidade e vão por aí matando a ferro frio...

É que tem o evangelho diante dos olhos...

Bem-aventurados os pobres de espírito.²³

O parasita ramifica-se e enrosca-se ainda por todas as vértebras da sociedade. Entra na igreja,²⁴ na política e na diplomacia; há laivos dele por toda a parte.

Na igreja²⁵ sob o pretexto do dogma, estabelece a especulação contra a piedade dos incautos, e das turbas. Transforma o altar em balcão e a âmbula em balança. Regala-se à custa de crenças e superstições, de dogmas ou preconceitos, e lá vai passando uma vida de rosas.

A história é uma larga tela dessas torpezas cometidas à sombra do culto.

O parasita da igreja²⁶ toda a idade média²⁷ o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam; depois, levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.

É um desmoroamento social. O parasita teve uma famosa ideia em embrenhar-se pela igreja. A dignidade sacerdotal é uma capa magnífica para a estupidez que toma o altar como um canal de absorver ouro e regalias.

Assim colocado no centro da sociedade, desmoraliza a igreja, polui a fé, rasga as crenças do povo. Entra, todos o consentem, no centro das famílias, sem haver sacudido

²⁰ João Roberto Faria (2009, p. 50, nota 5) sugere que a referência seja ao personagem “Ninguém”, que contracena com “Todo o Mundo”, no *Auto da Lusitânia*, de Gil Vicente. Nesta comédia, “Ninguém” representa os valores morais elevados, em oposição aos de “Todo o Mundo”.

²¹ affectação;] afetação; – em ESP2009.

²² “Podiam ser... fazerem... honrar”: observe-se o anacoluto (quebra na sintaxe), no tocante ao infinitivo flexionado.

²³ Referência bíblica: Mt 5,3.

²⁴ igreja.] Igreja, – em ESP2009. As variantes subsequentes de “igreja” (com inicial maiúscula), todas idênticas a esta, não serão anotadas.

²⁵ Na igreja] Na Igreja, – em ESP2009.

²⁶ da igreja] da Igreja, – em ESP2009.

²⁷ idade média] Idade Média – em ESP2009.

o pó das torpezas que lhe nodoa as sandálias. Dominou moralmente as massas, os espíritos fracos, as consciências virgens.

Esta transformação do parasita não tende por ora a desaparecer; a fogueira de J. Huss,²⁸ não queimou só o grande apóstolo, devorou também o vestíbulo desse edifício de misérias levantado por uma turba de parasitas, parasitas da fé, da moralidade e do futuro.

A nós o derrocar a cúpula.

Em política, galga, não sei como, as escadas do poder, tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo.

Exíguo de luz intelectual, – toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as maiorias. Não pensa mal! quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.

Deixá-los subir às mesas supremas do festim público. Mas tenham cuidado na solidez das cadeiras em que se sentarem.

Na diplomacia, é mais fácil o ingresso ao parasita. Encarta-se aí em qualquer legação ou embaixada, e vai saltitar em Paris ou em Viena. Lá representam tristemente a pátria que os viu nascer, na massa colectiva²⁹ da embaixada ou da legação. O que faz de melhor, esse *parvenu* sem gosto, é brilhar na arte das roupas como corifeu da moda que é. Já é muito.

Podia, se não temesse fatigar, fazer uma enumeração mais longa das famílias de parasitas que irradiam destas espécies cardeais. Seria, entretanto, uma longa história que demandaria mais largo espaço; e não caberia nestas ligeiras aquarelas.

O parasita é tão antigo, creio eu, como o mundo, ou pelo menos quase.

Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas.

Extinguir o parasita não é uma operação de dias, mas um trabalho de séculos. Os meios não os darei eu aqui. Reproduzo, não moralizo.

M-as.

²⁸ Jan Huss (Husinec, Boêmia, 1379? – Constança, 1415): religioso, pensador e reformador tcheco, foi executado na fogueira, acusado de heresia.

²⁹ colectiva] coletiva – em ESP2009.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

Referências

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ASSIS, Machado de. Aquarelas II. O parasita (continuação). *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 6, p. 1-3, 9 out. 1859.

Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/700037/per700037_1859_00006.pdf>.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CERVANTES, Miguel de. *O engenhoso fidalgo D. Quixote de La Mancha*. Tradução dos viscondes de Castilho e Azevedo. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FARIA, João Roberto. Organização, introdução e notas. Ver ASSIS, 2009.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

AQUARELAS*

III

O EMPREGADO PÚBLICO APOSENTADO

Os egípcios inventaram a múmia para conservarem o cadáver através dos séculos. Assim a matéria não desaparecia na morte; triunfava dela, do que temos alguns exemplos ainda.

Mas não existiu só lá esse facto.¹ O empregado público não se aniquila de todo na aposentadoria; vai além, sob uma forma curiosa, antediluviana, indefinível; o que chamamos empregado público aposentado.

Espelho à *rebours*,² só reflete o passado, e por ele chora como uma criança.³ É a elegia viva do que foi, salgueiro⁴ do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! abolir o método! desmoronar a ordem!

Atado assim ao poste do carrancismo, eterno lábaro do que é moderno,⁵ o empregado público aposentado é um dos tipos mais curiosos⁶ da sociedade. Representa

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 7, p. 1-2, 16 out. 1859), ESP2009 (p. 51-54). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ facto.] fato. – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

² à *rebours* (expressão francesa): às avessas.

³ criança.] criança – em ESP.

⁴ salgueiro: também conhecido como “chorão”, tem valor simbólico em diversas culturas; pode ser aqui, simplesmente, o equivalente de “símbolo”.

⁵ Esta passagem tem toda a aparência de contradição, uma vez que “lábaro” significa “insígnia, bandeira”. “Lábaro era o estandarte militar dos antigos romanos; por metonímia, podemos estender seu sentido àquele que o porta – donde a ideia de “combatente do (contra o) modernismo”. Sousa da Silveira (1951, p. 40-41) aponta exemplo, com a expressão “ofensa de Deus”, de ambiguidade do sentido da preposição “de”. Aponta, também, uma passagem de *Os Lusíadas* (canto V, estância 43), em que a preposição “de” tem sentido obscuro, e, por isso, foi motivo de polêmica. De nossa parte, não vemos tanto motivo para polêmica nesta fala de Adamastor: “Sabe que quantas naus esta viagem / Que tu fazes, fizerem de atrevidas / Inimiga terão esta paragem / Com ventos e tormentas desmedidas: / E da primeira armada que passagem / Fizer por estas ondas insofridas, / Eu farei d’improviso tal castigo / Que seja mor o dano que o perigo.” Não pode haver dúvida (em nosso entendimento) que o gigante faz ameaças *contra* os navegantes que se aventurarem por aquelas paragens. Embora Sousa da Silveira não aponte “contra” como um dos sentidos possíveis para a preposição “de”, nós o julgamos cabível. Podemos dizer: “o soldado foi um combatente *do* cristianismo” – em que o *do* é ambíguo: tanto o soldado pode ser cristão, como pode ser um inimigo *do* cristianismo.

⁶ um dos tipos mais curiosos] um dos mais curiosos tipos – em ESP2009.

o lado cômico das forças retroativas que equilibram os avanços da civilização nos povos.

É o tipo que hoje trago à minha tela. São variáveis o caráter e as feições desta individualidade, mas eu procurarei dar-lhe os traços mais finos, os mais vivos.

Conceber um aposentado sem caixa de rapé é conceber o sol sem luz, o oceano sem água.⁷ Uma pertence ao outro, como a alma pertence ao corpo; são inseparáveis. E têm⁸ razão! O que vale uma caixa de rapé não o compreende qualquer profano. É o adubo oportuno de uma conversa árida e suada sobre qualquer reforma do⁹ governo. É o meio de conhecimento com um potentado de quem se espera alguma coisa.¹⁰ É a boceta de Pandora. É tudo, quase tudo.

E não parece. Aquele utensílio tão mesquinho, em um outro qualquer está circunscrito na estreita esfera do nariz; nas mãos do aposentado, transforma-se; em vez de se tornar o depósito de um vício, torna-se o instrumento de certos factos políticos que muitas vezes parecem nascer de causas mais altas.

Este prestígio do empregado público aposentado não para só na boceta, estende-se por todos os acessórios¹¹ daquele curioso indivíduo. Na gravata, na presilha,¹² na bengala, há certo ar, uma nuance especial, que não está ao alcance de qualquer. Ou natureza, ou estudo, a aposentadoria traz ao empregado público esses dotes, como um presente de núpcias.

Ora apesar deste metódico das formas, não estão limitadas aí as vistas do aposentado. Há naquele cérebro alguma finura para se não entregar exclusivamente a essas ninharias. E a política? A política lá o espera; lá o espera o governo; lá o espera o teatro, as modas, os jornais, tudo o espera.

Não é maledicente, mas gosta de cortar o seu pouco sobre as cousas do país. Não é um vício, é uma virtude cívica: o patriotismo.

O governo, não importa a sua cor política, é sempre o bode expiatório das doutrinas retrógradas¹³ do empregado público aposentado. Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viúvo da secretaria, arqueólogo dos costumes, antiga vítima do ponto, que não compreende que haja nada além das raiais de uma existência oficial.

Todos os progressos do país estão ainda debaixo da língua fulminante deste cometa social. Estradas de ferro! é uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os

⁷ água.] água – em ESP.

⁸ têm] tem – em ESP. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

⁹ do] de – em ESP2009.

¹⁰ coisa.] coisa. – em ESP2009. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, não serão anotadas.

¹¹ acessórios] acessórios – em ESP2009.

¹² presilha.] perzilha, – em ESP.

¹³ retrógradas] retrógadas – em ESP.

meios clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro!

Desta sorte todas as instituições que respiram revolução na ordem estabelecida das cousas – podem contar com um contra do empregado público aposentado. Este meio mesmo de retratar à pena, como faço atualmente, revoltaria o espírito tradicional da grande múmia do passado. Uma inovação de mau gosto, dirá ele. É verdade; não representa apenas a superfície da epiderme, vai às camadas mais íntimas da matéria organizada.

O empregado público aposentado poderá deixar de comer, mas lá perder um jornal, lá perder um jubileu político ou sessão do parlamento, é tarefa que não lhe está nas forças.

O jornal é lido, analisado com toda a finura de espírito de que é ele capaz. Devora-o todo, anúncios e leilões; e se não vai ao folhetim, é porque o folhetim é frutinha do nosso tempo.

No parlamento, é um espectador sério e atencioso. Com a cabeça enterrada nas paredes mestras de uma gravata colossal ouve com toda a atenção, até os menores apartes, vê os pequenos movimentos, como profundo investigador das cousas políticas.

Ao sair dali¹⁴ o primeiro amigo que encontra tem de levar um aguaceiro de palavras e invectivas contra a marcha dos negócios mais interessantes do país.

De ordinário o aposentado é compadre ou amigo dos ministros, apesar das invectivas, e então ninguém recheia as pastas de mais memoriais e pedidos. Emprega os parentes e os camaradas, quando os emprega, depois de uma longa enfiada de rogativas importunas.

É sempre assim.

No sarau o empregado público aposentado é pouco cortês para com as damas; vai procurar emoções nas alternativas de um lindo baralho de cartas. Mas para não faltar ao programa, lá vai tachando de imoral aquele divertimento que tanto dinheiro absorve; fica-lhe a consciência.

Onde poderemos encontrar ainda o aposentado? Ele vai por toda a parte onde se é lícito rir e discutir, sem ofensa pública.

O leitor conhece decerto a individualidade de que lhe falo, é muito vulgar entre nós, e de qualidades tão especiais que a denunciam entre mil cabeças. Que lhe acha? Quanto a mim é inofensiva como um cordeiro.¹⁵ Deixem-no mirar-se no espelho dos velhos usos, falar em política, discutir os governos; não faz mal.

¹⁴ dali] dali, – em ESP2009.

¹⁵ cordeiro.] cordeiro – em ESP.

Em uma comédia do nosso teatro, há uma reprodução deste tipo, o Sr. Custódio do *Verso e reverso*.¹⁶ Mirem-se ali, e verão que apesar do estreito círculo em que se move, faz pálidos e mirrados estes ligeiros e maldistintos lineamentos.

M—as.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

Referências

ALENCAR, José de. *Verso e reverso*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.

ALENCAR, José de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. v. IV.

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ASSIS, Machado de. Aquarelas III. O empregado público aposentado. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-2, 16 out. 1859. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=75>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática da língua portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII. [Edição fac-similar de 1922]

¹⁶ *Verso e reverso*] *Verso e Reverso* – em ESP2009. Trata-se da comédia em dois atos de José de Alencar. Foi representada pela primeira vez no teatro Ginásio Dramático, no Rio de Janeiro, em 28 de outubro de 1857. Na lista dos personagens, Custódio é assim caracterizado: [*empregado aposentado*]. A segunda edição da peça traz o título *Verso e reverso* (1864). O parecer da Comissão de Censura do Conservatório Dramático traz o título *O Rio de Janeiro, verso e reverso*. O anúncio da peça, no *Diário do Rio de Janeiro*, em 28 de outubro de 1857, trazia o título *O Rio de Janeiro*, com o subtítulo “verso e reverso”. A bibliografia do autor, na edição da *Obra completa*, de José de Alencar (1960, v. IV, p. 1322), informa que o título da peça, na primeira edição (1857), era apenas *O Rio de Janeiro* – depois modificado pelo autor.

SILVEIRA, Sousa da. *Sintaxe da preposição de*. Rio de Janeiro: Simões, 1951.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

AQUARELAS*

IV

O FOLHETINISTA

Uma das plantas europeias que dificilmente se tem¹ aclimatado entre nós, é o folhetinista.

Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade.

Entretanto eu disse – *dificilmente* – o que supõe algum caso de aclimação séria. O que não estiver contido nesta exceção, vê já o leitor que nasceu enfezado e mesquinho de formas.

O folhetinista é originário da França, onde nasceu, e onde vive a seu gosto, como em cama no inverno.² De lá espalhou-se pelo mundo, ou pelo menos por onde maiores proporções tomava o grande veículo do espírito moderno; falo do jornal.

Espalhado pelo mundo, o folhetinista tratou de acomodar a economia vital de sua organização às conveniências das atmosferas locais.³ Se o tem conseguido por toda a parte, não é meu fim estudá-lo; cinjo-me ao nosso círculo apenas.

Mas comecemos por definir a nova entidade literária.

O folhetim, disse eu em outra parte, e debaixo de outro pseudônimo, o folhetim nasceu do jornal, o folhetinista por consequência do jornalista.⁴ Esta íntima afinidade é que desenha as saliências fisionômicas na moderna criação.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 9, p. 1-2, 30 out. 1859) e ESP2009 (p. 55-58) e MASA (p. 83-86). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda, João Vítor Freitas e Beatriz Lúcia da Silva.

¹ tem] têm – em ESP2009. As duas concordâncias – com o verbo no singular ou no plural – são possíveis.

² O folhetim, que surgiu no final do século XVIII, era originalmente um artigo de crítica teatral publicado em rodapé de jornal. A novidade, criada na França pelo abade Geoffroy, apareceu no *Journal des Débats*, e logo foi adotada por outros periódicos. Com o tempo passou a abordar outros assuntos amenos e de entretenimento. (MOISÉS, 2002, p. 231-232)

³ locais.] locais – em ESP. Há espaço destinado ao ponto (que não foi impresso – em fim de linha).

⁴ Machado de Assis afirmou isso em “A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista.” – texto publicado no *Correio da Tarde*, em 22 de outubro de 1858, assinado com o pseudônimo “?”. Esse texto, que pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*, foi localizado recentemente por Fernando Borsato. (Cf. BORSATO, dez. 2019; BORSATO, 2021)

O folhetinista é a fusão admirável do útil e do fútil, o parto curioso e singular do sério, consorciado com o frívolo. Estes dois elementos⁵ arredados como polos, heterogêneos como água e fogo, casam-se perfeitamente na organização do novo animal.⁶

Efeito estranho é este assim produzido pela afinidade assinalada entre o jornalista e o folhetinista. Daquele cai sobre este a luz séria e vigorosa, a reflexão calma, a observação profunda. Pelo que toca ao devaneio, à leviandade, está tudo encarnado no folhetinista mesmo; é capital próprio.

O folhetinista, na sociedade⁷ ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espanja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.

Assim aquinhoado pode dizer-se que não há entidade mais feliz neste mundo, exceções feitas. Tem a sociedade diante de sua pena, o público para lê-lo, os ociosos para admirá-lo, e as *bas-bleus*⁸ para aplaudi-lo.

Todos o amam, todos o admiram, porque todos têm⁹ interesse em estar de bem com esse arauto amável que levanta nas lojas do jornal, a sua aclamação hebdomadária.

Entretanto apesar dessa atenção pública, apesar de todas as vantagens de sua posição, nem todos os dias são tecidos de ouro para os folhetinistas. Há-os negros, com fios de bronze; à testa deles está o dia... adivinhem? o dia de escrever!

Não parece? pois é verdade puríssima. Passam-se séculos nas horas que o folhetinista gasta à mesa a construir a sua obra.

Não é nada, é o cálculo e o dever que vêm¹⁰ pedir da abstração e da liberdade – um folhetim! Ora quando há matéria e o espírito está disposto, a cousa¹¹ passa-se bem. Mas quando à falta de assunto se une aquela morbidez moral, que se pode definir por um amor ao *far niente*,¹² então é um suplício...

Um suplício sim.¹³ Os olhos negros que saboreiam essas páginas coruscantes de lirismo e de imagens, mal sabem às vezes o que custa escrevê-las.

Para alguns não procede este argumento; porque para alguns há provimento de matéria, certos livros a explorar, certos colegas a empobrecer...

⁵ elementos] elementos, – em ESP2009.

⁶ animal.] aminal. – em ESP.

⁷ sociedade] sociedade, – em MASA.

⁸ *bas-bleus*: mulheres pedantes, com pretensões literárias.

⁹ têm] tem – em ESP. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XXXIX), dá “tem” como uma das formas do plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “ter”.

¹⁰ vêm] vem – em ESP e em MASA. O “Epítome da gramática portuguesa”, de Antônio de Morais Silva (1813, p. XLV), dá “vem” como forma plural da terceira pessoa do presente do indicativo do verbo “vir”.

¹¹ cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA. As variantes subsequentes, todas idênticas a esta, nessas duas edições, não serão anotadas.

¹² amor ao *far niente* (expressão italiana): amor ao ócio.

¹³ Um suplício sim.] Um suplício, sim. – em ESP2009 (nesta edição, o editor registra em nota a ausência de vírgula no periódico; e a frase seguinte inicia novo parágrafo).

Esta espécie é uma aberração do verdadeiro folhetinista; exceções desmoralizadoras que nodoam as reputações legítimas.¹⁴

Escritas porém as suas tiras de convenção, a primeira hora depois é consagrada ao prazer de desferrar-se de uma maçada que passou. Naquela noite é fácil encontrá-lo no primeiro teatro ou baile aparecido.

A túnica de Nessus¹⁵ caiu-lhe dos ombros por sete dias.

Como quase todas as cousas deste mundo, o folhetinista degenera também.¹⁶ Algumas das entidades que possuem essa capa, esquecem-se de que o folhetim é um confeito literário sem horizontes vastos, para fazer dele um canal de incenso às reputações firmadas, e invectivas às vocações em flor, e aspirações bem-cabidas.

Constituído assim – *cardeal-diabo*¹⁷ da cúria literária, é inútil dizer que o bom senso e a razão friamente o condenam e votam ao ostracismo moral, ausência de aplausos e de apoio.

Não é este o único abuso que se dá. É costume de outros levantarem o folhetim como a chave de todos os corações, como a foice de todas as reputações indeléveis.

E conseguem...

Na apreciação do folhetinista pelo lado local, temo talvez cair em desagrado negando a afirmativa. Confesso apenas exceções. Em geral o folhetinista aqui é todo parisiense; torce-se a um estilo¹⁸ estranho, e esquece-se nas suas divagações sobre o *boulevard* e *Café Tortoni*,¹⁹ de que estão²⁰ sobre *mac-adam*²¹ lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio de um deserto.

¹⁴ legítimas.] legítimas – em ESP.

¹⁵ Nessus] Nesso – em ESP2009; Néssus – em MASA. Preservamos a grafia sem acento, forma latina do nome. Túnica de Nesso: túnica impregnada com uma mistura de sangue e sêmen de Nesso dada por ele a Djanira, depois de ferido mortalmente por Hércules (Hércules), em punição por haver tentado violentá-la. O centauro (Nesso) confiou a ela o segredo de que aquela peça de roupa faria seu marido voltar a ser fiel a ela em caso de traição. Ela fez isso, e Hércules morreu ao arrancar de si a túnica que se lhe colara ao corpo.

¹⁶ também.] também – em ESP.

¹⁷ Massaud Moisés (1967, p. 26, nota de rodapé) esclarece a expressão na seguinte nota: “*Cardeal-diabo* – O mesmo que *advogado do Diabo*. Vejamos o seu procedimento: ‘Introduzida a causa, examinam-se as peças do processo, e faz-se um inquérito sobre a sua validade. Propõe-se uma primeira dúvida que é: Consta das virtudes praticadas em grau heroico? Esta dúvida é discutida na *Congregação antepreparatória*, em presença do Cardeal que propõe a dúvida, e depois numa congregação preparatória em presença da Congregação dos Ritos, e finalmente numa Congregação geral em presença do Papa.’”

¹⁸ torce-se a um estilo] torce-se um estilo – em MASA.

¹⁹ *Café Tortoni*: “Na época, um dos mais conhecidos ‘cafés’ de Paris, situado no Boulevard des Italiens.” (FARIA, 2009, p. 58, nota 5)

²⁰ estão] está – em ESP2009 (nessa edição, a “correção” foi registrada em nota). Machado de Assis realizou a concordância do verbo com a ideia de muitos folhetinistas, subentendida na espécie “folhetinista”. Trata-se, em nosso entendimento, de um caso de silepse, ou anacolúcia.

²¹ *mac-adam*: “caminho ou estrada feita com pedra britada, que regada, e calcada com o rolo ou cilindro se calcina, e se forma em um corpo”. A palavra origina-se do nome de John London Mac Adam (1758-1836), engenheiro inglês que inventou esse processo de calçamento. Em português, a palavra, com a grafia “macadam” (hoje “macadame”), foi dicionarizada em 1858, na sexta edição do *Dicionário da língua portuguesa*, de Antônio de Morais Silva. Preservamos a grafia e o itálico empregados por Machado de Assis.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá; é inútil dizer que degeneram²² no físico como no moral.

Força é dizê-lo;²³ a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.²⁴

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicídio de originalidade e iniciativa.

M-as.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

Referências

ASSIS, Machado de. Aquarelas IV. O folhetinista. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-2, 30 out. 1859. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=101>>.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1967.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*.

Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

²² degeneram] degeneraram – em ESP2009.

²³ dizê-lo;] dizê-lo: – em ESP2009 e em MASA.

²⁴ Machado de Assis, ele próprio, foi o principal responsável pela aclimação do “folhetim”, que assumiria o nome de “crônica”, no Brasil.

BORSATO, Fernando. Ponto de interrogação: pseudônimo desconhecido e texto inédito de Machado de Assis. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, Universidade de São Paulo, v. 12, n. 28, p. 55-72, dez. 2019.

BORSATO, Fernando. *As assinaturas de Machado de Assis: estudo sobre as figurações da autoria*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2021. [Tese de doutorado]

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOISÉS, Massaud. Ver ASSIS, 1967.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

NASCENTES, Antenor. *Tesouro da fraseologia brasileira*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1966.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 6. ed. Lisboa: Tipografia de Antônio José da Rocha, 1858. 2t.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

A REFORMA PELO JORNAL*

Houve uma cousa¹ que fez tremer as aristocracias, mais do que os movimentos populares; foi o jornal. Devia ser curioso vê-las, quando um século despertou ao clarão deste *fiat* humano; era a cúpula de seu edifício que se desmoronava.

Com o jornal eram incompatíveis esses parasitas da humanidade, essas fofas individualidades de pergaminho alçado e leito² de brasões. O jornal que tende³ à unidade humana, ao abraço comum, não era um inimigo vulgar, era uma barreira... de papel, não, mas de inteligências,⁴ de aspirações.

É fácil prever um resultado favorável ao pensamento democrático. A imprensa que incarnava⁵ a ideia no livro, expendi eu em outra parte,⁶ sentia-se ainda assim presa por um obstáculo qualquer; sentia-se cerrada naquela esfera larga mas ainda não infinita; abriu pois uma represa que a impedia, e lançou-se uma noite aquele oceano ao novo leito aberto: o pergaminho será a atlântida⁷ submergida.

Por que não?

Todas as cousas estão em gérmen na palavra, diz um poeta oriental.⁸ Não é assim? o verbo é a origem de todas as reformas.

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: ESP (n. 8, p. 1-2, 23 out. 1859), ESP2009 (p. 59-62) e MASA (p. 80-83). Texto-base: ESP. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ cousa] coisa – em ESP2009 e em MASA. Em ambas essas edições, essa variante, nas ocorrências seguintes, não será anotada, no singular nem plural.

² leito] leitos – em ESP2009 e em MASA.

³ que tende] tende – em MASA.

⁴ inteligências,] inteligência, – em MASA.

⁵ A imprensa que incarnava] A imprensa que encarnava – em ESP2009; A imprensa, que encarnava – em MASA.

⁶ Referência ao texto “O jornal e o livro”, que pode ser lido neste número da *Machadiana Eletrônica*.

⁷ atlântida] Atlântida – em ESP2009 e em MASA.

⁸ Não identificamos o “poeta oriental” a que Machado de Assis se refere. Jean-Michel Massa, em “A biblioteca de Machado de Assis”, fez a seguinte observação sobre o “domínio oriental” naquela coleção: “A eventual presença do domínio oriental na obra de Machado de Assis é um problema ainda virgem na crítica deste autor. Uma comparação atenta dos textos em questão e das obras de Machado de Assis trará, talvez, uma luz nova sobre certos aspectos de sua obra e de seu pensamento.” (MASSA, 2001, p. 30)

Os hebreus, narrando a lenda do Gênesis,⁹ dão à criação da luz a precedência da palavra de Deus. É palpitante o símbolo. O *fiat* repetiu-se em todos os caos,¹⁰ e, cousa admirável! sempre nasceu dele alguma luz.

A história é a crônica da palavra. Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss,¹¹ no púlpito cristão,¹² Mirabeau, na tribuna republicana, todas essas bocas eloquentes, todas essas cabeças salientes do passado, não são senão o *fiat* multiplicado,¹³ levantado em todas as *confusões* da humanidade. A história, não é um simples quadro de acontecimentos; é mais, é o verbo feito livro.

Ora pois, a palavra, esse dom divino que fez do homem, simples matéria organizada, um ente superior na criação, a palavra foi sempre uma reforma. Falada na tribuna é prodigiosa, é criadora, mas é o monólogo; escrita no livro, é ainda criadora, é ainda prodigiosa, mas é ainda o monólogo; esculpida no jornal, é prodigiosa e criadora, mas não é o monólogo, é a discussão.

E o que é a discussão? A sentença de morte de todo o *statu quo*, de todos os falsos princípios dominantes. Desde que uma cousa é trazida à discussão, não tem legitimidade evidente, e nesse caso o choque da argumentação é uma probabilidade de queda.

Ora a discussão¹⁴ que é a feição mais especial, o cunho mais vivo do jornal é o que não convém exatamente à organização desigual e sinuosa da sociedade.

Examinemos.

A primeira propriedade do jornal é a reprodução amiudada, e o derramamento fácil em todos os membros do corpo social. Assim, o operário que se retira ao lar, fatigado pelo labor quotidiano, vai lá encontrar ao lado do pão do corpo, aquele pão do espírito, hóstia social da comunhão pública. A propaganda assim é fácil; a discussão do jornal, reproduz-se também naquele espírito rude, com a diferença que vai lá achar o terreno preparado. A alma torturada da individualidade ínfima, recebe, aceita, absorve sem labor, sem obstáculo aquelas impressões, aquela argumentação de princípios, aquela arguição de factos.¹⁵ Depois uma reflexão, depois um braço que se ergue, um palácio que se invade, um sistema que cai, um princípio que se levanta, uma reforma que se coroa.

Malévola faculdade – a palavra!

⁹ Gênesis,] *Gênesis*, – em ESP2009. (Ver Gn 1,1-31)

¹⁰ todos os caos,] todos caos, – em MASA.

¹¹ Jean Huss (Husinec, Boêmia, 1369? – Constança, 1415): religioso e reformador tcheco, precursor da Reforma. Morreu na fogueira, condenado pelo Concílio de Constança.

¹² Moisés no deserto, Demóstenes, nas guerras helênicas, Cristo, nas sinagogas da Galileia, Huss, no púlpito cristão,] Moisés, no deserto; Demóstenes, nas guerras helênicas; Cristo, nas sinagogas da Galileia; Hus, no púlpito cristão; – em MASA.

¹³ multiplicado,] multiplicado – em MASA.

¹⁴ Ora a discussão] Ora a discussão, – em ESP2009; Ora, a discussão – em MASA.

¹⁵ factos.] fatos. – em ESP2009 e em MASA.

Será ou não o escolha das aristocracias modernas, este novo molde do pensamento e do verbo?

Eu o creio de coração. Graças a Deus, se há alguma coisa a esperar é das¹⁶ inteligências proletárias, das classes ínfimas; das superiores, não.

As aristocracias dissolvem-se, diz um eloquente irmão d'armas.¹⁷ E é¹⁸ verdade. A ação democrática parece reagir sobre as castas que se levantam no primeiro plano social. Os próprios brasões já se humanizam mais, e alguns jogam na praça sem notarem que começam a confundir-se com as casacas do agiota.

Causa riso.

Tremem¹⁹ pois, tremem com este invento que parece querer abranger²⁰ os séculos – e rasgar desde já um horizonte largo às aspirações cívicas, às inteligências populares.

E se quisessem suprimi-lo? Não seria mau para eles; o fechamento da imprensa, e a supressão da sua liberdade, é a base atual do primeiro trono da Europa.²¹

Mas como! cortar as asas da²² águia que se lança no infinito, seria uma tarefa absurda, e, desculpem a expressão, um cometimento parvo. Os pergaminhos já não são asas de Ícaro. Mudaram as cenas; o talento tem asas próprias para voar; senso bastante para aquilatar as culpas aristocráticas e as proibidades cívicas.

Procedem estas ideias entre nós? Parece que sim. É verdade que o jornal aqui não está ainda na altura de²³ sua missão; pesa-lhe ainda o último elo. Às vezes leva a exigência até à letra maiúscula de um título de fidalgo.

Cortesania fina, em abono da verdade!

Mas, não importa! eu não creio no destino individual, mas aceito o destino colectivo²⁴ da humanidade. Há um polo atraente e fases a atravessar. – Cumpre vencer o caminho a todo o custo; no fim há sempre uma tenda para descansar, e uma relva para dormir.

M-as.

¹⁶ das] a das – em MASA.

¹⁷ Não identificamos o “eloquente irmão d'armas” mencionado por Machado de Assis.

¹⁸ E é] É a – em MASA.

¹⁹ Tremem] Treme – em MASA.

²⁰ parece querer abranger] parece abranger – em ESP2009.

²¹ Referência a Napoleão III (1808-1873), que, assumindo o poder em 1851, pôs fim à Segunda República Francesa e limitou a liberdade de imprensa e as liberdades individuais. A liberdade de imprensa, na França, só foi restabelecida em 1878.

Disponível em: <https://www.larousse.fr/encyclopedie/personnage/Napoléon_III/134750>.

²² da] de – em ESP2009.

²³ de] da – em ESP2009.

²⁴ colectivo] coletivo – em ESP2009 e em MASA

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

ESP – *O Espelho*.

ESP2009 – *O Espelho*, 2009.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

Referências

ASSIS, Machado de. A reforma pelo jornal. *O Espelho*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 1-2, 23 out. 1859. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=700037&pagfis=87>>.

ASSIS, Machado de. *O Espelho: revista semanal de literatura, modas, indústria e artes*. Ed. fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

ASSIS, Machado de. *O Espelho*. Organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Unicamp, 2009.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís. (Org.) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001. p. 21-90.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

Endereços eletrônicos

<https://www.larousse.fr>

NOTÍCIA DA ATUAL LITERATURA BRASILEIRA*

INSTINTO DE NACIONALIDADE¹

Quem examina a atual literatura brasileira² reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia,³ romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e não há negar⁴ que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e MAGALHÃES⁵ são assim continuadas pela geração já feita e pela

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: NM (v. III, n. 30, p. 107-108, 24 mar. 1873), REF (ano V, n. 203, p. 2-3, 5 set. 1873), NM (v. IX, n. 100, p. 90-91, abr. 1879), SEM (ano III, v. III, p. 298-299, 17 set. 1887; e ano III, v. III, p. 310, 24 set. 1887), CMA (p. 7-28), CLJ1937 (p. 125-146), CLJ1953 (p. 129-149), OCA1959 (v. III, p. 815-822), CCPT1964 (p. 93-107), OCA1994 (v. III, p. 801-809), OCA2008 (p. 1203-1211) e MASA (p. 429-441). Texto-base: NM (1873). A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos, Ivan Marcos Ribeiro e José Américo Miranda.

¹ Em SEM, este ensaio vem numa seção intitulada “Páginas esquecidas” – precedido da seguinte justificativa: “De vez em quando é bom e é, sobretudo, útil lançar uma vista retrospectiva ao nosso passado literário e artístico, porque só assim poderemos avaliar o progresso que tenhamos feito e julgar com acerto do grau de adiantamento, do real valor das nossas letras e das nossas artes no atual momento. / Melhor é isso ainda quando se pode fazer ouvir, hoje, uma voz autorizada que tenha julgado o Brasil literário de há 15 ou 20 anos, porque então os documentos pelos quais devemos julgar o atual serão isentos de suspeição. / Ora, nenhuma voz mais autorizada que a de Machado de Assis, que não é o chefe da literatura brasileira atual, porque a literatura de um país não tem chefe; pode ter mestres, sumidades, diretores do seu movimento, orientadores do seu espírito: – chefes não. / Machado de Assis é uma sumidade, um mestre. / Pareceu-nos que seria curioso desempoeirar do esquecimento, exhibir à luz do momento atual o que ele escreveu há 14 anos sobre a literatura brasileira. / Por isso encetamos em seguida a publicação de um notável estudo dado à estampa n’*O Novo Mundo*, número de 24 de Março de 1873, pelo eminente escritor das *Memórias póstumas de Brás Cubas*.” Na primeira ocorrência, a palavra “voz”, que italicizamos, vem grafada “vez”. Em CMA, o título original foi abreviado para “LITERATURA BRASILEIRA”, e o subtítulo recebeu tratamento gráfico que o realçou por negrito e caixa alta: “**INSTINTO DE NACIONALIDADE**”.

² literatura brasileira] Literatura Brasileira – em CCPT1964.

³ Poesia,] Poesia – em REF.

⁴ não há negar] não há como negar – em OCA2008.

⁵ GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e MAGALHÃES] Gonçalves Dias Porto-Alegre e Magalhães – em REF; GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE, e MAGALHÃES – em SEM. Grafamos “Porto-Alegre” com hífen, conforme está no *site* da Academia Brasileira de Letras, página do patrono da cadeira 32. (Cf. <<https://www.academia.org.br/academicos/araujo-porto-alegre>>)

que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de JOSÉ BASÍLIO DA GAMA e SANTA RITA DURÃO. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana,⁶ prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro⁷ nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente,⁸ para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo.⁹

Sente-se aquele instinto até nas manifestações da opinião, aliás mal formada¹⁰ ainda, restrita em extremo, pouco solícita, e ainda menos apaixonada nestas¹¹ questões de poesia e literatura.¹² Há nela um instinto que leva a aplaudir principalmente as obras que trazem os toques nacionais. A juventude literária, sobretudo, faz deste ponto uma questão de legítimo amor-próprio. Nem toda ela terá meditado os poemas de URUGUAI e CARAMURU¹³ com aquela atenção que tais obras estão pedindo; mas os nomes de BASÍLIO DA GAMA¹⁴ e DURÃO são citados e amados, como precursores da poesia brasileira. A razão é que eles buscaram em roda de si os elementos de uma poesia nova,

⁶ a vida brasileira e a natureza americana,] a vida brasileira americana, – em NM (1879).

⁷ Sete de Setembro] sete de setembro – em REF; sete de Setembro – em CMA, em CLJ1937 e em CLJ1953.

⁸ pausadamente,] pausadamente. – em NM (1873).

⁹ Machado de Assis, quinze anos antes, expressara esta mesma ideia em “Passado, presente e futuro da literatura”: “Para esta [a literatura] não há gritos do Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.” (ASSIS, 2013, p. 64)

¹⁰ mal formada] malformada – em MASA. O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* registra o adjetivo “malformado”; entretanto, entendemos que o adjetivo só se aplica a objetos plenamente constituídos – neste caso, o processo de formação da opinião não está concluído (o que é reforçado pelo “ainda”), donde ser “mal” um advérbio que modifica o adjetivo “formado” (distinguindo-se claramente de “malformado”). Há uma nuance semântica (a do inacabamento do processo) que se apagaria com a caracterização da opinião como “malformada”.

¹¹ nestas] nessas – em MASA.

¹² poesia e literatura.] Poesia e Literatura. – em CCPT1964.

¹³ URUGUAI e CARAMURU] “Uruguai” e “Caramuru” – em OCA2008; *Uruguai* e *Caramuru* – em CLJ1953 e em CCPT1964; *Uruguai* e *Caramuru* – em MASA. Durante algum tempo o poema de Basílio da Gama foi referido na imprensa com o título de “O Uruguai”: a *Marmota Fluminense* e a *Marmota*, periódicos de Paula Brito, anunciavam o volume publicado em 1855 (com o título *O Uruguai*) pela editora Dous de Dezembro, de propriedade do mesmo Paula Brito, como “O Uruguai”. Houve até edições com o título trocado para *O Uruguai*, como as de 1895 (precedida por um estudo crítico de Francisco Pacheco), a de 1900 (com anotações de J. Artur Montenegro), e a de 1920? (nas *Obras poéticas* de Basílio da Gama, organizadas inicialmente por Joaquim Norberto de Sousa Silva, com organização concluída e publicação por José Veríssimo). A edição da tradução inglesa do poema, por Richard Burton (1821-1890), publicada em 1983, com o fac-símile da primeira edição (1769), traz o título *The Uruguay* (Cf. TEIXEIRA, 1996, p. 123-168). O uso era mesmo bastante generalizado, conforme se vê, também, nos seguintes exemplos: na biografia de Basílio da Gama publicada no primeiro volume da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, em 1839; no índice (mas não na página em que aparecem trechos do poema) do *Parnaso brasileiro* (t. I, 1843), de João Manuel Pereira da Silva; na *História da literatura brasileira* (v. I, 1888), de Sílvio Romero; no *Dicionário bibliográfico brasileiro* (v. IV, 1898), de Sacramento Blake.

¹⁴ BASÍLIO DA GAMA] BASÍLIO DE GAMA – em NM (1879).

e deram os primeiros traços de nossa fisionomia literária, enquanto que¹⁵ outros, GONZAGA por exemplo, respirando aliás os ares da pátria,¹⁶ não souberam desligar-se das faixas da Arcádia nem dos preceitos do tempo. Admira-se-lhes o talento, mas não se lhes perdoa o cajado e a pastora, e nisto há mais erro que acerto.

Dado que as condições deste escrito o permitissem, não tomaria eu sobre mim a defesa do mau gosto dos poetas arcádicos nem o fatal estrago que essa escola produziu nas literaturas portuguesa e brasileira.¹⁷ Não me parece, todavia, justa a censura aos nossos poetas coloniais, iscados daquele mal; nem igualmente justa a de não haverem trabalhado para a independência literária, quando a independência política jazia ainda no ventre do futuro, e¹⁸ mais que tudo, quando entre a metrópole e a colônia criara a história¹⁹ a homogeneidade²⁰ das tradições, dos costumes e da educação. As mesmas obras de BASÍLIO DA GAMA e DURÃO quiseram antes ostentar certa cor local do que tornar independente a literatura brasileira,²¹ literatura que não existia²² ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora.

Reconhecido o instinto de nacionalidade que se manifesta nas obras destes²³ últimos tempos, conviria examinar se possuímos todas as condições e motivos históricos de uma nacionalidade²⁴ literária; esta investigação, (ponto de divergência

¹⁵ enquanto que] enquanto – em MASA. Domingos Paschoal Cegalla, em seu *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa* (1999, p. 141), diz que o termo “enquanto” une orações que expressam (a) fatos simultâneos e (b) fatos opostos. No segundo caso, a fim de ressaltar o contraste entre dois fatos, pode-se usar, em lugar de “enquanto”, a locução “enquanto que”, equivalente a “ao passo que”, como, por exemplo: “Uns trabalham enquanto que outros se divertem.” Cândido Jucá Filho, no *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa* (1986, p. 293) diz que “enquanto” equivale à expressão “enquanto que”, atestando a construção com abonações colhidas em Camilo Castelo Branco e José de Alencar. Laudelino Freire (1921, p. 170), em nota ao capítulo “O delírio”, de *Memórias póstumas de Brás Cubas*, escreveu: “Esta locução [enquanto que] tem sido inquinada de espúria, malsinada de francesismo. Heráclito Graça, porém, reputa-a de tão elevado quilate português como qualquer outra semelhante; e aqui está o esmeradíssimo autor do *Quincas Borba*, escritor exemplar, que a consagra expressão castiça.”

¹⁶ Nessa passagem, Machado de Assis dá a entender que a pátria de Tomás Antônio Gonzaga era o Brasil. Por muito tempo acreditou-se nisso. Entretanto, àquela altura (1873), já se sabia que Gonzaga nascera em Portugal. Em 1850, com base nas informações que surgiram com o “aparecimento dos papéis de justificação de solteiro, feita por Gonzaga, quando quis casar-se em Moçambique”, Francisco Adolfo de Varnhagen publicou na *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, um aditamento (à biografia de Gonzaga que ele publicara no mesmo periódico em 1849) em que noticiava a descoberta de que o poeta tinha nascido no Porto. Num segundo aditamento, publicado em 1867, Varnhagen dá notícia da descoberta da certidão de batismo do poeta. (Ver VARNHAGEN, 1849, p. 120; VARNHAGEN, 1850, p. 405 e VARNHAGEN, 1867, p. 425)

¹⁷ literaturas portuguesa e brasileira.] Literaturas Portuguesa e Brasileira. – em CCPT1964.

¹⁸ futuro, e] futuro, e, – em CLJ1937 e em MASA.

¹⁹ história] História – em CCPT1964.

²⁰ a homogeneidade] homogeneidade – em REF.

²¹ literatura brasileira.] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

²² existia] existe – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²³ destes] desses – em MASA.

²⁴ nacionalidade] nacionalidade – em SEM.

entre literatos)²⁵ além de superior às minhas forças, daria em resultado levar-me longe²⁶ dos limites deste escrito. Meu principal objeto é atestar o facto atual; ora, o facto²⁷ é o instinto de que falei, o geral desejo de criar uma literatura mais independente.

A aparição de GONÇALVES DIAS chamou a atenção das musas brasileiras para a história e os costumes indianos. Os *Timbiras*,²⁸ *I-Juca-Pirama*,²⁹ *Tabira*³⁰ e outros poemas do egrégio poeta acenderam as imaginações; a vida das tribos, vencidas há muito pela civilização, foi estudada nas memórias que nos deixaram os cronistas, e interrogadas dos poetas, tirando-lhes todos alguma coisa,³¹ qual um idílio, qual um canto épico.

Houve depois uma espécie de reação. Entrou a prevalecer a opinião de que não estava toda a poesia nos costumes semibárbaros anteriores à nossa civilização, o que era verdade,³² – e não tardou o conceito de que nada tinha a poesia com a existência da raça extinta, tão diferente da raça triunfante,³³ – o que parece um erro.

É certo que a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo³⁴ algum; e isto³⁵ basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os

²⁵ investigação, (ponto de divergência entre literatos)] investigação (ponto de divergência entre literatos) – em CLJ1937; investigação (ponto de divergência entre literatos), – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. A polêmica em torno da questão da nacionalidade da literatura brasileira teve início em 1843, com o artigo “Da nacionalidade da literatura brasileira”, publicado na *Minerva Brasiliense* por Santiago Nunes Ribeiro (1843, p. 7-23). A sequência dos debates publicados na imprensa foi estudada por Afrânio Coutinho em *A tradição afortunada*. Segundo esse autor, a polêmica foi encerrada justamente com a publicação deste ensaio de Machado de Assis: “Esse ‘sentimento íntimo’ [mencionado por Machado neste texto] não há dúvida que constitui a essência da nacionalidade literária.” (COUTINHO, 1968, p. 7) O “sentimento íntimo”, tal como aqui definido, foi a pá de cal na polêmica que se vinha desenvolvendo ao longo do século.

²⁶ levar-me longe] levar-me em longe – em NM (1879).

²⁷ facto atual; ora, o facto] facto atual, ora o facto – em REF; fato atual, ora o fato – em CMA e em CLJ1953; fato atual; ora, o fato – em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; fato atual: ora, o fato – em MASA.

²⁸ Os *Timbiras*.] *Os Timbiras*, – em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994; “Os Timbiras”, – em OCA2008; *Os timbiras*, – em MASA.

²⁹ *I-Juca-Pirama*.] *i-Juca-Pirama*, – em CMA; “I-Juca Pirama”, – em OCA2008; “I-Juca-Pirama”, – em MASA. Grafamos o título do poema conforme as melhores edições: grafado “Y-JUCA-PYRAMA” na primeira edição (*Últimos cantos*, 1851 – “Y-juca-pyrama” no índice), vem, sistematicamente, desde pelo menos a edição de Manuel Bandeira de 1944, grafado “I-Juca-Pirama”. Em nota ao título do poema, na primeira edição, escreveu Gonçalves Dias (1851, p. 291): “O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos – o que há de ser morto.” Esta nota foi assim transcrita por Manuel Bandeira (1944, t. 2, p. 35): “O título desta poesia, traduzido literalmente da língua tupi, vale tanto como se em português disséssemos ‘o que há de ser morto, e que é digno de ser morto.’” As palavras finais da nota de Manuel Bandeira talvez tenham sua origem no *Dicionário da língua tupi* (1858, p. 152), em que se lê (no verbete): “PYRÁMA, nota do supino passivo. *Y-juca-pyrama*, para se matar; cousa que há de ser morta e que é digna de ser morta.” Talvez a melhor grafia fosse “Y-juca-pyrama”.

³⁰ *Tabira*] “Tabira” – em OCA2008 e em MASA.

³¹ cousa,] coisa, – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

³² verdade,] verdade – em OCA2008 e em MASA.

³³ triunfante,] triunfante – em SEM, em CLJ1937 e em OCA2008; triunfante –, (com o travessão antes da vírgula) – em MASA.

³⁴ influxo] iufluxo – em SEM.

³⁵ isto] isso – em MASA.

títulos da nossa personalidade literária. Mas³⁶ se isto é verdade, não é menos certo que tudo é matéria de poesia, uma vez que traga as³⁷ condições do belo ou os elementos de que ele se compõe. Os que, como o Sr. VARNHAGEN,³⁸ negam tudo aos primeiros povos deste país, esses podem logicamente excluí-los da poesia contemporânea. Parece-me, entretanto, que,³⁹ depois das memórias que a este respeito escreveram os Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS,⁴⁰ não é lícito arredar o elemento indiano da nossa aplicação intelectual. Erro seria constituí-lo um exclusivo patrimônio da literatura brasileira;⁴¹ erro igual fora certamente a sua absoluta exclusão. As tribos indígenas, cujos usos e costumes JOÃO FRANCISCO LISBOA⁴² cotejava com o livro de TÁCITO⁴³ e os achava tão semelhantes aos dos antigos Germanos,⁴⁴ desapareceram, é certo, da região que por tanto tempo fora sua; mas a raça minadora⁴⁵ que as frequentou,⁴⁶ colheu

³⁶ Mas] Mas, – em CLJ1937.

³⁷ as] ao – em CMA.

³⁸ SR. VARNHAGEN,] sr. Varnhagen, – em OCA2008. Francisco Adolfo de Varnhagen (Sorocaba, 1816 – Viena, 1878), diplomata e historiador, tinha opiniões negativas sobre os índios – sobre isso, ver *Os índios bravos e o senhor Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen* (2000), de Laura Nogueira Oliveira.

³⁹ que,] que – em SEM.

⁴⁰ Srs. MAGALHÃES e GONÇALVES DIAS,] srs. Magalhães e Gonçalves Dias, – em OCA2008. As memórias a que Machado de Assis se refere são as seguintes: “Os indígenas do Brasil perante a História”, memória oferecida por Gonçalves de Magalhães ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, publicada no tomo XXIII da *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil* em 1860 (primeiro trimestre, p. 3-66), e, depois, incluída no volume *Opúsculos históricos e literários*, tomo VIII da obra do autor, em 1865 (p. 157-237); “Brasil e Oceania”, memória apresentada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e lida na augusta presença de Sua Majestade Imperial, por A. Gonçalves Dias, publicada na parte segunda do tomo XXX da *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil*, em 1867 (p. 5-192 – terceiro trimestre, e p. 267-396 – quarto trimestre), e, depois, publicada como v. VI das “Obras póstumas” do autor, em 1869 – esta memória, segundo declaração do próprio Gonçalves Dias, no “Prefácio” do seu *Dicionário da língua tupi*, chamada língua geral dos indígenas do Brasil (1858), lhe foi encomendada pelo Instituto. Gonçalves Dias morreu em 1864. Josué Montello (1942, p. 79) informa que a memória “Brasil e Oceania” havia sido escrita em 1850; e Manuel Bandeira (1959, p. 27), que foi lida em nove sessões consecutivas do Instituto, de 20 de agosto de 1852 a junho de 1853.

⁴¹ literatura brasileira,] Literatura Brasileira; – em CCPT1964.

⁴² João Francisco Lisboa (Pirapemas, MA, 1812 – Lisboa, 1863), jornalista e historiador, tratou deste tema no Livro V (“Índios”) dos “Apontamentos, notícias e observações para servirem à História do Maranhão” (*Jornal de Timon*, Maranhão, Tipografia Const. de I. J. Ferreira, p. 271, 1853). (Cf. <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=224588&pesq=tacito&pagfis=584>>) Essa obra teve outra edição, após a morte do autor, no segundo volume das *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. (São Luís do Maranhão, 1864 – v. I, e 1865, v. II, v. III, v. IV.)

⁴³ TÁCITO] TÁCITO, – em NM (1879).

⁴⁴ Germanos,] germanos, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁴⁵ minadora] dominadora – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Minador/minadora é palavra que existe na língua portuguesa, e, como provincianismo beirão, significa aquele que mina. Além disso, -dor é elemento (sufixo) que forma o nome de agentes da ação de numerosíssimos verbos da língua portuguesa. O verbo “minar”, por sua vez, pode significar “invadir às ocultas, solapar, atormentar, roubar”, ou, ainda, “alastrar, espalhar-se, consumir, corroer”. (Ver SILVA, 1954, v. 6, p. 807) Com esse conjunto de informações, é possível admitir que a palavra “minadora” seja a correta, no contexto em que se apresenta. O emprego da palavra “minador” por Machado de Assis tem ressonância ideológica: expressa a perspectiva do indígena – ao passo que “dominador” estaria vinculado ao ponto de vista do colonizador.

⁴⁶ frequentou,] frequentou – em CLJ1937 e em OCA1994.

informações preciosas e no-las transmitiu como verdadeiros elementos poéticos. A piedade, a minguaem outros argumentos de maior valia, devera ao menos inclinar a imaginação dos poetas para os povos que primeiro beberam os ares destas regiões, consorciando⁴⁷ na literatura os que a fatalidade da história⁴⁸ divorciou.

Esta é hoje a opinião triunfante. Ou já nos costumes puramente indianos, tais quais⁴⁹ os vemos nos *Timbiras*,⁵⁰ de GONÇALVES DIAS, ou já na luta do elemento bárbaro com o civilizado, tem a imaginação literária do nosso tempo ido buscar alguns quadros de singular efeito, dos quais citarei, por exemplo, a *Iracema*, do Sr. J. DE ALENCAR,⁵¹ uma das primeiras obras desse fecundo e brilhante escritor.

Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira,⁵² mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração. Os costumes civilizados, ou já do tempo colonial, ou já do tempo de hoje, igualmente oferecem à imaginação boa e larga matéria de estudo.⁵³ Não menos que eles, os convida a natureza americana, cuja magnificência e esplendor,⁵⁴ naturalmente⁵⁵ desafiam a poetas e prosadores. O romance sobretudo⁵⁶ apoderou-se de todos esses⁵⁷ elementos de invenção,⁵⁸ a que devemos,⁵⁹ entre outros, os livros dos Srs.⁶⁰ BERNARDO GUIMARÃES, que brilhante e ingenuamente nos pinta os

⁴⁷ consorciando] consorciando – em SEM.

⁴⁸ história] História – em CCPT1964.

⁴⁹ quais] quas – em SEM.

⁵⁰ nos *Timbiras*,] n' *Os Timbiras*, – em OCA1959 e em OCA1994; n' *Os Timbiras*, – em CCPT1964; n' "Os Timbiras", – em OCA2008.

⁵¹ Sr. J. de ALENCAR,] Sr. J. Alencar, – em OCA1994; sr. J. Alencar, – em OCA2008.

⁵² literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

⁵³ No tempo em que escreveu este ensaio, Machado de Assis estava compondo os poemas que reuniria, em 1875, em *Americanas*. Nessa obra, justamente, misturou poemas que tratavam da vida indiana ("Potira", "Niâni", "A visão de Jaciúca", "Lua nova", "Última jornada" e "Os Orizes"), da natureza americana ("A flor do embiroçu"), dos costumes civilizados do tempo colonial ("A cristã-nova" e "Os semeadores") e dos costumes civilizados dos tempos atuais ("José Bonifácio", "A Gonçalves Dias" e "Sabina"). Nesse livro, na primeira edição, há um único poema, – a "Cantiga do rosto branco" –, traduzido de Chateaubriand, que é uma canção de índios da América do Norte. Este poema foi suprimido do livro na edição das *Poesias completas* (1901).

⁵⁴ esplendor,] esplendor – em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

⁵⁵ naturalmente] naturalmente, – em MASA.

⁵⁶ O romance sobretudo] O romance, sobretudo, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994 e em OCA2008.

⁵⁷ esses] esse – em CLJ1937.

⁵⁸ O autor emprega a palavra "invenção", nesta passagem, com o sentido que ela tem na retórica clássica. Dante Tringali explica: "Invenção do latim 'inventio' se liga ao verbo 'invenire' = encontrar, descobrir, achar. Invenção é o ato de procurar e achar. [...] Num sentido amplo, generalizado, invenção se define pela coleta do material, o que quer que seja, provas ou não e que vai constituir o conteúdo de um texto." (TRINGALI, 1988, p. 62) Como se vê, "invenção", aqui, nada tem de "subjeto, romântico, moderno" – não tem o sentido de "criação", ou "ação de dar existência ao que não existe".

⁵⁹ devemos,] devemos; – em OCA1994 e em OCA2008.

⁶⁰ Srs.] srs. – em OCA2008.

costumes da região em que nasceu,⁶¹ J. DE ALENCAR,⁶² MACEDO, SÍLVIO DINARTE⁶³ (Escragnolle Taunay), FRANKLIN TÁVORA,⁶⁴ e alguns mais.

Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea;⁶⁵ é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam⁶⁶ de assunto local, doutrina⁶⁷ que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. GONÇALVES DIAS, por exemplo, com poesias próprias⁶⁸ seria⁶⁹ admitido no panteon⁷⁰ nacional; se exceptuarmos⁷¹ os *Timbiras*,⁷² os outros poemas americanos,⁷³ e certo número de composições, pertencem os seus versos pelo assunto a toda a mais humanidade, cujas aspirações, entusiasmo, fraquezas e dores geralmente cantam; e excludo daí as belas *Sextilhas de Frei Antão*,⁷⁴ que essas pertencem unicamente à literatura portuguesa,⁷⁵ não só pelo assunto que o poeta⁷⁶ extraiu dos historiadores lusitanos, mas até pelo estilo que ele habilmente fez antiquado. O mesmo acontece com

⁶¹ Bernardo Guimarães (Ouro Preto, 1825-1884) estreou com obras poéticas (*Cantos da solidão*, 1852, com segunda edição em 1858, acrescida de “Inspirações da tarde”; *Poesias*, 1865, contendo “Cantos da solidão”, “Inspirações da tarde”, “Poesias diversas”, “Evocações” e “A baía de Botafogo”), passando em seguida à ficção – até 1873 publicou: *O ermitão do Muquém ou História da fundação da romaria do Muquém, na província de Goiás*, 1869; *Lendas e romances*, contendo “Uma história de quilombolas”, “A garganta do inferno” e “A dança dos ossos”, 1871; *O seminarista*, 1872; *Histórias e tradições de Minas Gerais*, contendo “A cabeça de Tiradentes”, “A filha do fazendeiro” e “Jupira”, 1872; *O garimpeiro*, 1872; *O índio Afonso*, 1873. (Ver GUIMARÃES, 1959, p. XIX-XXII)

⁶² José Martiniano de Alencar (Vila de Mecejana, 1829 – Rio de Janeiro, 1877), até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *O guarani* (1857), *A viuvinha*, com *Cinco minutos* (1860), *Lucíola* (1862), *Diva* (1864), *Iracema* (1865), *As minas de prata* (1862-1866), *O gaúcho* (1870), *A pata da gazela* (1870), *A guerra dos mascates* (1871-1874), *O tronco do ipê* (1871), *Sonhos d’ouro* (1872), *Til* (1872) e *Alfarrábios* (1873).

⁶³ SÍLVIO DINARTE] SÍLVIO DINASTE – em NM (1873) e em NM (1879); Sílvia Dinaste – em REF. Sílvia Dinarte é pseudônimo de Alfredo d’Escragnolle Taunay (Rio de Janeiro, 1843-1899), visconde de Taunay, que, até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *A mocidade de Trajano* (1871), *Inocência* (1872) e *Lágrimas do coração, manuscrito de uma mulher* (1873).

⁶⁴ FRANKLIN TÁVORA,] Franklin Távora – em CLJ1937. João Franklin da Silveira Távora (Baturité, Ceará, 1842 – Rio de Janeiro, 1888), até 1873, tinha publicado os seguintes romances: *Os índios do Jaguaribe* (1862), *A casa de palha* (1866) e *Um casamento no arrabalde* (1869).

⁶⁵ errônea;] errônea: – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

⁶⁶ tratam] tratou – em NM (1873).

⁶⁷ doutrina] doutrina – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁶⁸ próprias] próprias, – em CLJ1937.

⁶⁹ seria] não seria – em SEM.

⁷⁰ panteon] panteão – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁷¹ exceptuarmos] excetuarmos – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁷² os *Timbiras*,] *Os Timbiras*, – em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994, “Os Timbiras”, – em OCA2008.

⁷³ americanos,] americanos – em MASA.

⁷⁴ *Sextilhas de Frei Antão*,] *Sextilhas de frei Antão*, – em OCA2008; “Sextilhas de frei Antão”, – em MASA.

⁷⁵ literatura portuguesa,] Literatura Portuguesa, – em CCPT1964.

⁷⁶ poeta] Poeta – em CCPT1964.

os seus dramas, nenhum dos quais têm⁷⁷ por teatro o Brasil. Iria longe se tivesse de citar outros exemplos de casa, e não acabaria se fosse necessário recorrer aos estranhos. Mas,⁷⁸ pois que isto vai ser impresso em terra americana e inglesa, perguntarei simplesmente se o autor⁷⁹ do *Song of Hiawatha*,⁸⁰ não é o mesmo autor⁸¹ da *Golden Legend*,⁸² que nada tem com a terra que o viu nascer, e cujo cantor admirável é;⁸³ e perguntarei mais se o *Hamlet*, o *Otelo*, o *Júlio César*, a *Julieta e Romeu*⁸⁴ tem⁸⁵ alguma cousa⁸⁶ com a história inglesa nem⁸⁷ com o território britânico, e se entretanto,⁸⁸ SHAKESPEARE não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.⁸⁹

Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas⁹⁰ tão absolutas que a empobreçam. O que se deve exigir do escritor,⁹¹ antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço. Um notável crítico da França,⁹² analisando há tempos um escritor escocês, MASSON,⁹³ com muito

⁷⁷ têm] tem – em NM (1879), em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. A concordância faz-se com os quatro dramas escritos por Gonçalves Dias: *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*.

⁷⁸ Mas,] Mas – em SEM.

⁷⁹ autor] Autor – em CCPT1964.

⁸⁰ *Song of Hiawatha*,] *Song of Hiawatha* – em SEM, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994 e em MASA; “*Song of Hiawatha*” – em OCA2008.

⁸¹ autor] Autor – em CCPT1964.

⁸² *Golden Legend*,] *Golden legend*, – em MASA. *The Song of Hiawatha* (1855), poema sobre a mitologia dos índios da América do Norte, e *The Golden Legend* (1855), poema dramático de assunto tomado à tradição medieval europeia, são obras de Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), poeta norte-americano.

⁸³ é;] é? – em NM (1879).

⁸⁴ *Romeu*] *Romeu*, – em CCPT1964.

⁸⁵ tem] têm – em NM (1879), em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Observe-se que a concordância pode ser feita apenas com o último elemento da enumeração – *Julieta e Romeu*. A inversão nos nomes de *Romeu e Julieta* faz-nos crer que Machado estava com a atenção voltada para os personagens. Registre-se, ainda, que a forma verbal “tem” podia ser usada como plural (Cf. SILVA, 1813, p. XXXIX).

⁸⁶ cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁸⁷ nem] ou – em NM (1879). O “nem” tem valor de “ou” em frases interrogativas. (JUCÁ FILHO, 1986, p. 524). Neste caso, a interrogação é indireta.

⁸⁸ e se entretanto,] e se, entretanto, – em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁸⁹ inglês.] inglês? – em NM (1879).

⁹⁰ doutrinas] doutrinas – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

⁹¹ escritor,] escritor – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

⁹² O crítico francês mencionado por Machado de Assis é Louis Étienne (1813-1875), que, na *Revue des Deux Mondes* de 15 de agosto de 1866 (v. 64, n. 4, p. 901-926), num ensaio intitulado “La critique contemporaine en Angleterre: II. David Masson.”, escreveu: “Cependant le *scotticisme* de M. Masson (je lui emprunte ce mot) n’est pas seulement de surface. Comme on peut être un parfait Breton sans parler toujours de l’ajonc et de la bruyère, M. Masson est bon Écossais sans dire un mot du chardon.” (p. 905)

⁹³ David Masson (1822-1853) foi um crítico literário escocês.

acerto dizia que do mesmo modo que se podia ser bretão⁹⁴ sem falar sempre do⁹⁵ tojo, assim MASSON era bom escocês,⁹⁶ sem dizer palavra do cardo, e explicava o dito acrescentando que havia nele um *scotticismo*⁹⁷ interior, diverso e melhor do que se fora apenas superficial.

Estes e outros pontos cumpria à crítica estabelecê-los, se tivéssemos uma crítica doutrinária, ampla, elevada, correspondente ao que ela é em outros países. Não a temos. Há e tem havido escritos que tal nome merecem, mas raros, a espaços, sem a influência quotidiana e profunda que deveram⁹⁸ exercer. A falta de uma crítica assim é um dos maiores males de que padece a nossa literatura; é mister que a análise corrija ou anime a invenção, que os pontos de doutrina⁹⁹ e de história se investiguem, que as belezas se estudem, que os senões se apontem, que o gosto se apure e eduque, para que a literatura¹⁰⁰ saia mais forte e viçosa, e se desenvolva¹⁰¹ e caminhe aos altos destinos que a esperam.¹⁰²

O ROMANCE

De todas as formas várias¹⁰³ as mais cultivadas atualmente no Brasil são o romance e a poesia lírica; a mais apreciada é o romance, como aliás acontece em toda a parte,¹⁰⁴ creio eu. São fáceis de perceber as causas desta¹⁰⁵ preferência da opinião, e por isso não me demoro em apontá-las. Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política,¹⁰⁶ e outros assim,

⁹⁴ bretão] Bretão – em NM (1879).

⁹⁵ do] de – em OCA2008.

⁹⁶ bom escocês,] bom Escocês, – em NM (1879); bem escocês, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; bom escocês – em MASA.

⁹⁷ *scotticismo*] *escotismo* – em MASA. O estrangeirismo aporuguesado (no original francês citado está “*scotticisme*”), empregado por Machado de Assis, equivale a escocêsismo: “o que é próprio dos escoceses nos seus costumes, linguagem, modas, etc.” (Ver AULETE digital).

⁹⁸ deveram] deveriam – em MASA.

⁹⁹ doutrina] doutrina – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁰⁰ literatura] Literatura – em CCPT1964.

¹⁰¹ eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa, e se desenvolva] eduque, e se desenvolva – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2008; eduque, para que a Literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva – em CCPT1964; eduque, para que a literatura saia mais forte e viçosa e se desenvolva – em MASA.

¹⁰² esperam.] esperam, – em REF. As ideias sobre o papel da crítica, presentes nesse parágrafo, haviam sido desenvolvidas por Machado de Assis em “Ideal do crítico” (texto publicado em 1865, no *Diário do Rio de Janeiro*, e que pode ser lido neste número da *Machadiana*).

¹⁰³ várias] várias, – em CLJ1937.

¹⁰⁴ em toda a parte,] em toda parte, – em CCPT1964 e em MASA. Machado de Assis, como os clássicos da língua portuguesa, não distinguia “todo o” e “toda a” de “todo” e “toda”, respectivamente – distinção que modernamente fazemos. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2007, p. 25) anotou: “Todo, no sentido de *cada*, ou *qualquer*, usa-o ora acompanhado de artigo, ora não.”

¹⁰⁵ desta] dessa – em MASA.

¹⁰⁶ de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política,] de filosofia, de linguística, de crítica histórica de alta política, – NM (1873), em REF, em SEM; de filosofia, de linguística, de crítica histórica e de alta política, – em NM (1879); de Filosofia, de Linguística, de Crítica Histórica, de alta Política, – em CCPT1964; de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política – em MASA. A pontuação depende de interpretação: tanto se pode dizer “de crítica história, de alta política”, como “de crítica histórica de alta política” – em que a “alta política” seria a matéria da “crítica histórica”. Não dispomos de informações claras sobre qual era o pensamento do autor.

que em alheios países achem¹⁰⁷ fácil acolhimento e boa extração; raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas. O romance pode-se dizer que domina quase exclusivamente. Não há nisto motivo de admiração nem de censura, tratando-se de um país que apenas entra na primeira mocidade, e esta não ainda¹⁰⁸ nutrida de sólidos estudos. Isto¹⁰⁹ não é desmerecer o romance, obra d'arte¹¹⁰ como qualquer outra, e exige¹¹¹ da parte do escritor qualidades de boa nota.

Aqui¹¹² o romance, como tive ocasião de dizer,¹¹³ busca sempre a cor local. A substância, não menos que os acessórios, reproduzem¹¹⁴ geralmente a vida brasileira em seus diferentes aspectos¹¹⁵ e situações. Naturalmente os costumes do interior são os que conservam melhor a tradição¹¹⁶ nacional; os da capital¹¹⁷ do país, e em parte¹¹⁸ os de algumas cidades,¹¹⁹ muito mais chegados à influência europeia, trazem já uma feição mista e ademães¹²⁰ diferentes. Por outro lado, penetrando no tempo colonial, vamos achar uma sociedade diferente, e dos livros em que ela é tratada¹²¹ alguns há de mérito real.

Não faltam a alguns de nossos romancistas qualidades de observação e de análise, e um estrangeiro não familiar com os nossos costumes achará muita página

¹⁰⁷ achem] acham – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. O uso do modo subjuntivo, nesta passagem, parece-nos inadequado. Talvez se trate de erro tipográfico: deveria ser “acham” (modo indicativo). Alterações na pontuação (troca da vírgula que vem depois de “assim” por ponto e vírgula; e, troca do ponto e vírgula que vem depois de “extração” por vírgula) poderiam, talvez, justificar o uso do modo subjuntivo, tornando mais claras as relações entre as ideias e ressaltando o valor concessivo do “que” no período: “Não se fazem aqui (falo sempre genericamente) livros de filosofia, de linguística, de crítica histórica, de alta política e outros assim; *que* em alheios países achem fácil acolhimento e boa extração, raras são aqui essas obras e escasso o mercado delas.” (grifo nosso)

¹⁰⁸ não ainda] ainda não – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁰⁹ Isto] Isso – em MASA.

¹¹⁰ obra d'arte] obra de arte – em CCPT1964 e em OCA2008.

¹¹¹ e exige] e que exige – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Trata-se de um anacoluto – o sujeito de “exige” é “romance” e não “Isto”. Augusto Moreno (citado por VIANA, in LOBO, 1942, p. 52, nota 2), sobre o anacoluto, afirma: “o *anacoluto* não deve banir-se totalmente da escrita vernácula: às vezes apresenta formas de construção tipicamente portuguesas, e que substituídas redundariam logo em perda de naturalidade e elegância.”

¹¹² Aqui] Aqui, – em CLJ1937.

¹¹³ dizer,] dizer – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹¹⁴ Observe-se que “reproduzem” concorda com a “substância” e os “acessórios”.

¹¹⁵ aspectos] aspetos – em CMA.

¹¹⁶ tradição] tradução – em NM (1873) e em SEM.

¹¹⁷ capital] Capital – em CCPT1964.

¹¹⁸ e em parte] e em parte, – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹¹⁹ e em parte os de algumas cidades,] e em parte, os de algumas cidades – em REF e em CMA; e em parte, os de algumas cidade, – em CLJ1937.

¹²⁰ ademães] ademanas – em REF, em CMA e CLJ1937; ademanas – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; ademãos – em MASA.

¹²¹ tratada] tratada, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

instrutiva. Do romance puramente de análise¹²² raríssimo exemplar temos, ou porque a nossa índole não nos chame para aí, ou porque seja esta casta de obras ainda incompatível com a nossa adolescência literária.

O romance brasileiro recomenda-se especialmente pelos toques do¹²³ sentimento, quadros da natureza e de costumes, e certa viveza de estilo mui adequada ao espírito do nosso povo. Há em verdade ocasiões em que essas qualidades parecem sair da sua medida natural, mas em regra¹²⁴ conservam-se estremes de censura, vindo a sair muita cousa¹²⁵ interessante, muita realmente bela. O espetáculo da natureza, quando o assunto o pede, ocupa notável lugar no romance, e dá páginas animadas e pitorescas,¹²⁶ e não as cito por me não divertir do objeto exclusivo deste escrito, que é indicar as excelências e os defeitos do conjunto,¹²⁷ sem me demorar em pormenores. Há boas páginas, como digo, e creio até que um grande amor a este recurso da descrição, excelente, sem dúvida, mas (como dizem os mestres)¹²⁸ de mediano efeito, se não avultam no escritor outras qualidades essenciais.

Pelo que respeita à análise de paixões e caracteres¹²⁹ são muito menos comuns os exemplos que podem satisfazer a crítica;¹³⁰ alguns há porém¹³¹ de merecimento incontestável. Esta é, na verdade, uma das partes mais difíceis do romance, e ao mesmo tempo dos¹³² mais superiores. Naturalmente exige da¹³³ parte do escritor dotes não

¹²² análise] análise, – em REF, em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Observe-se que vencer a limitação apontada pelo autor deste ensaio foi uma das tarefas que ele impôs a si mesmo.

¹²³ do] de – em MASA.

¹²⁴ em regra] em regra, – em OCA1959.

¹²⁵ cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹²⁶ pitorescas,] pictorescas, – em NM (1879). O emprego, por Machado de Assis, desta forma da palavra (“pitorescas”) escapou a Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2007, p. 26), que anotou: “Nos casos de sincretismo vocabular, apegam-se [Machado de Assis], às vezes, a uma das formas, e quase não se utiliza de outra. Escreve sempre *pintoresco*, e parece-me que nunca *pinturesco* ou *pitoresco*.”

¹²⁷ e os defeitos do conjunto,] o os defeitos do conjunto – em SEM.

¹²⁸ Não localizamos os “mestres” a que Machado de Assis se refere. Conhecemos, entretanto, a repulsa de Pierre-Jean de Béranger (1780-1857) pela descrição, declarada em correspondência enviada a Victor Hugo, quando este publicou o romance (rico em descrições) *Nossa Senhora de Paris* – pedindo-lhe a remessa de um exemplar do livro: “Meu caro Hugo, eu vos envio um homem de rins fortes, ombros largos, para carregar ‘Nossa Senhora de Paris’, que estou impaciente de ler, visto que todo o mundo me fala desse livro, e porque é obra vossa. Previno-vos todavia de que, inimigo do gênero descritivo, sei de antemão que há uma parte do romance de que serei mau juiz. Mas estou disposto a ser para o resto do livro o que sabeis que sou para todas as vossas produções.” (BÉRANGER apud CORREIA, 1957, p. 18)

¹²⁹ caracteres] caracteres, – em SEM; carateres – em CMA.

¹³⁰ a crítica;] à crítica, – em REF e em CMA; à crítica; – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹³¹ há porém] há, porém, – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹³² dos] das – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. Observe-se a silepse: o crítico concordou o “dos” com (a ideia de) romances.

¹³³ da] do – em REF.

vulgares de¹³⁴ observação, que, ainda em literaturas mais adiantadas,¹³⁵ não andam a roda¹³⁶ nem são a partilha do maior número.

As tendências morais do romance brasileiro são geralmente boas. Nem todos eles serão de princípio a fim irrepreensíveis;¹³⁷ alguma cousa¹³⁸ haverão¹³⁹ que uma crítica austera poderia apontar e corrigir. Mas o tom geral é bom. Os livros de certa escola francesa,¹⁴⁰ ainda que muito lidos entre nós, não contaminaram a literatura brasileira,¹⁴¹ nem sinto nela tendências para adotar as suas doutrinas,¹⁴² o que é já¹⁴³ notável mérito. As obras de que falo¹⁴⁴ foram aqui bem-vindas e festejadas, como hóspedes, mas não se aliaram à família nem tomaram¹⁴⁵ o governo da casa. Os nomes que principalmente seduzem a nossa mocidade são os do período romântico; os escritores¹⁴⁶ que se vão buscar para fazer comparações com os nossos,¹⁴⁷ – porque há

¹³⁴ de] da – em REF e em CMA.

¹³⁵ literaturas mais adiantadas,] literaturas mais adiantadas – em REF e em CMA; literatura mais adiantada, – em CLJ1937.

¹³⁶ a roda] à roda – em NM (1879); a rodo – em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Sobre a acentuação do “a” na expressão “a roda”, escreveu Aires da Mata Machado Filho (1969, v.1, p. 133), recorrendo à *Réplica*, de Rui Barbosa: “Correr *a roda*, ou dançar *a roda* não obrigariam a acentuação. Mas, em sendo *à roda* de alguém, ou de alguma coisa, a individuação desta, ou da pessoa, à roda de quem se opera o movimento, pressupõe a crase, e força o acento.” / Em face do exposto, teremos *a roda* sem acento, e *à roda de* com acento.” A expressão “a roda” deve ter o sentido aproximado de “no entorno”, isto é, a frase significa que esse tipo de romance não existe por aí (lá, “em literaturas mais adiantadas”). É este, aproximadamente, o sentido que a palavra tem na seguinte passagem da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto (1952, v. I, p. 329): “Após isto se pôs logo Antônio de Faria a correr toda a ilha em roda, para ver se havia nela alguma gente [...]”. Evidentemente, para se certificar da existência ou não de habitantes na ilha, seria necessário percorrê-la em toda a sua extensão, e não só andar à roda dela, isto é, ao redor dela. Curiosamente, o autor do ensaio diz mais à frente: “Escrever como Azurara ou Fernão Mendes seria hoje um anacronismo insupportável.”

¹³⁷ irrepreensíveis;] irrepreensíveis – em SEM.

¹³⁸ cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹³⁹ haverão] haverá – em REF e em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. O verbo “haver” nesta passagem tem o sentido de “ter” – o que ocorre com frequência em Machado (ver também nota 172). Aqui, o sujeito da oração é “eles”, os romances. Sobre os sentidos desses dois verbos (“haver” e “ter”) e os aspectos semânticos de seus empregos ao longo da história de língua portuguesa, afirma Said Ali (1957, p. 119): “Deixando a oração existencial de parte, ainda assim falharão os esforços para descobrir no seio da nossa língua a noção de posse perfeitamente identificada com o verbo *haver*. [...] averiguamos que na consciência geral vinham distribuídas pelos dois verbos acepções que a teoria ao presente supõe juntas em qualquer deles. Dava-se a *haver* o sentido característico de ‘adquirir’, ‘alcançar’, ‘obter’ e reservava-se *ter* para expressar a consequência duradoura desse ato, isto é, ‘manter’, ‘guardar’, ‘possuir’.”

¹⁴⁰ Massaud Moisés (1964, p. 99, em nota explicativa) diz que a expressão “certa escola francesa” deve se referir ao Realismo francês, iniciado na década de 1860.

¹⁴¹ literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

¹⁴² doutrinas,] doutrinas, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁴³ já] jé – em NM (1873).

¹⁴⁴ falo] falo, – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁴⁵ tomaram] tomoram – em NM (1879).

¹⁴⁶ escritores] escriptores – em REF.

¹⁴⁷ nossos,] nossos – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

aqui muito amor a essas comparações,¹⁴⁸ – são ainda aqueles com que o nosso espírito se educou,¹⁴⁹ os VICTOR¹⁵⁰ HUGOS, os GAUTIER, os MUSSETS, os GOZLANS,¹⁵¹ os NERVALS.¹⁵²

Isento por esse lado o romance brasileiro, não menos o está de tendências políticas, e geralmente de todas as questões sociais,¹⁵³ – o que não digo por fazer elogio, nem ainda censura, mas unicamente para atestar o facto.¹⁵⁴ Esta casta de obras¹⁵⁵ conserva-se aqui no puro domínio da imaginação,¹⁵⁶ desinteressada dos problemas do dia e do século, alheia às crises sociais e filosóficas. Seus principais elementos são, como disse, a pintura dos costumes, a¹⁵⁷ luta das paixões, os quadros da natureza, alguma vez estudo¹⁵⁸ dos sentimentos e dos caracteres,¹⁵⁹ com esses elementos, que são fecundíssimos, possuímos já uma galeria numerosa e a muitos respeitos notável.

No gênero dos contos, à maneira de HENRI MURGER,¹⁶⁰ ou à de TRUEBA,¹⁶¹ ou à de CHS. DICKENS,¹⁶² que tão diversos são entre si, têm havido¹⁶³ tentativas mais ou menos felizes, porém raras, cumprindo citar, entre outros, o nome do Sr.¹⁶⁴ LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR,¹⁶⁵ igualmente folhetinista elegante e jovial. É gênero difícil, a

¹⁴⁸ comparações.] comparações – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁴⁹ educou.] educou, – em REF.

¹⁵⁰ VICTOR] Vítor – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

¹⁵¹ os MUSSETS, os GOZLANS,] os Mnssets, os Gozlaus, – em REF; os Mussets, os Gozlan, – em CCPT1964.

¹⁵² NERVALS] Nervais – em OCA2008. Victor Hugo (1802-1885), Théophile Gautier (1811-1872), Alfred de Musset (1804-1880), Léon Gozlan (1803-1866) e Gérard de Nerval (1808-1855): escritores franceses, autores de romances.

¹⁵³ sociais.] sociais – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

¹⁵⁴ facto.] fato. – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁵⁵ obras] obras, – em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁵⁶ da imaginação.] de imaginação, – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; de imaginá-lo, – em CLJ1937. Em NM (1873), a vogal da preposição “de/da” é ilegível.

¹⁵⁷ a] e – em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁵⁸ estudo] o estudo – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁵⁹ caracteres.] caracteres; – em NM (1879), em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959 e em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; caracteres. – em SEM; carateres; – em CMA.

¹⁶⁰ HENRI MURGER] Henr Murger – em REF. Henri Murger (Paris, 1822-1861), escritor de rica fantasia, autor de *Cenas da vida boêmia*.

¹⁶¹ TRUEBA.] TENEBA, – em NM (1873), em REF, em NM (1879) e em SEM. Antonio de Trueba y de la Quintana (Montellano, 1819 – Bilbao, 1889), poeta, novelista e contista espanhol; toda a sua obra é uma glorificação das províncias bascas.

¹⁶² CHS. DICKENS.] Ch. Dickens, – em CMA, em CLJ1937, CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994; Charles Dickens, – em OCA2008 e em MASA. Charles Dickens (Landport, 1812 – Higham, 1870): escritor inglês, célebre por seus romances e contos. Machado de Assis traduziu grande parte de uma de suas obras, *Oliver Twist*. Segundo Jean-Michel Massa (2008, p. 38), para fazer a tradução Machado de Assis utilizou uma versão francesa.

¹⁶³ têm havido] tem havido – em SEM e em CLJ1937 e em MASA. Ocorre essa construção (verbo haver no plural, com o sentido de existir) em Machado de Assis, pelo menos até essa época.

¹⁶⁴ Sr.] sr. – em OCA2008.

¹⁶⁵ Luís Caetano Pereira Guimarães Júnior (Rio de Janeiro, 1847 – Lisboa, 1898) foi diplomata, poeta, romancista, contista e teatrólogo. No início da década de 1870, foi folhetinista no *Diário do Rio de Janeiro*, publicando aos domingos, entre 1870 e 1872, o folhetim “Revista do domingo”. Era amigo de Machado de Assis; algumas das ideias desenvolvidas neste ensaio já se encontravam esboçadas numa crítica a *Falenas* feita por ele. (Ver GUIMARÃES JÚNIOR, 1870)

despeito da sua aparente facilidade,¹⁶⁶ e creio que essa mesma aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores,¹⁶⁷ e não lhe dando, penso eu, o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor.¹⁶⁸

Em resumo, o romance, forma extremamente apreciada e já¹⁶⁹ cultivada com alguma extensão¹⁷⁰ é um dos títulos da presente geração literária. Nem todos os livros, repito, deixam de se prestar a uma crítica minuciosa e severa, e¹⁷¹ se a houvéssemos¹⁷² em condições regulares, creio que os defeitos se corrigiriam,¹⁷³ e as boas qualidades adquiririam maior realce. Há geralmente viva imaginação, instinto do belo, ingênua admiração da natureza, amor às cousas¹⁷⁴ pátrias,¹⁷⁵ e além de tudo isto¹⁷⁶ agudeza e observação. Boa e fecunda terra, já deu frutos excelentes,¹⁷⁷ e os há de dar em muito maior escala.

A POESIA

A ação da¹⁷⁸ crítica seria sobretudo eficaz em relação à poesia. Dos poetas que apareceram no decênio de 1850 a 1860, uns levou-os a morte ainda na flor dos anos, como ÁLVARES DE AZEVEDO, JUNQUEIRA FREIRE, CASIMIRO DE ABREU,¹⁷⁹ cujos nomes excitam na nossa mocidade legítimo e sincero entusiasmo, e bem assim outros de não menor porte. Os que sobreviveram calaram as líras,¹⁸⁰ e se uns voltaram as suas atenções para outro gênero literário, como BERNARDO GUIMARÃES,¹⁸¹ outros vivem dos

¹⁶⁶ Como no caso do romance de análise (ver nota 122), Machado de Assis também se dedicou intensamente ao conto (gênero cuja dificuldade ele aponta aqui).

¹⁶⁷ escritores.] escritores – em CLJ1937.

¹⁶⁸ credor.] credor, – em REF.

¹⁶⁹ e já] é já – em NM (1879).

¹⁷⁰ extensão] extensão, – em NM (1879), em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁷¹ severa, e] severa e – em REF; severa, e, – em CLJ1937 e em MASA.

¹⁷² Já observamos o uso frequente do verbo “haver” com o sentido de “ter” por Machado de Assis. Ver nota 139.

¹⁷³ corrigiriam.] corrigiriam – em CLJ1937.

¹⁷⁴ cousas] coisas – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁷⁵ pátrias.] pátrias – em CLJ1937.

¹⁷⁶ isto] isso – em MASA.

¹⁷⁷ excelentes.] excelentes – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁷⁸ da] de – em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁷⁹ Manuel Antônio Álvares de Azevedo (São Paulo, 1831 – Rio de Janeiro, 1852) teve sua obra publicada postumamente; Machado de Assis estudou-lhe a “Lira dos vinte anos” em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 26 de junho de 1866. Luís José Junqueira Freire (Salvador, 1832-1855): Machado de Assis estudou-lhe as “Inspirações do claustro”, em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, em 30 de janeiro de 1866. Casimiro José Marques de Abreu (Indaiáçu, Barra de São João, 1839-1860) foi amigo de juventude de Machado de Assis.

¹⁸⁰ líras.] líras; – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁸¹ Ver nota 61.

louros colhidos, se é que não preparam obras de maior tomo, como se diz de VARELA,¹⁸² poeta que já pertence ao decênio de 1860 a 1870. Neste último prazo outras vocações apareceram e numerosas, e basta citar um CRESPO,¹⁸³ um SERRA,¹⁸⁴ um TRAJANO,¹⁸⁵ um GENTIL HOMEM DE ALMEIDA BRAGA,¹⁸⁶ um CASTRO ALVES,¹⁸⁷ um LUÍS GUIMARÃES,¹⁸⁸ um ROSENDO MONIZ,¹⁸⁹ um CARLOS FERREIRA,¹⁹⁰ um LÚCIO DE MENDONÇA,¹⁹¹ e tantos mais,¹⁹² para mostrar que a poesia contemporânea pode dar muita coisa;¹⁹³ e se algum destes¹⁹⁴ como CASTRO ALVES, pertence à eternidade, seus versos podem servir e servem de incentivo às vocações nascentes.

Competindo-me dizer o que acho da atual poesia¹⁹⁵ atendo-me só aos poetas de recentíssima data, melhor direi a uma¹⁹⁶ escola agora dominante,¹⁹⁷ cujos defeitos me

¹⁸² Luís Nicolau Fagundes Varela (Rio Claro, 1841 – Niterói, 1875): a referência feita por Machado de Assis é ao poema *Anchieta ou O evangelho nas selvas*, em 10 cantos, cuja redação foi iniciada em 1871 e completada em 1874 – o poema foi publicado postumamente em 1875. Uma edição desse poema, baseada no manuscrito autógrafa, que se encontra na Biblioteca Municipal de São Paulo, foi preparada por Frederico José da Silva Ramos e publicada nas *Poesias completas*. (Cf. LIMA, 2003; VARELA, 1962)

¹⁸³ Ver nota 206.

¹⁸⁴ Ver nota 206.

¹⁸⁵ Trajano Galvão de Carvalho (Barcelos, MA, 1830 – São Luís, 1864) publicou *As três líras* (com Gentil Homem de Almeida Braga e Antônio Marques Rodrigues), em 1863.

¹⁸⁶ Gentil Homem de Almeida Braga (São Luís do Maranhão, 1835-1876) foi político, poeta e folhetinista. Usava o nome literário de Flávio Reimar, e teve seu livro *Entre o céu e a terra*, publicado em São Luís em 1869, elogiosamente criticado por Machado de Assis na *Semana Ilustrada* (30 jan. 1870).

¹⁸⁷ Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em Muritiba, BA, em 1847, e morreu em Salvador, em 1871. Machado de Assis, logo adiante, refere-se à morte precoce do poeta. Castro Alves esteve em contato com Machado de Assis, apresentado a ele por carta de José de Alencar, em 1868 – ocasião em que o poeta baiano leu para o crítico o drama *Gonzaga* e alguns poemas seus. (Cf. MACHADO, 2021, p. 45)

¹⁸⁸ Ver nota 165.

¹⁸⁹ MONIZ,] Moniz – em CCPT1964. Rosendo Moniz Barreto (Bahia, 1845 – Rio de Janeiro, 1897) publicou, até 1873, *Cantos da aurora* (1868) e *Voos icários* (1873).

¹⁹⁰ Carlos Augusto Ferreira (Porto Alegre, 1844 – Rio de Janeiro, 1913), poeta sul-rio-grandense, publicou, até 1873, os seguintes livros de poesias: *Cânticos juvenis* (1867), *Rosas loucas* (1868) e *Alcíones* (1872).

¹⁹¹ Lúcio Eugênio de Meneses e Vasconcelos Drummond Furtado de Mendonça (Piraí, 1854 – Rio de Janeiro, 1909) teve seu livro de poesias *Névoas matutinas* (1872) prefaciado por Machado de Assis e estudado por ele no ensaio “A nova geração” (*Revista Brasileira*, 1879). Foi um dos idealizadores e fundadores da Academia Brasileira de Letras.

¹⁹² tantos mais,] tantos mais- (com hífen em final de linha) – em SEM.

¹⁹³ coisa;] coisa; – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

¹⁹⁴ destes] destes, – em SEM, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁹⁵ poesia] poesia, – em SEM, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

¹⁹⁶ uma] unia – em OCA2008.

¹⁹⁷ Era grande o interesse de Machado de Assis pela “poesia atual”: em 1879, publicou, na *Revista Brasileira*, o ensaio crítico “A nova geração”, em que estudou 13 poetas “recentíssimos” (a obra mais antiga estudada neste ensaio foi *Névoas matutinas*, de Lúcio de Mendonça, publicado em 1872). Sobre essa “nova geração”, começou ele o seu texto da seguinte maneira: “Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova, – uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado. Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro nem sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou.” (ASSIS, 2019, p. 39-81)

parecem graves, cujos dotes – valiosos,¹⁹⁸ e que poderá dar muito de si, no caso de adotar a necessária emenda.¹⁹⁹

Não faltam à nossa atual poesia fogo nem estro.²⁰⁰ Os versos publicados são geralmente ardentes e trazem o cunho da inspiração. Não insisto na cor local; como acima disse, todas as formas a revelam com mais ou menos brilhante resultado,²⁰¹ bastando-me citar²⁰² neste caso, a²⁰³ outras duas recentes obras,²⁰⁴ as *Miniaturas* de GONÇALVES CRESPO²⁰⁵ e os *Quadros* de J. SERRA,²⁰⁶ versos estremados²⁰⁷ dos defeitos que vou assinalar. Acrescentarei que também não falta à²⁰⁸ poesia atual o sentimento da harmonia exterior. Que precisa ela então? Em que peca a geração presente? Falta-lhe um pouco mais de correção e gosto; peca na intrepidez às vezes da expressão, na impropriedade das imagens, na obscuridade do pensamento.²⁰⁹ A imaginação, que a há²¹⁰ deveras, não raro desvaira e se perde, chegando à obscuridade e à hipérbole,²¹¹

¹⁹⁸ dotes – valiosos,] dotes, valiosos, – em OCA2008.

¹⁹⁹ emenda.] emenda, – em REF.

²⁰⁰ estro.] astro. – em NM (1873) e em NM (1879).

²⁰¹ resultado,] resultado; – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁰² citar] citar, – em SEM.

²⁰³ caso, a] caso a – em REF; caso as – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁰⁴ Entenda-se: Seria um simples caso de objeto direto preposicionado, em estrutura frasal perturbada pela pontuação? Ou, numa outra tentativa de interpretação (mais complexa): “citar neste caso, [de preferência] a outras[, apenas] duas recentes obras”.

²⁰⁵ de GONÇALVES CRESPO] de o Gonçalves Crespo – em SEM.

²⁰⁶ O livro *Miniaturas*, de Gonçalves Crespo (Rio de Janeiro, 1846 – Lisboa, 1883), foi publicado em 1871; por ocasião de sua morte, Machado de Assis compôs um soneto em sua homenagem, que foi publicado na *Gazeta de Notícias* (8 jul. 1883), com o título “A volta do poeta”, e, depois, incluído em “Ocidentais”, nas *Poesias completas* (1901), tendo por título o nome do poeta. *Quadros*, de Joaquim Maria Serra Sobrinho (São Luís do Maranhão, 1838 – Rio de Janeiro, 1888), foi publicado em 1873 – e mereceu avaliação crítica de Machado de Assis, na *Semana Ilustrada* (2 fev. 1873).

²⁰⁷ estremados] extremados – em NM (1873), em REF e em NM (1879), em CLJ1937, em CLJ1953, em CCPT1964 e em MASA. Muito usados no século XIX, o verbo (estremar) e o adjetivo (estremado) tinham os sentidos de “separar” e “separado” (respectivamente) e parecem ter caído em desuso no século XX. Entendemos que o sentido é de “escolher apartando, separando”.

²⁰⁸ à] a – em CMA.

²⁰⁹ Nessas restrições que Machado de Assis faz à “nova geração” estão implícitas, por oposição, “as exigências clássicas de correção métrica e gramatical, de precisão vocabular e economia de figuras”, que mais tarde, por influência deste crítico, constituiriam “o dorso da doutrina formal parnasiana”. (RAMOS, 1986, p. 111) “Esses princípios são pregados pelos grandes da escola [parnasiana], como Olavo Bilac e Alberto de Oliveira, que seguem assim o ensinamento machadiano.” (RAMOS, 1967, p. 21) Sobre o papel de Machado nas origens do Parnasianismo brasileiro, escreveu Péricles Eugênio da Silva Ramos: “[...] Machado de Assis foi, criticamente e com sua poesia, um dos principais teóricos de nosso parnasianismo, cuja doutrina formal já vinha elaborando fazia tempo; [...]” “[...] – o cuidado métrico e rimático, a correção gramatical [...], a precisão vocabular, a poupança e a acessibilidade das figuras de pensamento – princípios esses que já antes da rotulação da poesia nova brasileira como ‘parnasiana’, na década de 80, tinham sido estabelecidos e fixados por Machado de Assis [...]” “Tais princípios não foram obtidos na pregação parnasiana francesa, mas no trato dos preceptistas clássicos e neoclássicos [...]” (RAMOS, 1964, p. 8-9)

²¹⁰ que a há] que há – em OCA1994 e em OCA2008.

²¹¹ à obscuridade e à hipérbole,] à obscuridade, à hipérbole, – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008; à obscuridade, a hipérbole, – em CLJ1937.

quando apenas brincava²¹² a novidade e a grandeza. Isto²¹³ na alta poesia lírica,²¹⁴ – na ode, diria eu, se ainda subsistisse a antiga poética;²¹⁵ na poesia íntima e elegíaca encontram-se os mesmos defeitos, e mais um amaneirado no dizer e no sentir, o que tudo mostra na poesia contemporânea grave doença²¹⁶ que é força combater.

Bem sei que as cenas majestosas da natureza americana exigem do poeta imagens e expressões adequadas. O condor que rompe dos Andes, o pampeiro que varre os campos do sul,²¹⁷ os grandes rios, a mata virgem com todas as suas magnificências de vegetação,²¹⁸ – não há dúvida que são painéis que desafiam o estro, mas, por isso mesmo que são grandes, devem ser trazidos com oportunidade,²¹⁹ e expressos com simplicidade. Ambas essas condições faltam à poesia contemporânea, e não é que escasseiem modelos, que aí estão,²²⁰ para só citar três nomes, os versos de BERNARDO GUIMARÃES, VARELA e ÁLVARES DE AZEVEDO. Um único exemplo bastará para mostrar que a oportunidade e a simplicidade são cabais²²¹ para reproduzir uma grande imagem ou exprimir uma grande ideia. Nos *Timbiras*,²²² há uma passagem em que o velho Ogib ouve censurarem-lhe o filho, porque se afasta dos outros guerreiros e vive só. A fala do ancião começa com estes primorosos versos:

“São torpes os anuns, que em bandos folgam,
São maus os caititus que em varas pascem.”²²³
Somente o sabiá geme sozinho,
E sozinho o condor²²⁴ aos céus remonta.”²²⁵

²¹² brincava] buscava – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²¹³ Isto] Isso – em MASA.

²¹⁴ poesia lírica,] poesia lírica, – em REF; poesia lírica – em SEM, em OCA2008 e em MASA.

²¹⁵ poética;] poética: – em CMA e em CLJ1937.

²¹⁶ doença] doença, – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²¹⁷ sul,] Sul, – em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²¹⁸ vegetação,] vegetação – em OCA2008 e em MASA.

²¹⁹ oportunidade,] oportunidade – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²²⁰ estão,] estão – em REF, em CMA e em CLJ1937.

²²¹ cabais] cabedais – em SEM.

²²² Nos *Timbiras*,] *N’Os Timbiras*, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2008; *NOs Timbiras*, – em CCPT1964.

²²³ São maus os caititus que em varas pascem:] São maus os caiteteis que em varas pascem: – em NM (1873), em REF, em NM (1879) e em SEM; *São maus os caiteteis que em varas pascem*; – em MASA; São maus os caitetus que em varas pascem: – em CMA e em CLJ1937. Em NM (1879) faltam os dois versos seguintes; no verso inicial abrem-se aspas (que não se fecham). Em Gonçalves Dias (Leipzig: Brockhaus, 1857, p. 20), este verso vem assim (sem as aspas): “São maus os caitetus, que em varas pascem.”

²²⁴ A palavra – “Condor” – traz inicial maiúscula em Gonçalves Dias (Leipzig: Brockhaus, 1857, p. 20).

²²⁵ Em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008, as aspas que abrem e fecham a citação dos quatro versos de Gonçalves Dias foram retiradas. Em MASA, não há aspas, e os versos vêm em itálico.

Nada mais oportuno nem mais²²⁶ singelo do que isto. A escola a que aludo²²⁷ não exprimiria a ideia com tão simples meios,²²⁸ e faria mal, porque o sublime é simples. Fora para desejar que ela versasse e²²⁹ meditasse longamente estes e outros modelos que a literatura brasileira²³⁰ lhe oferece. Certo, não lhe falta, como disse, imaginação; mas²³¹ esta tem suas regras, o estro²³² leis, e²³³ se há casos em que eles²³⁴ rompem as leis e as regras, é porque as fazem novas, é porque se chamam SHAKESPEARE, DANTE, GOETHE, CAMÕES.

Indiquei os traços gerais. Há alguns defeitos peculiares a alguns livros, como²³⁵ por exemplo, a antítese, creio que²³⁶ por imitação de VICTOR²³⁷ HUGO. Nem por isso acho menos condenável o abuso de uma figura que, se nas mãos do grande poeta produz grandes efeitos,²³⁸ não pode constituir objeto de imitação, nem sobretudo²³⁹ elemento²⁴⁰ de escola.

Há também uma parte da poesia,²⁴¹ que, justamente preocupada com a cor local, cai muitas vezes numa funesta ilusão. Um poeta não é nacional só porque insere nos seus versos muitos nomes de flores ou aves do país, o que pode dar uma nacionalidade de vocabulário e nada mais. Aprecia-se a cor local, mas é preciso que a imaginação,²⁴² lhe dê os seus toques, e que estes sejam naturais, não de acarreto. Os defeitos que resumidamente aponto não os tenho por incorrigíveis; a crítica os emendaria; na falta dela, o tempo se incumbirá de trazer às vocações as melhores leis.²⁴³ Com as boas qualidades que cada um pode reconhecer na recente escola de que falo, basta a ação do tempo, e²⁴⁴ se entretanto aparecesse uma grande vocação poética, que se fizesse

²²⁶ nem mais] nem – em SEM.

²²⁷ A escola a que se refere é o condoreirismo.

²²⁸ meios,] meios – em CLJ1937.

²²⁹ e] o – em SEM.

²³⁰ literatura brasileira] Literatura Brasileira – em CCPT1964.

²³¹ mas] mais – em NM (1873), em NM (1879) e em SEM.

²³² estro] estro, – em CLJ1937.

²³³ e] e, – em MASA.

²³⁴ Como não há antecedente que justifique o pronome no plural, devemos entender que se trata de um caso de silepse: o pronome concorda com a ideia de “integrantes da escola”. Pode-se entender também que o pronome vem anteposto aos nomes, que seriam os de Shakespeare, Dante, Goethe e Camões.

²³⁵ como] como, – em MASA.

²³⁶ que] quee – em SEM.

²³⁷ VICTOR] Vítor – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

²³⁸ efeitos,] efeitos – em SEM.

²³⁹ nem sobretudo] nem sobretudo, – em SEM.

²⁴⁰ elemento] elementos – em OCA1994.

²⁴¹ poesia,] poesia – em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²⁴² imaginação,] imaginação – em NM (1879), em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²⁴³ Em NM (1879), o parágrafo (assim como item sobre poesia) termina aqui; falta o período seguinte.

²⁴⁴ e] e, – em MASA.

reformadora, é fora de dúvida que os bons elementos entrariam em melhor caminho,²⁴⁵ e à poesia nacional restariam²⁴⁶ as tradições²⁴⁷ do período romântico.

O TEATRO

Esta parte pode reduzir-se a uma linha de reticência.²⁴⁸ Não há atualmente teatro brasileiro;²⁴⁹ nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se representa.²⁵⁰ As cenas teatrais deste país viveram sempre de traduções,²⁵¹ o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto público tocou o último grau²⁵² da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor²⁵³ obras severas de arte. Quem lhas receberia, se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, o canção,²⁵⁴ a mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores?

E todavia a continuar o teatro, teriam as vocações novas alguns exemplos,²⁵⁵ não remotos, que muito as haviam de animar. Não falo das comédias do PENA,²⁵⁶ talento sincero e original, a quem só faltou viver mais para aperfeiçoar-se e empreender²⁵⁷ obras de maior vulto; nem também das tragédias de MAGALHÃES e dos dramas de GONÇALVES DIAS, PORTO-ALEGRE e AGRÁRIO.²⁵⁸ Mais recentemente, nestes últimos doze ou quatorze anos, houve tal ou qual movimento. Apareceram então os dramas e

²⁴⁵ caminho,] caminho – em CLJ1937.

²⁴⁶ restariam] restaria – em NM (1873).

²⁴⁷ tradições] traduções – em CLJ1937.

²⁴⁸ reticência.] reticências. – em NM (1879) e em SEM.

²⁴⁹ brasileiro;] brasileiro, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁵⁰ se escreve, raríssima peça nacional se representa.] se representa. – em SEM.

²⁵¹ traduções,] tradições, – em NM (1873), em REF, em CMA e em CLJ1937.

²⁵² grau] grão – em MASA.

²⁵³ compor] comprar – em NM (1873), em REF, em SEM e em MASA.

²⁵⁴ A palavra “canção”, oriunda do francês, era nova na língua portuguesa. Antônio Houaiss (2001) dá a data de 1867 (*Semana Ilustrada*, n. 359, p. 2866, 27 out. 1867) como a do primeiro registro da palavra na língua escrita. Nessa publicação a palavra vem grafada “cancon”, sem itálico, como vem neste texto de Machado de Assis. Localizamos, entretanto, a palavra, em itálico, no mesmo periódico, em 1863 (ano III, n. 116, p. 923). Atualizamos a grafia.

²⁵⁵ exemplos,] exemplos – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁵⁶ Luís Carlos Martins Pena (Rio de Janeiro, 1815 – Lisboa, 1848), teatrólogo brasileiro, morto aos 33 anos de idade, celebrou-se por suas comédias, mas compôs também dramas. (SOUSA, 1960, t. II, p. 406-411)

²⁵⁷ empreender] empreheder – em SEM.

²⁵⁸ Domingos José Gonçalves de Magalhães (Rio de Janeiro, 1811 – Roma, 1882) compôs as tragédias *Antônio José ou O poeta e a Inquisição* e *Olgiato*. Antônio Gonçalves Dias (Caxias, MA, 1823 – naufrágio do “Ville de Boulogne”, baixo dos Atins, costa do Maranhão, município de Guimarães, 1864) escreveu os dramas *Patkull*, *Beatriz Cenci*, *Leonor de Mendonça* e *Boabdil*. Manuel de Araújo Porto-Alegre (Rio Pardo, RS, 1806 – Lisboa, 1879) foi autor de comédias e dramas (*O prestígio da lei*, *A escrava*, *O rei dos mendigos*, *Os voluntários da Pátria*; e a tragédia *Os Toltecas*). Agrário de Sousa Meneses (Bahia, 1834-1863) compôs, além de comédias, os dramas *Matilde*, *Calabar*, *Os miseráveis*, *Bartolomeu de Gusmão*, *O dia da independência*. (Ver SOUSA, 1960, t. II, p. 323-325, p. 207-209, p. 433-436 e p. 351-352, respectivamente)

comédias do Sr.²⁵⁹ J. DE ALENCAR, que ocupou o primeiro lugar na nossa escola realista,²⁶⁰ e cujas obras *Demônio Familiar* e *Mãe*²⁶¹ são de notável merecimento. Logo em seguida apareceram várias outras composições dignas do aplauso que tiveram, tais como os dramas dos SRS.²⁶² PINHEIRO GUIMARÃES, QUINTINO BOCAIUVA²⁶³ e algum mais;²⁶⁴ mas nada disso foi adiante.²⁶⁵ Os autores cedo se enfasiaram da cena,²⁶⁶ que a pouco e pouco foi decaindo até chegar ao que temos hoje, que é nada.

A Província²⁶⁷ ainda não foi de todo invadida pelos espetáculos de feira; ainda lá se representa²⁶⁸ o drama e a comédia,²⁶⁹ – mas não aparece, que me conste, nenhuma obra nova e original. E com estas poucas linhas fica liquidado este ponto.

A LÍNGUA

Entre os muitos méritos dos nossos livros nem sempre figura o da pureza da linguagem. Não é raro ver intercalado²⁷⁰ em bom estilo os solecismos da linguagem comum, defeito grave, a que se junta o da excessiva influência da língua francesa.²⁷¹ Este ponto é objeto de divergência entre os nossos escritores. Divergência digo,²⁷²

²⁵⁹ Sr.] sr. – em OCA2008.

²⁶⁰ realista,] realista – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008. O início do “teatro realista”, no Brasil, consistiu na atividade que se desenvolveu no teatro Ginásio Dramático (criado em 1855) – atividade da qual participou José de Alencar –, por oposição ao antigo teatro romântico, representado por João Caetano, que atuava à frente do teatro São Pedro de Alcântara. A partir de 1865, segundo João Roberto Faria (1993), o teatro cômico e musicado dominou a cena carioca.

²⁶¹ *Demônio Familiar e Mãe*] *Demônio familiar* e *Mãe* – em OCA2008 e em MASA. *Demônio familiar*: comédia em 4 atos, representada no teatro Ginásio Dramático em 1857; *Mãe*: drama em 4 atos, representado também no Ginásio Dramático em março de 1860. (Cf. ALENCAR, 1977; FARIA, 1987)

²⁶² Srs.] srs. – em OCA2008.

²⁶³ Francisco Pinheiro Guimarães (Rio de Janeiro, 1832-1877): autor de *História de uma moça rica* (1861) e *Punição* (1864), representadas no teatro Ginásio Dramático; Quintino Bocaiuva (Itaguaí, 1836 – Rio de Janeiro, 1912): jornalista, escritor, político e teatrólogo – autor, entre outras obras, de *O trovador* (1856), *Onfália* (1860), *Os mineiros da desgraça* (1862) e *A família* (1866). (Ver SOUSA, 1960, t. II, p. 276-277 e p. 122-123, respectivamente)

²⁶⁴ algum mais;] alguns mais; – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁶⁵ adiante.] adiante – em SEM.

²⁶⁶ cena,] cena – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁶⁷ Província] província – em REF, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²⁶⁸ representa] representam – em MASA.

²⁶⁹ comédia,] comédia – em CLJ1937, em OCA2008 e em MASA.

²⁷⁰ intercalado] intercalados – em SEM, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Sobre a “adverbialização de adjetivos”, diz Evanildo Bechara (2009, p. 294-295): “O critério formal de diferenciação das duas classes de modificador (adjetivo: modificador nominal; advérbio: modificador verbal) é a variabilidade do primeiro e a invariabilidade do segundo [...]” A proximidade com “ver” sugere o entendimento de que “intercalado” modifica o verbo.

²⁷¹ língua francesa.] Língua Francesa. – em CCPT1964.

²⁷² Divergência digo,] Divergência, digo – em MASA.

porque, se alguns caem naqueles defeitos por ignorância ou preguiça, outros há que os adotam por princípio, ou antes por uma exageração de princípio.

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos²⁷³ é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para América²⁷⁴ não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há portanto certos modos de dizer,²⁷⁵ locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito²⁷⁶ de cidade.

Mas se isto²⁷⁷ é um facto²⁷⁸ incontestável, e²⁷⁹ se é verdadeiro o princípio que dele se deduz, não me parece aceitável a opinião que admite todas as alterações da linguagem, ainda aquelas²⁸⁰ que destroem as leis da sintaxe e a essencial pureza²⁸¹ do idioma. A influência popular tem um limite; e o escritor não está obrigado a receber e dar curso a tudo o que o abuso, o capricho e a moda inventam e fazem correr. Pelo contrário, ele exerce também uma grande parte de influência a este respeito, depurando a linguagem do povo e aperfeiçoando-lhe a razão.²⁸²

Feitas as exceções devidas²⁸³ não se leem muito os clássicos no Brasil. Entre as exceções poderia eu citar até alguns escritores,²⁸⁴ cuja opinião é diversa da minha neste

²⁷³ quinhentos] quinhentos, – em REF, em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964 e em OCA1994.

²⁷⁴ América] a América – em REF, em SEM, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA. Gladstone Chaves de Melo (1972, p. 28), a propósito do pouco uso do artigo definido na obra de José de Alencar, escreveu: “Justifica-se [Alencar] da parcimônia no emprego do artigo, lembrando que o latim não possuía tal determinante, e alegando em seu favor o uso clássico e a eufonia.” Eis um exemplo análogo ao presente caso (machadiano), em José de Alencar (1960, v. IV, p. 960-961): “Os americanos do Norte desde muito já se emanciparam da tutela literária da Inglaterra. Chegará a vez da raça espanhola e brasileira. / Quando em vez de dez milhões, em que se conta um leitor por mil analfabetos, tivermos para nossos livros a circulação *que dá Estados Unidos* aos seus, nenhum escritor brasileiro se preocupará mais com a opinião que dele formarão em Portugal.” (grifo nosso) Nas “Notas de leitura de Machado de Assis”, que Mário de Alencar publicou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 2, p. 91-97, jan. 1911, em que Machado de Assis anotava seus “achados” nos autores clássicos da língua portuguesa, há esta indicação sob o nome de José de Alencar: “Nome com e sem artigo (Id. id. 44 [O *gaúcho*, v. II p. 44] *passim*).”

²⁷⁵ Há portanto certos modos de dizer,] Há, portanto, certos modos de dizer – em REF e em CMA; Há, portanto, certos modos de dizer, – em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁷⁶ ganham direito] ganham de direito – em NM (1879).

²⁷⁷ isto] isso – em MASA.

²⁷⁸ facto] fato – em CMA, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²⁷⁹ e] e, – em MASA.

²⁸⁰ aquelas] aqueles – em NM (1879).

²⁸¹ essencial pureza] essencial da pureza – em NM (1879).

²⁸² Observe-se que, nesta passagem, Machado de Assis se manifesta sobre o papel do escritor na legitimação das criações linguísticas do povo.

²⁸³ devidas] devidas, – em SEM, em CLJ1937 e em MASA.

²⁸⁴ escritores,] escritores – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

ponto, mas que sabem perfeitamente os clássicos.²⁸⁵ Em geral, porém, não se leem, o que é um mal. Escrever como AZURARA ou FERNÃO MENDES²⁸⁶ seria hoje um anacronismo insuportável. Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas²⁸⁷ da linguagem, desentranhar deles mil riquezas que, à força de velhas,²⁸⁸ se fazem novas,²⁸⁹ – não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo temos²⁹⁰ os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.

Outra cousa²⁹¹ de que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito e depressa;²⁹² tira-se disso glória, e não posso negar que é caminho de aplausos. Há intenção de igualar²⁹³ as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fossem neste caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta do²⁹⁴ mundo em oitenta dias;²⁹⁵ para uma obra-prima do espírito são precisos alguns²⁹⁶ mais.

Aqui termino esta notícia. Viva imaginação, delicadeza e força de sentimento,²⁹⁷ graças de estilo, dotes de observação e análise, ausência às vezes de gosto, carência²⁹⁸ às vezes de reflexão e pausa, língua nem sempre pura, nem sempre copiosa, muita cor

²⁸⁵ Entre os escritores contemporâneos de Machado de Assis, José de Alencar pode ser apontado como um dos que sabiam “perfeitamente os clássicos.” Gladstone Chaves de Melo (1972, p. 28) observa: “É importante notar que o grande romântico [Alencar] teve o cuidado de se defender das acusações [que lhe faziam os críticos] com o uso clássico e não com o uso popular brasileiro [...]” Nas “Notas de leitura de Machado de Assis”, já referidas na nota 274, em que Machado de Assis registrava as “preciosidades” que encontrava nos clássicos da língua portuguesa, além de José de Alencar, há um outro autor brasileiro: João Francisco Lisboa.

²⁸⁶ Gomes Eanes de Azurara (c. 1410 – c. 1474): cronista e historiador português; Fernão Mendes Pinto (1510?-1583), escritor português, autor da *Peregrinação*, publicada em Lisboa, em 1614.

²⁸⁷ apuradas] apurada – em NM (1873).

²⁸⁸ mil riquezas que, à força de velhas,] mil riquezas, que, à força de velhas – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁸⁹ novas,] novas – em OCA2008 e em MASA.

²⁹⁰ temos] têm – em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁹¹ cousa] coisa – em CLJ1953, em OCA1959, em OCA1994, em OCA2008 e em MASA.

²⁹² depressa;] depressa: – em SEM. Esse é um preceito que acompanhou o autor por muito tempo. Em carta a Carlos Magalhães de Azeredo, datada de 21 de julho de 1897, Machado de Assis (1969, p. 121) escreveria: “Estamos [você e eu] longe daquela pressa de outros, que apenas acabam de esboçar, logo passam ao prelo. Só resiste ao tempo o que se faz com ele.”

²⁹³ igualar] agualar – em SEM.

²⁹⁴ do] ao – em OCA2008.

²⁹⁵ O romance *Le tour du monde en quatre-vingts jours* foi publicado em folhetim, em *Les Temps*, em 1872, e em livro em 1873; tratava-se, portanto, de uma novidade literária.

²⁹⁶ são precisos alguns] são precisos alguns – em SEM; não precisos alguns – em OCA1994.

²⁹⁷ sentimento,] sentimentos, – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

²⁹⁸ carência] carências – em REF, em CMA, em CLJ1937, em CLJ1953, em OCA1959, em CCPT1964, em OCA1994 e em OCA2008.

local, eis aqui por alto os defeitos e as excelências da atual literatura brasileira,²⁹⁹ que há dado bastante e tem certíssimo futuro.

MACHADO DE ASSIS

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.
CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.
CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.
CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.
MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.
NM – *O Novo Mundo*.³⁰⁰
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2008 – *Obra completa*, 2008.
REF – *A Reforma*.
SEM – *A Semana*.

Referências

ALENCAR, José de. Questão filológica. In: *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1960. v. IV. p. 939-961.

ALENCAR, José de. *Teatro completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1977. 2v.

ALI, M. Said. *Dificuldades da língua portuguesa*. Estudos e observações. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 out. 1865. [Não disponível na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional]

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *O Novo Mundo*: periódico ilustrado do progresso da idade, New York, v. III, n. 30, p. 107-108, 24 mar. 1873. Disponível em: <<https://url.gratis/w4wY4>>.

ASSIS, Machado de. Literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Reforma*, Rio de Janeiro, ano V, n. 203, p. 2-3, 5 set. 1873. Disponível em: <<https://url.gratis/6fqzZ>>.

ASSIS, Machado de. *Americanas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

²⁹⁹ literatura brasileira,] Literatura Brasileira, – em CCPT1964.

³⁰⁰ O ensaio “Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade” foi publicado duas vezes neste periódico: daí o acréscimo, entre parênteses, adiante da abreviatura – NM –, das datas (1873) e (1879) – para indicar com precisão a localização das variantes do texto.

ASSIS, Machado de. A nova geração. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, t. II, p. 373-413, dez. 1879.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 142, p. 298-299, 17 set. 1887. Disponível em: <<https://url.gratis/ArAew>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 143, p. 310, 24 set. 1887. Disponível em: <<https://url.gratis/MIVBH>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. *A Semana*, Rio de Janeiro, ano III, v. III, n. 144, p. 116-117, 1 out. 1887. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=383422&pagfis=1159>>.

ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade. *O Novo Mundo*, New York, v. IX, n. 100, p. 90-91, abr. 1879. Disponível em: <<https://url.gratis/fv3fn>>.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. *Crítica* (Coleção feita por Mário de Alencar). Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis, Rio de Janeiro, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, v. 2, p. 91-97, jan. 1911. [publicadas por Mário de Alencar]

ASSIS, Machado de. *Machado de Assis*. Dir. Laudelino Freire. Rio de Janeiro: Revista de Língua Portuguesa, jan. 1921. [Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, v. II.]

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1937.

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: W. M. Jackson Inc., 1953.

ASSIS, Machado de. *Crônicas, crítica, poesia, teatro*. Organização, introdução, revisão de texto e notas de Massaud Moisés. São Paulo: Cultrix, 1964.

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Edição preparada por Carmelo Virgillo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. Instinto de nacionalidade. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. Orgs. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek e Daniela Mantarro Callipo. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 429-441.

ASSIS, Machado de. A nova geração. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 4, p. 39-81, jul.-dez. 2019.

BANDEIRA, Manuel. Ver DIAS, 1944.

BANDEIRA, Manuel. A vida e a obra do poeta. In: DIAS, Gonçalves. *Poesia completa e prosa escolhida*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 11-48.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BIOGRAFIA dos brasileiros ilustres pelas ciências, letras, armas e virtudes. José Basílio da Gama. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, t. I, n. 1, p. 117-119, 1º trimestre de 1839.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. v. IV. [Edição fac-similar do Conselho Federal de Cultura, 1970.]

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CORREIA, Hilário. Prefácio. In: HUGO, Victor. *Nossa Senhora de Paris*. São Paulo: Editora das Américas, 1957. t. I, p. 9-28.

COUTINHO, Afrânio. *A tradição afortunada* (O espírito de nacionalidade na crítica brasileira). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.

CRESPO, Antônio Cândido Gonçalves. *Miniaturas*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1871.

DIAS, Gonçalves. *Últimos cantos*. Rio de Janeiro: Tipografia de F. de Paula Brito, 1851.

DIAS, Gonçalves. *Os timbiras*: poema americano. Leipzig: F. A. Brockhaus, 1857. Disponível em: <<https://url.gratis/jGg7s>>.

DIAS, Gonçalves. *Dicionário da língua tupi chamada língua geral dos indígenas do Brasil*. Lípsia [Leipzig]: F. A. Brockhaus, 1858.

DIAS, Gonçalves. Brasil e Oceania. Memória apresentada ao Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico Brasileiro e lida na augusta presença de Sua Majestade Imperial por A. Gonçalves Dias. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico, e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, tomo XXX, parte segunda, terceiro trimestre, p. 5-192, e quarto semestre, p. 257-296, 1867.

DIAS, Gonçalves. *Brasil e Oceania*. Memória apresentada no I. H. e Geográfico Brasileiro. São Luís do Maranhão: s.e., 1869. [Obras póstumas de A. Gonçalves Dias, precedida de uma notícia da sua vida e obras pelo dr. Antônio Henriques Leal, v. VI.]

DIAS, Gonçalves. *Obras poéticas de A. Gonçalves Dias*. Organização, apuração do texto cronologia e notas por Manuel Bandeira. São Paulo: Nacional, 1944. 2t.

ÉTIENNE, Louis. La critique contemporaine en Angleterre: II. David Masson. *Revue des Deux Mondes*, Paris, v. 64, n. 4, p. 901-926, 15 août 1866.

FARIA, João Roberto. *José de Alencar e o teatro*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FARIA, João Roberto. *O teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Linguagem e estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2007.

FREIRE, Laudelino. Anotações. In: ASSIS, 1921, p. 157-181.

GUIMARÃES, Bernardo. *Poesias completas de Bernardo Guimarães*. Organização, introdução, cronologia e notas por Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1959.

GUIMARÃES JÚNIOR, Luís. Estudos literários. “Falenas, por Machado de Assis”. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 53, n. 36, p. 2, 5 fev. 1870.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das Dificuldades da Língua Portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

LIMA, Israel Souza. *Bibliografia dos patronos: Fagundes Varela & França Júnior*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003.

LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon*. Maranhão: Tipografia Const. de I J. Ferreira, 1853.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. São Luís do Maranhão: s.n., 1864 – v. I, e 1865, v. II, v. III, v. IV.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Pastorais e églogas*. Ensaio histórico-crítico, seleção, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana. Porto: Educação Nacional, 1942.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *Grande coleção da língua portuguesa*. São Paulo: Urupês, 1969. 5v.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Os indígenas do Brasil perante a História. Memória oferecida ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil por D. J. G. de Magalhães. *Revista Trimensal do Instituto Histórico Geográfico Etnográfico do Brasil*, t. XXIII, p. 3-66, primeiro trimestre, 1860.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Os indígenas do Brasil perante a História. Memória oferecida ao Instituto Histórico Geográfico Etnográfico do Brasil em 1859. In: *Opúsculos históricos e literários*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1865. p. 155-237.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálida, 2008.

MELO, Gladstone Chaves de. *Alencar e a “língua brasileira”*. 3. ed. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MONTELLO, Josué. *Gonçalves Dias: ensaio biobibliográfico*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1942.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. *Os índios bravos e o senhor Visconde: os indígenas brasileiros na obra de Francisco Adolfo de Varnhagen*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2000. [Dissertação de mestrado]

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação [de Fernão Mendes Pinto] seguida das suas cartas*. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, 1952 (v. I) e 1953 (v. II). [Versão integral em Português moderno, por Adolfo Casais Monteiro.]

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Apresentação. In: *Machado de Assis: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1964, p. 5-13. [Nossos Clássicos]

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Introdução. In: *Poesia parnasiana: antologia*. Introdução, seleção e notas de Péricles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Melhoramentos, 1967. p. 11-33.

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. A renovação parnasiana na poesia. In: COUTINHO, Afrânio. (Dir.) *A literatura no Brasil*. 3. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. p. 91-149.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Da nacionalidade da literatura brasileira. *Minerva brasiliense*, jornal de ciências, letras e artes, publicado por uma associação de literatos, Rio de Janeiro, n. 1, p. 7-23, 1º ago 1843.

SEMANA Ilustrada, Rio de Janeiro, ano III, n. 116, 1º mar. 1863. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=702951&pesq=cancan&pagfis=926>>.

SEMANA Ilustrada, Rio de Janeiro, ano VII, n. 359, 27 out. 1867. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/702951/per702951_1867_00359.pdf>.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1853. t. I.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960. 2t.

SERRA SOBRINHO, Joaquim Maria. *Quadros*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873.

SILVA, Antônio de Moraes. Epítome da gramática portuguesa. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. t. I, p. I-XLVIII.

TEIXEIRA, Ivan. Bibliografia ilustrada de *O Uruguay*. In: *Obras poética de Basílio da Gama*. Ensaio e edição crítica por Ivan Teixeira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 123-168.

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica* (A retórica como crítica literária). São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Anchieta ou O evangelho na selva*. Rio de Janeiro: Livraria Imperial de E. G. Possollo, 1875.

VARELA, Luís Nicolau Fagundes. *Poesias completas*. Introdução de Edgard Cavalheiro. Organização, revisão e notas de Frederico José da Silva Ramos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1962.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, segunda série, tomo quinto, n. 13, p. 120-136, 1849.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. Aditamento. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, segunda série, tomo XIII, 3º trimestre, p. 405, 1850.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. Tomás Antônio Gonzaga. 2º aditamento. *Revista Trimensal de História e Geografia ou Jornal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, tomo XXX, parte segunda, 4º trimestre, p. 425-426, 1867.

VIANA, Mário Gonçalves. Ver LOBO, 1942.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

Endereços eletrônicos

<https://www.academia.org.br/academicos/araujo-porto-alegre>

<https://aulete.com.br/>

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=224588&pesq=tacito&pagfis=584>

NOTAS DE LEITURA
(segunda parte)

ALGUMAS PALAVRAS E CRITÉRIOS DA EDIÇÃO

As “Notas de leitura” de Machado de Assis que aqui editamos e anotamos são as que Mário de Alencar publicou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, ano II, em 1911. Elas são continuação das “Notas” que vêm na *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 7 (p. 35-42, texto apurado; e p. 79-103, texto com aparato editorial), de jan.-jun. 2021.

O conjunto das notas publicado no segundo volume (ano II, 1911) da *Revista da Academia*, que vem neste número da *Machadiana Eletrônica*, abrange obras dos seguintes autores:

1. José de Alencar;
2. Diogo Bernardes;
3. Antônio José da Silva;
4. Luís de Camões;
5. Fernão Mendes Pinto;
6. Filinto Elísio;
7. Almeida Garrett;
8. Gil Vicente;
9. padre Manuel Godinho;
10. Heitor Pinto;
11. Correia Garção;
12. Damião de Góis;
13. frei Luís de Sousa;

14. Duarte Nunes de Leão;
15. João Francisco Lisboa;
16. Francisco Rodrigues Lobo;
17. [Antônio Ferreira];
18. Francisco de Sá de Miranda;
19. [Jorge Ferreira de Vasconcelos];
20. dom Francisco Manuel de Melo;
21. frei Amador Arrais;
22. João de Barros;
23. padre Antônio Vieira.

As anotações publicadas no segundo volume da *Revista da Academia Brasileira de Letras* foram tomadas às seguintes obras, dos mencionados autores:

De José de Alencar (indicado como Alencar) há duas anotações tomadas apenas a uma de suas obras:

1. *O gaúcho*.

Machado de Assis registrou essa obra da seguinte forma: Gaúcho; e na segunda anotação, assim, de forma abreviada: Id.

De Diogo Bernardes (anotado como Bernardes), são registradas apenas as écloas, que consultamos em *O Lima* (edição de 1596):

1. *O Lima*.

Machado de Assis registrou assim as écloas: Écl. XV, Id. e Écl. XVI.

De Antônio José da Silva (anotado como Antônio José), há registro de uma só comédia, que consultamos em *TEATRO cômico português ou Coleção das óperas portuguesas que se representaram na Casa do Teatro Público do Bairro Alto de Lisboa* (edição de 1759):

1. Guerras do alecrim e manjerona.

Machado de Assis registrou assim essa obra: *Guerras do Alecrim e Manjerona*.

De Camões, há anotações tomadas às seguintes obras, que consultamos em *Obra completa*, 2005 (a canção) e em *Obras de Luís de Camões*, 1863 (Filodemo e Os anfitriões):

1. Uma canção, a que Machado de Assis se referiu assim: *O Desespero*, Canç.
2. Filodemo.
Machado de Assis registrou esta obra assim: *Filodemo*, e, de forma abreviada, *Id.*
3. Os anfitriões.
Machado de Assis registrou essa obra assim: *Anfitrião*.

De Fernão Mendes Pinto (anotado como Fernão Pinto), há passagens desta obra:

1. *Peregrinação*.
Machado de Assis a registrou, de forma abreviada, na primeira anotação, assim: *Peregr.* (seguida da indicação de página); e, na segunda, apenas com indicação de volume e página, assim: 2 – 182.

De Filinto Elísio, há anotações tomadas às seguintes obras, que consultamos nas *Obras de Filinto Elísio* (1837-1839):

1. Márcio Coriolano.
Machado de Assis a registrou assim: *Márcio Coriolano*.
2. Oberon.
Machado de Assis a registrou assim: *Oberon*.
3. Um verso da “Epístola de Alfeno a Filinto” não teve sua localização anotada por Machado de Assis.
4. Mártires, ou Triunfo da religião cristã.
Machado de Assis a registrou assim: *Mártires*, e, de forma abreviada, *Id.*

De Almeida Garrett (indicado como Garrett), há anotação tomada à seguinte obra:

1. *Lírica* de João Mínimo.
Machado de Assis a registrou assim: *Lírica*.

De Gil Vicente, há uma anotação que não traz o título da obra – “(II, 182)” –, mas que localizamos. Trata-se da farsa “O juiz da Beira”, que consultamos em:

1. *Obras de Gil Vicente* corretas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro (1834).

Do padre Manuel Godinho, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus.

Machado de Assis registrou assim, de forma abreviada, essa obra: *Relação, Id. e id.*

De Heitor Pinto, há anotações da seguinte obra:

1. *Imagem da vida cristã.*

Machado de Assis anotou assim esta obra: *Imagens e Id.*

De Correia Garção (indicado apenas como Garção), há uma anotação de um verso de uma ode.

1. Ode X.

Machado de Assis registrou a obra assim: *Ode – X*. Encontramos essa ode com os números XIX e XX em duas edições diferentes.

De Damião do Góis há uma anotação da seguinte obra:

1. *Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel.*

Machado de Assis registrou assim esta obra: *Crônica.*

De frei Luís de Sousa, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Vida de dom frei Bartolomeu dos Mártires da ordem dos pregadores, Arcebispo, e Senhor de Braga.*

Machado de Assis registrou assim esta obra: *V. do Arc., Id. e Id.*

De Duarte Nunes de Leão há uma anotação da obra *Ortografia da língua portuguesa*, publicada em 1576, tomada de uma nota do t. III do *Parnaso lusitano* (publicado por Almeida Garrett em 1827).

1. Machado de Assis registrou assim estas duas obras: *Ortograf.* e *Parnaso Lusitano*.

De João Francisco Lisboa (referido como Lisboa), há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Obras de João Francisco Lisboa*.

Machado de Assis anotou apenas os volumes e páginas da obra, assim: I – 432 e II – 398.

De Francisco Rodrigues Lobo (referido como Rodrigues Lobo), há anotações da seguinte obra:

1. *Corte na aldeia, e noites de inverno*.

Machado de Assis registrou esta obra assim: *Corte na Aldeia, Id.* e *Id.*

De Antônio Ferreira, Machado de Assis transcreveu um verso, sem anotar seu nome, tomado à seguinte obra:

1. *Poemas lusitanos*.

Nas notas de Machado de Assis o verso vem à frente do nome de Sá de Miranda.

De Francisco de Sá de Miranda (referido como Sá de Miranda), há versos tomados às obras do poeta:

1. *Obras completas*.

Machado de Assis não registrou indicações da fonte que utilizou.

De Jorge Ferreira de Vasconcelos, sem registrar-lhe o nome, Machado de Assis anotou uma expressão, indicando a obra:

1. *Comédia Eufrosina*.

Machado de Assis registrou assim esta obra: *Eufr.*

De dom Francisco Manuel de Melo, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Carta de guia de casados.*

Machado de Assis registrou essa obra das seguintes formas: *Guia de Casados e Id.*

A edição que utilizamos para consulta foi a de 1873, preparada por Camilo Castelo Branco. Não localizamos a possível fonte de Machado de Assis.

De frei Amador Arrais, há anotações tomadas à seguinte obra:

1. *Diálogos.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Diál.* e *Id.* – no primeiro caso, a abreviatura *Diál.* vem seguida do número do diálogo, do capítulo e da página: o primeiro e o segundo indicados por algarismos romanos, o terceiro indicado por algarismos arábicos; no segundo caso, *Id.*, o diálogo vem indicado por *id.*, o capítulo por algarismos romanos e a página por algarismos arábicos.

Muito provavelmente, Machado de Assis leu a edição de 1846, que ele tinha em sua biblioteca, que existe no Real Gabinete Português de Leitura, e que traz as passagens transcritas por ele justamente nas páginas que indicou.

De João de Barros, há anotações de passagens das seguintes obras:

1. *Panegíricos.*

Machado de Assis registrou não a obra *Panegíricos*, mas o panegírico que contém o trecho transcrito, das seguintes formas: *D. João III e Id.*

2. *Década primeira da Ásia.*

Machado de Assis registrou essa obra, abreviadamente, das seguintes formas: *Déc.*, *Id.* e *Id.*

3. *Década terceira da Ásia.*

Machado de Assis registrou esta obra, abreviadamente, da seguinte forma: *Id.*

Do padre Antônio Vieira, há anotações das seguintes obras:

1. *Arte de furta*.

Machado de Assis registrou essa obra, na primeira passagem anotada, como *Arte de furta*. Na segunda passagem, indicou apenas o capítulo e a página: XXVII – 197.

2. *Sermões*.

Machado de Assis fez anotações dos seguintes sermões: “Sermão de D. Maria de Ataíde”, que vem nos *Sermões* (1959, t. XV) com o seguinte título: “Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde”; “Sermão contra a Holanda”, que vem nos *Sermões* (1959, t. XIV) com o seguinte título: “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”. Há ainda uma anotação de um sermão que Machado de Assis não identificou: trata-se do “Sermão da primeira domingo do Advento, pregado na Capela Real, no ano de 1650” (*Sermões*, 1959, t. I).

* * *

As anotações, por seu caráter informal, destinadas a uso pessoal pelo próprio autor delas, seguramente foram feitas em momentos diversos de leitura, sem uniformidade no registro das indicações bibliográficas, e, evidentemente, sem o rigor de uma obra acabada. Os manuscritos, que desconhecemos, supomos que não tivessem caligrafia muito cuidada – já que as anotações se destinavam apenas àquele que as registrou. Não sabemos se Mário de Alencar transcreveu à mão as notas machadianas ou se enviou ao prelo os manuscritos do escritor. O fato é que o texto publicado na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (v. I, jul. 1910, e v. II, jan. 1911) apresenta falhas (erros) que não podemos atribuir ao autor (muitas delas parecem erros tipográficos, leituras equivocadas do manuscrito, etc.). Diante disso, adotamos, na edição aqui apresentada, os seguintes critérios:

1. Atualizamos a ortografia dos textos. Respeitamos, entretanto, o emprego de iniciais maiúsculas e a pontuação (exceto nas indicações bibliográficas, que procuramos uniformizar). Eventuais intervenções ficaram anotadas no rodapé e, em alguns casos, foram comentadas.
- 2 Nas abreviaturas empregadas nas indicações bibliográficas, cuja forma respeitamos, adotamos a acentuação gráfica. A abreviatura *Id.*, frequentemente empregada ao longo das notas, nem sempre vem em itálico – uniformizamos a italicização e registramos no rodapé. Adotamos o itálico para os títulos de obras, que às vezes vêm em redondo, assim como passamos de itálico para redondo certas expressões que remetem a obras, sem que sejam o seu título – e anotamos no rodapé.
- 3 As indicações bibliográficas, registradas de forma abreviada por Machado de Assis, foram estendidas no rodapé; e deixamos declaradas as edições que consultamos (com as indicações de partes, livros, tratados, capítulos, fólhos ou páginas).
- 4 Em algumas anotações, Machado de Assis deixou de indicar o autor. Fizemos essas indicações seguindo o modelo das demais notas machadianas, com os nomes dos autores entre colchetes.
- 5 Quando, nas notas, havia variantes breves (em relação ao texto da obra que consultamos), em número reduzido, registramos isoladamente os fatos em rodapé.
- 6 Quando as variantes eram numerosas ou abrangiam aspectos diversos do texto, transcrevemos no rodapé o texto, conforme vem na edição que consultamos.
- 7 A transcrição dos textos das fontes que consultamos (para confronto) foi feita com atualização da ortografia, com conservação de vocábulos antigos ainda registrados no *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* ou em dicionários atuais, e, ainda, um ou outro vocábulo em forma antiga (geralmente objeto de comentário logo em seguida ao trecho).
- 8 Eventuais comentários ao texto ou às variantes foram registrados depois das informações objetivas relativas a cada tópico.

Muitas das variantes existentes nas “Notas de leitura de Machado de Assis” publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* em 1911 seguramente não foram produzidas pelo autor das anotações. Entretanto, não podemos saber, sem o exame do manuscrito autógrafa, se tais variantes provêm dele, se da transcrição enviada à tipografia (terá sido o manuscrito autógrafa enviado, ele mesmo, à tipografia?), ou se teriam origem na tipografia que imprimiu a *Revista*.

Registre-se, por fim, que, embora Mário de Alencar afirme que o manuscrito pertence à Academia Brasileira de Letras, J. Galante de Sousa, na seção de manuscritos de sua *Bibliografia de Machado de Assis*, não o registra. Tampouco há informações sobre ele no *site* da Academia. Teria o manuscrito sido enviado à gráfica e, de lá, desaparecido?¹

Gilson Santos
José Américo Miranda

¹ Na elaboração deste texto, reutilizamos trechos do texto que vem no v. 4, n. 7, p. 79-85, da *Machadiana Eletrônica*.

NOTAS DE LEITURA *
(segunda parte)

ALENCAR.²

- *A trechos*³ – *Gaúcho*, v. II, p. 55.⁴
- Nome com e sem artigo⁵ (*Id., id.*, p. 44 *passim*).⁶

BERNARDES.

- Na gran serra da Estrela, que não tive⁷ (Écl. XV.)⁸
- Qual é meu coração, tal é meu rosto (*Id.*)⁹

* Estas “Notas de leitura” de Machado de Assis, deixadas manuscritas pelo autor, foram publicadas na *Revista da Academia Brasileira de Letras* (RABL), ano II, p. 91-97, jan. 1911, transcritas por Mário de Alencar, na seção “Lexicografia”, com o título “Notas de leitura de Machado de Assis”. A primeira parte dessas anotações, publicada no v. I, em 1910, encontra-se, editada e anotada por nós, na *Machadiana Eletrônica*, v. 4, n. 7, p. 35-42 (texto apurado) e p. 79-103 (texto com aparato editorial), jan.-jun. de 2021. No ano II de RABL, acima do título há o algarismo romano I (queremos crer que indicando ser essa parte continuação da primeira – o conjunto das “Notas de leitura” seria um só). Uma nota de rodapé, assinalada por asterisco junto ao título da matéria, diz o seguinte: “V. vol. I, pág. 137.” A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

² Os nomes dos autores, no v. I da RABL (1910) vinham seguidos por ponto-final; no segundo volume, ano II (1911), não. Uniformizamos o emprego do ponto-final nesses casos.

³ *A trechos* – José de Alencar emprega essa expressão em sentido temporal: “Apenas a trechos ouvia-se, entre os primeiros silvos do temporal iminente, o pio monótono da coruja na matriz, [...]” (ALENCAR, 1870, v. II, p. 55)

⁴ *Gaúcho*, v. II, p. 55.] *Gaúcho*, II v. p. 55 – em RABL (ano II, 1911). *O gaúcho*, 1870, v. II, p. 55.

⁵ Eis um trecho em que aparecem nomes próprios “com e sem artigo”: “Chegando à vila na noite do dia em que os deixamos descansando para concluir a jornada, o *Lucas* não consentiu que *Manuel* procurasse outro rancho, senão a casa de sua irmã.” (ALENCAR, 1870, v. II, p. 45; grifos nossos)

⁶ (*Id., id.*, p. 44 *passim*.)] (*Id. id.* 44 *passim*). – em RABL (ano II, 1911). *O gaúcho*, 1870, v. II, p. 44 *passim*.

⁷ Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), o trecho transcrito vem no fólho 49, assim: “Na grão serra da Estrela, que não tive”.

⁸ (Écl. XV.) Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56.

⁹ (*Id.*)] (*Id.*) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56. O verso transcrito por Machado de Assis vem no verso do fólho 47.

- Assim me aconteceu assim comigo¹⁰ (*Id.*)¹¹
- Vejo que vais e vens, cansas, porfias,
E que sempre de cá levas mão cheia,
E com elas de lá tornas vazias¹² (Écl. XVI.)¹³

ANTÔNIO JOSÉ.

– Semicúpio: ... e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente que descende de Adão. (*Guerras do Alecrim e Manjerona*, p. I, cen. 2^a)¹⁴

CAMÕES.

-Porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida.
(O Desespero, Canç.)¹⁵
- *É bem – É bem:* que falar é esse.
(Filodemo, ato 2^o, V)¹⁶
- Vá-se embora ou fique embora
Qual for mais sua vontade
(*Id.* 3^o, II)¹⁷

¹⁰ Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), o trecho vem no verso do fólho 47, assim: “Assim aconteceu assim comigo”.

¹¹ (*Id.*)] (*Id.*) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XV. *O Lima*, 1596, fólho 47 até verso do fólho 56.

¹² Na edição que consultamos (*O Lima*, 1596), os versos transcritos vêm no verso do fólho 56 e no fólho 57, assim: “Vejo que vás, e vens, cansas, perfias, / E que sempre de cá levas mãos cheias, / E co elas de lá tornas vazias.” Embora a anotação de Machado de Assis traga a forma verbal “vais”, em diversas obras suas ele empregou a forma “vás”, como nos seguintes casos: na comédia *Deuses de casaca* (1866, cena XII); na crônica n. 107 da série “A semana”, publicada em 17 de junho de 1894 na *Gazeta de Notícias (Machadiana Eletrônica, v. 1, n. 2, p. 155-159, jul.-dez. 2018)*; e em poemas, como “Niâni”, parte III (*Poesias completas*, 1901, p. 207-209), e “Última jornada” (*Poesias completas*, 1901, p. 277-282). “Vás” é forma antiga de “vais”. (Cf. DIAS, Augusto Epifânio da Silva, 1972, p. 70, nota à estrofe 4 do canto II de *Os Lusíadas*)

¹³ (Écl. XVI.)] (Écl. XVI) – em RABL (ano II, 1911). Écloga XVI. *O Lima*, 1596, verso do fólho 56 até o verso do fólho 59.

¹⁴ (*Guerras do Alecrim e Manjerona*, p. I, cen. 2^a). *Guerras do alecrim e manjerona*, parte I, cena II. O trecho transcrito da fala de Semicúpio, na edição que consultamos (*Teatro cômico português*, 1759, t. 2^o, p. 187-327), vem na p. 216.

¹⁵ (O Desespero, Canç.)] (*O Desespero*, Canç.) – em RABL (ano II, 1911). A canção a que pertencem os versos anotados aparece sem título, nas edições que consultamos (supomos que a expressão “O Desespero” seja título). As canções são numeradas, e o número desta varia de uma edição para outra. Talvez seja melhor referi-la por seu primeiro verso: “Junto de um seco, fero e estéril monte”. Cf. CAMÕES, 2005, p. 311-314 (Canção 5). Os versos transcritos vêm, nesta edição, na p. 312.

¹⁶ (Filodemo, ato 2^o, V)] (*Filodemo*, ato 2^o, V) – em RABL (ano II, 1911). Filodemo, ato 2^o, cena V. Filodemo. In: *Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417. Nesta edição, o verso anotado vem na p. 361.

¹⁷ (*Id.* 3^o, II). Filodemo, ato 3^o, cena II. Filodemo. In: *Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417. Nesta edição, o verso anotado vem na p. 384.

– Mas porém vou dar a Alcmena
Estas novas que me destes

(Anfitrião, ato 2º)¹⁸

Também Camões deixou alguns trocados,¹⁹ ao menos este na comédia Filodemo
ato 2º, cena VI:²⁰

Isolina

Como Deus está nos céus,
Que, se é verdade o que temo,
Que fez isto Filodemo.

Duriano

Mas fê-lo o demo, que Deus
Não faz mal tanto em extremo.

FERNÃO PINTO.

- ... e ele tão coado que não trazia cor de homem vivo (*Peregr.*, 218)²¹
- ... menos povoada que toda a outra por onde passamos. (2 – 182)²²

¹⁸ (Anfitrião, ato 2º)] (*Anfitrião*, ato 2º) – em RABL (ano II, 1911). Anfitrião, ato 2º. Na edição que consultamos (*Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 239-323): Os anfitriões, ato 1º, cena VI. Nesta edição, os versos anotados vêm na p. 259. Machado de Assis deve ter-se equivocado no registro do ato (logo na página seguinte aos versos citados começa o “ato segundo” – talvez, na edição consultada por ele, essas informações estejam todas na mesma página).

¹⁹ “Trocados, s. m. pl. *Trocados de palavras*, espécie de ornato de estilo, vicioso, que consiste em equívocos, e palavras em que trocada uma letra há diverso sentido.” (SILVA, 1813, t. II, p. 812) Raimundo Magalhães Júnior (1958, p. 274), na transcrição que fez dessas notas, substituiu “trocados” por “trocadilhos”.

²⁰ Filodemo, ato 2º, cena VI:] *Filodemo*, ato 2º, cena VI: – em RABL (ano II, 1911). Filodemo, ato 2º, cena VI. Na edição que consultamos (*Obras de Luís de Camões*, v. IV, 1863. p. 325-417): Filodemo, ato 2º, cena V. Nesta edição, os versos anotados vêm na p. 359, e o nome da personagem é “Solina”. Machado de Assis deve ter-se equivocado no registro da cena.

²¹ (*Peregr.*, 218). *Peregrinação*, p. 218. Na edição que consultamos (*Peregrinação seguida das suas cartas*, 1953, v. II), a passagem transcrita vem na p. 46 e na p.47.

²² (2 – 182) [*Peregrinação*] v. 2(?), p. 182(?). O n. 2 indica, muito provavelmente, o volume consultado por Machado de Assis, e o n. 182 a página. Há edições em mais de um volume, das quais há algumas no Real Gabinete Português de Leitura. Na edição que consultamos (*Peregrinação seguida das suas cartas*, 1952, v. I), o trecho transcrito vem na p. 738 e na p. 739.

FILINTO ELÍSIO.

– Nada me espraia tanto o baço, como os diálogos com os meus censores –
(Márcio Coriolano, nota.)²³

– *Lote (lot)*

Lote humano

É a fraqueza

(Oberon, VIII, 162)²⁴

– *Poleá* – Fogem dos poleás ao toque impuro²⁵

– *É bem* – É bem! Dize o negócio a que vieste

(Mártires, XXI, 241)²⁶

– Nas mãos lhe embebe a palma um dos levitas

(*Id.* – XIV)²⁷

GARRETT.

– E estes excomungados protestantes

(Olhem que bruta gente!)

Sempre casmurros, sempre enregelados

(*Lírica* – pág. 276)²⁸

GIL VICENTE.

– NEGOCIADO –

Melhor é ser preguiçoso

Que homem negociado

(II, 182)²⁹

²³ (Márcio Coriolano, nota.)] (*Márcio Coriolano*, nota.) – em RABL (ano II, 1911) Márcio Coriolano, nota. Na edição que consultamos (Márcio Coriolano, tragédia de M. de la Harpe. In: ELÍSIO, 1838, t. XI, p. 118-145), a nota 2 (ato III, cena I) vem na p. 145.

²⁴ (Oberon, VIII, 162)] (*Oberon*, VIII, 162) – em RABL (ano II, 1911). Oberon, canto VIII, p. 162. Na edição que consultamos (Oberon, poema de Wieland. In: ELÍSIO, 1837, t. VII), o trecho transcrito vem na p. 163 (no canto VIII).

²⁵ Este verso é da “Epístola de Alfeno [Domingos Maximiano Torres] a Filinto”. In: ELÍSIO, 1838, t. X, p. 33. Neste caso, Machado de Assis não registrou a fonte de sua anotação.

²⁶ (Mártires, XXI, 241)] (*Mártires*, XXI, 241) – em RABL (ano II, 1911). Mártires, livro XXI, p. 241. Edição que consultamos: ELÍSIO, 1839, t. XVI, p. 241 (no livro XXII de “Os Mártires”).

²⁷ (*Id.* – XIV) Mártires, livro XIV. Edição que consultamos: ELÍSIO, 1839, t. XV, p. 245.

²⁸ Na edição que consultamos (*Lírica* de João Mínimo, 1829), os versos transcritos vêm na p. 155. Raimundo Magalhães Júnior (1958, p. 275), na publicação que fez dessas notas, não transcreveu o terceiro dos versos anotados por Machado de Assis.

²⁹ (II, 182) v. II(?), p. 182(?). Machado de Assis não informa a obra de que transcreveu a anotação. Localizamos os versos transcritos na farsa “O juiz da Beira”, nas *Obras de Gil Vicente*, 1834, tomo III, livro IV, p. 182. Como a página é a mesma registrada por Machado, é possível que tenha sido esta a edição consultada por ele.

GODINHO (P. MANUEL).

- ... e mais de 40 peças entre canhões, sagres,³⁰ cameletes e colubrinas (*Relação*, cap. IV, p. 17)³¹
- Casa otomana (*Id.* – 44)³²
- O mar estava leite (*id.* – 61)³³
- Parecera ao piloto que havia de embocar de frecha o estreito (*id.* – 62)³⁴
- ... chamando-lhe de falsário, fementido, cruel e perjuro (*id.* – 65)³⁵

HEITOR PINTO.

- *Ao ar aberto* – Uma águia enquanto os filhos são pequeninos e não estão inda vestidos de todas suas plumas, não os deixa sair do ninho e voar ao ar aberto.
(*Imagens*, I, 688)³⁶
- *Jarretar* – Trazem os filhos de vaidade por estilo mostrar a honra de que se jactam, e encobrir os labéus e faltas, com que sua origem lhe jarreta a presunção (*Id.*, II, 719)³⁷

³⁰ sagres,] sogres, – em RABL (ano II, 1911).

³¹ Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a passagem transcrita vem na p. 17, assim: “... e mais de quarenta peças entre canhões, esperas, pedreiros, sagres, cameletes e colubrinas [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³² (*Id.* – 44) *Relação*, p. 44. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 44. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³³ (*id.* – 61) *Relação*, p. 61. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 61, assim: “... mandou que todos lavassem o corpo no mar, que estava leite [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura. A expressão “mar leite” ou “mar de leite” significa mar “mui manso” (Cf. SILVA, 1813, t. II, p. 213)

³⁴ (*id.* – 62) *Relação*, p. 62. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 62, assim: “Parecera ao piloto que até aquele tempo havia de embocar de frecha o estreito [...]”. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³⁵ (*id.* – 65) *Relação*, p. 65. Na edição que consultamos (*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus, 1842), a expressão transcrita vem na p. 65. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis; ela existe no Real Gabinete Português de Leitura.

³⁶ (*Imagens*, I, 688) *Imagem*, parte I, p. 688. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 244.

³⁷ (*Id.*, II, 719) *Imagem*, parte II, p. 719. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem vem na parte II, p. 636, assim: “Trazem os filhos da vaidade por estilo, mostrar a honra, de que se jactam, e encobrir os labéus, e faltas, com que sua origem lhes jarreta sua presunção.”

- *Cume* – Este é uma grande perfeição e cume da humildade. (*Id.*, I, 54.)³⁸
- ... Tenham numa veia uma gota de nobre linhagem, e sangrem-se setenta vezes, todo o sangue que lhe sair, há de ser da veia da enxada, e do arado e do martelo e da sovela; mas uma gota do sangue da honra não lhe há de tocar a lanceta. (*Id.*, II, 719.)³⁹
- A inveja desprega as velas ao desejo. (*Id.*, I, 50.)⁴⁰
- Filho, se os pecadores te ameaçarem os ouvidos e te engrossarem com o leite de seus falsos louvores, não lhe creias. (*Id.*, I, 489.)⁴¹
- *Entabular* – ... Porém saídos do saco do mundo, no dia do juízo, quando cada um for entabulado no jogo da outra vida, e cada peça for posta em seu lugar...
(*Id.*, II, 166.)⁴²
- *Mata... que não se caminha* – Há entre eles um golfão de ódio, que não se navega, e uma mata brava de inimizades, que não se caminha. (*Id.*, II, 376.)⁴³
- *Imperar a* – Os negociadores ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitário livre de ambição trabalha por imperar a si mesmo. (*Id.*, I, 351.)⁴⁴
- *Gastar o aço* – Quanto os mais ocupados virdes em gastar o aço em cousas do mundo, tanto mais botos os achareis nas cousas do espírito. (*Id.*, II, 247.)⁴⁵
- *Temeroso (por tímido)* – ... e por outra, humilde, temeroso e devoto. (*Id.*, II, 246.)⁴⁶

³⁸ (*Id.*, I, 54.) *Imagem*, parte I, p. 54. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 28, assim: “Esta é uma grande perfeição, e cume de humildade.”

³⁹ (*Id.*, II, 719.) *Imagem*, parte II, p. 719. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 636, assim: “Tenham em uma veia uma gota de nobre geração, e sangrem-se setenta vezes, todo o sangue que lhes sair, há de ser da veia da enxada, e do arado, e do martelo, e da sovela; mas na gota do sangue da honra não lhe há de tocar a lanceta.”

⁴⁰ (*Id.*, I, 50.) *Imagem*, parte I, p. 50. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 26.

⁴¹ (*Id.*, I, 489.) *Imagem*, parte I, p. 489. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 244, assim: “Filho se os pecadores te adoçarem os ouvidos, e te engrossarem com o leite de seus falsos louvores, não lhe creias.”

⁴² (*Id.*, II, 166.) *Imagem*, parte II, p. 166. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 349.

⁴³ (*Id.*, II, 376.) *Imagem*, parte II, p. 376. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 460, assim: “Há entre eles um golfo de ódio, que não se navega, e uma mata brava de inimizades, que não se caminha [...]”

⁴⁴ (*Id.*, I, 351.) *Imagem*, parte I, p. 351. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte I, p. 178, assim: “Os negociadores ambiciosos trabalham por imperar aos outros, mas o solitário livre de ambição trabalha por imperar-se a si mesmo.”

⁴⁵ (*Id.*, II, 247.) *Imagem*, parte II, p. 247. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 391.

⁴⁶ (*Id.*, II, 246.) *Imagem*, parte II, p. 246. Na edição que consultamos (*Imagem da vida cristã*, 1681), a passagem transcrita vem na parte II, p. 391.

GARÇÃO.

– *Gotear* – Com a verde cabeça goteando⁴⁷
(Ode – X.)⁴⁸

GÓIS (DAMIÃO DE).

– *Reporte*, por *rapport* – Na *Crônica* XXXVII.⁴⁹

22 de Agosto de 1870.⁵⁰

Achei no Damião de Góis uma cousa que não vem no “Dicionário de Moraes”: é a palavra *reportes* com a significação do francês *rapport*. Vem na 4ª parte da “Crônica”, capítulo XXXVII, e diz assim:

“E por alguns reportes que lhe dele fizeram, etc.”

Moraes dá o verbo *reportar* com a significação, entre outras, de *referir*, mas conquanto o *reporte* pareça derivar-se de reportar, não está escrito na crônica com a simples significação de *narração, exposição, informação*, mas com a de *mexericos*, que é uma das genuínas acepções do *rapport* francês (v. Becherelle: – *Rapports*: récit qu’on fait, par indiscretion ou par méchanceté). Para melhor entender isto, é preciso ler toda a página da crônica; trata-se justamente de mexericos.

O Moraes também dá outra palavra: *reporto*, mas a significação desta, como ele diz, é incerta, e em todo caso diferente de *reporte* do Damião de Góis.

Mando-te isto não porque ache muito engraçado o tal *reporte*, mas porque talvez te possa servir em alguma cousa.

E se te não servir isso, acaso te servirá esta palavra de Filinto Elísio (Nota à fábula XL do 2º livro): “A coruja é *ela* a fêmea do mocho?”⁵¹ – *Machado de Assis*.

⁴⁷ – *Gotear* – Com a verde cabeça goteando] – *Goteiar* – Com a verde cabeça goteando – em RABL (ano II, 1911).

⁴⁸ (Ode – X.)] (*Ode* – X.) – em RABL (ano II, 1911). Ode X. Esta ode, em diversas edições, aparece com numeração diferente. Nas *Obras poéticas de Pedro Antônio Correia Garção*, 1778, p. 118, a ode (p. 116-118) traz o número XIX, e o verso vem assim: “Com a verde cabeça goteando”; nas *Obras poéticas e oratórias*, 1888, a ode (p. 143-146) traz o número XX, e o verso (p. 146) vem também assim: “Com a verde cabeça goteando”.

⁴⁹ Na *Crônica* XXXVII. Na *Crônica*, cap. XXXVII. Na edição que consultamos (*Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel*, 1749) a passagem que contém a palavra “reportes” encontra-se na parte IV, cap. XXXVII, p. 516.

⁵⁰ Não conhecemos o destinatário desta carta. Talvez seja dirigida a Manuel de Melo (Aveiro, 1834 – Milão, 1884), amigo de Machado de Assis, filólogo, bibliotecário do Gabinete Português de Leitura, que publicou o livro *Da glótica em Portugal*, em 1872. (Ver MACHADO, 2021, p. 346)

⁵¹ do mocho?”] do mocho?” – em RABL (ano II, 1911). Em nota (assinalada por asterisco) à “Fábula XL”, de La Fontaine, “A Águia, e o Mocho”, a frase anotada por Machado de Assis vem assim: “A Coruja é *ela* a fêmea do Mocho?” (*Obras de Filinto Elísio*, 1838, t. XII, Fábulas de J. La Fontaine, t. I, p.198-199)

LUÍS DE SOUSA (FR.).

- ... muito *crespo* de torres e baluartes. (*V. do Arc.*, I, 362.)⁵²
- Cousa de nenhum tomo. (*Id.*)⁵³
- Estavam as cousas do concílio tanto em flor. (*Id.*)⁵⁴
- Consentiam em uma vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas do seu próprio sangue. (*Id.*, II, p. 11.)⁵⁵
- Letra pouco aparada no metro, mas no conceito bem significadora. (*Id.*)⁵⁶
- Afinaram-lhe o valor e a paciência. (*Id.*, II, – 4.)⁵⁷
- ... luzisse a despesa. (*Id.*, I, 398)⁵⁸
- *Aquele... é que* – Aquele é verdadeiro obediente que sempre está pronto. (*Id.*)⁵⁹
- *Tudo foi um.* (*Id.*)⁶⁰

⁵² (*V. do Arc.*, I, 362.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. I(?), p. 362(?). Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 106, livro II, cap. XXXIII.

⁵³ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 157, livro IV, cap. I, assim: “... uma cousa aérea e de nenhum tomo [...]”

⁵⁴ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 57, livro II, cap. VI.

⁵⁵ (*Id.*, II, p. 11.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II, p. 11. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 158, livro IV, cap. II, assim: “... consentiram em uma vergonhosa paz, dando aos bárbaros páreas de seu próprio sangue [...]”

⁵⁶ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 11, livro I, cap. V.

⁵⁷ (*Id.*, II, – 4.) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II[?], p. 4[?]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 156, livro IV, cap. I, assim: “... afinando seu valor e paciência.”

⁵⁸ (*Id.*, I, 398)] (*Id.*, I, 398). – em RABL (ano II, 1911). *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga], cap. II[?], p. 398[?]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 117, livro III, cap. IV.

⁵⁹ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no fólio 16, livro I, cap. VIII.

⁶⁰ (*Id.*) *Vida do Arcebispo* [dom frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga]. Na edição que consultamos (*Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*, 1619), a passagem transcrita vem no verso do fólio 119, livro III, cap. V.

LEÃO (DUARTE NUNES DE).

– Somente devemos acentuar a dição em que pode haver diferença de significação, etc.

(*Ortograf. Notas*, vol. 3º do *Parnaso Lusitano*.)⁶¹

LISBOA.

– Para fazerem valer estas estranhas doutrinas, os nossos publicistas e estadistas conservadores falsificam a história, desnaturam os caracteres, e enredam tudo em abomináveis sofismas; e já os tenho visto desdobrar complacientemente aos olhos da multidão as cenas mais atrozes da revolução francesa, e o retrato das personagens mais odiosas que nelas figuraram, como um argumento sem réplica, sem lhes lembrar que por uma crítica igual Nero, Calígula, Henrique VIII, Felipe II, Luís XV e tantos outros seriam a condenação irremissível das monarquias. (I – 432)⁶²

– Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da Companhia de Jesus no Brasil. Quase tudo quanto se oferece à vista do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda a parte senão dedicação, sacrifício e trabalho abençoado com frutos copiosos. (II – 398)⁶³

RODRIGUES LOBO.

– Pois se qualquer destes, que digo, além de debruar tudo de versos de Ovídio, e de sentenças de Plauto e Terêncio, etc. (*Corte na Aldeia*, XVI.)⁶⁴

– ... trocados galantes. (*Id.*, I.)⁶⁵

⁶¹ (*Ortograf. Notas*, vol. 3º do *Parnaso Lusitano*.) *Ortografia*, notas, t. III do *Parnaso lusitano*. Na edição que consultamos (*Parnaso lusitano*, 1827, t. III), a passagem transcrita vem na p. 287, assim: “Somente devemos acentuar as dicções, em que pode haver diferença de significação [...]”

⁶² (I – 432). [*Obras de João Francisco Lisboa*] v. I, p. 432. Na edição que consultamos (*Obras de João Francisco Lisboa*, 1864, v. I) a passagem transcrita vem nas p. 433-434. Esta deve ter sido a edição lida por Machado de Assis, que, parece, equivocou-se no registro da página.

⁶³ (II – 398). [*Obras de João Francisco Lisboa*] v. II, p. 398. Na edição que consultamos (*Obras de João Francisco Lisboa*, 1865), a passagem transcrita vem no v. II, p. 398, assim: “Estes podem com razão chamar-se os tempos heroicos da companhia de Jesus no Brasil. Quase tudo quanto se oferece às vistas do observador é puro e sem mancha. Não alcançam os olhos por toda parte senão dedicação, sacrifício e trabalho abençoado com frutos copiosos.”

⁶⁴ (*Corte na Aldeia*, XVI.) *Corte na aldeia*, Diálogo XVI. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o Diálogo XVI vem entre as páginas 337 e 359, e a passagem transcrita vem na p. 353, assim: “Pois se de qualquer destes que digo acerta de ser oficial de Gramática além de debruar tudo de versos de Ovídio, e de sentenças de Plauto, e de Terêncio [...]”

⁶⁵ (*Id.*, I.) *Corte na aldeia*, Diálogo I. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo I” vem entre as páginas 1 e 24, e a passagem transcrita vem na p. 6. “Trocados”, nessa passagem, significa trocadilhos. (Cf. SILVA, 1813; SILVA, 1958, v. XI, p. 285 – em que dá essa passagem como abonação)

– ... o que eu comparo a uma cousa escrita de boa ou ruim letra; que a boa aformoseia, e dá ser, cor, e graça ao que lerdos; e a ruim desconcerta, empeça e afeia as razões, sendo todas umas. (*Id.*, VIII.)⁶⁶

– Assim é que até óculos que se inventaram para remediar defeitos da natureza, vi eu já trazer a alguns por galantaria. (*Id.*, II.)⁶⁷

– Tirou o ouro a valia a todas elas, e fez em si estanque de todos os comércios do mundo. (*Id.*, VII.)⁶⁸

– E para que diga tudo, só um mal tem, e é que pelo pouco que lhe querem seus naturais, a trazem mais remendada que capa de pedinte. (*Id.*, Diál. I.)⁶⁹

– O ouro... se levantou contra o céu, fazendo guerra de rosto a rosto a todas as virtudes. (*Id.*, VII.)⁷⁰

[ANTÔNIO FERREIRA]⁷¹

– *De* – Eu desta glória só fico contente.⁷²

SÁ DE MIRANDA.

– *Se* – Eis a barca aparece
Em que se hão de ir: Deixam-lhe lume aceso.
Ordenam-lhe o que faça antes que vão-se,
Veja se em todo caso o tão defeso
E tão gabado esposo então descanse;
 Outra vez as mãos dão-se;
 Soltam o vento à vela...⁷³

⁶⁶ (*Id.*, VIII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VIII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VIII” vem entre as páginas 168 e 186, e a passagem transcrita vem na p. 169, assim: “... o que eu comparo a uma mesma cousa escrita de boa, ou ruim letra, que a boa aformoseia, e dá ser, cor, e graça ao que lerdos, e a ruim desconcerta, empeça, e afeia as razões sendo todas umas.”

⁶⁷ (*Id.*, II.) *Corte na aldeia*, Diálogo II. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo II” vem entre as páginas 24 e 46, e a passagem transcrita vem na p. 36.

⁶⁸ (*Id.*, VII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VII” vem entre as páginas 142 e 168, e a passagem transcrita vem na p. 151.

⁶⁹ (*Id.*, Diál. I.)] *Id.*, *Diál.*, I. – em RABL (ano II, 1911). *Corte na aldeia*, Diálogo I. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo I” vem entre as páginas 1 e 24, e a passagem transcrita vem na p. 23.

⁷⁰ (*Id.*, VII.) *Corte na aldeia*, Diálogo VII. Na edição que consultamos (*Corte na aldeia, e noites de inverno*, 1649), o “Diálogo VII” vem entre as páginas 142 e 168, e a passagem transcrita vem na p. 151.

⁷¹ Machado de Assis não registrou o nome do poeta – incluiu este verso entre os de Sá de Miranda.

⁷² Este verso, na edição que consultamos (*Poemas lusitanos*, 1548), vem no início da obra (fólio 1), antes dos sonetos, neste poema dedicado “Aos bons engenheiros”: “A vós só canto espíritos bem nascidos, / A vós, e às Musas ofereço a Lira: / Ao Amor meus ais, e meu gemidos, / Compostos do seu fogo, e da sua ira. / Em vossos peitos são, limpos ouvidos / Caiam meus versos, quais me Febo inspira. / Eu desta glória só fico contente, / Que a minha terra amei, e a minha gente.”

⁷³ Machado de Assis não registrou qualquer indicação de fonte para esses versos. Na edição que consultamos (*Obras completas*, v. I, 1960), os versos vêm na p. 261, assim: “Eis a barca aparece / em que se hão d’ir, e deixam-lhe um lume aceso, / ordenam o que faça antes que vão-se: / Veja-se em todo caso o tão defeso / esposo e tão gabado; então descanse. / Outra vez as mãos dão-se, / Soltam ao vento a vela [...]”

– E tu cuidavas que era eu como estes poetas que andam falando consigo, e cacarejam mais em verso que uma galinha o seu ovo.⁷⁴

– Andar em puridades.⁷⁵

[JORGE FERREIRA DE VASCONCELOS]⁷⁶

– Ir pelo fio da gente.

(*Eufr.*, I – I – 19.)⁷⁷

D. FRANCISCO MANUEL.

– *Fazer fazer* – E tais cousas lhe fazia fazer. (*Guia de Casados*, 95.)⁷⁸

– *Loureiras* – Mulheres há leves, gloriosas, prezadas do seu parecer, loureiras lhe chamavam os nossos maiores. (*Id.*)⁷⁹

ARRAIS.

– *Canalha* – Antigamente antes que esta canalha viesse ao Reino. (*Diál.*, IV – XXVI – 305.)⁸⁰

⁷⁴ Machado de Assis não registrou a fonte da passagem que anotou. Na edição que consultamos (“Os Vilhalpandos”, in: *Obras completas*, 1943, v. II, p. 187-282), essa passagem vem na p. 225, assim: “E tu cuidavas que era eu como estes poetas, que andam sempre falando consigo, e cacarejam mais um seu verso que uma galinha o seu ovo.” O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra a forma antiga do verbo “carcarejar” – mas ela vem em Laudelino Freire (1954, v. II, p. 1252) e em Antônio de Moraes Silva (1949-1959, v. II, p. 916).

⁷⁵ Machado de Assis não registrou a fonte da passagem que anotou. Na edição que consultamos (“Os Vilhalpandos”, in: *Obras completas*, 1943, v. II), essa passagem vem na p. 234, assim: “Esta minha casa toda anda trovada: a mulher dentro em puridades, fora em devações.” O *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* não registra a forma antiga “devação” – mas ela vem em Antônio de Moraes Silva (1949-1959, v. IV, p. 20) e no AULETE digital (<<https://www.aulete.com.br/devação>>).

⁷⁶ Machado de Assis não registrou o nome desse autor, embora tenha registrado, abaixo do trecho transcrito, a comédia a que pertence: “(*Eufr.*, I – I – 19.)”.

⁷⁷ (*Eufr.*, I – I – 19.) *Eufrosina*, ato I, cena I(?), p. 19(?). Na edição que consultamos da *Comédia Eufrosina* (1786), as palavras anotadas por Machado de Assis vêm na p. 79 (ato I, cena V), assim: “... mas vai-se homem pelo fio da gente.”

⁷⁸ (*Guia de Casados*, 95.) *Guia de casados*, p. 95(?). Na edição que consultamos (*Carta de guia de casados*, 1873), as palavras anotadas vêm na p. 146 (cap. XXXV).

⁷⁹ (*Id.*) *Guia de Casados*. Na edição que consultamos (*Carta de guia de casados*, 1873), a passagem transcrita vem na p. 83 (capítulo VII), assim: “Mulheres há leves e gloriosas, prezadas de seu parecer: loureiras, cuido eu que lhes chamavam nossos antigos, por significar que a qualquer bafejo do vento se moviam.” Machado de Assis, em maio e junho de 1872, publicou no *Jornal das Famílias*, um conto com este título: “Uma loureira”.

⁸⁰ (*Diál.*, IV – XXVI – 305.) *Diálogos*, Diálogo IV, cap. XXVI, p. 305. Na edição que consultamos (*Diálogos*, 1846, Diálogo IV, cap. XXVI) o trecho anotado vem na p. 305. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

– ... tomou-lhe as fasces e insígnias pretórias.

(*Id., id.* – XIII – 267.)⁸¹

BARROS (JOÃO DE).

– *De* – Contentando-se de toda a vianda. (D. João III – 178.)⁸²

– ... se deviam de olhar. (*Id.* – 192.)⁸³

– Os homens devem de comer para viverem. (*Id.* – 175.)⁸⁴

– Mas ele não se contenta de louvor geral. (*Id.* – 172.)⁸⁵

– Quanto é mais temperado V. A. tanto de nós é mais venerado. (*Id.* – 172.)⁸⁶

– Quanto mais de louvar é quem de seu natural, e sem nenhum mestre (*Id.* – 120.)⁸⁷

– *Lhe* – e antes que mais procedesse, acabado o rumor, Caramança *lhe* atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia. (*Déc.*, I – III – 667.)⁸⁸

– *Fundir* – Però todo este pensamento *lhe* fundia todo (*Id.*, III – 1 – VII.)⁸⁹

⁸¹ (*Id., id.* – XIII – 267.) *Diálogos*, Diálogo IV, cap. XIII, p. 267. Na edição que consultamos (*Diálogos*, 1846), o trecho anotado vem no Diálogo IV, cap. XIII, p. 267, assim: “... tomou-lhe os fasces, e insígnias Pretórias [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸² (D. João III – 178.) D. João III, p. 178. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 178. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸³ (*Id.* – 192.) D. João III, p. 192. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 192. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁴ (*Id.* – 175.) D. João III, p. 175. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 176. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis – que deve ter-se equivocado no registro da página.

⁸⁵ (*Id.* – 172.) D. João III, p. 172. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 172. Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁶ (*Id.* – 172.) D. João III, p. 172. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 172, assim: “Quanto mais temperado é V. Alteza, tanto de nós é mais venerado [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁷ (*Id.* – 120.) D. João III, p. 120. Na edição que consultamos (Ao muito alto, e muito poderoso Rei de Portugal D. João III; in: *Panegíricos*, 1791), a passagem transcrita vem na p. 120, assim: “Quanto mais de louvor é, quem de seu natural, e sem nenhum mestre [...]” Esta é, muito provavelmente, a edição consultada por Machado de Assis.

⁸⁸ (*Déc.*, I – III – 667.) *Década primeira*, livro III, p. 667(?). Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), a passagem transcrita vem no livro III, fólio 38, assim: “... e ante que mais procedesse acabado o rumor, Caramança *lhe* atalhou, tomando por conclusão que era contente fazer-se a casa que pedia.”

⁸⁹ (*Id.*, III – 1 – VII.) *Década terceira*, livro I, cap. VII. Na edição que consultamos (*Década terceira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro I, cap. VII, no verso do fólio 16, assim: “Peró todo este seu pensamento *lhe* fundiu pouco [...]”

- Com os mouros mercadores estantes na terra. (*Id.*, 1-7-8.)⁹⁰
- primeiro que os oficiais de El-Rei apregoassem o arruído. (*Id.*)⁹¹
- como tinham ordenado os romanos àqueles que jubilaram na guerra. (*Id.*, III, II – I.)⁹²

VIEIRA.

- ... e em toda a Lombardia são ditos e havidos por fidalgos.⁹³ (*Arte de furta* – Cap. 4º, 39.)⁹⁴
- Valha o que valer. (XXVII – 197.)⁹⁵
- *E bem* – E bem David não éreis vós o que dizíeis a Deus que vos desse entendimento? (Serm. D. Maria de Ataíde.)⁹⁶
 - E bem, senhor, por que razão se indigna tanto a vossa ira? (Sermão contra Holanda – I – II.)⁹⁷
- Abriu-se a terra, caíram todos, tornou-se a cerrar para toda a eternidade. Eternidade: eternidade: eternidade.⁹⁸

⁹⁰ (*Id.*, 1-7-8.)] (*Id.* 1-7-8.) – em RABL (ano II, 1911). *Década primeira*, livro VII, cap. VIII. Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro VII, cap. VIII (que vem erradamente grafado VII na edição de 1628), fôlio 141.

⁹¹ (*Id.*) *Década primeira*. Na edição que consultamos (*Década primeira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro IV, cap. VIII, verso do fôlio 75, assim: “... primeiro que os oficiais del Rey apagassem o arruído [...]”

⁹² (*Id.*, III, II – I.) *Década terceira*, livro II, cap. I. Na edição que consultamos (*Década terceira da Ásia*, 1628), o trecho transcrito vem no livro II, cap. I, verso do fôlio 24, assim: “... como tinham ordenado os Romanos àqueles, que per decurso de anos jubilavam na guerra.”

⁹³ fidalgos.] fidalgas. – em RABL (ano II, 1911).

⁹⁴ (*Arte de furta* – Cap. 4º, 39.) *Arte de furta*, cap. IV, p. 39. Na edição que consultamos (*Arte de furta*, 1744), a passagem transcrita vem no cap. IV, p. 22.

⁹⁵ (XXVII – 197.) [*Arte de furta*] cap. XXVII, p. 197. Na edição que consultamos (*Arte de furta*, 1744), a passagem transcrita vem no capítulo XXVII, p. 181.

⁹⁶ (Serm. D. Maria de Ataíde.)] (*Serm. D. Maria de Ataíde.*) – em RABL (ano II, 1911). Sermão de D. Maria de Ataíde. Na edição que consultamos (Sermão nas exéquias de D. Maria de Ataíde, in: *Sermões*, 1959, t. XV, p. 387-410), a passagem transcrita vem na p. 397, assim: “E bem David, não éreis vós o que dizíeis a Deus que vos desse entendimento para viver, pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento?”

⁹⁷ (Sermão contra Holanda – I – II.)] (*Sermão contra Holanda – I – II.*) – em RABL (ano II, 1911). Sermão contra Holanda, I(?), parte II. Na edição que consultamos (Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda, in: *Sermões*, 1959, t. XIV, p. 297-326), a passagem transcrita vem na p. 304.

⁹⁸ Machado de Assis não indicou a fonte utilizada por ele. O trecho transcrito, na edição que consultamos (Sermão da primeira domingo do Advento, pregado na Capela Real, no ano de 1650, in: *Sermões*, t. I, p. 39-66), vem na p. 66, fechando o sermão.

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

Referências

ALENCAR, José de [Sênio]. *O gaúcho*. Romance brasileiro. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870. 2v.

ARRAIS, Amador. *Diálogos*, de dom frei Amador Arrais, bispo de Portalegre: revistos, e acrescentados pelo mesmo autor na segunda impressão. Nova edição. Lisboa: Rolandiana, 1846.

ASSIS, Machado de. *Os deuses de casaca*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1866.

ASSIS, Machado de [Lara]. Uma loureira. *Jornal das Famílias*, Rio de Janeiro, t. X, p. 140-150, maio 1872; e p. 161-170, jun. 1872.

ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, vol. I, p. 137-145, jul. 1910.

ASSIS, Machado de. Notas de leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, ano II, p. 91-97, jan. 1911.

AULETE digital. Disponível em: <<https://www.aulete.com.br/deva%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BARROS, João de. *Década primeira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Década terceira da Ásia*. Lisboa: Jorge Rodrigues, 1628.

BARROS, João de. *Panegíricos*. Fielmente reimpressos conforme a sua antiga Linguagem – ano 1533 por Joaquim Francisco Monteiro de Campos Coelho, e Soisa. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791.

BERNARDES, Diogo. *O Lima*. Lisboa: Simão Lopes, 1596.

CAMÕES, Luís de. *Obras de Luís de Camões* precedidas de um ensaio biográfico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida aumentadas com algumas composições inéditas do poeta pelo visconde de Juromenha. volume IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1863.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* de Luís de Camões comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1972. [Reprodução fac-similada da 2ª edição (em 2 tomos – 1916/1918).]

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

DIAS, Augusto Epifânio da Silva. Ver CAMÕES, 1972.

ELÍSIO, Filinto. Oberon, poema de Wieland. Traduzido por Filinto Elísio. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1837. t. VII, p. 1-289.

ELÍSIO, Filinto. Epístola de Alfeno a Filinto. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. X, p. 24-34.

ELÍSIO, Filinto. Márcio Coriolano. Tragédia de M. de la Harpe. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. XI, p. 118-145.

ELÍSIO, Filinto. Fábulas de J. La Fontaine, t. I. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1838. t. XII.

ELÍSIO, Filinto. Os mártires, ou triunfo da religião cristã. Poema. Tomo II. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1839. t. XV. (livro XIV, p. 223-260)

ELÍSIO, Filinto. Os mártires, ou triunfo da religião cristã. Poema. Tomo III. In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rolandiana, 1839. t. XVI. (livro XXII, p. 235-257)

FERREIRA, Antônio. *Poemas lusitanos*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1548.

FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954. 5v.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obras poéticas*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1778.

GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. *Obra poéticas e oratórias*. Roma: Tipografia dos Irmão Centenari, 1888.

GARRETT, Almeida. *Parnaso lusitano*. Paris: J. P. Aillaud, 1827. t. III.

[GARRETT, Almeida.] *Lírica* de João Mínimo. Londres: Sustenance e Stretch, 1829.

GODINHO, Manuel. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da Índia para Portugal*, no ano de 1663, o padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus. 2. ed. Lisboa: Tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1842.

GÓIS, Damião de. *Crônica do sereníssimo senhor rei D. Manuel*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1749.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. Editores e revisores Luís Carlos Pereira de Castro e o Dr. A. Henriques Leal. Volume I. S. Luís do Maranhão, 1864.

LISBOA, João Francisco. *Obras de João Francisco Lisboa*, natural do Maranhão, precedidas de uma notícia biográfica pelo Dr. Antônio Henriques Leal. Editores e revisores Luís Carlos Pereira de Castro e o Dr. A. Henriques Leal. Volume II. S. Luís do Maranhão, 1865.

LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na aldeia, e noites de inverno*. Lisboa: Antônio Alvarez, 1649.

MACHADO, Álvaro Manuel. (Org. e Dir.) *Dicionário de literatura portuguesa*. Lisboa: Presença, 1996.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.

[MELO], D. Francisco Manuel. *Carta de guia de casados*. Nova edição, com um prefácio biográfico enriquecido de documentos inéditos por Camilo Castelo Branco. Porto: Pereira da Silva, 1873.

MIRANDA, Francisco de Sá de. Os Vilhalpandos. In: *Obras completas*. Texto fixado, notas e prefácio pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1943. v. II. p. 187-282.

MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. Texto fixado, notas e prefácio pelo prof. M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1960. v. I.

MIRANDA, Francisco de Sá de; FERREIRA, Antônio. *Comédias famosas portuguesas*. Lisboa: Antônio Alvarez, 1622.

PINTO, Fernão Mendes. *Peregrinação seguida das suas cartas*. Texto primitivo, inteiramente conforme a primeira edição (1614). / Versão integral em português moderno, por Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Sociedade de Intercâmbio Cultural Luso-Brasileiro, 1952/1953. 2v.

PINTO, Heitor. *Imagem da vida cristã*. I & II parte. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal, 1681.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Lacerdina, 1813. 2t.

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da língua portuguesa*. 10. ed. revista, corrigida e muito aumentada e atualizada por Augusto Moreno, Cardoso Júnior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-1959. 12v.

SILVA, Antônio José da. Guerras do alecrim e manjerona. In: *TEATRO cômico português ou Coleção das óperas portuguesas que se representaram na Casa do Teatro Público do Bairro Alto de Lisboa*. Quarta reimpressão. Tomo segundo. Lisboa: Oficina Patr. de Franc. Luís Ameno, 1759. p. 187-327.

SOUSA, Frei Luís de. *Vida de dom frei Bertolomeu dos Mártires da ordem dos Pregadores, Arcebispo e Senhor de Braga*. Viana [Portugal]: Nicolau Carvalho, 1619.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.

VASCONCELOS, Jorge Ferreira de. *Comédia Eufrosina*. 3. ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1786.

VICENTE, Gil. O juiz da Beira. In: *Obras de Gil Vicente* corretas e emendadas pelo cuidado e diligência de J. V. Barreto Feio e J. G. Monteiro. Hamburgo: Oficina Tipográfica de Langhoff, 1834. t. III, p. 160-191.

VIEIRA, Antônio. *Arte de furtar*. Amsterdam: Oficina de Martinho Schagen, 1744.

VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão, 1959. 15 t.

IDEAL DO CRÍTICO*

Exercer a crítica,¹ afigura-se a alguns que é uma fácil tarefa, como a outros parece igualmente fácil a tarefa do legislador; mas, para a representação literária, como para a representação política, é preciso ter alguma cousa² mais que um simples desejo de falar à multidão. Infelizmente é a opinião contrária que domina, e a crítica, desamparada pelos esclarecidos, é exercida pelos incompetentes.

São óbvias as consequências de uma tal situação. As musas, privadas de um farol seguro, correm o risco de naufragar nos mares sempre desconhecidos da publicidade. O erro produzirá o erro; amortecidos os nobres estímulos, abatidas as legítimas ambições, só um tribunal será acatado, e esse, se é o mais numeroso, é também o menos decisivo. O poeta oscilará entre as sentenças malconcebidas do crítico,³ e os arestos caprichosos da opinião; nenhuma luz, nenhum conselho, nada lhe mostrará o caminho que deve seguir,⁴ – e a morte próxima será o prêmio definitivo das suas fadigas e das suas lutas.

Chegamos já a estas tristes consequências? Não quero proferir um juízo, que seria temerário, mas qualquer pode notar com que largos intervalos aparecem as boas obras, e como são raras as publicações seladas por um talento verdadeiro. Quereis mudar esta situação aflitiva? Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: DRJ (ano XLV, n. 243, p. 1, 8 out. 1865), OCA2008 (v. 3, p. 1101-1104) e MASA (p. 236-240). Texto-base: DRJ. O texto vem no Folhetim, com cinco colunas. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Em OCA2008, o título é “O ideal do crítico”. Editores: Gilson Santos, José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira. A equipe editorial da *Machadiana Eletrônica* agradece à profa. Gracinéa I. Oliveira, que obteve fotocópias do “Ideal do crítico” no *Diário do Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, ano XLV, n. 243, p. 1, 8 out. 1865), em que o texto foi originalmente publicado e que não consta (até a presente data) na Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional. Em MASA, a indicação do número do periódico (DRJ) em que o texto foi publicado pela primeira vez é 258.

¹ crítica,] crítica – em OCA2008 e em MASA.

² cousa] coisa – em OCA2008 e em MASA.

³ crítico,] crítico – em OCA2008.

⁴ seguir,] seguir – em OCA2008.

levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada,⁵ – será esse o meio de reerguer os ânimos, promover os estímulos, guiar os estreantes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença,⁶ – essas três chagas da crítica de hoje, – ponde⁷ em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça, – é só assim⁸ que teremos uma grande literatura.

É claro que a essa crítica, destinada a produzir tamanha reforma, deve-se exigir as condições e as virtudes que faltam à crítica dominante; – e para melhor definir⁹ o meu pensamento, eis o que eu exigiria no crítico do futuro.

O crítico atualmente aceito não prima pela ciência literária; creio até que uma das condições¹⁰ para desempenhar tão curioso papel, é despreocupar-se de todas as questões que entendem com o domínio da imaginação. Outra, entretanto, deve ser a marcha do crítico; longe de resumir em duas linhas,¹¹ – cujas frases já o tipógrafo as tem feitas, – o julgamento¹² de uma obra, cumpre-lhe meditar profundamente sobre ela, procurar-lhe o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis poéticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção. Deste modo as conclusões do crítico servem tanto à obra concluída, como à obra em embrião. Crítica é análise,¹³ – a crítica que não analisa é a mais cômoda, mas não pode pretender a ser fecunda.

Para realizar tão multiplicadas obrigações, compreendo eu que não basta uma leitura superficial dos autores, nem a simples reprodução das impressões de um momento; pode-se, é verdade, fascinar o público, mediante uma fraseologia que se emprega sempre para louvar ou deprimir; mas no ânimo daqueles para quem uma frase nada vale, desde que não traz uma ideia, – esse meio¹⁴ é impotente, e essa crítica negativa.

Não compreendo o crítico sem consciência. A ciência e a consciência, eis as duas condições principais para exercer a crítica. A crítica útil e verdadeira será aquela que, em vez de modelar as suas sentenças por um interesse, quer seja o interesse do ódio, quer o da adulação ou da simpatia, procure reproduzir unicamente os juízos da sua

⁵ elevada,] elevada – em OCA2008 e em MASA.

⁶ indiferença,] indiferença – em OCA2008 e em MASA.

⁷ hoje, – ponde] hoje –, ponde – em OCA2008; hoje – ponde – em MASA.

⁸ justiça, – é só assim] justiça, é só assim – em OCA2008; justiça – é só assim – em MASA.

⁹ crítica dominante; – e para melhor definir] crítica dominante; e para melhor definir – em OCA2008; crítica dominante – e para melhor definir – em MASA.

¹⁰ condições] condições, – em OCA2008.

¹¹ linhas,] linhas – em OCA2008 e em MASA.

¹² feitas, – o julgamento] feitas –, o julgamento – em OCA2008; feitas – o julgamento (sem a vírgula, com travessão) – em MASA.

¹³ análise,] análise – em OCA2008 e em MASA.

¹⁴ ideia, – esse meio] ideia, esse meio – em OCA2008; ideia – esse meio (sem a vírgula, com travessão) – em MASA.

consciência. Ela deve ser sincera, sob pena de ser nula. Não lhe é dado defender nem os seus interesses pessoais, nem os alheios, mas somente a sua convicção, e a sua convicção,¹⁵ deve formar-se tão pura e tão¹⁶ alta, que não sofra a ação das circunstâncias externas.¹⁷ Pouco lhe deve importar as simpatias ou antipatias dos outros; um sorriso complacente, se pode ser recebido e retribuído com outro, não deve determinar, como a espada de Breno,¹⁸ o peso da balança; acima de tudo, dos sorrisos e das desatenções, está o dever de dizer a verdade, e em caso de dúvida, antes calá-la, que negá-la.

Com tais princípios, eu compreendo que é difícil viver; mas a crítica não é uma profissão de rosas, e se o é, é-o¹⁹ somente no que respeita à satisfação íntima de dizer a verdade.

Das duas condições indicadas acima decorrem naturalmente outras, tão necessárias como elas, ao exercício da crítica. A coerência é uma dessas condições, e só pode praticá-la o crítico verdadeiramente consciencioso. Com efeito, se o crítico, na manifestação dos seus juízos, deixa-se impressionar por circunstâncias estranhas às questões literárias, há de cair frequentemente na contradição, e os seus juízos de hoje serão a condenação das suas apreciações de ontem. Sem uma coerência perfeita, as suas sentenças perdem todo o vislumbre de autoridade, e abatendo-se à condição de ventoinha, movida ao sopro de todos os interesses e de todos os caprichos, o crítico fica sendo unicamente o oráculo dos seus inconscientes adutores.²⁰

O crítico deve ser independente,²¹ – independente em tudo e de tudo, – independente da vaidade²² dos autores e da vaidade própria. Não deve curar de inviolabilidades literárias, nem de cegas adorações; mas também deve ser independente das sugestões do orgulho, e das imposições do amor-próprio. A profissão do crítico deve ser uma luta constante contra todas essas dependências pessoais, que desautoram os seus juízos, sem deixar de perverter a opinião. Para que a crítica seja mestra, é preciso que seja imparcial, – armada²³ contra a insuficiência dos seus amigos, solícita

¹⁵ convicção,] convicção – em OCA2008 e em MASA.

¹⁶ tão] tã. – em DRJ. No jornal, o “o” final de “tão”, que está em final de linha, encontra-se no final da linha seguinte (formando a palavra inexistente “externaso”). A palavra “externas” termina o período, e o ponto que deveria seguir-se a ela encontra-se na linha superior, criando a forma “tã.” no jornal.

¹⁷ externas.] externaso – em DRJ. Ver a nota anterior.

¹⁸ Referência a um episódio da tomada de Roma pelos gaulêses (390 a.C.): Breno, chefe gaulês, foi quem negociou o fim do cerco a Roma com o tribuno militar Quinto Sulpício. O fim do cerco foi avaliado em 1000 libras de ouro. Breno, no momento da pesagem do ouro, teria insultado os romanos, colocando sua espada na balança e pronunciando estas palavras: “Ai dos vencidos!” (*Vae victis!*). (LÍVIO, 1989, v. 5, p. 445)

¹⁹ é-o] é-os – em DRJ.

²⁰ inconscientes adutores.] adutores. – em OCA2008.

²¹ independente.] independente – em OCA2008 e em MASA.

²² tudo, – independente da vaidade] tudo –, independente da vaidade – em OCA2008; tudo – independente da vaidade (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

²³ imparcial, – armada] imparcial, armada – em OCA2008; imparcial – armada (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

pelo mérito dos seus adversários, – e neste ponto,²⁴ a melhor lição que eu poderia apresentar aos olhos do crítico, seria aquela expressão de Cícero, quando César mandava levantar as estátuas de Pompeu: – “É levantando²⁵ as estátuas do teu inimigo que tu consolidas as tuas próprias estátuas.”²⁶

A tolerância é ainda uma virtude do crítico. A intolerância é cega, e a cegueira é um elemento do erro; o conselho e a moderação podem corrigir e encaminhar as inteligências; mas a intolerância nada produz que tenha as condições de fecundo e duradouro.

É preciso que o crítico seja tolerante, mesmo no terreno das diferenças de escola: se as preferências do crítico são pela escola romântica, cumpre não condenar, só por isso, as obras-primas que a tradição clássica nos legou, nem as obras meditadas que a musa moderna inspira; do mesmo modo devem os clássicos²⁷ fazer justiça às boas obras dos românticos e dos realistas, tão inteira justiça, como estes devem fazer às boas obras daqueles. Pode haver um homem de bem no corpo de um maometano, pode haver uma verdade na obra de um realista. A minha admiração pelo *Cid*²⁸ não me faz²⁹ obscurecer as belezas de *Ruy Blas*.³⁰ A crítica que, para não ter o trabalho de meditar e aprofundar, se limitasse a uma proscricção em massa, seria a crítica da destruição e do aniquilamento.

Será necessário dizer que uma das condições da crítica deve ser a urbanidade? Uma crítica que, para a expressão das suas ideias, só encontra fórmulas ásperas, pode perder as esperanças de influir e dirigir. Para muita gente será esse o meio de provar independência; mas os olhos experimentados farão muito pouco caso de uma independência que precisa sair da sala para mostrar que existe.

Moderação e urbanidade na expressão, eis o melhor meio de convencer; não há outro que seja tão eficaz. Se a delicadeza das maneiras é um dever de todo homem que vive entre homens, com mais razão é um dever do crítico, e o crítico deve ser delicado por excelência. Como a sua obrigação é dizer a verdade, e dizê-la ao que há de mais

²⁴ adversários, – e neste ponto,] adversários, e, neste ponto, – em OCA2008; adversários – e neste ponto, – em MASA.

²⁵ Pompeu: – “É levantando] Pompeu: “É levantando – em OCA2008.

²⁶ estátuas.”] estátuas”. – em OCA2008 e em MASA. A frase atribuída a Cícero parece ter sido retirada de Plutarco, que informa que “por ordem de César, foram erigidas as estátuas de Pompeu que haviam sido derrubadas e roubadas” e, nesta ocasião, “Cícero disse que, com esta demonstração de humanidade, César levantava as estátuas de Pompeu e consolidava as suas próprias.” (PLUTARCO, 2012, p. 162) Machado de Assis possuía, em sua biblioteca, diversas obras de Plutarco, inclusive dois volumes de *La vie des hommes illustres* (Paris: Firmin Didot, 1836 e 1838 – cf. JOBIM, 2001, p. 37.)

²⁷ os clássicos: entenda-se – “os críticos que preferem” os clássicos.

²⁸ *Cid*] *Cid*. – em DRJ; *Cid* – em OCA2008.

²⁹ faz] fez – em OCA2008.

³⁰ *Ruy Blas*] *Ruy-Blas* – em DRJ; *Ruy Blas* – em OCA2008. Apesar do tema espanhol, comum às duas obras, o jogo de oposições feito nesta passagem pelo crítico diz respeito a *Le Cid* (1636), de Corneille, a mais célebre peça do teatro clássico francês, e *Ruy Blas* (1838), de Victor Hugo, obra romântica.

susceptível³¹ neste mundo, que é a vaidade dos poetas, cumpre-lhe, a ele sobretudo, não esquecer nunca esse dever. De outro modo, o crítico passará o limite da discussão literária, para cair no terreno das questões pessoais; mudará o campo das ideias, em campo de palavras, de doestos, de recriminações, – se acaso³² uma boa dose de sangue frio, da parte do adversário, não tornar impassível³³ esse espetáculo indecente.

Tais são as condições, as virtudes e os deveres dos que se destinam à análise literária; se a tudo isto juntarmos uma última virtude, a virtude da perseverança, teremos completado o ideal do crítico.

Saber a matéria em que fala, procurar o espírito de um livro,³⁴ descarná-lo,³⁵ aprofundá-lo, até encontrar-lhe a alma, indagar³⁶ constantemente as leis do belo, tudo isso com a mão na consciência e a convicção nos lábios, adotar uma regra definida, a fim de não cair na contradição, ser franco sem aspereza, independente sem injustiça, tarefa nobre é essa que mais de um talento podia desempenhar, se se quisesse aplicar exclusivamente a ela. No meu entender é mesmo uma obrigação de todo aquele que se sentir com força de tentar a grande obra da análise conscienciosa, solícita e verdadeira.

Os resultados seriam imediatos e fecundos. As obras que passassem do cérebro do poeta para a consciência do crítico, em vez de serem tratadas conforme o seu bom ou mau humor, seriam sujeitas a uma análise severa, mas útil; o conselho substituiria a intolerância, a fórmula urbana entraria no lugar da expressão rústica, – a imparcialidade³⁷ daria leis, no lugar do capricho, da indiferença e da superficialidade.

Isto pelo que respeita aos poetas. Quanto à crítica dominante, como não se poderia sustentar por si, – ou procuraria³⁸ entrar na estrada dos deveres difíceis, mas nobres, – ou ficaria reduzida³⁹ a conquistar⁴⁰ de si própria,⁴¹ os aplausos que lhe negassem as inteligências esclarecidas.

Se esta reforma,⁴² que eu sonho, sem esperanças de uma realização próxima, viesse mudar a situação atual das cousas,⁴³ que talentos novos! que novos escritos! que

³¹ susceptível] suscetível – em MASA.

³² recriminações, – se acaso] recriminações, se acaso – em OCA2008.

³³ impassível] impossível – em OCA2008 e em MASA.

³⁴ livro] ivro – em DRJ (em início de linha).

³⁵ descarná-lo,] escarná-lo – em OCA2008.

³⁶ indagar] ndagar – em DRJ (em início de linha).

³⁷ rústica, – a imparcialidade] rústica, a imparcialidade – em OCA2008; rústica – a imparcialidade (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

³⁸ por si, – ou procuraria] por si, ou procuraria – em OCA2008; por si – ou procuraria (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

³⁹ nobres, – ou ficaria reduzida] nobres, ou ficaria reduzida – em OCA2008; nobres – ou ficaria reduzida (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

⁴⁰ conquistar] consquistar, – em OCA2008.

⁴¹ própria,] própria – em MASA.

⁴² esta reforma,] essa reforma – em OCA2008.

⁴³ cousas,] coisas, – em OCA2008 e em MASA.

estímulos! que ambições! A arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreatantes; as leis poéticas,⁴⁴ – tão confundidas hoje, e tão caprichosas,⁴⁵ – seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, – e a literatura,⁴⁶ alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, – veria nascer⁴⁷ para ela um dia de florescimento e prosperidade. Tudo isso depende da crítica. Que ela apareça, convencida e resoluto, – e a sua obra⁴⁸ será a melhor obra dos nossos dias.

MACHADO DE ASSIS

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.

MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, 2013.

OCA2008 – *Obra completa*, 2008.

Referências

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, ano 45, n. 243, p. 1, 8 out. 1865.

ASSIS, Machado de. Ideal do crítico. *Cearense*, Fortaleza, ano XX, n. 1956, 19 nov. 1865. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709506&pasta=ano%20186&pesq=&pagfis=6917>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

AZEVEDO, Sílvia Maria; DUSILEK, Adriana; CALLIPO, Daniela Mantarro. *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Unesp, 2013.

BLUTEAU, Raphael. Vocabulário português e latino. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>.

⁴⁴ poéticas,] poéticas – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁵ caprichosas,] caprichosas – em OCA2008 e em MASA.

⁴⁶ produções, – e a literatura,] produções, e a literatura – em OCA2008; produções – e a literatura, (com travessão, sem vírgula depois de “produções”) – em MASA. Em DRJ, a vírgula depois de “literatura”, em final de linha, está borrada.

⁴⁷ encaminhado, – veria nascer] encaminhado veria nascer – em OCA2008; encaminhado – veria nascer – em MASA.

⁴⁸ resoluto, – e a sua obra] resoluto, e a sua obra resoluto – em OCA2008; resoluto – e a sua obra (com travessão, sem vírgula) – em MASA.

CORNEILLE. *Le Cid*. Paris: Hachette, 1970.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUGO, Victor. *Ruy Blas*. Leipzig: Brockhaus et Avenarius, 1838. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65112421>>.

JOBIM, José Luís. *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2001.

LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. v. 5.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero*. 2. ed. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.

ENTREVISTAS

ENTREVISTA

Dos editores da *Machadiana Eletrônica* (ME)¹ com o Prof. Roberto Acízelo de Souza (RAS)

ME: Este número da *Machadiana Eletrônica* (v. 6, n. 11) começou a ser pensado a partir da percepção da necessidade de uma edição do texto conhecido como “Instinto de nacionalidade”. Nossa experiência editorial de textos machadianos nos conduziu à suspeita de que pudesse haver aspectos novos a serem revelados por um retorno à fonte primária. Embora o ensaio tivesse sido reproduzido em diversos periódicos – inclusive em *O Novo Mundo*, que o publicou pela primeira vez em 1873 –, ainda em vida do autor, o exame dessas publicações nos convenceu que o autor não participou delas, pois não fez correções no texto. Como este é o escrito (talvez) mais conhecido do escritor no campo da crítica, e como existem inúmeras edições dele, você julgaria justa a nossa preocupação? Por quê?

RAS: Ainda que nunca me tenha ocorrido essa necessidade, talvez por causa da minha grande familiaridade com esse texto – o que automatiza a percepção – e sua curta extensão, não tenho dúvidas de que seria sim pertinente elaborar uma edição crítica dele. E justifico a resposta por dois motivos: primeiro, pela fato de essa possibilidade ter sido aventada por vocês, editores da *Machadiana Eletrônica*, cuja experiência acumulada no trato com a obra machadiana, especialmente nesse delicado setor de estabelecimento de textos, confere plena credibilidade à pertinência desse trabalho; segundo, pela minha própria pequena experiência nesse campo, que já me permitiu algumas vezes perceber problemas em textos com características semelhantes, isto é, que vêm propiciando uma cadeia de reedições sucessivas em que se perdeu de vista a fonte primária. Dou um exemplo: no “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” – um texto

¹ Os editores da *Machadiana Eletrônica* que participaram desta entrevista foram os seguintes: Gilson Santos e José Américo Miranda.

curtinho, como sabemos –, um retorno à edição-fonte (*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 de março de 1924, Letras & Artes, p. 5) me permitiu perceber quatro erros sistematicamente constantes em todas as edições a que tive acesso: em vez de “da saudade universitária”, no texto do jornal lemos “das saudades universitárias”; em vez de “fatores destrutivos”, “quatorze distintivos”; em vez de “Sem reminiscências livrescas.”, “Sem reminiscência heresia.”; e em vez de “Sem antologia.”, “Sem ontologia.”

* * *

ME: No “Instinto de nacionalidade” existem reminiscências dos primeiros textos críticos do autor. A passagem daquele a estes foi simples e espontânea (no nosso caso). Seleccionamos, para compor o panorama de um primeiro momento do pensamento crítico do autor, os seguintes textos: “O passado, o presente e o futuro da literatura” (1858), “O jornal e o livro” (1859), as quatro “Aquarelas” (1859) – embora a terceira delas não tenha relação com crítica literária –, e “A reforma pelo jornal” (1859). Não publicamos (por limitações nossas, e para pesar nosso!) o conjunto de textos intitulado “Ideias vagas”, publicado na *Marmota Fluminense*, o jornal de Paula Brito, em 1856. Você concordaria com o fato de que as ideias fundamentais de “O instinto de nacionalidade” já se encontravam, em semente, nesse conjunto de textos? O que você diria que o amadurecimento crítico do autor trouxe de novo ao pensamento dele?

RAS: Acho que não. Explico por que sou dessa opinião.

No artigo “O passado, o presente e o futuro da literatura brasileira” (1858), temos uma clara adesão do autor à concepção amplamente majoritária no seu tempo, segundo a qual a literatura produzida no Brasil só seria autenticamente nacional caso investisse na cor local. Tanto que ele referenda a conhecida restrição feita por Garrett à poesia de Tomás Antônio Gonzaga, por seu caráter europeu, dada que era a pintar cenas da Arcádia. E curiosamente rejeita o que chama “a poesia do boré e do tupã”, isto é, o indianismo, porque, a seu ver – cito – “não é a poesia nacional”. Quanto ao *Uruguai*, afirma que, embora fosse um poema “nada europeu”, “não era nacional, porque era indígena”. Ora, essa valorização da cor local, tomada como evidência do caráter nacional da literatura brasileira, é justamente o que será rejeitado, como sabemos, no

artigo de 1873, “Notícia da atual literatura brasileira: Instinto de nacionalidade”, no qual o autor renega o nacionalismo literário, postulando uma concepção universalista de literatura. No máximo, a tangência que encontro do texto de 1858 com esse de 1873 é a diferença postulada entre independência política e independência literária, que figura em ambos os artigos: aquela, anterior e instantânea; esta, posterior e vagarosa. E também a rejeição do indianismo, enfática no texto de 1858 e reiterada no de 1873: “[...] a civilização brasileira não está ligada ao elemento indiano, nem dele recebeu influxo algum; e isto basta para não ir buscar entre as tribos vencidas os títulos da nossa personalidade literária.”

Em “Aquarelas”, na parte IV, a mesma profissão de fé nacionalista. Veja-se o trecho: “[...] a cor nacional, em raríssimas exceções, tem tomado o folhetim entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil. Entretanto, como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal à independência do espírito nacional [...]”. Ora, configura-se assim posição muito distante da assumida no “Instinto de nacionalidade”.

Quanto a “O jornal e o livro” (1859), também não vejo ideias que se desenvolveriam no artigo de 1873. Ao contrário, nessa ode ao jornal em detrimento do livro, há um elogio ao que o autor chama “movimento”, isto é, à leveza e ao dinamismo próprios do jornal – a “literatura quotidiana” –, ao passo que, no “Instinto de nacionalidade”, cobra-se dos escritores exatamente o oposto, isto é, o vagar: “Outra coisa que eu quisera persuadir a mocidade é que a precipitação não lhe afiança muita vida aos seus escritos. Há um prurido de escrever muito depressa: tira-se disso glória, e não posso negar que é o caminho do aplauso. Há intenção de igualar as criações do espírito com as da matéria, como se elas não fossem nesse caso inconciliáveis. Faça muito embora um homem a volta ao mundo em oitenta dias; para uma obra-prima do espírito são precisos alguns mais.”

Assim, concluindo, tendo em vista os textos de crítica em questão, vejo muito mais diferenças do que afinidades entre o jovem de 19-20 anos de 1858-1859 – que José Guilherme Merquior chama afetuosamente o Machadinho – e o Machado de 1873, com seus 34 anos.

E veja-se, para arrematar, mais um indício de como Machado veio a distanciar-se das concepções de Machadinho: em “O jornal e o livro”, aos 20 anos, faz a apologia da “discussão” – “necessidade do espírito humano”, afirma ele –, considerada centro e

apanágio do jornal; em “O espelho” (1882), aos 43 anos, caracteriza o personagem que se faz de narrador, Jacobina – cuja idade, aliás, regulava com a que o autor tinha na época –, como pessoa que jamais discutia, e sustentava ser a discussão “a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial [...]”.

* * *

ME: Um texto que não elencamos na lista da pergunta anterior é “A lanterna de Diógenes. Fisiologia do folhetinista” (*Correio da Tarde*, 1858). Trata-se de um artigo encontrado recentemente por Fernando Borsato, que também, ao localizá-lo, descobriu um novo pseudônimo do escritor. Nossa decisão de incluir este texto entre os de autoria machadiana veio dos argumentos de Borsato, e, principalmente, do fato de Machado de Assis, ele próprio, em “Aquarelas IV. O folhetinista”, haver indicado aquele texto como de sua autoria (fato que Borsato incluiu na argumentação sobre a atribuição). A *Machadiana Eletrônica* possui uma seção destinada à publicação/edição de textos “atribuídos” a Machado de Assis. Neste caso, entretanto, entendemos que o texto é, de fato, do escritor. Como você avalia esta nossa decisão (de incluir “A lanterna de Diógenes” entre os textos de Machado de Assis, e não entre os “atribuídos” a ele)?

RAS: Me parece perfeita a decisão; da minha parte, acredito que está plenamente demonstrado que esse texto é realmente de Machado.

* * *

ME: Entre o “Instinto de nacionalidade” (1873) e esse conjunto de textos dos anos 1858/1859 há um lapso de 14/15 anos. No meio do caminho dessa trajetória há um texto muito importante: o “Ideal do crítico” (segundo semestre de 1865), publicado no *Diário do Rio de Janeiro*. Esse texto tem uma trajetória editorial, no mínimo, curiosa. Todo o segundo semestre de 1865 do periódico em que ele foi publicado não se encontra disponível na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional. Não foi incluído por Mário de Alencar no volume *Crítica*, em que reuniu pela primeira vez em volume a crítica literária de Machado de Assis. José Galante de Sousa registrou que a primeira

edição da W. M. Jackson da *Crítica literária machadiana* (1937) não traz esse texto; segundo os registros dele, o texto consta da edição Jackson de 1944. Certamente ele não conheceu a edição Jackson de 1938, que já o trazia. Uma vez localizado esse texto, a importância dele foi logo reconhecida, como se deduz da posição em que foi posto na edição de 1938: é o texto que abre o livro. Como você interpreta essa sequência de eventos?

RAS: A trajetória editorial errática do “Ideal do crítico”, apontada por vocês, é bem representativa dos azares a que anda sujeita a obra machadiana, especialmente, que eu saiba, no que diz respeito aos textos mais ou menos avulsos, quero dizer, aqueles que o autor não chegou a reunir em livro. Infelizmente, como sabemos, dissolvida a Comissão Machado de Assis (acerca da qual a quem quiser informar-se melhor sugiro consultar: Antônio Houaiss. *Elementos de bibliologia*. Reimpressão fac-similar. São Paulo: Hucitec; Instituto Nacional do Livro; Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. p. 274-332), mal iniciada a sua tarefa – que era “consolidar” o texto de Machado, tendo em vista “a baixa qualidade editorial com que a grande obra vinha sendo posta no mercado leitor brasileiro” (op. cit., p. 274) –, nenhum projeto semelhante foi levado a efeito. É que se trata, como é notório, de trabalho complexo, que exige recursos técnicos sofisticados e pessoal altamente qualificado, pressupondo, pois, aportes financeiros que, escassos no orçamento público, não encontram na iniciativa privada entidades que pelo menos se disponham a complementá-los. Nesse sentido, o serviço que vem prestando a *Machadiana Eletrônica* na fixação de textos de Machado se reveste da maior importância: um ato de resistência contra uma inércia que vem de longe.

Quanto ao “Ideal do crítico”, considerando sua feição de texto metacrítico, isto é, sua proposta de uma teoria da crítica, nada mais correto do que a decisão de colocá-lo na abertura da edição de 1938 do volume *Crítica literária*, precedendo, pois, aos ensaios do que se pode chamar crítica prática, isto é, textos ocupados com autores e obras específicas, e não com os conceitos gerais norteadores dos exercícios de análise crítica. Gostaria porém de acrescentar uma observação: sim, texto que, como vocês dizem na pergunta, uma vez localizado teve logo sua importância reconhecida. Importância, porém, não é necessariamente qualidade. Porque, da minha parte, acho o “Ideal do crítico” uma teoria crítica fraquíssima. Vejam: resolve-se num rosário de atributos do

crítico ideal: ciência, consciência, coerência, independência, imparcialidade, tolerância, urbanidade, perseverança. Aliás, que personagem da ficção machadiana reuniria tamanhas virtudes, a ponto de habilitar-se para o ofício da crítica?

Concluo assinalando que, a meu juízo, mais se ressalta a debilidade conceitual desse texto se o confrontarmos com a proposta de metacrítica de um contemporâneo de Machado, Antônio Joaquim de Macedo Soares (1838-1905), no seu substancioso “Da crítica brasileira” (1860).

* * *

ME: Outro texto que juntamos aos já mencionados é constituído pelas “Notas de leitura” (segunda parte), que Mário de Alencar divulgou na *Revista da Academia Brasileira de Letras*, em 1911. A primeira parte dessas “Notas”, divulgadas também por Mário de Alencar em 1910, já havia sido publicada no v. 4, n. 7, jan.-jun. 2021 da *Machadiana*. Pelo que sabemos, esses manuscritos não se encontram na Academia Brasileira de Letras. Portanto, a única fonte disponível é a *Revista*. Que importância você atribui a essas anotações e à reedição delas?

RAS: Essas “Notas de leitura”, além de importantes documentos de como Machado de Assis formou seu gosto e foi colhendo subsídios para desenvolvimentos futuros nos seus labores literários, são verdadeiramente comoventes: a gente como que surpreende, pela imaginação, um jovem leitor dedicado a um trabalhinho miúdo e paciente – copiar num caderno ou em folhas soltas passagens que lhe chamavam a atenção nos livros que ia lendo –, como, talvez, tantos outros frequentadores do benemérito Gabinete Português de Leitura; mas era Machado de Assis.

A reedição dessas “Notas” – aliás, que eu saiba, muito pouco conhecidas – se inscreve no muito meritório serviço à cultura literária brasileira que vem prestando a *Machadiana Eletrônica*, com o tratamento cuidadoso que dispensa à obra do autor.

ÍNDICES

ÍNDICES (atualizados até v. 6, n. 11)

TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS TÍTULOS:

- [A Antônio Martins Marinhas] – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- A + B (12 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 7 e p. 33.
- A + B (16 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 11 e p. 41.
- A + B (22 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 15 e p. 49.
- A + B (28 set. 1886) – v. 3, n. 6, p. 17 e p. 57.
- A + B (4 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 21 e p. 65.
- A + B (14 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 25 e p. 73.
- A + B (24 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 29 e p. 81.
- A Caridade – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- A Ch. F., filho de um proscrito – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- A lanterna de Diógenes – v. 6, n. 11, p. 23 e p. 93.
- A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- A nova geração – v. 2, n. 4, p. 7 e p. 39.
- A reforma pelo jornal – v. 6, n. 11, p. 55 e p. 141.
- A S. M. I. – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- A saudade – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 25.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 30.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 36.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 40.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 46.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 50.

- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 54.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 59.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 65.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 70.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 76.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 83.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 88.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 94.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 98.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 102.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 108.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 120.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 126.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 132.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 138.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 145.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 150.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 156.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 162.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 168.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 172.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 178.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 184.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 190.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 194.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 199.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 204.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 210.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 216.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 220.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 226.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 232.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 238.

- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 242.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 248.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 254.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 261.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 266.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 272.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 278.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 282.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 288.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 294.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 300.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 306.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 312.
- A um legista – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- A uma menina – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Abertura pelo Sr. Machado de Assis, Presidente – v. 1, n. 1, p. 9 e p. 25.
- Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Antes da missa – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Aquarelas I. Os fanqueiros literários – v. 6, n. 11, p. 35 e p. 109.
- Aquarelas II. O parasita – v. 6, n. 11, p. 39 e p. 115.
- Aquarelas II. O parasita (continuação) – v. 6, n. 11, p. 43 e p. 121.
- Aquarelas III. O empregado público aposentado – v. 6, n. 11, p. 47 e p. 129.
- Aquarelas IV. O folhetinista – v. 6, n. 11, p. 51 e p. 135.
- As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- As rosas – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- As ventoinhas – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aspiração – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- [Carta do Gatinho preto] – v. 4, n. 7, p. 33 e p. 77.
- [Carta-prefácio à obra *Legislação servil*] – v. 4, n. 7, p. 25 e p. 59.

- Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Errata da primeira edição das *Poesias completas* (1901) – v. 1, n. 1, p. 55.
- Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Fé – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Gabriela da Cunha – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Ideal do crítico – v. 6, n. 11, p. 77 e p. 201.
- Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Menina e moça – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- [No álbum de Carlos Gomes] – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- No espaço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- No limiar – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- [Notas de leitura] – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 79.
- [Notas de leitura (segunda parte)] – v. 6, n. 11, p. 69 e p. 175.
- Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade – v. 6, n. 11, p. 59 e p. 145.
- O dilúvio – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- O espelho – v. 4, n. 7, p. 17 e p. 45.
- O jornal e o livro – v. 6, n. 11, p. 27 e p. 97.
- O passado, o presente e o futuro da literatura – v. 6, n. 11, p. 17 e p. 83.
- O Progresso – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- Os arlequins – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Os deuses de casaca – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Os dous horizontes – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Pensamentos de Machado de Assis (recolhidos e organizados por Letícia Malard) – v. 2, n. 3, p. 11.
- [Por ora sou pequenina] – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.

- Prelúdio – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Saudades – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- Souvenir d'exil (tradução de Machado de Assis) – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Uma ode de Anacreonte – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.
- Versos a Corina – III (Fragmento) – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Visão – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

POESIAS DE MACHADO DE ASSIS, PELOS PRIMEIROS VERSOS:

- A mulher é um cata-vento, – v. 3, n. 5, p. 47 e p. 119.
- Aí vão cinco quadrinhas – v. 4, n. 7, p. 31 e p. 73.
- Ao som da tua voz a mocidade acorda, – v. 1, n. 1, p. 11 e p. 29.
- As orações dos homens – v. 3, n. 5, p. 15 e p. 63.
- Beijam as ondas a deserta praia; – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Caía a tarde. Do infeliz à porta, – v. 3, n. 5, p. 21 e p. 75.
- César! fulge mais luz nas saudações do povo, – v. 1, n. 1, p. 17 e p. 41.
- Desabrochas ainda; tu és bela – v. 1, n. 1, p. 23 e p. 53.
- Do sol ao raio esplêndido, – v. 3, n. 5, p. 11 e p. 59.
- Ela tinha no rosto uma expressão tão calma – v. 3, n. 5, p. 17 e p. 67.
- Enfim! sobre esta cena, a tua e nossa glória, – v. 1, n. 1, p. 19 e p. 45.
- Está naquela idade inquieta e duvidosa, – v. 5, n. 10, p. 21 e p. 59.
- Filha pálida da noite, – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Fiz promessa, dizendo-te que um dia – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
- Flor a abrir, entre nós, surge agora um infante; – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne, – v. 1, n. 1, p. 13 e p. 33.
- Jaz em ruínas o torrão dos mouros; – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Junto ao plácido rio – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.
- Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia, – v. 5, n. 10, p. 15 e p. 49.
- Meiga saudade! – Amargos pensamentos – v. 2, n. 4, p. 37 e p. 83.
- Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos! – v. 5, n. 9, p. 65 e p. 163.

- Morreu! – Assim baqueia a estátua erguida – v. 3, n. 5, p. 45 e p. 113.
- Musa, depõe a lira! – v. 3, n. 5, p. 31 e p. 91.
- Nós estávamos sós; era de noite; – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ora esta! Pois tu, que és a mãe da preguiça, – v. 5, n. 9, p. 91 e p. 199.
- Para os filhos do céu gêmeas nasceram – v. 4, n. 7, p. 27 e p. 61.
- Por ora sou pequenina – v. 4, n. 7, p. 29 e p. 67.
- Quando, coos ténues vínculos de gozo, – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória, – v. 3, n. 5, p. 53 e p. 127.
- Querem saber quem sou? O Prólogo. Mudado – v. 5, n. 9, p. 17 e p. 105.
- Recebe, ó Braga, o meu canto – v. 1, n. 1, p. 21 e p. 49.
- “Respeita a fouce a espiga que desponta; – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Rico era o rosto branco; armas trazia, – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Rompendo o último laço – v. 5, n. 10, p. 23 e p. 65.
- Rosas que desabrochais, – v. 3, n. 5, p. 41 e p. 105.
- Saímos, ela e eu, dentro de um carro, – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto, – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Sinto que há na minh’alma um vácuo imenso e fundo, – v. 3, n. 5, p. 23 e p. 79.
- Tu foges à cidade? – v. 5, n. 10, p. 35 e p. 85.
- Um horizonte, – a saudade – v. 3, n. 5, p. 43 e p. 109.
- Vi de um lado o Calvário, e do outro lado – v. 5, n. 10, p. 17 e p. 53.

TEXTOS ATRIBUÍDOS A MACHADO DE ASSIS:

- A hebreia – v. 2, n. 4, p. 89.
- A Portugal – v. 2, n. 4, p. 85.
- O Réquiem de Verdi – v. 2, n. 4, p. 93.

OUTROS TEXTOS RELACIONADOS A MACHADO DE ASSIS:

- Amor – v. 2, n. 4, p. 97.
- A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.

- Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Machado de Assis (Notícia não assinada, publicada em *A Semana*, 9 out. 1886) – v. 3, n. 6, p. 89.

AUTORES TRADUZIDOS POR MACHADO DE ASSIS:

- Bouilhet, Louis
 - Cegonhas e rodovalhos – v. 5, n. 10, p. 31 e p. 79.
- Chateaubriand, François-René de
 - Cantiga do rosto branco – v. 5, n. 10, p. 45 e p. 103.
- Chénier, André
 - A jovem cativa – v. 3, n. 5, p. 19 e p. 71.
- Dumas Filho, Alexandre
 - Maria Duplessis – v. 3, n. 5, p. 37 e p. 101.
 - Estâncias a Ema – v. 5, n. 10, p. 37 e p. 89.
- Girardin, Mme. Émile de
 - Cleópatra – v. 3, n. 5, p. 27 e p. 85.
- Heine, Heinrich
 - As ondinas – v. 3, n. 5, p. 35 e p. 97.
- Mickiewicz, Adam
 - Alpujarra – v. 3, n. 5, p. 49 e p. 123.
- Musset, Alfred de
 - Lúcia – v. 3, n. 5, p. 7 e p. 55.
- Ribeyrolles, Charles
 - Souvenir d'exil – v. 1, n. 1, p. 15 e p. 37.
- Schiller, Johann Christoph Friedrich von
 - Os deuses da Grécia – v. 5, n. 10, p. 27 e p. 71.
- Shakespeare, William
 - A morte de Ofélia – v. 5, n. 10, p. 43 e p. 99.

ARTIGOS E OUTROS TEXTOS, PELOS TÍTULOS:

- “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
- “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
- A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
- A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
- A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
- A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
- A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
- A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
- A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
- A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
- A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
- A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
- A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
- A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
- A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
- A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
- A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.
- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.

- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.
- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.

- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 301.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Letícia Malard – v. 2, n. 3, p. 153.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
- Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.

- Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 301.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
- Machado de Assis, tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Machado pensador – v. 2, n. 3, p. 5.

- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
- Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças - interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.

OUTRAS ARTES:

- Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

AUTORES:

- Aguiar, O Mateus [pseudônimo de autor desconhecido]
 - Depois da missa – v. 5, n. 9, p. 217.
- Alencar, Mário de
 - Notas de leitura – v. 4, n. 7, p. 35 e p. 86.
- [Araújo, Ferreira de?]
 - Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Campos, Alex Sander Luiz
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
 - Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
 - Edições de Machado de Assis: por quê, para quê? – v. 1, n. 1, p. 131.
 - Este número – v. 1, n. 1, p. 7.
 - Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
 - Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
 - Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- Cei, Vitor
 - A voluptuosidade da dor de Estêvão: o pessimismo galhofeiro em *A mão e a luva*, de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 83.
- Cibrão, Ernesto
 - Flor e fruto – v. 5, n. 10, p. 115.
- Delfino, Luís
 - O verso alexandrino – v. 3, n. 5, p. 135.
- Gledson, John
 - A Semana – 84 (1º de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 23.
 - A Semana – 85 (7 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 29.
 - A Semana – 86 (14 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 35.
 - A Semana – 87 (21 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 39.
 - A Semana – 88 (28 de janeiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 45.
 - A Semana – 89 (4 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 49.
 - A Semana – 90 (11 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 53.
 - A Semana – 91 (18 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 57.
 - A Semana – 92 (25 de fevereiro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 63.
 - A Semana – 93 (4 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 69.

- A Semana – 94 (11 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 75.
- A Semana – 95 (18 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 81.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 96 (25 de março de 1894) – v. 1, n. 2, p. 87.
- A Semana – 97 (1º de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 93.
- A Semana – 98 (8 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 97.
- A Semana – 99 (15 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 101.
- A Semana – 100 (22 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 107.
- A Semana – 101 (6 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 119.
- A Semana – 102 (13 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 125.
- A Semana – 103 (20 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 131.
- A Semana – 104 (27 de maio de 1894) – v. 1, n. 2, p. 137.
- A Semana – 105 (3 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 143.
- A Semana – 106 (10 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 149.
- A Semana – 107 (17 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 155.
- A Semana – 108 (24 de junho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 161.
- A Semana – 109 (1º de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 167.
- A Semana – 110 (8 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 171.
- A Semana – 111 (15 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 177.
- A Semana – 112 (22 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 183.
- A Semana – 113 (29 de julho de 1894) – v. 1, n. 2, p. 189.
- A Semana – 114 (5 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 193.
- A Semana – 115 (12 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 197.
- A Semana – 116 (19 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 203.
- A Semana – 117 (26 de agosto de 1894) – v. 1, n. 2, p. 209.
- A Semana – 118 (2 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 215.
- A Semana – 119 (9 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 219.
- A Semana – 120 (16 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 225.
- A Semana – 121 (23 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 231.
- A Semana – 122 (30 de setembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 237.
- A Semana – 123 (7 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 241.
- A Semana – 124 (14 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 247.
- A Semana – 125 (21 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 253.
- A Semana – 126 (28 de outubro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 259.
- A Semana – 127 (4 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 265.
- A Semana – 128 (11 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 271.

- A Semana – 129 (18 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 277.
- A Semana – 130 (25 de novembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 281.
- A Semana – 131 (2 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 287.
- A Semana – 132 (9 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 293.
- A Semana – 133 (16 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 299.
- A Semana – 134 (23 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 305.
- A Semana – 135 (30 de dezembro de 1894) – v. 1, n. 2, p. 311.
- “A Semana” 1894: uma introdução ao terceiro ano de publicação da série – v. 1, n. 2, p. 321.
- Cronologia – v. 1, n. 2, p. 317.
- Introdução às notas – v. 1, n. 2, p. 15.
- O texto – v. 1, n. 2, p. 11.
- Uma Semana – 100A (29 de abril de 1894) – v. 1, n. 2, p. 113.
- Herane, Amanda Rios
 - Arte sem paixão: aproximações entre a prosa inicial de Machado de Assis e o teatro realista brasileiro – v. 2, n. 4, p. 121.
- Jucá, Gabriela
 - “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
 - Machado de Assis tradutor de poesia: a questão das traduções em *Americanas* – v. 1, n. 1, p. 159.
 - Um estudo de “Lúcia”, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Malard, Letícia
 - Abreviaturas utilizadas em “Pensamentos de Machado de Assis” recolhidos e organizados por Machado de Assis – v. 2, n. 3, p. 153.
 - Carvalho Júnior: ódio às “belezas de missal” – v. 2, n. 4, p. 141.
 - Nota prévia [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 7.
 - Referências [Pensamentos de Machado de Assis] – v. 2, n. 3, p. 149.
- Melo, M[anuel] de
 - A missa de Réquiem – v. 2, n. 4, p. 99.
- Miranda, José Américo
 - 1894 – v. 1, n. 2, p. 5.
 - “A + B”: enigma e interpretação – v. 3, n. 6, p. 111.
 - A errata das *Poesias completas* (edição de 1901), de Machado de Assis, e seu destino – v. 1, n. 1, p. 75.
 - A poesia excluída de *Falenas* – v. 5, n. 10, p. 141.
 - A poesia que Machado de Assis publicou em *Crisálidas*, mas não incluiu em suas *Poesias completas* – v. 3, n. 5, p. 5.
 - A pontuação no conto “O espelho”, de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 141.
 - Abertura – v. 1, n. 1, p. 5.

- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 177.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 2, n. 4, p. 169.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 315.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 3, n. 6, p. 151.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 209.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 9, p. 319.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 215.
- Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 239.
- Além de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 13.
- Caminhos da pesquisa – v. 2, n. 4, p. 5.
- Contribuições à bibliografia de Machado de Assis – v. 4, n. 7, p. 185.
- Edição dos versos alexandrinos de Machado de Assis: poemas anteriores a *Crisálidas* (1864) e não incluídos nesse livro – v. 1, n. 1, p. 65.
- Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
- Erratas – v. 4, n. 7, p. 215.
- Erratas – v. 5, n. 9, p. 325.
- Erratas – v. 6, n. 11, p. 245.
- Índices (v. 1, n. 1) – v. 1, n. 1, p. 173.
- Índices (atualizados até o v. 1, n. 2) – v. 1, n. 2, p. 347.
- Índices (atualizados até o v. 2, n. 4) – v. 2, n. 4, p. 159.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 5) – v. 3, n. 5, p. 303.
- Índices (atualizados até o v. 3, n. 6) – v. 3, n. 6, p. 137.
- Índices (atualizados até o v. 4, n. 7) – v. 4, n. 7, p. 193.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 9) – v. 5, n. 9, p. 301.
- Índices (atualizados até o v. 5, n. 10) – v. 5, n. 10, p. 195.
- Índices (atualizados até o v. 6, n. 11) – v. 6, n. 11, p. 219.
- Introdução à edição da “Abertura, pelo Sr. Machado de Assis, Presidente” – v. 1, n. 1, p. 59.
- “Lúcia”: um poema de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 253.
- Machado de Assis e as traduções que publicou em *Crisálidas* – v. 3, n. 5, p. 227.
- Machado de Assis e as virtudes teológicas – v. 3, n. 5, p. 181.
- Machado de Assis e Monte Alverne – v. 3, n. 5, p. 285.
- Machado de Assis: unidade e autonomia da obra literária – v. 3, n. 5, p. 209.
- Nacionalismo e cosmopolitismo nas *Americanas*, de Machado de Assis – v. 5, n. 10, p. 173.
- Nota – v. 4, n. 7, p. 68.
- Nota ao dístico a que demos o título de “No álbum de Carlos Gomes” – v. 4, n. 7, p. 62 e p. 74.
- Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.

- “O espelho”, de Machado de Assis: contribuição à história do texto (e, subsidiariamente, à história de *Papéis avulsos*) – v. 4, n. 7, p. 169.
- Os dois primeiros livros de poesias de Machado de Assis: seus títulos, suas semelhanças e diferenças – interrelações – v. 5, n. 10, p. 121.
- Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Poesia dramática: questões editoriais – v. 5, n. 9, p. 13.
- Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
- Um estudo de “Lúcia, tradução de Machado de Assis – v. 1, n. 1, p. 115 e v. 3, n. 5, p. 269.
- Uma aproximação às poesias completas de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 141.
- Vínculos com a vida na poesia de Machado de Assis – v. 3, n. 5, p. 161.
- Novais, Faustino Xavier de
 - Embirração – v. 3, n. 5, p. 131.
- Oliveira, Gracinéa I.
 - A escolarização de textos machadianos em livros didáticos: edição e análise de “O espelho” – v. 4, n. 7, p. 107.
 - Editar Machado de Assis na contemporaneidade: comentários acerca da edição de “A nova geração” – v. 2, n. 4, p. 105.
- Papassoni, João Paulo
 - Relato de uma experiência (como foi localizado o poema “A Portugal”) – v. 2, n. 4, p. 115.
- Peixoto, Luís de Alvarenga
 - O gênio – v. 5, n. 10, p. 111.
- Pinto, Nilton de Paiva
 - Deuses entre homens – v. 5, n. 9, p. 233.
 - Machado de Assis sobre *Os deuses de casaca* – v. 5, n. 9, p. 221.
 - Sobre “Antes da missa”: conversa de dois estudantes – v. 5, n. 9, p. 281.
 - “Uma ode de Anacreonte”: poesia dramática – v. 5, n. 9, p. 259.
- Santos, Gilson
 - “A + B” (1886) – v. 3, n. 6, p. 5.
 - Edição da série de crônicas “A + B” – v. 3, n. 6, p. 99.
 - Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.
 - Notas de leitura. Algumas palavras e critérios da edição, In: [“Notas de leitura”] – v. 4, n. 7, p. 79.
 - Pensamento crítico de Machado de Assis – v. 6, n. 11, p. 13.
- Silva, Felipe Lima da
 - Machado de Assis e a eloquência oitocentista: ascensão e declínio do “império retórico” – v. 1, n. 1, p. 99.
- Souza, Rilane Teles de
 - Versos nas *Poesias completas* de Machado de Assis: detalhes – v. 1, n. 1, p. 151.

– Souza, Roberto Acízelo de

– Entrevista dos editores da *Machadiana Eletrônica* com o Prof. Roberto Acízelo de Souza – v. 6, n. 11, p. 211.

– Tito, Fábio

– Amor – v. 2, n. 4, p. 97.

– Roiz, Lopes

– Machado de Assis em 1886 – v. 3, n. 6, p. 135.

ABREVIATURAS

ABREVIATURAS EMPREGADAS NAS EDIÇÕES DOS TEXTOS DE MACHADO DE ASSIS

- ABLFN – *A Academia Brasileira de Letras*, 1940.
- AL – *Autores e Livros*.
- ALA1866 – *A lírica de Anacreonte*, 1866.
- AM1875 – *Americanas*, 1875.
- ATAS – *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis (1896-1908)*, 2001.
- BABL – *Boletim da Academia Brasileira de Letras*, 1897.
- BB – *Biblioteca Brasileira*, t. I, n. 2, 1863.
- CB – *Courrier du Brésil*.
- CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.
- CGC – *Carta de guia de casados*, 1873.
- CHRYS2000 – *Chrysalidas*, ed. Oséias Silas Ferraz, 2000.
- CJG1998 – *Contos: uma antologia*, 1998, edição de John Gledson.
- CLJ1937 – *Crítica literária*, 1937.
- CLJ1953 – *Crítica literária*, 1953.
- CM – *Correio Mercantil*.
- CMA – *Crítica*, edição Mário de Alencar, 1910.
- COC1988 – *A cartomante e outros contos*, 1988.
- COR – *Correspondência de Machado de Assis*, 2008-2015, 5t.
- CP – *Correio Paulistano*.
- CRIS1864 – *Crisálidas*, 1864.
- CRU – *O Cruzeiro*.
- CT – *Correio da Tarde*.
- DA1934 – *Discursos acadêmicos (1897-1906)*, 1934.

- DA1965 – *Discursos acadêmicos*, volume I (1897-1919). 1965.
- DA2005 – *Discursos acadêmicos*, tomo I: Volumes I – II – III – IV 1897-1919, 2005.
- DB – *Diário de Belém*.
- DC1866 – *Os deuses de casaca*, 1866.
- DECI – *Década primeira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECII – *Década segunda da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DECIII – *Década terceira da Ásia*, de João de Barros, 1628.
- DIAL – *Diálogos*, de dom Frei Amador Arrais, 1846.
- DISP – *Dispersos de Machado de Assis*, 1965.
- DN – *Diário de Notícias*.
- DP – *Diário de Pernambuco*.
- DRJ – *Diário do Rio de Janeiro*.
- DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.
- EC – *Estante clássica da Revista de Língua Portuguesa – vol. II: Machado de Assis*, 1921.
- ENTR – *Entreato*.
- EP – *Estímulo prático para seguir o bem, e fugir o mal*, 1730.
- ESP – *O Espelho*.
- ESP2009 – *O Espelho*, 2009.
- FAL1870 – *Falenas*, 1870.
- fól. – fólho.
- FUT – *O Futuro*.
- GF1974 – *Machado de Assis e o hipopótamo*, 6. ed., 1974.
- GN – *Gazeta de Notícias*.
- GUAR – *O Guarany*.
- JC – *Jornal do Commercio*.
- JF – *Jornal das Famílias*.
- JR – *Jornal do Recife*.
- LC – *Luz e calor*, 1871.
- LITO – Litografia de Carlos Linde, publicada em *Brasiliiana Itaú*, 2009.
- MACI – *Machado de Assis e a crítica internacional*, 2009. [MASSA, Jean-Michel. A França que nos legou Machado de Assis. p. 231-265.]
- MACV1998 – *Machado de Assis & confrades de versos*, 1998.

- MAD1957 – *Machado de Assis desconhecido*, 1957.
- MAR – *A Marmota*.
- MARLP – *Machado de Assis*, Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa, 1921.
- MASA – *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*, org. Sílvia Maria Azevedo, Adriana Dusilek, Daniela Mantarro Callipo, 2013.
- MF – *Marmota Fluminense*.
- MM – *Menina e moça*, 1875.
- MQN – *Meditações sobre os quatro Novíssimos*, 1726.
- Ms1862 – Manuscrito datado de 1862, pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, reproduzido em *Cadernos de Literatura Brasileira: Machado de Assis*, 2008.
- Ms1864 – Manuscrito autógrafo, da Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, RJ, datado de 1864.
- NM – *O Novo Mundo*.
- NR1932 – *Novas relíquias*, 1932.
- OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
- OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
- OCA2008 – *Obra completa em quatro volumes*, 2008.
- OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
- OP – *O Paiz*.
- OR1910 – *Outras relíquias*, 1910.
- PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
- PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
- PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
- PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.
- PAN – *Panegíricos*, de João de Barros, 1791.
- PC1901 – *Poesias completas*, 1901.
- PC1937 – *Poesias completas*, 1937.
- PC1953 – *Poesias completas*, 1953.
- PCEC1976 – *Poesias completas*, edição crítica, 1976.
- PCR – *A poesia completa*, ed. Rutzkaya Queiroz dos Reis, 2009.
- PES – *A Província do Espírito Santo*.
- PPGS – *Poesia e prosa*, organização e notas de J. Galante de Sousa, 1957.

MIRANDA, José Américo. Abreviaturas empregadas nas edições dos textos de Machado de Assis.

PPP – *Pão partido em pequeninos para o pequeninos da casa de Deus*, tomo II, 1737.

PR1937 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1937.

PR1952 – *Páginas recolhidas*, edição da W. M. Jackson, 1952.

RABL – *Revista da Academia Brasileira de Letras*.

RB – *Revista Brasileira*.

REF – *A Reforma*.

REP – *A República*.

RSAMA – *Revista da Sociedade dos Amigos de Machado de Assis*.

SAUD – *A Saudade*, Rio de Janeiro.

SEM – *A Semana*.

SI – *Semana Ilustrada*.

SL1941 – *Seleção literária*, 1941.

SM – *Semanário Maranhense*.

SP – *Sermões e práticas*, primeira parte, 1711, e segunda parte, 1733.

TCSNT1982 – *Teatro completo*, Serviço Nacional de Teatro, 1982.

TJRF2003 – *Teatro*, edição de João Roberto Faria, 2003.

TMA1910 – *Teatro*, coligido por Mário de Alencar, 1910.

TPCL – *Toda poesia de Machado de Assis*, ed. Cláudio Murilo Leal, 2008.

TVC – *Tratado da virtude da castidade*, 1737.

TWMJ1952 – *Teatro*, edição da W. M. Jackson, 1952.

UF – *Os últimos fins do homem*, 1761.

VOMA – *Vida e obra de Machado de Assis*, 1981, 4 v.

ERRATAS

ERRATAS

Errata do v. 1, n. 1.

Na página 70, onde se lê:

Toda poesias de Machado de Assis

leia-se:

Toda poesia de Machado de Assis

Errata do v. 1, n. 2.

Nas páginas 293 a 297, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 293-297, jul.-dez. 2018.

Nas páginas 299 a 303, onde se lê:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 1894.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 1, n. 2, p. 299-303, jul.-dez. 2018.

Errata do v. 2, n. 4.

Nas páginas 77 e 169, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 3, n. 5.

Nas páginas 303 a 315, onde se lê

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2015.

leia-se:

Machadiana Eletrônica, Vitória, v. 3, n. 5, p. 303-315, jan.-jun. 2020.

Na página 317, onde se lê:

CCPT1964 – *Crônica, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

leia-se:

CCPT1964 – *Crônicas, crítica, poesia, teatro*, rev. Massaud Moisés, 1964.

Errata do v. 5, n. 9.

Na página 211, nota 92, onde se lê:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 81 e 85, e o artigo (escrito em forma de diálogo) “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).

leia-se:

Este verso tem apenas 11 sílabas, e acento na quinta – falta-lhe uma sílaba no primeiro hemistíquio. A falta de uma sílaba parece relacionada às reticências com quatro pontos (ver notas 85 e 89, e o artigo “Sobre ‘Antes da missa’: conversa de dois estudantes”, neste número da *Machadiana Eletrônica*).